

Impressões
da
Commissão Rondon

274

Serie 5.^a ★ **B R A S I L I A N A** ★ *Vol. 211*
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA ★

Cel. AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES

Impressões da Commissão Rondor

5.^a EDIÇÃO ILLUSTRADA
ACTUALIZADA E
AUGMENTADA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1942

B. 918.1

B 823

V. 211

UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DE CALABAZO	
CENTRO DE INVESTIGACIONES Y ESTUDIOS HUMANAS	
BIBLIOTECA	
Nº	DATA
98690	26/11/80

~~- 532 -~~
~~- 1980 -~~

A' memoria veneravel de meu Pae

General de Divisão MARCIANO AUGUSTO
BOTELHO DE MAGALHÃES

N. 5-VI-1848 — F. 20-VII-1911

A' veneranda memoria de minha Mãe D.
JULIETA GUIMARÃES BOTELHO DE MAGALHÃES
e á doce memoria de minha filha HELYETTE,
tão prematuramente roubada ao nosso convívio.

A' memoria veneravel de meu Tio

General de Brigada Dr. BENJAMIN CONSTANT
BOTELHO DE MAGALHÃES

FUNDADOR DA REPUBLICA BRASILEIRA

Aos meus queridos filhos

MARINA

DIVA

AMILCAR

Dedico este livro, fazendo ardentes votos para que, sem discrepancia, se orientem sempre na vida pelos bellos exemplos que aqui encontrarão, de amôr á Patria, de elevação moral, de humanidade, dedicação e CUMPRIMENTO DO DEVER.

Aos meus estimados e distinctos genros Tenente FRANCISCO JANONE NETO e MARCELLO DE ALMEIDA E SILVA, com crescente amizade e sympathia cada vez maior, e aos queridos netinhos FLAVIO - AURELIO, ROBERTO - LUIZ e MARIA - BEATRIZ, que enchem de sorrisos a minha velhice.

Rio de Janeiro, 8/X/1941.

Aos meus irmãos este modesto preito de
amizade fraternal.

A' minha Madrinha

D. ELVIRA CHAVES FERNANDES

homenagem aos seus bellos sentimentos.

“Para responder prematuramente aos que me
acoimarem de *engrossador*, lanço aqui, altiva e tran-
quillamente, a declaração de que a opinião que formo
a respeito do Coronel Rondon, não a adapto a ne-
nhum dos actuaes Ministros de Estado, nem ao pro-
prio Sr. Presidente da Republica. O conjuncto de
qualidades moraes, intellectuaes e praticas, reunidas
nesse homem, constitue excepção benefica da Natureza.

São dessa tempera os que influem na sociedade
humana e lhe servem de pharol nas conquistas da
civilização...

Todos os grandes homens são victimas da me-
diocridade”.

(Trecho de uma carta publicada pelo auctor
deste livro no jornal “O Republicano”, de Cuya-
bá, em 23-VI-1918).

Ao meu prezado Chefe

GENERAL RONDON

e aos companheiros da Commissão,

este tributo de amizade e sympathia.

E QUE TODOS RELEVEM AS
FALHAS DO POUCO QUE FIZ.

PADRÕES DE HEROISMO

Neste momento de terror, de discordia universal, não vejo referencia mais opportuna do que ás "Impressões da Comissão Rondon", a que chamarei, sem favor, Biblia do Patriotismo Brasileiro.

Escrepta com singeleza e com sinceridade de apóstolo, por um dos arrojados da civilização brasilica — Major Botelho de Magalhães — conforta pelos exemplos de energia e resignação; deleita pela variedade interessante dos episodios; comove até ás lagrimas pelo altruismo sem par desses soldados catequistas, que, embora armados e municados, mostram a mais sublime das coragens — a da imolação ao nobilissimo ideal a que se votaram, matando no proprio peito o orgulho militar das façanhas cruentas!

Como cada capitulo sugira, consoante a natureza dos anotadores, um comentario novo, visto que em todos elcs ha materia capaz das mais elevadas considerações de ordem moral, religiosa, social e politica, escolho para as reflexões aquelle que alude ás humildes mulheres, cujas côvas ondulam o deserto, como se fossem leirões de onde brotaram as negras e tristes arvores do sacrificio — as cruzes — que o luar dos ermos torna ainda mais tristes...

Se é verdade que estes lugubres madeiros fazem a solidão bem mais melancolica, não é menos certo que os seus braços hirtos ali ficam para orientar os viajores, que ousadamente se aventuram ás imensidades dos rincões agrestes. Não sou dos que exalçam as vantagens da existencia do sertanejo, porque não creio em que seja menos

12 Cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães

branda que a do campino a vida dum tecelão ou dum foguista: um, curvado sobre as meadas, atento ao risco dos matizes, horas a fio; outro, á boca rubra duma fornalha, os olhos sempre fitos nessa visão do inferno, que o leva pouco a pouco á cegueira. Nem sei que menos árdua seja a existencia dum cavouqueiro, pendente da rocha a pique, sob a soalleira brava, da que a dum pastor ou vaqueano que respire livremente os ares puros dos alcan-tis e as brisas frescas dos campos geraes. O povo é resistente, sóbrio e resignado, tanto no centro quanto no litoral.

Parece, afinal, que o espirito de offerença é muito maior entre os pobrezinhos de Cristo, do que entre os opulentos e gozadores.

Aqui — as exceções que me perdõem a severidade do juizo — se ao marido se impõe partir, por obrigação ou negocio, o costume é que a esposa peça, antes do embarque, lhe sejam adquiridas as assinaturas das temporadas de comédias e cantos, a que comparece em risonha companhia, tão despreocupada...

Porque a simples enxaqueca dos ociosos sempre ha de servir de pretexto ás esquivações do auxilio e da assistencia que os conjuges se devem mutuamente... Eis por que me comovi ao ler a modesta homenagem; memoria daquelas pobres mulheres, que, por dedicação aos maridos, lá se foram sertão a dentro, a arrostar com as vicissitudes e canseiras de jornadas sem termo.

E vindo trazer, aos nomes obscuros de Raquel, de Davina, de Custódia, e de Catarina essas grinaldas de lembranças, pelo forte exemplo de fé conjugal que deram, votando-se impávidamente ao sacrificio, sinto não poder na verdade traduzir toda a suave poesia que ha nesses monticulos de terra, jazentes ao longo das picadas, tumulos singelos de heroínas, e que, para mim, constituem os mais expressivos padrões da epopéia sertanista.

(a) GOULART DE ANDRADE.

SOBRE A TERCEIRA EDIÇÃO

Quando publiqui a segunda edição deste livro, para attender ás solicitações recebidas nesse sentido, nella inclui uma nota explicativa da minha resolução. Reproduzo agora o trecho final da mesma nota, porque tem ainda cabimento, á guisa de prefácio, nesta edição:

... "Para satisfazer a taes pedidos, resolvi publicar este 2.º milheiro de exemplares, em brochuras, que comprehenderão exactamente a materia dos dez fasciculos de assignatura, inclusive as mesmas gravuras.

"Ao fazel-o, cumpro o gratissimo dever tambem de agradecer as honrosas transcripções de trechos do meu livro, publicadas na "Revista da Semana" (Uma revolta de acampamento); na "A Noite", e na Revista dos Militares de Porto Alegre (O culto á Bandeira); e no jornal "O Municipio", de Cachoeira de Itapemirim, Espirito Santo (Varios trechos dos "Episodios").

"Finalmente aqui transcrevo, com fervoroso agradecimento, no começo e ao fim deste volume, as apreciações bondosas de que tive conhecimento e com que foram sendo acolhidos os varios fasciculos publicados".

As transcripções a que então me referia, são as comprehendidas entre 14 de Maio e 1.º de Setembro de 1921, conservadas honrosamente na actual edição, devida á iniciativa do primoroso escriptor Mansueto Bernardi, que tanto lustre vem dando ás letras sul-riograndenses.

Acrescentei áquellas apreciações, as da revista "Brazilian-American"; do meu distinto collega Tte. Coronel

Augusto de Araujo Doria, Professor do Collegio Militar do Rio de Janeiro; do Dr. Bernardino José de Sousa, m. d. Secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia; do Dr. Jacintho Barbosa, talentoso Auditor de Guerra neste Estado; do notavel escriptor Osorio Duque Estrada, redactor do registo literario do "Jornal do Brasil"; e, finalmente, as apreciações desvanecedoras do "Jornal do Commercio", do Rio, em sua secção de critica literaria: "Livros Novos".

Esta terceira edição foi organizada com aproveitamento dos fasciculos 3 a 10, excedentes da primeira, reimprimindo-se na Livraria do Globo os de ns. 1 e 2; nestas condições, vali-me da oportunidade para rever o meu primitivo trabalho, procurando aperfeiçoar-lhe a phrase, desde fls. 1 a 32 (neste volume) e corrigindo mesmo alguns erros commettidos, em consequencia da pressa com que escrevi os originaes.

O AUTOR.

IMPRESSÕES
DA
COMMISSÃO RONDON

(Episodios ineditos ou pouco vulgarizados, occorridos durante as explorações e nos acampamentos da Comissão Rondon)

(Direitos reservados ao autor, conforme registo n. 3.948, publicado no "Diario Official" de 26 de Agosto de 1922).

Rio, 1 de Maio - 1921

Illustre padreiro Sr. Capitão Amílcar de Magalhães

A leitura da obra que me confiou, ainda no original que se ha de multiplicar, como boa semente, em edições successivas (e praça a Deus que os exemplares nella contidos sejam assimilados e aproveitados á nossa gente!) além de interessar-me no grandioso dos episodios affirmou-me no espirito alarmado a consoladora certeza de que podemos contar com o futuro, porque ainda temos homens que no-lo gerantam. [O Brasil que nos apparece aos olhos e que tanto nos faz deserer do amanhã é, felizmente, apenas o velório, a cortiça de um poderoso tronco. [Vemo-la brocada, recostada dos gusmos, emsamada de noedonas de varias especies e todos vorazes: aqui, a carcoma; além, o cupim; e ainda katazamas que lhe vão pelas rugas, como por escafeixas, e lagartas e lesmas que a envisgam; e formigões que por ella roem e descem carreamdo o que podem para os seus subterraneos. [Zero, porém, que vemos não é mais do que a casca unida pelos vermes, apodrecida e colada

de escaças que lhe dão repugnante aspecto de ulcerada, o augo, porém, é rijo; o eirne mantém-se rão, intacto e uelle é que circula a seiva vital que, desde as raizes, ascende até as últimas folhas dando força á arvore e sustentando-a firme no sólo contra tremores e temponaes.

Na grandezza opulenta da terra ainda pura, com a virgindade florida das suas florestas, com a apojadura das suas aguas, com a magnitude das suas montanhas, que são como ventres gravidos de riquezas, e ainda o primitivo das tabas com o indégua vivendo em innocencia paradisiaca, tão arisco e bravo como as feras, o que nos mostra a obra de tempera, com que V. S. faz resurtir do desanimo a confiança, é o caracter heróico da reserva que temos, com a qual havemos de construir uma nacionalidade digna da Patria ~~_____~~, onde tudo é grande "menor o homem."

São esses devassadores de mystérios que se abalsam ajoitadamente nas bruchas, com a bandeira por facho, que nos bão ^{almejado} de levar ao Ideal. ~~_____~~ [Até na vez da aspera bruteza lutando contra mil obstáculos sóbrios, austeros, disciplinados ^{afundam-se nos} na fé ~~_____~~ ventões estredendo o telegrapho

para se communicarem com a Civilização, como Theseu no Labirintho enetamse desavrolava o fio que lhe dera Ariadne para, por elle, guiar-se na emredada espiral desprestigiando-a do terror e tornando com a victoria a liberdade e a luz. Ahí vão elles domando a natureza que se defende aggressivamente com os seus prodigios, decifrando arcanos que desbrocham em maravilhas e, onde passam e acampam em volta da bandeda, içada em tronco lumbroso, ainda sangrando seiva, deixam, em castro de amor e de fidelidade, as nações barbaças, as mais adversas, docilmente aconselhadas e lavou as medrando. [A obra de V. S., cheia do heroísmo aventureiro, que tanto nos reder na Odysseia, contrasta com a de Faumay. Uma é a epopia lugubre da retirada, o recuo heroico por entre insidias conjuradas: desde as traças cruas do inimigo, ate as aperturas da fome e da sede; a falta e o uicandio e, logo adiante o tremedal, a peste, as intemperies e o nivio dos camibos. Outra ~~obra~~ é a avancada sem notivo, é a nivista do no deserto" montada pelo seu acceso em estrallas; assalto de selvagens e revoltas da propria gente da expedição conculhada para mondicinio e roubo, passos quasi intransitaveis, feras e doenças, fadigas, fomes e temporaes e

20 Cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães

adiante, em horizonte superior, como de bronze-o systemo. Tanto na obra de Taumoy como na de V.S. o que resalta e análoga é a energia da Alma brasileira servindo, a um tempo, como a Providencia soccorreu Israel no exodo, de nuvem e de columna de fogo: ora resignação, ora audacia, ambas saídas do mesmo sentimento augusto: o Patriotismo [A obra de V.S. deve ser lida, não só pelo que ha nella de belleza, como pelo que contém de ensinamentos cívicos, porque nos mostra no renascimento de uma Patria virgem heróis dignos della, como Rondon e os seus companheiros, entre os quaes V.S. foi e é um dos mais abnegados e magnos. Esses serão os conductores do Brasil futuro, nelles é que está a força da nacionalidade. As cascas das arvores rubra trun-se. Tenham ellas ceme rijo e viverão vicoras.

Agradecendo a V.S. o prazer que me deu e o bem que fez ao meu coração de Brasileiro com a leitura que me proporcionou, faço votos a Deus para que lhe não falte com a saúde aqui de que continue a acompanhar, revelando-a, a obra dos sectaristas intrepidos que, illuminando os penetraes desvendam-nos do Brasil, ~~as tuas~~ as tuas grandezas desconhecidas,

empouco-se à Pátria e ao mundo como heróis, representantes,
altes reis, da terra immense e formosa que é de todos nós, o
amor, o orgulho e a gloriã.

De v. s. patrios e ad.^o

oelho Netto

79 - Rua do Rozo

INTRODUCCÃO

Ha muito empolga o meu espirito a idéa de tornar publica a parte ainda inédita dos serviços da Commissão Rondon e que apenas é conhecida entre os que, como eu, tiveram a ventura de collaborar nesses arduos trabalhos, sob a direcção do actual Sr. General de Brigada Candido Mariano da Silva Rondon. Parte minima que fui, sem laivos de modestia, dentre aquelles a quem a simples bôa vontade e os pendores da espontanea dedicação e enthusiasmo, não permitem uma collaboração brilhante, á falta de attributos pessoaes que são raros; imagino todavia que o meu commentario e o meu testemunho pessoal, servirão para se ter uma idéa mais exacta dos sacrificios e dos perigos a que nos expunhamos — nós todos que lá trabalhavamos — conscientemente, guiados pelo Dever e sem desprezar as cogitações patrioticas, que são o apanagio das almas de elite como a desse incomparavel Sertanista.

No decorrer destas citações empenharei todo o cuidado para exprimir, com a mais absoluta verdade, os factos que vou narrar.

Estes, com sua eloquencia simples e convincente, permittirão ao leitor um julgamento imparcial do valor ou do demerito de seus protagonistas, de suas atitudes, de seus actos e dos fins que se propunham attingir.

Não sei como será encarado, pelo chefe e pelos meus companheiros da commissão, este revelar de segredos de acampamento; entretanto, a par da belleza do "viver ás claras", a verdade é para mim um escudo d'aço onde se quebram as flechas da inconveniencia.

Feito este preambulo, necessario ao julgamento dos que tiverem a paciencia de lêr tão modestas linhas, sem estylo literario, entro francamente no assumpto.

EPISODIOS DE ACAMPAMENTO

O CULTO À BANDEIRA

Na época em que terminei o meu curso de engenharia e de estado-maior, estava dominado por idéas dissolventes, proprias da situação tumultuaria em que se debate a sociedade, e intimamente convencido da insinceridade geral do culto á bandeira. Alguma phrase irreverente ouvida durante uma dessas conhecidas solennidades do hastear e do arriar a bandeira nos quartéis; um riso de mofa, desenhado intencionalmente nos labios de um official antigo, no momento em que me incorporava á companhia designada para um funeral quando, ardendo em enthusiasmo juvenil, (1) formalizado, conscio da importancia que se deve ligar a homenagens civicas que focalizam o amor á Patria, marchava entre armas de bayoneta calada, empunhando o estandarte auri-verde; a indifferença de um numeroso grupo de officiaes deante da velha e esfarrapada bandeira do batalhão (substituida depois por iniciativa minha, com recurso de subscripção entre companheiros de corpo); muitos outros incidentes em que eu via malbaratar o respeito ao pavilhão nacional... tudo isto havia cavado em meu espirito uma duvida atroz, que me collocava num dilemma:

(1) Alferes-alumno de 1899, em cujo primeiro mês completei 19 annos de idade.

era eu um retrogrado, que não havia acompanhado a evolução das idéas dominantes, ou era um infeliz a quem o destino conduzia eternamente aos meios deprimidos, onde não fazem ninho as idéas grandiosas de dedicação e patriotismo!

Foi nesse estado de espirito que, resistindo ás solicitações de meu venerando Pae, e deslumbrado pelos primeiros écos do estoicismo de Rondon, solicitei minha admissão aos serviços da Comissão de Linhas Telegraphicas de Matto-Grosso ao Amazonas.

De uma turma de mais de 50 engenheiros- militares eramos apenas quatro os que preferiamos aquella commissão. E tivemos immediatamente uma amostra da orientação do novo chefe escolhido, recebendo ordem telegraphica de embarcarmos no 1.^o vapor... e demos-lhe prova *incontinenti* do nosso ponto de vista, embarcando nesta Capital uma semana antes do carnaval e poucos dias depois de nomeados.

Levando nalma o germen do scepticismo; desconfiado da legitimidade da aureola que a historia ia tecendo em torno de Rondon; habituado ás decepções das falsas tradições de patriotismo e desinteresse, com que a maioria dos politicos em evidencia occultam os seus verdadeiros moveis egoisticos; internando-me pelos sertões de Matto-Grosso, naquelles longinquos acampamentos, fui afinal encontrar o meio apropriado para alimentar e desenvolver as minhas aspirações de homem e de Brasileiro...

Através tudo o que vi e que irei aos poucos referindo, guardo até hoje com veneração as impressões da sinceridade e do enthusiasmo com que Rondon systematicamente prestava culto ao pavilhão nacional. Para o local do acampamento não era só indispensavel a agua corrente, mas, com igual força de necessidade palpitante, o mastro da bandeira! Fossem os acampamentos de construcção da

linha, onde ás vezes permaneciamos durante uma semana, ao sabor da marcha progressiva da *ponta do fio*; fossem os acampamentos de reconhecimento e exploração, de ephemera duração de 24 horas e ás vezes de uma só noite... ao primeiro clarão do dia, ao som dos clarins ou das cornetas, erguia-se lentamente a Bandeira pelo mastro rustico, erecto e *linheiro*, em presença do chefe, dos officiaes e do contingente militar... Este exemplo de civismo ainda mais avultava em seu espirito, porque eu reflectia na distancia immensa que nos separava dos centros civilizados; porque as difficuldades de todo genero para attender ás necessidades mais elementares da vida, como a alimentação e o tratamento da saude alterada, arrastam naturalmente o homem mais energico a considerar superfluo tudo quanto lhe vem augmentar a fadiga, e a abandonar todas as praticas — até mesmo as de fundamento religioso — que se não destinem á satisfação exclusiva das necessidades materiaes.

Muitas vezes, ao termo da penosa marcha de exploração, os expedicionarios alcançavam, já noite escura, o ponto escolhido para acampar; vinham todos cansados, officiaes e praças, desistindo alguns da refeição, taes eram as imposições do corpo ao almejado repouso... Parecia que naquella noite sem luar, num solo enlameado pela chuva inclemente, as unicas ordens seriam: armar barracas, comer e dormir... Mas não, as ordens eram sempre iguaes ás da vespera e o foram sempre ás do dia seguinte... Desenhava-se o caminhamento com os dados colhidos durante o serviço de levantamento; se “*havia céu*”, pela madrugada lá estavam o chefe e seu ajudante a observar as estrellas; escalava-se o homem que deveria cortar a arvore *linheira* (tão longe ás vezes encontrada...), que a teria de descascar e fincar defronte á luz da fogueira... E, se o escalado, receoso de se internar na floresta, povoada de lendas indigenas, por preguiça ou pouca diligencia, apresentava um pau muito torto...

recebia ordem de voltar á mata para a necessaria substituição!

Tardasse embora o seu regresso... lá estava ao alvorecer o mastro da bandeira, erecto e *linheiro*...

No meio daquellas immensas florestas, isolados cincoenta e cem leguas dos nucleos de povoação mais proximos do sertão, quanta vez meditei profundamente deante do simples factó do hastear da bandeira! Ao quadro já de si empolgante por causa da moldura, juntava-se em meu cerebro a analyse dos *detalhes* que me acudiam á mente, para deduzir do esforço masculino do rude caboclo a rebuscar alta noite a haste rectilinea no coração da floresta, a rijeza de aço que era mister possuir para mover e dominar toda aquella machina humana.

Comparai por um momento essa formalidade no sertão com as que têm lugar nos quarteis da cidade, aos domingos e feriados nacionaes, e, sem nenhum favor, haveis de reconhecer quanto aquella á destes ultrapassa em esforço e grandiosidade!

COM A ETAPA CRÚA E SEM DOMINGO

Nos acampamentos da Comissão Rondon, o regimen do trabalho sempre obedeceu ao mesmo programma do saudoso General Carneiro, unico chefe sob cujas ordens serviu Rondon nos primeiros annos de Tenente: Alvorada ás 4 horas da madrugada, formatura e distribuição das turmas no acampamento á luz das fogueiras e das lanternas, marcha para o serviço ainda no escuro, inicio do trabalho á primeira claridade do dia, uma hora para almoço no campo ou na mata, regresso ao acampamento quando o manto da noite impedia de continuar... Deste programma é facil concluir que as turmas só se recolham de 20 ás 21 horas para o jantar.

Pois bem, houve tempo em que o domingo era incluído entre os dias uteis e o soldado recebia de noite a ração crúa; elle proprio com o "seu de rancho" que era tambem o companheiro de barraca, deveria cozinhar para o jantar do dia e para o almoço do dia seguinte.

Estas medidas extremas eram não só consequencias da falta de pessoal, como tambem inspiradas pelo desejo vehemente de obter o maximo rendimento do serviço publico. . . O aço, porém, é materia prima pouco vulgar na formação do character humano e a massa geral dos soldados, incapaz de comprehender o elevado escopo com que era utilizada a ultima parcella de sua energia, vencida pelo cansaço, deixava-se cahir em desanimo. . . E a maioria delles lançava para longe a carne crúa, comia a farinha e atirava-se a dormir no restricto espaço que lhe era destinado, na pequenissima barraca regulamentar. . . D'ahi o enfraquecimento organico a que foi preciso acudir, restabelecendo-se o rancho geral no acampamento.

Quando me incorporei na Commissão, já havia "rancho" e "domingos", embora destinados estes então á mudança de acampamentos. . .

De mim para mim, entretanto, eu achava interessante o afigurar-se-me impossivel, já não digo conceber, mas pôr em execução semelhante *tour de force*.

O TRAGICO BANHO DA MADRUGADA

O banho no sertão é a expressão mais nitida da liberdade, quando a gente se despe á sombra da floresta e á luz do dia e atira-se a nadar em aguas correntes e limpidas; quando se pôde escolher na ramaria da margem os cabides improvisados e, quasi á flôr d'agua, um tronco ou um lagedo para servir de banco ou de cadeira. . .

No escuro, porém, antes de vislumbrar a primeira claridade do dia, apalpando as arvores, despindo-nos e

vestindo-nos pelo tacto, procurando, ás apalpadelas, o sabão, arranhando-nos nos espinhos, pensando nas cobras, escorregando aqui e batendo acolá com as canellas... o banho é simplesmente tragico! E não ha tempo para reflexões e é preciso actividade, porque não tarda a corneta a anunciar:

O ALMOCINHO

De sua longa experiencia em trabalhos de sertões, por zonas muitas vezes insalubres, Rondon deduziu a necessidade de distribuir ao pessoal, pela manhã, uma refeição mais solida. A falta de pão no acampamento, como consequencia da difficuldade dos transportes; a impossibilidade de adoptar o systema usado por outros povos, que se alimentam de frios pela manhã ou de aveia e leite, etc., porque taes recursos eram de dispendiosa aquisição, além de incidirem no mesmo problema dos transportes; impuzeram-lhe, como solução mais pratica, a instituição do celebre *almocinho*.

Era a primeira refeição do dia e consistia no café simples, (Rondon e os officiaes positivistas substituíam o café pelo mate) tomado em doses de copo e acompanhado de uma farofa de carne (passoca) triturada; esta vinha aos pratos fundos... O estomago, ao começo, tenta reagir contra o habito, novo de todo para quem vai das cidades; posteriormente, quando alguns dias de trabalho intenso, ao sol ardente, lhe fornecem pela 1.^a vez as sensações do vazio estonteante que essas sete horas nunca produziram na vida commum, elle se adapta perfeitamente... E todavia o trabalho era o mesmo quando a peste dizimava o gado de córte e o palmito substituiu a carne em todas as refeições.

A passoca, além da característica ideal de depender do "alimento que anda", representa ainda, no alto sertão, ao lado da rapadura, o importante papel de *matula* (ma-

talutagem) mais duravel, pois que se conserva em perfeito estado durante 14 dias e mais, sem precisar ir ao fogo e sempre *comivel* a frio. Onde é difficil obter ou transportar as conhecidas conservas de lata, outro recurso não se apresenta ao sertanista ou sertanejo.

Quando se viaja *escoteiro* (só e sem tropa) através daquellas regiões desertas, obrigado aos pousos das cabeceiras, dos correjos ou dos rios, com percursos diarios de 5 a 6 leguas, conduzindo na propria montada a casa, a cama e a comida — tres coisas tão essenciaes á vida e que não obstante não existem no caminho — a passoca dos *sapicuás*, é a maior garantia contra a fome. A cama é a rede que vai dobrada sobre o lombilho, e a casa, o ponche emmalado na garupa.

ANIMAES QUE AFROUXAM

Figurae-vos por um momento em pleno sertão deserto, a 50 leguas (300 kilometros) do acampamento geral, a 50 leguas do povoado mais proximo; no ponto exacto em que o caminho (picada, muitas vezes estreita, onde passam apenas cargueiros) atravessa um chapadão arido; e imaginae que o unico animal que vos conduz e vos leva a *matula* e a rêde, afrouxa de-repente... O sol inclemente dardeja sobre nós, o animal está *entregue*, não ha força humana capaz de puxa-lo pelas rédeas, o cavalleiro a pé em vão o fustiga pela anca, e elle está immovel, suado atrás das orelhas, o pello lavado em suor, indifferente ao castigo, incapaz de dar um passo!... Em torno as arvores todas caracterizam a vegetação do *cerradinho*; as mais altas regulam a estatura do homem ou pouco mais, com escassas folhas; não ha sombra porque essa minuscula arborização se apresenta não em caopões, mas em exemplares isolados uns dos outros.

A impressão do viajante surpreendido por semelhante accidente, quando da primeira vez, deve ser parecida com a do beduino desanimado no meio do deserto, cansado e sedento a lampejar o olhar afflicto e a procurar em vão o oasis salvador. Tudo lhe é adverso, e elle sente em toda a plenitude a fraqueza humana do civilizado deante da natureza bruta; para resolver a situação, resta-lhe um só elemento — a energia. — Não tarda, por isso, a iniciativa de tomar sobre os hombros a carga indispensavel e... mudar de arma, com transferencia da cavallaria para a infantaria, contrariando embora as doutrinas militares da moderna especialização... Em um ponto afastado do trilhho occultam-se os arreios empilhados sobre uma pedra, uma raiz ou um galho, pouco elevados do solo, a carona por cima para os defender quanto possivel das intemperies. O animal desmoralizado, immovel como uma estatua viva do desanimo, com a cabeça baixa, aguardará na mesma posição a morte ou a reanimação das forças. Ao descanbar da ultima *cochilla*, num ultimo olhar retrospectivo, a alma humana, já modificada da passageira raiva, tem sempre um movimento de piedade para aquella pobre alimária ossuda, maltratada pela espora e pelo açoute, abandonada ao seu proprio instincto, depois de nos ter dado a ultima parcella de sua força obediente...

Acompanheinos ainda por um momento o viajante... Ao sol ou á chuva tem elle de marchar para vencer as distancias maximas que lhe permittirem o seu vigor physico e os seus novos habitos de andarilho. Se a alguma sombra se abriga, preoccupado sempre em perder o menor tempo nos seus altos, por muitas outras sombras ha de passar de largo, a reflectir nas vantagens das bellas ruas arborizadas das grandes cidades... Se pousa á margem de um lindo regato, alguma vez tambem, por não conhecer o caminho, será forçado a deter-se já noite escura, em pontos onde não encontra agua para beber... Quer se encontre em perfeito equilibrio de saúde, quer

accommetido de algum mal, para salvar a vida deve caminhar sempre, sem parar...

O espectro da fome o acompanha e enquanto por precaução reduz a ração diária, pensa sem querer em empadilhas recheadas de camarões... Tropeça, cahe; atravessa rios a nado; sonha de noite com as onças, os lobos, os queixadas, e acorda em sobresalto... É deante de tantas difficuldades e soffrimentos, uma idéa afinal põe termo sempre a todas as suas reflexões: "se eu escapar desta, noutra não cahirei!..."

A SENSACÃO DO DESERTO

O habitante das cidades, ou mesmo das fazendas, não tem a noção do deserto; naquellas, o homem sente-se sempre acompanhado, percebe que existe a humanidade em derredor de si e quando está só, dispõe de varios meios para se pôr em contacto com outro ser vivente e racional; na roça, por mais ermo que seja o sítio, *se não ouzre o gallo que canta na habitação mais proxima*, tem sempre a possibilidade de encontrar um ou outro viajante que por alli passa. No *desertão* — segundo se exprime o General Rondon — de Matto-Grosso, as esperanças do convívio humano saltam grandes distancias...

Acabrunhadora noção do ermo! Ter a certeza de que ninguem poderá ouvir um grito de soccorro ou uma descarga de Winchester; sentir-se a gente como isolado do mundo, sem ter com quem trocar uma idéa, sem ver ninguem; servir-se a si mesmo em tudo de que precisa parar viver; contar consigo unicamente para sua defesa; sentir como que o peso da solidão, no silencio da floresta... são coisas que jamais entraram nas cogitações de quem pela vez primeira assim se encontra, são sensações que se não descrevem e de que só se faz nitida idéa quando

por tal situação passamos. Um galho sêco que se desprende, o vento, os animaes que se espantam quando subitamente dão connosco, os ruidos enfim que, de quando em quando, quebram a monotonia silenciosa desses recantos da terra, perturbam a nossa tranquillidade, despertam-nos olhares inquietos, excitam o medo e a coragem — o medo, como primeira sensação, a coragem para nos pôr em guarda immediatamente, no instincto natural da defesa. Quer-se deixar a arma pendurada e dar um passeio em torno do pouso, mas percebe-se no chão o rasto fresco de uma onça... Quando se viaja montado, é preciso cuidar do animal, dar-lhe agua, procurar-lhe bom pasto; pensa-se em pôl-o em liberdade, mas não se tem a certeza de encontrar-o no *campeio* da madrugada, quando o orvalho nos ensopa a roupa e as botinas... Se não examinámos o pouso com a meticulosidade propria de quem já foi uma vez surprehendido pela praga das formigas carregadeiras, as particulas da passoca moveram-se para longe durante a noite e continuam a mover-se pelo amanhecer, em linhas pontuadas e interrompidas, sustentadas por tenazes respeitaveis; o chapéo de palha pôde ter sido cortado pela linha de intersecção da superficie da aba e da superficie conica da copa; pôde acontecer que alta noite sejamos acordados por multiplas e dolorosas ferroadas...

Tetricas e mal dormidas noites do deserto, quanto sois differentes daquellas em que repousamos sob telhado, calmamente distendidos por sobre flacidos enxergões de arame!...

TRABALHO E CHUVAS DE 6 MÊSES

Em Matto-Grosso e no sertão, mais accentuadamente do que o observado em muitos outros pontos do Brasil, as estações do anno resumem-se em duas: seis mêses de sêca (Abril a Setembro) e seis mêses de chuva ou de *aguas* (Outubro a Março). Em Abril ainda chove um

34 *Cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães*

pouco, como também em Setembro -- são os meses de transição; em Agosto costuma cair a chamada *chuva dos cajús*.

Compreende-se bem que dentro de semelhante quadro meteorológico, seria impossível trabalhar durante metade do anno, se acaso tivéssemos de entrar em consideração com o mau tempo.

Observei em varias occasiões chuvas consecutivas durante quatorze dias, dia e noite sem parar. Todos os trabalhos, porém, nenhuma modificação sofriam durante o periodo das aguas, não só no decorrer das explorações e levantamentos topographicos, como na construcção da linha telegraphica.

Não obstante a intuitiva repugnancia natural á adaptação, para quem conhece a opinião civilizada sobre o mau tempo, e muito mais para quem se vê na obrigação moral de abstrahir-se do guarda-chuva, das galochas e das excellentes capas impérmeaveis, que o homem ha muitos seculos inventou; os officiaes da Commissão Rondon, a exemplo do chefe, expunham-se á chuva, tal como o exigiam das praças e dos civis. Em geral, ao acordar, vestiamos a roupa já molhada, desistindo do trabalho de a secar ao calor das fogueiras, pois que assim evidentemente simplificavamos as preoccupações da *toilette*, reconhecendo quanto ephemero se nos apresentava o gozo de uma roupa sêca... Na verdade este conforto, quasi sempre se reduzia apenas ao intervallo entre o levantar da rêde e o sahir da barraca, e em taes condições a "hypothese mais simples e mais sympathica" consistia em conformarmos-nos com os arripios de frio, proprios da differença de temperatura entre uma roupa molhada e um corpo humano que se despoja das cobertas pela madrugada...

Sem que percebessem a minha presença, os soldados commentavam muitas vezes a nossa attitude, aparentemente indifferente ás intemperies. Alguns mais energeticos e quiçá habituados a outros sertões, repetiam o velho

dogma das casernas: "Soldado é superior ao tempo!" Outros, porém, mais desanimados ou talvez mais praticos, emittiam opiniões escandalosas a respeito.

Lembro-me, a proposito, do discurso que fazia um soldado de côr preta, do meu destacamento de Parecis, com largos gestos de orador, para provar a these que defendia. Era em um domingo e o preto, alto e pernostico, affirmava com o calor de profunda convicção:

"Se eu fôr um dia chefe desta Commissão, eu acabo com esse trabalho em dias de chuva!

"O homem tambem não é de ferro! não posso comprehender isto, e os officiaes gostam de imitar *seu Coroné*, fingindo que estão mais alegres quando a chuva "bate" e mandando a gente fazer tudo, como se o sol estivesse de fóra...".

Achei-lhe graça, mas através desse commentario eu comprehendi melhor o alcance de uma affirmativa do chefe, que me assegurava reconhecer facilmente a tempera rija dos seus commandados, pela bôa disposição para o trabalho e pelo nenhum quebrantamento de animo com que se portavam, quando lhes observava a actividade durante uma série de dias chuvosos.

Posteriormente tive oportunidade de ver sempre confirmada esta simples verdade, principalmente durante os trabalhos de exploração.

REVOLTAS DE ACAMPAMENTO

CONTINGENTES DE INDESEJAVEIS

Ao tempo das primeiras commissões que o General Rondon chefiou (e elle as chefiou desde o posto de 1.º tenente!) o Exercito Brasileiro era constituido, não pelo sorteio militar como actualmente, mas por elementos ex-

clusivamente provindos das classes baixas da sociedade e por individuos na maioria analphabetos, mal educados e sem moralidade. Tal era a consequencia do voluntariado de que se compunha e cuja insufficiencia annual forçava o engajamento e o reengajamento de uma corja de vagabundos e indisciplinados que infestavam as fileiras com os seus incorrigiveis e inveterados maus costumes.

Pois bem, a principio, era desse meio deleterio que sahiam os contingentes militares para o serviço de taes commissões. Os commandantes de unidades, quando recebiam ordem para fornecer um certo numero de praças com aquelle destino, escalavam naturalmente a bôrra do rebotalho, e cada qual concorria assim com a sua notabilissima parcella, para a formação de verdadeiros contingentes de indesejaveis: os mais preguiçosos, os mais cynicos, os mais ordinarios, e os mais insubordinados soldados de cada batalhão.

Lá no sertão, Rondon tinha a certeza de que as suas requisições de soldados seriam infallivelmente attendidas assim, isto é, com a pior especie de gente que é possível imaginar, mas os não recusava, porque estoicamente se dispunha sempre a transfundir aquella massa, caracterizada pela mais perfeita negação para o trabalho, em elementos uteis á Nação, e porque, se os recusasse, seria impossível obter outros braços.

Escalava então o official que os deveria receber nas cidades e conduzil-os sob seu commando aos acampamentos da Commissão. E' bastante facil imaginar-se o que havia de penoso e arriscado no cumprimento de semelhante missão! Desde a hora do embarque até o momento de se apresentar no acampamento, o official não tinha um momento de descanso e diariamente punha á prova as suas qualidades de energia, para manter a disciplina e dominar essa verdadeira horda de selvagens. No capitulo seguinte diremos por que unicos processos o conseguia!

Ao termo de todos os levantes de soldados, como os que caracterizaram a revolta da guarnição da fortaleza de Santa-Cruz, á barra do Rio de Janeiro, onde foram assassinados o major Digno, fiscal daquella praça de guerra e o Tenente Torres, instructor; a revolta das guarnições da esquadra nacional na bahia do Rio de Janeiro, em cujo desenrolar foi tragicamente sacrificado o Almirante Baptista das Neves; tocava sempre á Commissão Rondon um contingente de revoltosos. Em consciencia, ninguem poderá considerar invejavel a situação em que se encontravam então, deante desse amontoado de feras humanas, os officiaes e o chefe da Commissão. O problema a resolver apresentava duas difficuldades capitaes: 1.^o: *amansar*; 2.^o: *fazel-os produzir*.

Reflecta-se que a maior parte delles zombara, nos quartéis, de todos os castigos regulamentares, desde a reprehensão até a prisão em cellula, durante 25 dias a pão e agua, repetidas vezes!...

Para dar ao leitor uma idéa, mais nitida de como se *comportavam* taes contingentes durante a viagem, basta aqui citar alguns incidentes occorridos com o que foi conduzido pelo então 2.^o Tenente Aureliano Lima de Moraes Coutinho, em 1913, da cidade de S. Luis de Caceres ao acampamento geral da construcção, effectuando a marcha de cerca de 700 kilometros, por terra, através do sertão, semelhante á que fizemos durante a Expedição Roosevelt (Vide publicação n.^o 54 da Commissão). Este official é o mesmo a que me referi á folha 164 da publicação acima citada (nos seguintes termos: “uma energia varonil metida em pallido e franzino arcabouço”), quando passei em seu acampamento e o vi abatido physicamente pelo impudismo, mas inquebrantavel moralmente na manutenção da disciplina e na disposição de animo com que enfrentava todas as difficuldades.

Foi-lhe entregue o contingente á margem do rio Paraguay, defronte ao quartel existente em Cáceres e, conquanto conduzido por outro official (certamente do grupo dos *descrentes definitivos* a que se referiu o Sr. General Tasso Fragoso, em artigo publicado na Defesa Nacional...) fez esse contingente a marcha (?) do quartel ao porto de embarque nas condições mais comicas e indisciplinadas que é possível imaginar: os soldados vinham *sambando* em fórma, como se estivessem dançando o *catêretê!* Já antes de recberem ordem de "direita-volver" e "em frente, ordinario, marche" haviam elles dado vivas e morras (!!)... estes morras naturalmente em homenagem á Commissão... O velho alferes que os conduzia, fez entrega da relação ao Tenente da Commissão e, provavelmente, depois de fazer meia-volta (da *Ignacia*) sobre os calcanhares, retirou-se dando graças a Deus de ter conseguido que aquelle bando indisciplinado passasse a outro commando... O official da Commissão, perfilando-se, exigiu silencio e compostura, determinou ao 1.º sargento que fizesse a chamada e corrigiu o alinhamento... A mudança foi brusca, mas os habitos maus estavam inveterados... De modo que um cabo de esquadra, mais desabusado, não se conformou com as novas disposições e continuou a dançar o mesmo *catêretê* da marcha até alli. A sua alegria cynica foi porém interrompida pelo estalar de uma pancada, acompanhada de uma declaração formal de que se arriscava a ficar enterrado em Cáceres... (Note-se que o official estava completamente desarmado!)

O effeito deste violento golpe de energia, que as circumstancias exigiam, foi a submissão e a obediencia, entrando as coisas, desde logo, em seu regimen normal quanto ás praças de *pret* simples. Mas, observou o Tenente Coutinho que algum sargento fazia causa commum com os soldados e havia boatos circulando e que davam como certa uma revolta. Isto pouco influiu no espirito de

quem é capaz de agir com firmeza nos momentos precisos, para salvar a disciplina, a ordem e o principio de autoridade. Em poucos dias de viagem, porém, o tal sargento ousado e indisciplinado, verificou que as suas presumpções foram tambem derrotadas, embora houvesse elle realmente iniciado o movimento subversivo. Alguns dias depois do *tragico* embarque, o sargento empunhou o seu violão e correndo os dedos desdenhosamente pelas cordas do *pinho*. . . veio sentar-se ao lado direito do Tenente Coutinho, dizendo-lhe como a um collega: “póde-se tocar aqui, á vontade, não é Tenente?”

Parece incrível, mas tudo isto é a expressão da verdade. Estava o official á prôa da embarcação e eu penso que ninguem terá inveja da corrida em acelerado que esse sargento houve por bem executar. Formado *incontinenti* todo o pessoal, foram lidas as novas ordens, ainda mais severas, do commandante desse insubordinado destacamento, entre as quaes a do rebaixamento do inferior. A attitude decisiva do official transformou, porém, aquellas indoles pervertidas e esse mesmo contingente marchou, e trabalhou sob suas ordens, durante mêses seguidos, vencendo mil difficuldades, arrostando intemperies e até deficiencias de alimentação!

Deante deste quadro, eu me limito apenas a pedir, a todos os que procuram desmerecer os trabalhos da Commissão Rondon, que meditem um pouco sobre estas passagens.

Nos nossos acampamentos, comquanto o rigor inquebrantavel com que defrontavam, elles tambem promoviam revoltas e varias vezes mancommunaram-se para se levantarem, com armas na mão, contra os officiaes e seu chefe.

De duas dessas revoltas, daremos alguns *detalhes* neste capitulo: uma do tempo do Capitão Rondon, outra do tempo do Coronel Rondon.

A mais remota teve por theatro o Sul e a mais recente o Noroeste de Matto-Grosso.

A 1.^a, que chegou a manifestar-se, foi dominada pelo proprio Capitão Rondon. Clandestinamente, illudindo a policia do acampamento, os soldados conseguiram introduzir aguardente nas suas barracas e, ao amanhecer, grande parte delles, já embriagados, recusaram-se a trabalhar; e como os officiaes o exigissem terminantemente, explodiu e generalizou-se a revolta, aos gritos subversivos. Não os podendo conter e reconhecendo que seria inutil qualquer reacção violenta, tal a exaltação de animo dos soldados e, por outro lado, percebendo que quasi todas as praças, inclusive as graduadas, não se encontravam em estado normal; resolveram os officiaes occultar-se na mata, emquanto observavam o acampamento, para em ultimo caso intervir, embora com sacrificio de vida, se os excessos commettidos fossem além da gritaria, das danças macabras, da bebedeira e das brigas entre os amotinados. Rondon não estava presente: emquanto nesse acampamento se cuidava da construcção da linha telegraphica, leguas adiante dirigia elle os trabalhos preliminares de reconhecimento e exploração do terreno, para determinação da directriz mais conveniente, quando a ponta do fio houvesse alcançado a ultima etapa anteriormente estudada e projectada. Vencia elle no momento difficuldades extraordinarias, no intenso e desconfortado labor proprio da funcção, quando foi surprehendido pela communicação do que occorria no acampamento da construcção. Como é do traço caracteristico de seu alto valor moral, sua resolução foi prompta e firme: montou immediatamente e galopou em direcção ao acampamento. Ia só e, como sempre, inteiramente desarmado! Levava, porém, no seu aspecto rijo a mais formidavel arma, garantidora de todas as victorias, que era a inflexibilidade de character, o prestigio moral inconfundivel! Rapido alcançou o ponto a que se destinava e onde mais uma vez iria

pôr á prova a sua coragem. Sem nenhuma precaução, sem perder tempo na escolha de algum sitio de onde pudesse observar a marcha dos acontecimentos e talvez, por prudencia, melhor orientar a acção repressiva, ainda a galope, entrou na area occupada pelo acampamento! Investiu, já desmontado, em direcção ao corneteiro que bamboleava o corpo e descrevia com a corneta caprichosas evoluções. A uma ordem incisiva seguiu-se um toque de "reunir". A attitude impavida, do chefe alli presente e as suas ordens terminantes equivaliam ao tiroteio de uma divisão das tres armas do Exercito (nesse tempo a engenharia e a aviação não eram consideradas armas de guerra...)

O contingente em peso formou silencioso, como um grupo de condemnados que aguarda o castigo infallivel; apenas os esforços de alguns não eram sufficientes para manter o corpo firme e notavam-se nestes as oscillações proprias do desequilibrio alcoolico...

— Corneteiro! Toque: "Officiaes, acelerado"!

Momentos após, surgiam da mata os officiaes e indicavam ao chefe os cabeças de motim.

Dentro de alguns minutos formavam-se no solo dois montes: um monte de divisas e outro de varas flexiveis como as hastes do marmelleiro, partidas em innumerous pedaços, ao zurzir da chibata!

* * *

Convenhamos que estes golpes arriscados, em pleno sertão deserto, onde não se pôde contar com reservas e apoios de outras tropas militares, definem muito bem o perfil de um chefe. Em consequencia de seu acto, considerado uma violencia em face dos regulamentos militares, *que não previam todavia nem factos como esse, nem as regras excepcionaes da disciplina para o caso dos destacamentos em serviço no sertão*, a arte militar dos quartéis,

applicada aos commandos-generaes de paz, fez submetter o chefe da commissão a um conselho disciplinar. A presidencia de um official com conhecimento exacto da situação, por experiencia propria, em commissões identicas, assim como das altas virtudes do accusado (!?) annullou por completo a pressão que injustamente se pretendeu exercer, contra quem tão altamente collocara as responsabilidades do commando e tão corajosamente dignificára a sua função!

Alguem me contou que, posteriormente, solicitado pelo sentimento da esposa espartana e dedicada, esse mesmo chefe decidira jamais ordenar castigos corporaes, cumprindo dest'arte o compromisso tomado para com aquelle coração amantissimo.

* * *

A segunda revolta a que me referi, não chegou a estalar e vamos ver como um acaso feliz fcl-a abortar. Entretanto, desta feita, os sublevados architectaram um plano diabolico, legitimo fructo dos mesmos cerebros que dirigiram mêses antes a revolta dos marinheiros da esquadra nacional. A' frente dos onze principaes agitalotes estava o celebre "Russinho", ex-marinheiro que se vangloriava de ter assassinado Baptista das Neves e que, dado taes precedentes, tomara a si a parte de leão no desenrolar dos tragicos acontecimentos, cuja realização todos elles ante gozavam até o minuto solenne em que deveria explodir o movimento sedicioso: "Russinho" reservara-se o direito de assassinar Rondon!

A um *machadeiro*, distinguido pela confiança do Tenente Joaquim Manoel Vieira de Mello Filho, commãndante do contingente e encarregado da turma da picada (derrubada da mata, desbastamento das galhadas, limpeza da faixa cujo eixo o *pique* determinava) estava attribuida, pelos seus companheiros de levante, a tarefa ingrata e san-

guinaria de extinguir a vida deste valente official. A occasião era propicia, porque apenas o chefe e esse outro official se encontravam no acampamento, visto como o Ministro da Guerra de então (General Menna Barreto) entendera de bom alvitre, ordenar o recolhimento de varios officiaes aos seus corpos, sem attender ás justas ponderações do Chefe da Comissão! Liquidados os officiaes, pretendiam os revoltosos apoderar-se do cofre do acampamento, dos viveres, dos meios de transporte existentes, etc., e marchar pela linha, derrubando a machado todos os postes, prendendo quem não adherisse e assaltando as povoações e as cidades por onde a linha atravessava!

Vejamus como as qualidades pessoas de Rondon formaram a luz da estrella da salvação... Com a sua memoria fóra do commum, elle conhecia pelo nome todas as praças e sabia exactamente em que *detalle* de serviço cada qual se applicava.

Era pela madrugada e o acampamento agitava-se no borborinho quotidiano... Certamente os revoltosos haviam de ter trocado entre si as ultimas seguranças de que cada um estava bem compenetrado do papel que devia representar: certamente trocaram entre si o ultimo olhar significativo e cabalístico; quando ecoou pelas costas de Rondon uma palavra commum, e apropriada não só ao signal convencionado como ao movimento natural de formatura no acampamento...

“VAMOS!...”

disse uma voz firme e resoluta, em tom apenas perceptivel ás fileiras que se estendiam em frente á barraca do Chefe da Comissão.

A este grito sedicioso, pronunciado com a maxima naturalidade pelo *celebre* “*Russinho*”, Rondon volta-se de frente para elle, sem nunca imaginar o que fervia na pestilenta cabeça daquella féra humana!

Vê-o de machado em punho e brada-lhe *incontinenti*:
 — “Que faz você de machado? Já não sabe que ao toque de formatura deve estar prompto para começar a fabricação dos grampos?” —

Não é preciso dizer que a machadada não foi desfechada! A aggressão estava projectada pelas costas e a subita meia-volta entontecera o criminoso que balbuciou uma desculpa e seguiu a cumprir o seu dever.

Simultaneamente, o Tenente Mello ao escalar a turma da picada, excluiu o machadeiro que devia ser o seu assassino. Este, por duas vezes (!), insistira com o official para que o levasse em sua turma; á primeira ponderação foi-lhe explicado que havia nesse dia um trecho de mata fina, que tornava desnecessario levar o mesmo numero de machadeiros da vespera; á segunda tentativa correspondia uma ordem terminante:

— “Siga para onde o escalei!” —

Esses dois assassinos e os nove demais conspiradores, deduziram desses dois desastres para seus planos, que a revolta fôra denunciada e todos partiram para o trabalho na intima certeza de que ao recolher seriam castigados... E quando as turmas regressaram ao acampamento, já noite, como de costume, os onze conspiradores faltaram á revista do recolher; haviam desertado com rumo a Diamantino, que era a cidade mais proxima.

Immediatamente o Chefe da Commissão telegrapha para Diamantino e para a ultima estação antes inaugurada no sertão — Juruena — onde estava aquartelado um destacamento para vigilancia e aproximação dos indios Nhambiquaras. Fôrma-se um pelotão sob o commando do Tenente Mello, para captura dos foragidos e este parte no eucalço deles.

Após alguns dias de marchas forçadas, parando apenas para comer a *matula* dos *sapiquás* á beira dos correços, volta o Tenente Mello ao acampamento com a sua escolta, conduzindo presos os onze revoltosos e trazendo o inquerito

escripto a que procedera o Tenente commandante do destacamento de Juruena. Por este documento verificou o Chefe da Comissão toda a trama a que estava ligada aquella deserção. Ao serem intimados a que se rendessem, os desertores, na presuposição em que se encontravam de estar o seu plano descoberto, abriram-se em confissões que não lhes foram exigidas, para se innocentarem e para atirar a responsabilidade de sua insubordinação aos iniciadores da conspiração.

“Russinho”, typo Lombrosiano bem caracterizado com seu aspecto humilde e traiçoeiro, tenta repellir a paternidade da concepção do movimento sedicioso, e com voz melliflua, olhos sempre baixos fitando o solo, incapaz de olhar de frente — negação mais perfeita da altivez e da tranquillidade de consciencia — nega tudo.

O Tenente Mello interroga o seu machadeiro e exprobra-lhe a estranha resolução de pretender assassinal-o. A prevalecer a doutrina que o soldado tentara pôr em pratica, seria ainda mais licito que o ex-futuro assassino, agora prisioneiro, pagasse com a vida sua ousadia!

O soldado está immovel mas não nega, ao contrario, confirma sob sua palavra todos os *detalhes* apurados pelo inquerito, inclusive a parte saliente que lhe estava reservada. É um typo de caboclo claro, alto e forte, nenhuma timidez, character rancoroso, mas decidido, capaz de commetter o mais perverso dos crimes, mas incapaz de fugir á responsabilidade de seus actos. Fita o official e sem arrogancia, porem deixando bem nitida a convicção de sua affirmativa, responde-lhe:

— “*Seu Tenente, eu ando tão damnado que mesmo que V. S. fosse meu pae, ainda assim eu era capaz de fazer a mesma coisa!*”

Reconduzidos os desertores ao acampamento, como exemplo disciplinar e por justa precaução, passaram elles amarrados algumas noites seguidas, castigo a que eram

submettidos logo após a ultima refeição distribuida, quando voltavam do serviço diario da picada.

Ao cabo de uma semana, o Chefe da Commissão, não obstante a ponderação do Tenente Mello, determinou que cessasse esse castigo e, até alguns annos depois, aquelles mesmos revoltosos continuaram a frequentar a mesma escola do dever. . .

* * *

Poderíamos descrever muitos outros incidentes disciplinares, de gravidade igual, ou menor, mas pensamos que estes dois aqui referidos “à vol d’oiseau”, são sufficientes para dar idéa de uma das faces do complicado prisma, através do qual iremos juntos observando os trabalhos da Commissão Rondon.

Devo a este proposito salientar que de forma alguma subscrevo as affirmativas do pseudo-explorador inglês Savage Landor, quando lançou uma suspeita injusta ao character e aos sentimentos do caboclo Brasileiro.

Este estrangeiro, que solicitara do nosso governo metralhadoras (!) para a expedição que realizou ao interior do Brasil e para a qual recebeu 60:000\$000 (sessenta contos de réis) da nossa moeda, depois de a conduzir através de territorios já muito transitados, desviando-se inteiramente do itinerario que Rondon lhe delineara, a pedido do Ministro da Agricultura, por zonas ainda desconhecidas, escreveu um livro phantasiado sob o falso titulo “Através do Brasil desconhecido”. Exceptuando pequeno trecho entre o Tapajóz e o Sucundury, onde o explorador se perdeu na floresta (?) elle só percorreu caminhos batidos e rios já d’antes muito navegados! Sem estar acompanhado de nenhum outro estrangeiro, guiado e servido sempre pelo elemento nacional, ao cabo de sua excursão vem dizer publicamente que a sua vida estivera constantemente ameaça-

da pela traição dos nossos caboclos! E todavia elle e sua bagagem tinham viajado algumas vezes sobre os hombros dessa gente simples e dedicada. Ha-os sem duvida bandidos, como ha bandidos em todas as classes sociaes, nas choupanas como nos palacios, mas a massa geral não é senão de humildes e dedicados até o sacrificio! Prova-o a propria expedição Landor; provam-no oútras, innumeradas, dirigidas por estrangeiros illustres; provam-no as expedições da Comissão Rondon, de que falaremos adeante, e nas quaes se vê um unico official internar-se pela floresta dirigindo numeroso grupo de homens, que o obedecem e respeitam, e com elle surgir, muitos mêses depois, na zona habitada, através de todos os perigos e obstaculos!

CASTIGO CORPORAL

Muitos de nós, inclusive o autor destas linhas, por fei-tio moral e pela concepção da dignidade humana, ao ter noticia de que se applicava o castigo corporal nos acampamentos do sertão, imaginavamos mil fórmulas de abolir tal processo na manutenção da disciplina. A maior parte de nós, porém, no regimen da pratica e orientados pelo desejo ardente de corresponder ás responsabilidades dos serviços que nos eram confiados; depois de reconhecer inuteis e improductivos todos os outros recursos; examinando a indole de certa especie de homens, que era impossivel expulsar do serviço, porque escasso era já o pessoal preciso para os trabalhos; forçados a utilizar o elemento máu e a evitar a contaminação do elemento bom; a fazer votos intimos para que pelo bem, pelo exemplo e pelo sentimento, fosse possivel sempre obter a obediencia, a disciplina e o trabalho util e regularizado; a pregar sermões inuteis, que entravam por um ouvido e sahiam pelo outro; no desespero do amor proprio em xeque; a maior parte de nós, dizia, tomavamos do dilemma a ponta que antes condemnavamos

e, ao contrario das theorias bellas, mas inapplicaveis, com as quaes nem obtinhamos o serviço e a disciplina, nem salvavamos a moralidade da nossa autoridade, enveredavamos pela applicação do castigo corporal, contrariados, mas vencidos pela eloquencia dos factos.

Aliás cumpre observar que da mesma fórma pensa o super-civilizado povo inglês, que applica o castigo corporal na educação dos meninos e dos rapazes, como unico meio de reduzir accentuadas rebeldias.

Não que o castigo corporal fosse applicado por qualquer falta e todos os dias, mas era claro, como a luz do dia, que a disciplina se modificava por encanto, com a certeza de que não fôra elle jámais abolido de nossas cogitações.

No meu destacamento de Parecis, durante sete mêses a fio, esforcei-me por não applicar o castigo corporal; punia com trabalho aos domingos, com reprehensões e ameaças, dando tarefas mais pesadas aos mais vadios e aos mais indolentes ou indisciplinados.

Tudo fôra em vão. Um dia, porem, formei o destacamento e castiguei corporalmente o cozinheiro do acampamento, que, desobedecendo sempre propositadamente, chegara á imperfeição de não preparar o abiuço das praças!

Desacostumado á comprehensão de que a bondade e a tolerancia nem sempre encobrem a fraqueza e a pusilanimidade, a estranheza que lhe causou a minha subita mudança de attitude, inspirou-lhe ainda duas reacções, a 1.^a perguntando-me incisivamente *se eu pretendia mesmo castigar-o corporalmente*, a 2.^a no momento solenne de defrontar com o monte de varas, em face do destacamento, afirmando-me, com intenção, *que nunca tinha apanhado na sua vida*.

Certamente eu não estava tão calmo como desejaria estar, mas dahi a recuar da resolução tomada ia um abysmo intransponivel. E o castigo foi começado. A

principio o olhar inflammado e ameaçador, ao fim o homem dominado pelo *argumento allemão* — o direito da força — implorando por tudo que pudesse commover. Mais forte, porém, do que a tendencia dos meus sentimentos, era a necessidade reflectida de uma dureza apavorante e aquella scena selvagem durou o tempo que era preciso durar.

Desse dia em diante, nunca mais tive necessidade de repetir a dose, e a disciplina entrou por milagre no cerebro de todos. Convençam-se os theoreticos e sentimentalistas que, dadas as circumstancias do meio e a tendencia do raciocinio de certas indoles, os effeitos de semelhante methodo, longe do que suppõem, constitue a unica maneira de as dominar e manter dentro da ordem.

O caso que referi, assim o confirmou, pela influencia que exerceu no espirito dos meus commandados. Ainda mais, posteriormente, quando parte do meu destacamento desertou, esse unico homem castigado repelliu as insinuações de seus camaradas para os acompanhar, declarando solennemente:

— “Não deserto. Sem vergonha, não; *Seu Tenente* me castigou, mas com justa razão!”

Eis ahi claramente o que é a mentalidade de certa gente!

Não quero encerrar este pequeno capitulo sem referir um incidente que me foi revelado, não me recordo por quem. No tempo em que Rondon ainda ordenava o castigo corporal, ao terminar a sua applicação para corrigir a insubordinação de um soldado, este se lhe apresentou á entrada da barraca e, fazendo a continencia regulamentar, explicou:

“Prompto, *Seu Capitão*, já apanhei as varadas que V. S. mandou dar e venho pedir para V. S. mandar dar outras tantas!”.

Os desejos do soldado foram sollicitamente attendidos e elle não se lembrou de fazer nunca mais pedido identico. Este curioso episodio merece especial menção para ser meditado por todos quantos nunca exerceram sua actividade em commissões como essas e com semelhante pessoal.

HISTORIA DE UM SONHO

Ao par de occorrencias de triste recordação é preciso collocar alguma coisa que modifique a má impressão do leitor, motivo que me leva a intercalar aqui um caso pittoresco, passado á mesa dos officiaes, em acampamento da construcção.

Antes, porém, vem a pello dizer duas palavras a respeito desta mesa, quando o Chefe da Commissão a presidia, o que sempre e invariavelmente acontecia quando elle estava tambem ali acampado. Os lugares eram occupados, sobre os toscos bancos lateraes (tóros de madeira sustentados por forquilhas) na ordem hierarchica: os mais graduados aos lados direito e esquerdo do Chefe e successivamente os menos graduados; ao extremo opposto sentavam-se os civis de categoria.

Da rudimentar cozinha de campanha surgia o *farina* do rancho com a comida e depositava os pratos deante do Chefe.

Este servia em primeiro lugar os do extremo opposto, os menos graduados, e por ultimo elle proprio. Não obstante a repetição da scena e porque tambem para Rondon essa questão de comida não tem importancia, ou por qualquer outro raciocinio, o facto é que os primeiros pratos passavam muitos cheios e, do meio da mesa para a cabeceira principal, começava a dóse a diminuir, aos grandes saltos, numa especie de ancia de que fosse ainda possivel evitar, aos mais graduados, a dura perspectiva de não serem contemplados na distribuição... Algumas vezes houve

em que os mais graduados, o chefe á frente, *marchavam na boia*, segundo a expressão da giria da Escola Militar... E o chefe ria-se do occorrido, fazendo pilheria do caso e despertando o riso de algum dos prejudicados que não parecia estar muito conformado.

A sobremesa, oficialmente, nunca existiu. Entretanto, como alguns turcos levavam ao acampamento doces e conservas, para vender a bom preço, com prévia licença, os officiaes adquiriam de seu bolso particular essas especialidades, tornadas raras naquellas alturas e, com admiravel espirito de camaradagem, em vez de cada qual as comer na sua barraca, iam mandando pôr á mesa, para que todos se servissem, inclusive algum egoista ou economico, que fizesse parte da officialidade e, portanto, incapaz de um rasgo de tal ordem!...

Como o jantar era servido sempre á noite, accendiam-se velas em castiças improvisados (garrafas) como nas *republicas* dos estudantes.

Certa vez, um dos officiaes offereceu aos companheiros a deliciosa sobremesa de sonhos, pulverizados com açúcar, régio presente que lhe mandara um amigo, do povoado mais proximo.

Assim que o prato appareceu á mesa, aquelles que achavam de alguma importancia comer bem e do melhor, lamberam os labios imperceptivelmente, mas seguindo as boas regras da etiqueta, mantiveram-se em attitude igual a dos que eram indifferentes a essa ordem de preoccupações materiaes.

O prato foi passado de mão em mão e cada qual se serviu; uns, menos ceremoniosos, tomavam duas unidas, outros uma. Por fim o ultimo a servir-se, que era o medico do acampamento, recebeu o prato com os dois bolinhos restantes. Cavalheiro educado, serviu-se elle de um só e sobre o grande *prato-travessa* de ferro louçado, ficou o ultimo bolo a desafiar a cubiça de algum mais guloso... Uma ventania repentina apaga as velas da

mesa, mas um fumante puxa *incontinenti* a sua caixa de phosphoros e tenta accender uma das velas.

A luz que o phosphoro espalha em torno, surprehende a mão que se movera no escuro, em direcção ao bolo solitario. O medico gentil fôra apanhado em flagrante delicto de gulodice!

Não me contaram se chegou elle ou não a mastigar o appetoso sonho!... Do *trote* geral, porem, não escapou.

“SÓ BAIXA... CADAVER!”

Vê-se ao primeiro relance que a expressão é figurada, mas feliz como synthese de certos momentos afflictivos dos nossos acampamentos. Havia neste, como é natural e imprescindível, um medico e um pharmaceutico em serviço de suas profissões. A’ frente da barraca-hospital, á hora matutina da revista medica, formavam as praças que tivessem adoecido ou que allegassem dôres ou doenças quaesquer.

O medico as examinava, applicava remedios, fazia *baixar* as que a seu ver deviam ser dispensadas do serviço ou ficar em observação.

Inmiscuidos aos doentes de verdade, alguns malandros compareciam á revista. Na incerteza, ou por tolerancia, o medico ás vezes concedia descansos almejados assim, sob a capa de molestias phantasiosas. Em certa occasião observou-se que a multidão dos doentes augmentava em tal progressão, que fôra mister parar os serviços da construcção da linha, para montar o sanatorio geral das praças!

Ao ser informado deste successo, o medico, um tanto irritado e um tanto pilherico, decretou: “nesta enfermaria, de hoje em diante, só *baixam cadaveres!*”

Serviu depois a phrase para epochas mais difficéis, quando os trabalhos atravessavam zona menos salubre e

obrigavam a utilizar no serviço alguns dos homens *menos doentes*, inclusive officiaes!

FALTA DE ALIMENTO, MAS TRABALHO IGUAL

Quando a linha telegraphica atravessou propriamente o amago do sertão, o coração do deserto, onde as difficuldades de transporte attingiam a um gráu superlativo, houve periodos de muitos dias em que se manifestou a falta de alimento. Não rejubilem, porem, os engenheiros e os generaes "de esquina", suppondo que taes acontecimentos definissem imprevisões do chefe. Accidentes inesperados e que não podem surgir nos grandes centros cheios de recursos (embora a população das cidades se mostre alvo-roçada em face de uma simples greve), determinavam estas surpresas, desagradaveis para todos, desde o chefe ao ultimo soldado. Dependendo do trafego de cargueiros a conducção de todo o material de construcção e dos generos de primeira necessidade, todo o fornecimento do acampamento em geral, o apparecimento da febre aphtosa ou da peste de cadeiras nos animaes, suspendia de um momento para outro a regularidade com que as marchas das tropas acudiam ás necessidades periodicas dos acampamentos da linha telegraphica.

Interrompido o vai-vem incessante das tropas, era como a paralysação do trem de ferro e dos comboios quaesquer, que levam a munição de guerra e a munição de bôca ao campo de batalha. Accrescente-se que o gado de corte e de tracção, em serviço no proprio acampamento, tambem comece a ser dizimado. Que as mudanças de acampamento só sejam possiveis fazendo-se carregar ás costas dos soldados todo o material, desde a balisa do engenheiro até as pesadas rodas do fio conductor de 0,^m004 ou 0,^m005 de diametro. Que para alimentar diariamente os 300 homens porventura reunidos nesses ca-

fundós, já se torna imprescindível escalar numerosa faxina, para a colheita do palmito salvador e para a caçada de animaes de grande porte.

Que é preciso dominar o terror que se apodera do homem assim isolado do mundo civilizado, na perspectiva da fome, receoso de que fracassem outra vez as energicas e urgentes providencias que viriam pôr termo a tantas afflicções! Que o trabalho continue da mesma fórma, sempre para a frente; que não se pense em retroceder...

E deante de todas estas difficuldades, reflecti por um momento na responsabilidade do chefe, na sua tenacidade, na sua coragem inaudita, para não desanimar nem dar mostras de animo abatido!

Em compensação, invertidos os papeis porque aqui o recurso é que se move e os soccorridos estão firmes, a chegada das novas tropas abarrotadas de generos, corresponde á alegria de Cabral e seus marujos ao descobrirem terra, quando já se sentiam exhaustos e desesperançados!

Pois bem, quer a situação fosse optima, quer a situação fosse pessima, quanto aos recursos de alimentação, o trabalho era sempre e invariavelmente o mesmo; nem se dilatavam os descansos, nem se reduzia o serviço.

“UM CHÁ PARA O ESTADO-MAIOR”

No ponto de vista em que Rondon se colloca, comer é secundario! Da sua reconhecida e extraordinaria sobriedade, resultava naturalmente imaginar que o estomago alheio se comportasse como o delle. Alem de se distrahir á mesa dividindo grande parte da sua *ração* com os cães (que manifestavam sua alegria natural, lambendo-lhe de repente o rosto, emquanto lhe pousavam as patas enlameadas sobre o kaki), muita vez viu caras amarradas

quando do seu farnel, em marcha, retirava alimento para os amimados e fieis animaes.

Conta-se mesmo a proposito que, de uma feita, quando certo serviço da construcção atravessava um goiabal silvestre, elle prohibira terminantemente que o pessoal tirasse fructas, tornadas assim *verdes* como as uvas da fabula de La Fontaine. . . Se, de um lado, uma tal concessão perturbava sem duvida a marcha dos trabalhos, interrompendo-os certamente por alguns momentos, o facto é que naquelle dia os 12 homens, inclusive o chefe, só á tarde iriam encontrar recursos de alimentação, emquanto que tinham tido por almoço, todos elles, só e unicamente um papagaio!

Muita praga devia ter-lhe cahido sobre a cabeça nessa memoravel data!

As referencias que precedem, relacionam-se com a epigraphe deste capitulo, como vamos vêr. Ainda ha poucos annos, conseguintemente quando Rondon estava já na idade que repelle essas *violencias*, este pouco caso do estomago conservava-se inalteravel.

Assim, durante as ultimas explorações que realizou, para determinações geographicas, necessarias á Carta de Matto-Grosso, pelos valles do Gy-Paraná, Jamary e Guaporé, tornou-se vulgar a sua ordem:

— “Faça jantar para os soldados e. . . um chá para o estado-maior!”—

O ULTIMO A DORMIR E O PRIMEIRO NO ACORDAR

Alem de se contentar com porções minimas de alimento, o que mais me admirava, quando observava os habitos do General Rondon, nos acampamentos, era justamente o pequeno numero de horas com que satisfazia a necessidade de dormir. Elle era o ultimo que se recolhia á barraca e o primeiro que se levantava! Algumas vezes em que me levantei antes do toque de alvorada, pelas 4

horas da madrugada, ao dar-lhe o bom dia, verifiquei que, á luz mortiça de uma vela ordinaria, havia elle já escripto, na sua mesa de campanha, dezenas de telegrammas de serviço e as longas cartas diarias que redigia á sua estremecida familia. E estava já fardado de kaki, tinha a barba feita á "Gilette" (fazia-a no escuro, sem espelho, caminhando de um lado para outro da barraca) e tomara mais cedo ainda o seu infallivel banho da madrugada, no rio ou no corrego mais proximo do acampamento.

Taes habitos não soffriam modificação alguma, quer chovesse, quer não; quer o trabalho tivesse corrido normalmente, quer houvesse exigido esforços duplicados; quer se tratasse do primeiro ou do ultimo dia do anno ou de outro qualquer dia; quer no primeiro quer no ultimo anno de sua vida de sertão...

Nenhum traço, porem, se lhe descobria que denotasse abatimento ou cansaço: parecia a encarnação do *homem de ferro* de que cogitava, com espanto, o soldado discursador do meu acampamento...

O BICHO DE CÔCO BABASSÚ OU AGUASSÚ

Durante as expedições através do sertão, as privações de alimento eram incidentes com os quaes deviam sempre contar os expedicionarios; poupava-se então quanto possivel, reduziam-se as rações, lançava-se mão do expediente da caça, utilizavam-se os recursos da floresta — o mel, o palmito, as fructas silvestres.

Num desses tragicos momentos de rações reduzidas e de ponto de interrogação quanto aos recursos para o dia seguinte, um dos funcionarios, de categoria média, veio communicar ao seu chefe a importante *descoberta* de um bicho de côco, que servia admiravelmente para matar a fome... Explicou que o mollusco apresentava uma massa gordurosa, que se prestava a assar ao calor das brasas,

como um bolo de arroz em gordura, e que assim frito se tornava delicioso ao paladar. O General, porém, ria-se a bandeiras despregadas e o *descobridor* cada vez mais se esforçava para o convencer de que deveria provar o bicho de côco assado, para então verificar a verdade do que estava afirmando.

Quando o interlocutor mais apprehensivo se mostrava e mais encarniçado na defesa de sua preciosa descoberta, o General então definiu o seu pensamento com estas simples palavras:

— “Eu não estou duvidando do que você afirma; rio-me porque eu conheço ha muito tempo esse bicho de côco e eu o como sempre... mas crú!” —

Na verdade, em dias de fome, não só lhe servia o bicho de coco, como tambem a tanajura!

A MORTE NO SERTÃO

Deante da morte, como deante de um tumulo que a evoque, no sertão, a alma humana sente emoções muito mais profundas do que no convívio das cidades.

Certo é que, para os corações bem formados, ha sempre uma lagrima que deslize pelas faces de alguém ou uma lagrima que não se fórma porque a energia mascula e o esforço da vontade devam conter as expansões do sentimentalismo; mas o espirito humano, deante dessas duas expressões da tristeza — a morte e o tumulo — longe do lar, sem o conforto do affecto da familia, parece que exaggera a impressão do isolamento que o sertão lhe imprime.

Quando ao luar detemos a vista numa cruz tosca, perdida no deserto daquellas regiões, um mundo de pensamentos nos assalta. Instinctivamente meditamos na possibilidade de sermos um dia o corpo que aquella terra longinqua occulta no seu seio, tão longe dos entes queridos que permutam comnosco os seus carinhos! Perpassa no

coração um vago e mystico sentimento de saudade e nostalgia...

E' ás vezes um desconhecido, um homem que nunca se nos apresentou vivo, um simples soldado que o impaldismo ceifou.

Eu, que sempre meditei no heroismo sem éco dos obscuros batalhadores; que em 1905, ao promover na cidade de Loreua (S. Paulo) uma festa commemorativa da celebre batalha de 24 de Maio, da guerra do Paraguay, alem da homenagem ao heroe maximo — Osorio — e aos officiaes que se destacaram no decorrer da luta, inscrevia em escudo especial uma profunda reverencia *aos heroes obscuros que tombaram na contenda*; que me senti assaltado pela mais profunda emoção, como se fosse um acto promovido em minha propria Patria, ao ler que a França recolhera ao Panthéon o corpo de um soldado desconhecido, tomado ao acaso, dentre centenas de milhar dos que deram seu humilde sangue para a victoria; não consegui jamais olhar indifferente para uma cruz tosca do sertão, plantada ao longo da picada da linha telegraphica.

Um sentimento real de piedade detinha-me em cogitações como as que acabo de expender, quando, em sincero signal de respeito, tirava o meu chapéo deante desses tumulos perdidos no deserto...

Nenhum arbusto se debruçava sobre a cruz... talvez mesmo que, os que alli antes existiam, tivessem sido ceifados pela foice manejada pelo proprio morto, quando cheio de vigor se expunha á canicula e concorria com o esforço de seus musculos para a obra da Commissão... O seu braço, agora inerte, teria concorrido para manobrar as cordas da talha que esticou aquelle fio, até reduzir a catenaria á flecha minima desejada? Em quantos dos postes aprumados encontraremos vestigios do machado com que os falquejou? A não serem as flôres que o vento conduzisse da floresta, nenhuma outra seria talvez levada alli como preito de saudade!

Nenhum joelho pousaria jamais ao lado daquella Cruz! E muita vez, quem sabe? em terras bem distantes o acaso apenas se incumbiria de levar a triste nova ao lar ignorado e humilde, perdido tambem nas sombras do analphabetismo e nos reconditos rincões de outros sertões?...

Nos grandes acampamentos a impressão da morte como que ficava diluida na multidão numerosa dos assistentes.

Nos pequenos acampamentos, porém, essa impressão feria com maior intensidade e deixava perceber, através das physionomias meditativas, a pressão intima que exercia no espirito geral. A não ser, excepcionalmente, este ou aquelle soldado, gasto de sentimentos por vida dissoluta, perverso por natureza ou de temperamento original, a massa geral apresentava o recolhimento proprio de quem medita profundamente. Foi isto o que observei quando demos á sepultura o corpo de um remador, flechado pelos indios Caritianas, durante a expedição Jacy-Paraná. Para levantar o animo do pessoal, embora sem quebra do respeito devido ao morto, foi necessario simular uma certa indiferença deante de tão impressionante facto e uma naturalidade, que estava intimamente em opposição aos meus sentimentos e aos que ornãm o bellissimo coração do meu companheiro de expedição e excellentè amigo, Capitão Costa Pinheiro. O ataque dos indios; o ferimento grave do medico da expedição; o ferimento de outro remador; o estado de pavor de um outro que se tornou incapaz de proseguir no serviço e lhe angariou a permissão de ficar em tratamento no barracão do seringueiro mais proximo do local; por ultimo o enterro da unica victima dessa aggressão, levada a effeito por uma errada vingança (Vide capitulo Expedição ao rio Jacy-Paraná); tudo isto, em conjunto, havia de tal fórma abalado a turma, que foi mister lançar mão dos mais decisivos antidotos do desa-

nimo e do descoraçamento, cujos symptomas tanto nos alarmaram.

Felizmente o sentimento do dever inspirou-nos a directiva que fez esmaecer nos nossos homens de trabalho, aquella impressão de horror, e a expedição proseguiu em seu objectivo, embora sem medico.

DUAS FUNCÇÕES NADA INVEJAVEIS

Taes eram para mim: o exercicio da medicina e a péga dos desertores.

A falta de medico, no meu destacamento de Parecis e durante a expedição do Jacy-Paraná, tive que ser medico... á força, eu que sou a negação mais perfeita de tal profissão e que devia valer me das indicações de um Chernoviz, onde, para cada caso de consulta, parecia-me identificar symptomas de dez molestias ao mesmo tempo! Nunca felizmente doente algum morreu do meu tratamento, mas recordo sempre com emoção dois casos passados durante essa clinica especialissima. Conhecia de oitiva a applicação de sinapismos Rigolot, mas desconhecia os seus effeitos em relação ao tempo em que deveriam ser conservados sobre a pelle.

Em taes condições e em presença de um doente que insistia para que eu *deixasse queimar bastante*, porque estava colhendo beneficios dessa *feliz applicação topica*, não puz a menor duvida em determinar que conservasse durante largo intervallo os sinapismos, em ambas as pernas! O resultado é facil de adivinhar: abriram-se duas chagas horriveis a que tive de acudir com *Quataplasmas*, pois o pobre homem ficara doente da cura...

Outra abertura foi a que passei em Parecis. Um dos doentes, de molestia a que attribui alguns diagnosticos, parecia querer exemplificar praticamente, com a sua doença, a noção do movimento uniformemente acelerado...

para a morte. De mal a pior, chegou um dia em que o vi cerrar os dentes e emmudecer. O meu empyrismo comprehendeu que o caso era gravissimo. Afflicto e des-nortecado, compareci á sua cabeceira e contemplei-o pesado e cheio de remorsos: teria talvez piorado com tal ou tal applicação minha?

Senti um peso enorme no coração e cheguei a preferir que estivesse eu no seu lugar! De-repente acudiu-me uma idéa: fui levado pelo raciocinio, á necessidade de fazel-o ingerir uma substancia forte, que o agitasse, que queimasse o estomago e provocasse uma reacção do organismo, desde que o calor, no seu gradativo avanço, surgisse na peripheria. Com este argumento *valioso*, mandei buscar o Penkiler e administrei-lhe uma dose unica e cavallar. Para o fazer ingerir a droga, fôra necessario abrir-lhe a bôca á força, comprimindo-lhe o rosto de ambos os lados, entre as maxillas.

O soldado, depois de medicado por esta fórma, permaneceu inerte, de olhos fechados, sem dar accordo de si; apenas respirava para attestar que ainda estava vivo! Deixei a seu lado um enfermeiro, soldado como elle e segui para o meu serviço, recommendando que fizesse expedir-me um proprio a avisar-me de qualquer alteração que parecesse aggravar o estado do doente. Estava eu aborrecidissimo com tudo aquillo, com a hypothese de ser eu afinal o causador da morte desse pobre soldado e de mim para mim procurando justificar-me perante a consciencia, quando surgiu, no extremo do pique do levantamento, o enfermeiro.

Fiquei gelado. Certo viria dizer-me que o homem morrerá!

E eu jurava connigo que jamais applicaria remedios! O diabo do enfermeiro parecia-me vagaroso e com cara de choro! Emfim apresentou-se-me e fui logo inquerindo-o bruscamente: — O quê que ha de novo?

— “E’ que o homem está chamando V. S. e quer por força que eu lhe dê outra colher daquelle remedio... para elle ficar bom de uma vez”. —

É claro que não autorizei segunda dose, prognosticando logo que só com uma elle ficaria bom! O acaso o salvara e a lição daquelle susto gravou-se para sempre na minha memoria!

* * *

A péga dos desertores trazia-me reminiscencias dos tempos idos, da era dos *capitães do mato*, da captura dos escravos!

Detestava semelhante incumbencia! A Commissão, reconhecia-o amplamente, não podia fugir a essa injuncção, pois que no dia em que abolisse as providencias energicas que tomava, no maximo esforço de prender os desertores e os reconduzir ao acampamento, as fugas se multiplicariam e faltaria pessoal para o trabalho!

De um caso anterior que se passara no meu acampamento de Parecis, muitas leguas aquem do ponto em que se encontrava o acampamento geral da construcção — a ponta do fio — deduzi que o *companheirismo* dos meus soldados para com os desertores, não só tornava infructiferas todas as providencias tomadas para captura dos mesmos desertores, quando passassem proximos de Parecis — ponto obrigatorio dos retirantes — como tambem arriscava-me a que uns e outros fizessem causa commum e ficassem invertidos os papeis, passando os capturantes a capturados!

Foi neste estado de espirito que recebi, em certa occasião, um despacho telegraphico do acampamento geral, informando-me da fuga de um grupo de 13 soldados e ordenando-me providencias para promover sua prisão, quando passassem por Parecis. Estabeleci então um policiamento secreto, com os seringueiros regionaes, que me

pediam entretanto não divulgasse a cooperação que prestavam, para evitar fossem alvo de alguma vingança.

Nenhuma ordem dei ao destacamento, mas mantive o pessoal em serviço, proximo da estação telegraphica. A' certa hora um dos seringueiros procurou-me e informou que um grupo de 13 soldados acabava de atravessar por dentro da mata, cautelosamente e. que o surprehendera á beira do ribeirão Uazuliatá (rio dos Kagados em lingua Pareci).

Que o cercaram, de carabinas na mão, uns 6 ou 8 delles, ameaçando fuzilal-o se não quizesse prestar-lhes informações. A esta voz o pobre homem pacifico, declarou exactamente de quantas praças se compunha nessa ocasião o meu destacamento, onde me encontrava em serviço etc. Convenceram-no de que estavam dispostos a resistir á bala e que não se entregariam, pois, se eu os fosse intimar, e proseguiram pela mata afóra, para desbordar a area de 250.000 metros quadrados derrubada e limpa em torno da estação, desenfiando-se assim á minha vista. Conhecendo eu o terreno circumvizinho, facil me foi preparar-lhes uma cilada, em que elles cahiram redondamente. Sob a emoção da ameaça que me haviam feito e do desafio que me lançaram, servindo-se do seringueiro (certos como estavam de que o meu destacamento era menor do que metade do grupo de desertores), tudo eu havia previsto, menos a hypothese de que pudessem disparar sertão fóra como uma boiada que *estoura*.

Ao surprehendel-os, vi que diversos delles estavam realmente armados de carabinas e engatilhei o meu revólver, intimando-os a que não se movessem e os preveni de que á primeira manobra suspeita de carabina, eu faria fogo. Houve um momento de estupefacção e todos estacaram. Não tive a presença de espirito sufficiente para lhes dizer meia duzia de palavras convincentes; ameaçava-os unicamente de fazer fogo, dominado sempre pela

idéa de que de-repente me agrediriam! Falhou-me o unico homem com que eu contava para amarrar as mãos dos desertores e os fazer marchar para o acampamento! A este, que era o anspeçada Taveira, havia eu entregue as cordas e uma Winchester de 7 tiros, e no momento preciso não se me apresentou elle no local combinado. Neste minuto de intervallo, reflectiram os desertores que eu estava só, embora montado, o que tornaria impossivel deter a todos na fuga, e rapidamente puzeram-se a correr em varias direcções. Disparei o revólver varias vezes para o ar, mas nada os conteve; eram como uma horda tomada de pavor, em corrida louca pelo *cerrado*.

Fixei então um delles e persegui-o a galope, alcançando-o antes de entrar na mata; ordenci-lhe que se deitasse de barriga sobre o solo e com o meu lenço amarrei-lhe as mãos sobre as costas e os dois pés.

Nessa posição, como é sabido, torna-se impossivel ao homem levantar-se por si.

Vaguei depois em todas as direcções e não vi mais nenhum dos desertores: haviam-se internado pela floresta, onde a minha pouca pratica sertanista não me permittia seguir-lhes o rasto.

Recolhi-me então horas depois ao meu acampamento, com o unico prisioneiro que fiz, levando no animal, empilhados, os sacos de roupa e *matula*, de que os seus companheiros se desvincilharam para correr mais rapidamente.

Submetti o preso a rigoroso inquerito e só então reconheci a minha *quírotada*, quando por elle soube que os desertores, na pressa de furtar a munição, haviam trazido carabinas Maunlicher e munição Winchester!

A ameaça que me haviam feito não a poderiam ter materialmente realizado e constituia um estratagemma de que se serviram, no intuito de amedrontar o meu destacamento.

Conto o facto para dar melhor idéa da segunda função indesejavel, alem de ser este o caso unico que a proposito conheço com todos os *detalhes*, como protagonista que fui.

VORACIDADE DAS PIRANHAS

Ha nos rios de Matto-Grosso, nas *carixas* e nos pantanaes, uma quantidade formidavel desses peixes, cuja voracidade é conhecida.

Attrahidas pelo sangue ellas atacam os animaes que se ferem dentro d'agua ou que se lançam a nado com qualquer ferida ensanguentada. D'ahi a facilidade com que se pescam piranhas, sem isca no anzol, mas prendendo ahi um simples pedaço de panno vermelho.

A sua dentadura rija córta rapidamente um palito de madeira que se introduza entre as maxillas, experiencia essa, todavia, que só deve ser tentada com as devidas cautelas. Desde que se a suspenda na linha de pescar, as duas mandibulas quasi não param, batendo dentes contra dentes, na ancia de encontrar qualquer coisa em que possam exercer a sua função de mordedoras contumazes e violentas.

No decorrer dos trabalhos da Commissão, varios são os incidentes em que a piranha teve papel saliente.

Para a travessia de certa *corixa* um dos bois de córte, cujo sangue incitara a voracidade de immenso cardume, ao galgar a margem opposta, apresentava as duas pernas trazeiras inteiramente descarnadas; as piranhas haviam-lhe devorado as carnes até os quartos, de onde o sangue gotejava abundante sobre as pernas em esqueleto. Foi mister sacrificar a rez immediatamente.

Em taes *corixas* costumam os boiadeiros lançar primeiro á corrente a rez mais magra ou em peores condições de viagem, para a sacrificar ás piranhas, afim de effectuar a travessia do resto do rebanho incolume, em-

quanto a victima escolhida se estorce na horrivel agonia de ser devorada por multiplas dentadas!

Durante a expedição de 1909, refere o General Rondon (vol. I de seu relatório geral, publicação n.º 1 da Comissão Rondon) o seguinte incidente:

“No 2.º passo do Rolim de Moura foi o tenente Pyrineus, pela segunda vez, mordido e na lingua, por piranha. Puzera elle umas bombas de dynamite acima da cachoeira alli existente, boiando logo curimbatás, piabas e piranhas. Apanhou uma destas e poz na boca para segural-a, enquanto apanhava um outro peixe.

“Foi então, ferido, tirando-lhe a piranha um grande pedaço da lingua, o que lhe produziu fortissima hemorragia, que quasi o suffocou. Nenhum remedio apropriado ao caso tinhamos na pequena ambulancia organizada pelo Dr. Tanajura; valeu-nos um pedaço de pedra-hume que na minha bolsa de viagem levára de S. Luiz de Cáceres. Foi só com ella que conseguimos estancar a hemorragia”.

Mais grave do que este caso foi talvez o de uma praça que fazia parte do contingente da construcção na Secção do Sul (A que levava o serviço, desde 1907, de Cuyabá para o rio Madeira. A Secção do Norte iniciou os trabalhos de construcção em 1910, em sentido contrario, ao encontro da primeira).

Ao atravessar um rio, a nado, esqueceu-se do perigo das piranhas ou não percebeu que escorria sangue de um arranhão, produzido por espinho de japecanga, á altura de uma nadega.

Quando já estava quasi no meio do rio, foi atacado pelas piranhas e, aos gritos lancinantes, a debater-se de dôr, fez esforço sobrehumano para attingir pequena ilha que lhe estava proxima. Consegiu felizmente escapar, mas as piranhas haviam-lhe devorado boa porção de carnes! Enquanto gritava por socorro, de pé na pequena ilha existente, as piranhas ainda saltavam de dentro d'água, actuadas pelo instincto cruel que as caracteriza, tentando

alcançar-lhe as carnes dilaceradas, de onde o sangue escorria.

Melhor idéa faremos dos efeitos de semelhantes dentadas, sabendo-se qual o dispositivo da dentadura: esta é disposta em duas fileiras de dentes, ponteagudos como de uma serra de carpinteiro e que se superpõem de modo que os angulos salientes da maxilla superior se intercalam perfeitamente nos angulos reintrantes da inferior, formando uma engrenagem admiravelmente destruidora...

O SOLDADO DAS BALISAS... "RESUSCITADO"

Se havia quem desertasse para fugir ao intensivo labor, havia-os tambem soldados exemplares, com uma nitida comprehensão de seus deveres. Cito em confirmação o curioso episodio que o titulo synthetiza e que occorreu enquanto effectuava eu a medição de uma legua quadrada para o rocio da futura cidade de Parecis. Serviço extenuante, através de mata e *cerradões* muito *sujos*, no qual permaneciamos desde que amanhecia até o cair da noite; a volta ao acampamento era sempre realizada *cortando rumo*, quer dizer, marchando em linha recta do ponto em que se suspendia o serviço ao ponto em que estavamos acampados no chapadão, junto á estação telegraphica de "Parecis". Para isto desenhava, em escala reduzida, o caminhar realizado no dia e, antes de desmontar o transito de Gurley, fazia com a luneta a visada indicadora do rumo, conforme o angulo determinado pelo desenho. Ao começo era eu quem tomava a frente para manter a marcha no rumo assignalado; verificando depois que a minha equação pessoal me arrastava constantemente a um desvio lateral, sempre observado com precisão pelo soldado Machado, a este incumbi da funcção de guia, funcção a que deu sempre cabal desempenho. Como essa marcha se realizasse ao escurecer, aquelle que perdia de vista o companheiro da vanguarda, estava arriscado a dor-

mir no cerrado ou na mata. Foi o que succedeu uma vez com o soldado que conduzia as balisas. Não obstante os tiros de signal que fiz para o orientar e os gritos longos que mandei dar, até alta noite, o homem não acertara com a direcção do acampamento. O meu anspeçada, unica praça graduada do destacamento, onde representava o triplice papel de sargento, cabo e corneteiro... sem corneta, affirmava-me que o homem certamente desertára; entretanto, dada a especie de serviço em que o applicava, como um dos dois *estaqueiros* que se alternavam, para cortar e encher as *serrapilhas* (saco de aniagem descosido) das estaquinhas utilizadas no levantamento, trabalho que o mantinha na mata, ás vezes distante, durante uma e duas horas seguidas, deduzi que lhe seria mais facil aproveitar uma dessas occasiões para desertar, se o houvesse premeditado. Este raciocinio afastava do meu espirito a hypothese da deserção e impunha a de ter-se o homem perdido no cerrado.

No dia seguinte ao de seu desaparecimento, levei a minha carabina e muita munição, e fiz durante a marcha para o serviço e no decorrer deste, varias series isochronas de disparos, seguidos de gritos alongados, como os de que usam os sertanejos para chamar alguém ao longe.

Fazia-se silencio completo na turma e todos punhamos ouvido attento, anciosos por escutar a contestação do extraviado. Tudo foi em vão e assim se passaram dois dias, insistindo eu pelo extravio e os meus homens convencidos da deserção do companheiro.

Ao terceiro dia, domingo, embora não proseguisse o trabalho de levantamento atravessei o ribeirão em direcção ao ponto em que ficara a medição na vespera e de duas em duas horas, até anoitecer, repetiram-se as descargas e os gritos de signal que não foram contestados até a hora do jantar.

Para o trabalho de levantamento tivera eu que improvisar umas balisas cujo aspecto rectilineo, perfeito á vista

desarmada, muito deixava a desejar quando observado através da luneta do transitio; essa imperfeição prejudicava a exactidão relativa do levantamento, motivo porque, nesse domingo, dei inicio á fabricaçã de balisas de cedro, ao mesmo tempo em que providenciava para que me fossem enviadas de Diamantino, as tintas branca e vermelha com que deviam ser pintadas. Este contratempo, no emtanto, nada era, comparado á lembrança da fome e do desespero do soldado extraviado, a caminhar, como um judeu errante, por essas terras sem fim e sem habitantes! Sabia-o, por experiencia propria, o que significa perder-se a gente no sertão!

A convicção de que estamos desorientados traz-nos uma ancia, comparavel á do homem que tem certeza de ser afogado, por aguas cujo nivel ascende gradativamente, em torno d'elle, até impedir a respiração.

Para uma pessoa muito nervosa, a situação é cada vez pior: quanto mais se afflige e desespera, mais se desorienta... Com calma, reproduzindo mentalmente as caminhadas feitas, calculando a distancia que nos separa de um ponto conhecido e marchando em linhas rectas, como quem se dispõe a percorrer varios semi-diametros de uma circumferencia cujo centro é o ponto em que estamos perdido, até acertar com a direcção desejada — taes os unicos recursos para resolver o problema.

Voltemos, porem, ao extraviado portador das balisas. Estavamos todos jantando nesse domingo quando o soldado perdido surgiu no acampamento que o saudou em alvoroço, com um contentamento sincero e emocionante. Tardo o passo, as roupas dilaceradas pelos espinhos, a physionomia cavada de sofrimento, pallido e tropeço, foi elle conduzido á minha presença. Typo de nortista e andarilho, havia marchado algumas dezenas de leguas, tendo-se a principio afastado cada vez mais do acampamento, por insistir em o attingir na mesma noite em que se perdera.

Para não retardar o repouso e a alimentação de que carecia o seu organismo, fiz-lhe apenas duas perguntas, deixando para depois as minucias de sua odysseia. A sua primeira resposta vale, porem, por uma psychologia:

— “*Seu Tenente, não foi por medo que eu não me deitei no mato, logo que me vi perdido... caminhei muito nessa primeira noite, porque me lembrava que no dia seguinte V. S. havia de precisar das balisas...*” —

E desse peregrinar nocturno resultou que, ao amanhecer, encontrava-se elle a muitas leguas do acampamento. Apesar de todas as privações, o seu feitiço moral predominante impoz-lhe o sacrificio de não abandonar as balisas, e com ellas e a sua foice de serviço, veio ter afinal ao acampamento! Poucos fariam o mesmo e certamente mereceria indulgencias a resolução que tomasse de abandonar aquelle peso, quando já lhe era difficil arrastar o peso de seu proprio corpo.

Como eu sabia do caso de outro faminto, que morrera em consequencia de graves perturbações organicas, por ter-se alimentado em demasia depois de longo jejum, e no exercicio tambem da função de medico empirico do destacamento, determinei logo uma alimentação conveniente, que seria gradativamente prescripta, em doses mais fortes até o normal. Aos poucos se reanimou o soldado e dias depois voltava á actividade, com o appellido de “Resuscitado”.

O SAL E O AÇUCAR NO SERTÃO

Nas situações precarias, pôde-se substituir o café, o chá e o mate, por infusões de varias hervas de sabor agradavel ao paladar, culminando para mim entre ellas a celebre *douradinha*, dos campos de cerrado, mas o elemento açúcar é insubstituivel e faz muita falta não só ao civilizado, como principalmente ao explorador.

É preciso procural-o na natureza, e no sertão de Matto-Grosso quatro recursos se apresentam: o mel de abelha, a lixeira, o *pau-doce* e o burity.

O mel em certas zonas de mata é abundante e eu me lembro que de um tronco certa vez extrahi, de uma só colmeia, oito litros do superior mel de abelha Mandaguary — uma das diversas dezenas de especies de abelhas classificadas no Brasil, contra uma unica que possui o continente europeu (Vide publicação n.º 35 da Comissão Rondon, revisão das especies de abelhas (hymenopteros) do Brasil pelo naturalista Brasileiro Dr. Adolpho Ducke).

A lixeira é uma arvore communi nos cerrados e os seus brotos, em infusão, adoçam como calda de açúcar; o *pau-doce* é tambem uma arvore de cerrado e beira de mata, cujos effeitos são semelhantes, quando utilizadas as pontas dos galhos, partidas em gravetos.

Alem destes vegetaes a bella palmeira Burity, que caracteriza as nascentes e os lugares humidos, presta-se tambem a fornecer uma seiva rosea, carregada de saccharose. Os indios derrubam o estipe e cavam ahi um *cocho* onde a seiva fermenta e produz uma bebida espumante e alcoolica, que elles muito apreciam: o *oloniti* dos Parecis.

Para o civilizado o sal é tambem indispensavel á comida, mesmo que conste esta da caça, da pesca ou do palmito, e nos sertões do noroeste a falta do sal era irremediavel, porque não se o encontra senão nos barreiros, apenas uteis aos irracionaes. D'ahi se depreheende que o sal é para o sertão o unico artigo indispensavel, dentre todos os generos alimenticios de primeira necessidade; em torno desta divindade giram as perspectivas da fome! A comprehensão do valor desta incognita na equação do serviço, gerou no espirito de certos soldados perversos a idéa de despejar parte dos sacos de sal á passagem dos correços e rios. Occorren isto na epoca em que as mudanças de acampamento eram feitas nas *andorinhas-hu-*

manas. Tres vantagens collimavam elles: 1.^o desaparecimento dos vestígios do crime, porque a agua, incumbindo-se da dissolução, levava-lhe o segredo para o desconhecido; 2.^o reduzir o peso da carga que tocava a cada qual conduzir; 3.^o fazer com que faltasse o sal no acampamento, para forçar a suspensão dos trabalhos!

O indio não usa o sal, conquanto parcimoniosamente o associe á sua alimentação pelo contacto das cinzas, sempre que este tem lugar. Todavia quando o provam, demonstram logo que o apreciam. Estamos convencidos de que o sal é indispensavel á economia animal, bastando lembrar que todos os irracionais, desde os passaros até os quadrupedes de ordem mais elevada na escala zoologica, todos espontaneamente buscam o sal, o que parece significar um impulso irreprimivel da propria natureza animal. Ha entretanto quem attribua ao uso do sal varias doenças dos selvícolas, quando se iniciam nesse uso, como consequencia do choque experimentado pelo organismo, ao adquirir o novo habito alimenticio.

CAÇADA Á ONÇA

Não ha muito o Commandante Xavier enriqueceu a literatura nacional com as empolgantes narrativas de suas caçadas á onça no Estado de Matto-Grosso. O seu interessante livrinho constitue um marco importante, fiucado pelo nacionalismo nas fronteiras da indiferença do nosso povo, pelas coisas geminamente brasileiras... Quem o leu terá sentido sem duvida emoções extraordinarias, deante dos perigos que apresenta um tal "sport". Todavia, escrevendo eu agora sobre episodios de acampamento e do sertão mattogrossense, seria impossivel não dedicar algumas paginas tambem a um assumpto que estava sempre em foco, durante as expedições da Comissão Rondon.

Corajoso, destemeroso, arrojado mesmo como é de seu character, para afrontar a sangue-frio as mais perigosas situações; com um temperamento que parece mais contente quanto maiores são as difficuldades que se apresentam ás empresas que se propõe levar avante; como quem tem sempre o espirito preparado pelo amor-proprio, para dar boas-vindas ás surpresas com que o destino nunca lhe conseguiu deter a marcha iniciada; Rondon se nos apresenta naturalmente como um mestre na caçada á onça... E dentre outros caçadores que porfiavam com elle a honra de chegar primeiro ao ponto da *acuação*, nenhum conseguiu jamais arrebatá-lhe a gloria do primeiro tiro... Quer a corrida se precipitasse através de mataria densa ou de inextricavel *charravascal*, quer vencendo pantanaes e *corixas*, mesmo *a nado*, elle sempre era o primeiro a defrontar com a féra enraivecida...

De uma feita, já ao descambar da noite, a certeza do perigo que corriam os seus fiéis onçeiros, que tenazmente retinham a fera num circulo de latidos e de uivos, *acuada* numa pequena ilha do pantanal, coberta de mata *suja* (fechada de vegetação, de trepadeiras, de cipós, de espinhos...) decidiu-o a atravessar a nado largo trecho do pantanal, para acudir aos cães e abater o terrivel felino. A carabina ao alto, o joelho em terra no primeiro apoio para galgar a ilha, eil-o, porem, subitamente atacado pela onça, que se levanta sobre elle, a bôca espumejante, o olhar inflammado de colera, as garras ponteagudas lançadas em riste, na attitude voraz do momento decisivo — do bote á presa quasi conquistada — no antegozo sanguinario de lhe cravar as unhas e dilacerar-lhe as carnes... Não receia, porem, o caçador ousado: tem calma sufficiente para se decidir a atirar-se de novo á agua, mas prefere resolutamente acceitar o combate, mesmo de improviso, nas condições mais precarias e arriscadas... e um tiro parte a fulminar, como um raio, em pleno coração, o bravo ir-

racional! A scena é rapida como o relampago e ao clarão do estampido cahe a onça exanime, ao lado do caçador, babando-lhe as vestes, já molhadas, com um jacto espumante e ensanguentado! Uma unica voz quebra o silencio que se segue, a do caboclo sincero e dedicado, que tambem a nado accorrera em auxilio de Rondon:

“*Seu Major, V. S. nasceu hoje!!...*”

* * *

Outra vez, Rondon attinge pressurosamente ao recondito da mata, onde os cães acuavam uma onça; tem a respiração offegante da corrida em accelerado, através da floresta; com rapido e experiente olhar, comprehende que a féra apresenta um caso pouco vulgar, porque de tal fórma se entrincheirou no meio de galharias e de cipós, de tal maneira violenta e sagaz ataca os cães, que já os poz diversos fóra de combate e ensanguentados os que restam, no ladrar convulso revelam o pavor com que, não obstante, mantêm ainda energicamente o sitio... A onça que *acúa* no chão, não se atemoriza como a que trepa ás arvores, medrosa dos cães, ao contrario, acceta o combate e luta até a morte, ferindo e matando, no desespero instinctivo da defesa da propria vida, em face do inimigo que não perdôa. No caso que descrevo a furia do animal attingira um grau superlativo e o caçador percebe que não ha tempo a perder: lança-se sobre a primeira gallada que lhe atravanca o caminho! Sob essa mesma gallada a onça se acoitara e de um pulo arremessa ao solo o caçador; ergue-se nas duas patas trazciras e goela escancarada, mostrando a dentadura ponteaguda, num rapido movimento que parecia impossivel permittir defesa... No proprio instante da queda, porem, Rondon dispara-lhe um tiro certo, cuja bala vai cravar-se na mancha branca do largo peito... Se houvesse errado o alvo... não teria elle

nascido outra vez, conforme a expressiva phrase popular antes relembada. Os cães, no entretanto, fieis, intelligentes, leaes companheiros, denunciavam novo perigo: empenham-se ainda em luta encarniçada contra inimigos menos violentos, todavia sufficientemente fortes para lhes fazer frente. Só então o caçador percebe que a onça adulta estava acompanhada de duas outras pequenas e desvenda-se-lhe o mysterio daquella estranha resistencia: era o instincto materno do irracional, que se manifestava em toda plenitude, transbordante de dedicação e de sacrificio!

* * *

Um film sensacional. Reiteradas tentativas feitas para obter um *film* de taes caçadas, fracassaram completamente; a Comissão Rondon, embora ainda imperfeitamente, conseguiu cinematographar diversas phases de uma, na zona dos pantanaes do Sul de Matto-Grosso. De suas peripecias nos dá conta o minucioso relatorio de 1917, do 1.º Tenente Luiz Thomaz Reis, photographo e cinematographista da Comissão e que passo a transcrever:

“Quando ha annos passados o Ex. Sr. Cl., Roosevelt, fazendo uma excursão pelo Brasil, esteve na fazenda das Palmeiras, em Matto-Grosso, sendo eu cinematographista daquella expedição, foi effectuada uma caçada de onça onde, em companhia daquelle illustre viajante, estava o Sr. Cl. Rondon, tendo sido caçadas duas daquellas feras. Não me foi permittido então tomar um *film*, por ter o eminente americano a grande modestia de não querer ser cinematographado. O *film* de uma caçada semelhante seria um bom trabalho inedito no Brasil e, mau grado os riscos que eu poderia correr, a idéa me seduzia; apenas as possibilidades de obter um trabalho correcto, conforme a opinião dos entendidos, eram muito duvidosas. Tendo consultado muitos fazendeiros em Corumbá, só um, o sr. Leoncio Nery, da fazenda Campoleda, garantiu-me poder

eu apreciar sem risco, em campo raso, a luta entre uma onça e um caçador á arma branca: era o ideal para o trabalho que eu desejava fizesse um bom complemento ao programma já impresso de outros assumptos brasileiros. Aceitei a proposta e no dia 15 de Janeiro partia para Corumbá para me encontrar com o Sr. Nery, um antigo companheiro da Escola Militar, que deixou a carreira para se dedicar á vida de fazendeiro do pantanal mattogrossense. Partimos de Corumbá, pelas seis horas da tarde, para chegar ao porto da Manga, sobre o rio Paraguay, á meia noite: no dia seguinte, a cavallo, chegámos á fazenda Firme, tres leguas distante do ponto de partida. Ahi almoçámos e em seguida continuámos a marcha para a fazenda Campoleda, mais duas leguas alem. Na fazenda fomos recebidos pelos combatentes, fazendeiro Cornelio Rondon e o indio Fortunato, os dois melhores jogadores de *sagaia* que se tem visto; vinham elles a cavallo com uma dezena de cães e dois canaradas que traziam *sagaias*; estavam desde pela manhã á procura de rastos das onças que passeiam communmente á noite pelas fazendas. Apeámos todos junto á casa onde residia a familia do sr. Nery. Fomos recebidos nesse lar com uma gentileza proporcional á distincção do amavel cavalheiro que elle é. A' noite discutiu-se muito sobre a possibilidade de tomar o *film*, dadas as condições da caçada; dizia o indio Fortunato, com a sua natural *flegma* de homem habituado á floresta e a esse genero de *sport*, que ella variava muitissimo; assim poderia a onça ser acuada em campo raso, mas o commum era sempre no "sujo"; que em todo o caso se poderia limpar o lugar, obtendo-se assim mais facilidade de manobra para os apparatus. Cornelio Rondon affirmava que achava impossivel que a onça, qualquer que fosse, acuasse no limpo, e que tendo já caçado mais de 180 dellas, nenhuma o enfrontou em campo, todas foram feridas no cerrado. Elle achava difficil que

eu pudesse acompanhar todas as phases da caçada, pela falta de habito que eu poderia ter disto, succedendo sempre que os novatos ficant possuidos de medo na occasião do "bicho" urrar. Fosse como fosse, no dia seguinte, ás primeiras horas da manhã, estavamos partindo da fazenda com a canzoada, compondo-se a comitiva de mim, o Cornelio, o Fortunato, dois camaradas com *zagaia*s para a minha defesa, o Leoncio Nery e um irmão, com carabinas Winchester, um foiceiro e dois peões para os apparelhos. Havia indicios de rastos de onça na direcção de oeste da casa, mas eram já de dois dias; tendo chovido depois disto, com certeza já não se percebiam bem. Em todo o caso uma tentativa serviria para tomar os primeiros *films* do assumpto. Quando no Rio de Janeiro o thermometro marcava 38º centigrados á sombra e morriam algumas pessoas de insolação, nós, no mesmo dia, passavamos a cavallo no campo, sob um sol de torrar castanhas, desde pela manhã até a tardinha.

"Passámos o dia ao ar livre, rebuscando em todos os recantos dos capões de mato, rompendo os acuryzaes e as pequenas lagunas do pantanal: nada foi percebido pelos cães, nem vimos rastos recentes. Voltámos então para descansar e continuar no dia seguinte. Pela manhã o Leoncio enviou gente em todas as direcções para descobrir rastos frescos, poupando-nos a um infructifero passeio sob semelhante canicula. Mais felizes que nós, um dos camaradas avisava-nos á tarde, que havia rasto na direcção sul e que a onça passára á noite bem perto da *corixa* onde se lava a roupa da familia. Perguntado sobre a importancia do animal respondeu o vaqueano que pelo rasto só podia ser uma onça muito grande, accrescentando que a féra tinha feito carniça a pouca distancia do capão do carandazal. A informação agradou a todos, principalmente ao Fortunato, cujas pupillas brilharam; dilatando as asas do nariz e retorcendo os poucos fios de um negro

bigode espinhado sobre uma bôca de linhas regulares e estreitos labios, indicando o sangue frio e o espirito meditativo, elle sorria apenas, furtivamente, enquanto nós gargalhavamos. O Cornelio, com franqueza e jovialidade naturaes do seu temperamento, ria-se a todo o instante, dizendo: "Vamos ver como *seu* tenente vae se arranjar amanhã". Passou-se a noite para mim cheia de sonhos phantasticos; eu não cuidava do custo da empresa, de caçar onça de verdade, mas de poder obter um bom *film*, o que de certo me compensaria de todos os riscos ou desgostos por peores que fossem. Quando acordei aos latidos dos cachorros mobilizados para a caça, o quarto estava claro; abri uma janella do meu alojamento, por onde uma onda de luz invadiu o ambiente.

"O horizonte compunha-se de um vastissimo campo: aqui e allí capões de mato com acurys, como oasis dum novo Sahara. Os alagadiços e bahias espelhavam, deixando ver os reflexos de brancos novellos a deslocar-se com lentidão num céu de purissimo cobalto. A harmonia da natureza era completada pelo estertor do balido dos bezeros no curral e o chilrear da passarada que volitava em todas as direcções. O dia promettia ser quente. Já as montadas estavam arreadas, foram tomadas as ultimas providencias e saltámos á sella, cada um com suas funcções bem explicadas. Ao assobio do Cornelio os cachorros, em numero de dez, entraram em linha de fila adeante dos cavallos, e tomámos o caminho á redea solta. Galopámos através de um campo de uma legua para "cortar o rasto" na direcção ensinada pelo vaqueano. O dia que até então estava insolado brilhantemente, começou a cobrir-se e em pouco uma garôa impertinente, açoitada por um vento de sudoeste, humedecia-nos toda a roupa, obrigando-nos a cerrar as palpebras, tal a sua violencia. Succedeu a isto uma chuva miuda, nas mesmas condições, que nos acompanhou umas duas horas sem parar. Fortunato ia longe de nós, sem se importar com os cachorros; ha

momentos viramos o seu vulto parar e debruçar-se sobre o arreio, examinando o chão.

“Num destes tempos ouvimos d'elle um assobio agudo, chamando o cachorro mestre; Fortunato apeiara sobre o rasto da onça, enquanto nós a galope, em pouco o alcançavamos. Alli nos reunimos, tendo o Cornelio exclamado com o seu riso habitual: “Um macharrão”. Não havia tempo a perder, a onça passara por alli recentemente, deixando no solo os vestigios de uma pata pesada, bem marcada na areia endurecida pela chuva. Nós levavamos dois cachorros mestres, a Branquinha e o Teimoso; este cheirou avidamente o rasto, levantou a bella cabeça, agitou a cauda e fez uma carreira na direcção do caminho tomado pela onça, latindo de um modo inquieto, uns latidos agudos e successivos; os outros cães acompanharam-no, porem calados. Cousa original para mim que nunca tinha visto este espectáculo: fiquei dando grande valor aos cães, por ver como são intelligentes e ao mesmo tempo diligentes. Aquelle quadro me despertou das cogitações que me vinham absorvendo; era lindo: uma fileira de cachorros chefiada por um delles, em disparada pelos campos, as corixas, os banhados e todos os obstaculos dum terreno quasi intransitavel; de quando em vez esse extraordinario escoteiro a que os caçadores chamam de mestre-onceiro, cessava de correr para cheirar novamente os rastos que eram em muitos logares invisiveis; e o cachorro ora voltava para se orientar melhor, ora partia como unia setta, aos pulos, latindo e estimulando assim o sequito dos outros que de perto o acompanhavam. Era esta a primeira phase da caçada; então diziam os camaradas descansadamente: “Deu no rasto o Teimoso”. A ordem era “a galope”; folgámos as redeas das alimarias e assim andámos não sei quanto tempo; o sol estava a pino; as recentes chuvas tinham alagado as baixadas em grandes extensões e iamospadando a massa liquida, sob o tropel das cavalgadas.

Os cães deslizavam como serpentes nos banhados mais fundos, levantando dezenas de marrecas e gallinhas d'agua; mais adeante elles sempre enfileirados desapareciam sob as formosas macegas de capim vermelho, com vistosos pennachos esbranquiçados, para despontarem mais longe na orla dos capões de mato fechado, onde a onça costuma frequentar. Foi para uma destas pequenas matas que os cães se dirigiram então mais velozes, e, aos latidos, entraram no cerrado. Não percebemos mais nada; somente ouvimos os latidos furiosos dos mestres e dos demais cachorros, ora á certa distancia, ora mais proximo: a onça estava perseguida, a matilha estava no seu encalço. Segunda phase da caçada, a "acuação". Apeámos para dispor os aparelhos, começando por armar a tripode e atarrachar as lentes para o trabalho. Já o Fortunato e o Cornelio tinham desaparecido e commigo estavam apenas os camaradas; não sabiamos por onde começar! Na mata um reboliço estranho de galhos quebrados violentamente, lamentações de cães, de mistura com os agudos latidos dos mestres, e a zoadá de pesados passos, que succediam ao farfalhar de folhas sacudidas, tudo indicava a terrível perseguição que ia pelos escuros recantos da floresta.

"O conflicto na mata ia aos poucos augmentando, quando ouvimos os echos dos *sagaieiros* que nos chamavam: "Chega, tenente, venham depressa. — Tomem o lado direito do Capão", continuavam elles, "depressa". Aguentando os aparelhos já preparados, corremos para o lado indicado, encontrando alli o Nery e um foiceiro que limpava a entrada do mato. "A onça está no páo, gritou elle, vamos logo para que ella não fuja". Entrámos na ligeira picada já aberta e em um instante estavamos junto ao grupo dos *sagaieiros* que olhavam com attenção para o alto de um magnifico batovi, o tronco esverdeado e liso, á meia altura esgalhado em duas fortes hastes. Na forquilha assim formada pousava uma grande onça de ricas

manchas escuras sobre um pello cor de *terre de sienne* clara, a enorme cabeça attenta voltada para os cães, que latiam desesperadamente ao pé da frondosa arvore. O effeito era magnifico, o bello animal desenhava-se nitidamente pela sua luzidia figura contra o fundo verde escuro do abrigo; uma aragem muito ligeira fazia estremecer as folhagens dos cimos das grandes arvores e pedaços de ceu appareciam por entre os galhos, pontilhando de notas luminosas os negros contrastes dos troncos. Estacionei o aparelho numa distancia de uns oito metros apontando-o para o alto. Os cães continuavam a latir, acuando do lado opposto ao nosso; assim, a onça voltou-se sobre o batovi e deu-nos as costas para espial-os. Comecei a trabalhar fazendo girar a manivella do aparelho, onde o *film* principiou a se deslocar com o instantaneo de 1/25 de segundo; o atirador estava com a arma em ponto esperando só a voz de fogo para disparal-a. Era eu que devia dar essa voz, no momento por mim julgado opportuno. Em frente, ainda restavam alguns arbustos e pequenos acurys, mascarando o provavel theatro da luta, quando a onça baixasse "do páo"; mandei pois roçar ainda esse trecho, obtendo com isso um pouco mais de luz, preciosa naquelle momento. Os dois camaradas meus protectores estavam, um de cada lado do aparelho, de *zagaia* para a frente; adeante o Cornelio ria-se naturalmente, o Fortunato enrolava um cigarro com uma calma que me desesperava. Confesso que eu achava tudo aquillo muito pittoresco mas horrivel, se é que... estas... qualidades podem "se trouver ensemble". Era o bello-horrivel, em todo o caso mais impressionante que pittoresco. Dei a voz de fogo, para apenas ferir mal a fêra, na esperança de que esta saltasse sobre os *zagaieiros*, o que seria uma luta sensacional, que me proporcionaria um *film* de grande importancia. O Nery, com a Winchester no ponto, alvejou a onça na espinha dorsal, e, emquanto o *film* corria no *chassis*, o tiro

partiu, echoando estrepitosamente pela mata a dentro; uma fumarada azulada se espalhou sobre o quadro; os *zagaieiros*, de ferro em riste, apontavam para o batovi á espera do tigre furioso, cujo rugido rouco e desesperado fôra o prenuncio do ataque. No chão os cães, em conjuncto, saltavam na direcção do tronco, como a quererem attingir a altura onde estava a onça. Esta, tendo recebido a bala um pouco abaixo da espinha, na região dos rins, fôra ferida gravemente; primeiro dobrou todo o corpo sobre a forquilha onde estava, depois foi-se deixando escorregar lentamente, como a cahir desanimada, a cabeça pendida sobre um lado; enfim cahiu pesadamente. Neste momento, o *film* continuando a trabalhar, os cães investiram sobre ella, ao tempo em que os *zagaieiros* acudiam, enterrando as *zagaias* em cheio no peito e na bôca do terrivel adversario, não sem que este deixasse de ferir gravemente o Teimoso, o nosso melhor onceiro-mestre, cravando-lhe uma das grandes presas no focinho; a seguir, outro cão era arremessado ao solo, com um dos quadris quasi em pedaços; e logo após, outro sahia com dois enormes arranhões no peito. Não havia tempo para delongas, porque do contrario perderíamos todos os cães: deu-se então ordem de atirar na cabeça da onça, que estrebuchava sob as *zagaias*, e só assim terminou o inutil sacrificio. Um segundo mais, e teríamos perdido completamente o Teimoso que, mesmo ferido gravemente, continuava a atacar a onça puxando-lhe de preferencia as orelhas — innocente brincadeira que não se pode fazer com um tigre. Enquanto os caçadores commentavam os diversos incidentes da aventura, ia eu meditando sobre a quasi impossibilidade de attingir os resultados que eu pensava poder obter, quando pretendi tomar um *film* de feitos destes. Como acabara de apreciar, a opportunidade tinha sido a melhor, bons cães, bons *zagaieiros*, scenario um tanto escuro mas de possivel impressão;

photographica; a onça alli estava, mas já morta, sem mais effeito de animação, que é tambem a vida do *film*.

“Porque não saltou ella sobre os caçadores?” — perguntei.

“Porque foi ferida mortalmente” — respondeu-me o Cornelio.

“Eu procurei acertar na espinha” — adeantou o Nery — “mas se o tiro pegou em baixo, certamente a mira da arma está defeituosa”.

“Ora, você quiz atirar no lombo da onça e errou” — insistiu o Cornelio; — “se fosse eu que atirasse, teria acertado!”

“A posição della não dava geito *prá dá no osso da costa*” — dizia o Fortunato — “*tava memo ruim*”...

“E foi assim que eu perdi a occasião de me sobresahir no desejado trabalho: todos tinham ido bem, eu não. Pouco aproveitara de tudo aquillo, resignando-me a tomar uns *restos de assumptos*, com a onça já morta. Arrastamol-a até fóra do capão e ahi amarramol-a ao arreio de um dos cavallo, que a transportou até a fazenda, onde se lhe tirou o couro, ultima phase da fatigante caçada daquelle dia.

“Resolvemos caçar outra onça para completar o *film*, e por isso, no dia seguinte, o Nery enviou dois camaradas para procurarem novos rastos. Durante dois dias foram infructiferamente batidos todos os campos vizinhos. Constava que na fazenda do Burity as onças andavam á gandaia, aos grupos, comendo o gado. A noticia era exagerada, provocando a ironia de todos; entretanto enviou-se gente para lá, afim de trazer noticias seguras. Os camaradas voltaram dizendo que nada tinham encontrado na tal fazenda, apenas um rastinho de onça parda. Resolvemos pois acampar no Burity, a duas leguas de distancia, para o que levariamos uma barraca e o rancho necessario, para alli permanecermos até que fosse encontrada outra onça. Partimos no dia seguinte com esta

idéa e já tínhamos andado perto de legua e meia, quando chegámos á divisa da fazenda do Burity.

“Era por volta das dez horas da manhã, o sol começava a esquentar fortemente e nós cavalgávamos em campo com alguns cercados muito ralos, entremeados de touceiras de capim e trechos de solo arenoso. Os cães iam adiante, espalhados, espantando os frangos d’agua á beira das bahias; eram agora seis e um onceiro — a Branquinha; os outros tinham ficado em tratamento dos graves ferimentos recebidos quando do ataque alludido ha pouco. Não demos conta da ausencia da Branquinha, porem ouvimos os seus latidos muito adiante, á nossa direita, nos capões que rodeavam uma bahia muito suja, a pouca distancia do ponto onde estavamos. Ninguém fez caso d’isto, suppondo que se tratasse de algum caçetú e não de onça.

“Mas os latidos continuavam, outros cães secundaram a Branquinha na acuação, e, para os poupar das possiveis dentadas do caçetú, mandámos um camarada com *sagaia* para matar o bicho e libertar os cães desse trabalho de pouco interesse para nós. Ao Cornelio causou estranheza que a sua onceira acuasse porco, coisa que ella não apreciava muito, por isso ficou um momento á escuta dos latidos agudos que de longe se percebiam bem; certificou-se depois que nenhum indicio de rasto de onça alli existia: portanto, era mesmo porco que a Branquinha perseguia; e, por se certificar melhor, largou a redea ao cavallo na direcção dos capões. A meio caminho parou, e notámos que elle percebera no chão qualquer coisa. Corremos todos ao seu alcance e alli vimos, de facto, um rasto de onça grande, mal marcado no terreno coberto de um fino gramado, humido, de barro escuro.

“E’ onça femea, exclamou o Cornelio, tinha a certeza que a Branquinha não acuava outro bicho.”

“O Fortunato, ha muito ninguem o via, tendo seguido adiante á procura de rasto. Corremos todos na direcção

dos latidos dos cães, vencendo os diversos obstaculos do caminho, ora uma macega alta, especie de "Gaolian" dos campos da Mandchuria, cujos altos pennachos cobriam os cavallos, attingindo-nos o alto dos chapéus; ora os pirizaes que despontavam das *corixas* profundas. Nuvens de grandes mosquitos chamados *mosquitos de cavallo*, picavam-nos barbaramente. Conseguimos penetrar no capão principal. A mata alli era fechada por muitos arbustos e cipós, trepadeiras e gravatás, um inferno verde, onde as formigas de todos os tamanhos afloravam da vegetação violentada pela nossa passagem. Em dado momento eu fiquei enlaçado no cipoal; e como o cavallo ficou preso entre dois troncos de marmelleiro, gritei pelo camarada que ia adeante: naquelles momentos o perigo de estar amarrado era duplo, o cavallo poderia disparar e a onça me consideraria boa presa. O camarada cortou os cipós e, já livre deste entrave, cahimos no gravatazal, de onde foi relativamente mais facil nos safarmos, chegando então onde estavam reunidos os companheiros.

"A onça estava tambem, como a primeira, *trepada no páo* e, ao contrario do que dissera o Cornelio, era uma onça pequena e macho. Digo pequena em relação á outra; esta era um pouco menor, mas nem por isto menos feroz. O foiceiro limpou de novo o mato ao redor, e comeci a trabalhar, na esperanza de melhor exito. Desta vez, para que o tiro não fosse mortal, mandei o Nery alvejal-a a revólver, numa das patas deanteiras. A onça pousando no galho da arvore, olhava admirada para nós e muito principalmente para os reflexos da lente do apparelho cinematographico — provavelmente uma novidade para ella....

"O Cornelio, meio nú, junto ao tronco, lembrou-se de atirar-lhe um pedaço de páo que tocou-a na cabeça; a onça sem se mexer, da posição em que tinha o corpo, fez uma careta ao intrepido provocador que ironicamente a esperava:

— “Desce d’ahi, gatinho, vamos fazer fita agora”.

“O Nery disparou então o certoiro Schmith-Wesson justamente no ponto indicado. Offendida, a onça, de um salto desapareceu no mato, sem nos dar a honra de uma reacção. Fiquei desapontado: iamós agora perseguil-a dentro daquelle cerrado escuro e obstruido por numerosos taquaraes e gravatás; era a suprema energia posta em prova. O *zagaieiro* que me acompanhava, temendo sermos traiçoeiramente atacados, correrá para junto do Cornelio, que já seguira no encalço da onça. Assim fiquei com dois camaradas desarmados que carregavam os apparatus, sem sabermos bem que direcção tomar. Os cães batiam de perto a fugitiva féra; conseguindo acual-a novamente, a uns quinhentos metros de nós; ouvimos gritos dos perseguidores que nos chamavam; disse aos camaradas que varassem o mato, e para lá nos dirigimos apressadamente deixando pelos espinhos das taquaras os pedaços das nossas roupas. Conseguimos chegar ao ponto dentro de alguns minutos e alli vimos o Fortunato que surgira da mata (não sei de onde, pois ha muito não o vimos). De zagaia em punho comprinha elle a onça contra uma touceira de gravatás, enquanto o foiceiro roçava o mato junto.

— “Póde vir, tenente, o gato está seguro”.

“Puz o apparatus em foco e rodei a manivella. Subito a onça reagiu, urrando como um trovão e escapou-se do ferro, desaparecendo outra vez. O Cornelio e os outros acompanharam a féra com os cães aos pulos e encontrões: era um pavor a mataria que atravessavamos!

“Para a frente!” gritei aos camaradas. Iamos distanciados da onça e seus perseguidores; passámos um pequeno campo e logo a seguir outro capão mais escuro, porem menos cerrado.

Quando iamós a boa distancia nesta mata, sentimos que o rumor da perseguição voltava na nossa direcção! Pasmei! Os urros agora eram percebidos a pouca distancia de nós.

— “Vamos subir, tenente”, gritou um dos camaradas; “a onça vem sobre nós”.

“Realmente ella, depois de uma corrida precipitada, fugindo aos cães, esbarrara alli a poucos passos do apparelho. Eu tinha somente duas balas no meu revólver, a munição de reserva se tinha perdido no cerrado!

“Engatilhei a arma, dizendo ao camarada:

— “Ninguem se mexa; vamos agarral-a se ella avançar sobre nós; somos tres; atenção!”

“Era o recurso extremo, lutar para salvar a vida. O camarada puxou uma faca de tres palmos e eu apontei na direcção da onça. Neste momento dois cães salvadores alcançavam o animal e este, para defender-se acuou em attitude de os attrahir a uma cilada. Com o olho á nossa espreita, preparava-se para saltar sobre nós, quando um dos cães saltou-lhe ás orelhas, ousadia extrema de que resultou uma ligeira luta entre a onça e o cão, lembrando os espectaculos selvagens e predilectos de Nero! Foi neste momento que, sem serem presentidos, os *zagaieiros* a alcançaram e lhe enterraram os ferros no dorso indefeso, ao tempo em que eu disparava o revólver, apontado para um dos olhos da onça já extenuada, matando-a immediatamente. Como da outra vez, tudo correu com rara felicidade para nós, mas ainda os *films* não satisfaziam; e comprehende-se porque: a onça não lutava, fugia e acuava em sitios onde nem podia ser enxergada nitidamente.

“Desanimei desta vez deante da demonstração pratica que acabava de me dar a experiencia. Voltámos. Em caminho surgiu uma discussão entre os *zagaieiros* e o Nery sobre o sexo da onça, por ter o Cornelio affirmado antes, que esta era femea. Este estava seguro de que o rasto que vira era de uma onça femea e não daquella que acabavam de matar. Voltarei amanhã e vocês verão que ha aqui outra onça, sendo esta femea.

“No dia seguinte batíamos o rasto indicado por Cornelio na mesma região da vespera. Com effeito, havia alli outros rastos mais novos da mesma onça, cujo paradeiro a Branquinha se incumbiu de descobrir. Não durou muito que os seus latidos indicassem o capão suspeito, e todos apeámos então á sua orla, entrando no mato. Este era formado por altas e copadas arvores que occultavam inteiramente o sol. Muitos acurys apodreciam á sombra dos grandes especimens da fertil vegetação, poucos gravatás e alguns amontoados de galhos podres, cobertos de fêzes de urubús e gaviões. O accesso era facil; vencemos rapidamente a pequena distancia que nos separava dos cães em acuação e fomos dar com a onça trepada num madeiro alto e ensombrado. Era grande o animal, vindo confirmar a opinião do Cornelio, pois que se tratava de uma femea. Pelo modo como os cães acuaram, previa o Cornelio que deveria ser ella tambem muito feroz e acreditava que esta *viria na zagaia*. A profunda escuridão não permittia trabalhar nem com instantaneo de menor velocidade; era quasi impossivel poder imprimir *films* com tão fraca luz. O ambiente era como um tunnel; a arvore — como um grande chapéu de sol impenetravel á luz — unia os seus ramos mais baixos aos das arvores vizinhas. Por descargo de consciencia aparafusei o aparelho e esperei. O Nery alvejara a onça na maxilla inferior; a bala ferira-a na sua principal defesa. Attingida na bôca, balançara a cabeça algumas vezes, depois pulando de uma arvore para outra mais baixa, cahiu ao solo para acuar no fundo de um entrançado de cipós e acurys, deixando a pequena clareira onde estavamos. Os cães a atacaram naquelle refugio, enquanto eu mudava de estação dirigindo o aparelho para o ponto interessante. Um dos camaradas, para mostrar coragem, investiu á *zagaia*, tendo infelizmente dado um passo em falso e cahido em posição horizontal, a poucos pasos da féra. Esta avançou incontinenti sobre a nova presa e tel-a-ia estraçalhado se não fosse a agilidade do

Cornelio que acudiu, ferindo-a com um profundo golpe de *sagaia*, abaixo do pescoço. O aparelho funcionava lentamente para registrar o assumpto e dou graças em poder ainda contar com estes poucos metros de *film*, apanhados calmamente na escuridão da mata! Vendo-se atacada, a onça fugiu, perseguida, para acuar um pouco mais adeante; mas alli já estava o Fortunato que a fôra atalhar, não sei como; e ameaçada por elle, a fêra refugiou-se debaixo de dois grossos troncos meio apodrecidos e cobertos de trepadeiras, onde se tornava impossivel poder vel-a. Não pude mais acompanhar a scena naquellas condições. Deixei o aparelho e corri para junto do Fortunato que procurava descobrir o animal.

“Os seus urros eram terriveis; todos pensavam ser, o desfecho daquella caçada, fatal para algum de nós; mas o indio Fortunato, deitando-se ao solo, ao pé do esconderijo da onça, deu-lhe com a *sagaia* um golpe tão certo que ella, esvaindo-se em sangue, descobriu-se, sahindo de baixo daquelle emmaranhado, já de rastos, sem poder mais correr. O Cornelio, com um tiro de revólver, poz termo á vida do exaustivo animal, com geral contentamento.

“E assim terminei a serie de *films* das caçadas á onça, assumpto que não será tentado por ninguem que seguir os meus conselhos a este respeito, deduzidos dos pormenores desta narração. Concluindo direi que um *film* do natural, nestas condições, é impossivel por muitas razões: A onça acua sempre no cerrado, onde se mistura com as diversas massas de vegetação; a luz nesses lugares é insufficiente para a velocidade normal ou media da pellicula; a onça não ataca o caçador, ao contrario, foge sempre para colhel-o de surpresa; ella muda constantemente de posição no mato fechado — o que difficulta as operações de pose; por ultimo a sua côr, de um ligeiro *marron* fugaz, não é bastante actinica para a photographia, não se podendo distinguir bem os seus movimentos”.

UM HOMEM RAPTADO

O preto João da Cruz, que foi meu arrieiro durante a Expedição Roosevelt, afastando-se certa vez do acampamento da construção da linha telegraphica, teve o desprazer de sentir-se agarrado de-repente por um grupo de indios Nhambiquaras. Imagine-se o pavor do pobre homem que, desarmado, andava pacificamente a colher frutos silvestres e a procurar mel de abelha!... A principio lutou desesperadamente, mas, subjugado, reconheceu que "contra a força não ha resistencia" e entregou-se como prisioneiro, simulando muita humildade, mas disposto a prevalecer-se de qualquer distração dos indios para escapar-se de suas vigorosas mãos. Os indios, no entanto, que tambem são homens sagazes, tomaram precauções e conduziram o prisioneiro a sua taba. O paciente começou então a imaginar o que quereriam fazer delle os Nhambiquaras e, por mais que lhes estudasse os gestos, sem lhes entender a lingua que falavam, não conseguiu deduzir o fim que tinham em vista com o seu *rapto*. Assistiu á assembléa tumultuosa que se formou em torno e que evidentemente discutia o destino que lhe queriam dar. João da Cruz reflectiu e convenceu-se de que o queriam matar, o que lhe parecia mais de accordo com as falsas lendas que ouvira alhures sobre os nossos irmãos da selva. Decidiu-se então a vender caro a vida, logo que percebesse os preparativos para o seu sacrificio. Depois de larga discussão, através da qual o prisioneiro attribuiu tudo que havia de mais tragico á abundante gesticulação dos caciques, os indios conduziram João da Cruz á margem de um grande rio; e o preto pensou: "é aqui que me vão matar, mas a um delles pelo menos eu hei de fazer o mesmo!" Sem trahir esta intima resolução, cada vez mais humilde e timido na apparencia, deixou-se levar á beira da corrente... o coração a bater-lhe fortemente,

sondando com o olhar, disfarçadamente, os gestos dos índios. Desvendou-se afinal o mysterio: os índios agachavam-se, enchiam as mãos de areia molhada e vinham friccionar-lhe a pelle, na persuasão de que aquella côr preta era artificial! Insistiram, escoriaram-lhe a pelle, não obstante o desespero da victima que, comprehendendo emfim o motivo daquella scena toda, por inimicas diversas procurava demonstrar que a côr de sua pelle era natural e impossivel de desbotar! Afinal os índios entenderam e reconduziram-no á aldeia, onde durante muitos dias o conservaram sob vigilancia. João da Cruz dispoz-se a adptar-se aos seus costumes enquanto não encontrasse um meio seguro de fugir. Como não aprendera a fazer uso do arco e das flechas, os índios reservaram-lhe o trabalho de cargueiro...

Contando-me estas peripecias, quando eu o havia passado de arriero ou chefe de tropa a simples cozinheiro, elle me affirmou, com muito espirito, que accitava o lugar de cozinheiro porque sempre era de categoria superior ao de burro de carga, que elle exercera entre os índios...

Certo dia, acompanhava elle os índios em caçada, carregando sobre as costas, em *baquité*, quanta ave flechavam e quanto ananás colhiam na excursão cinegetica; quando percebeu vozes civilizadas... Arremessou a carga ao solo e sumiu-se pela mata em disparada, na direcção das vozes; minutos depois cahia esbaforido entre os soldados que trabalhavam no pique, sendo recebido entre ovações estrepitosas e alegres!

NA PISTA DOS DESERTORES

Segundo as regras militares e conforme as ordens em vigor nos nossos acampamentos, tentava-se com a maxima diligencia alcançar, prender e reconduzir aos mesmos acampamentos os soldados que desertavam. Sendo eu o

unico official no destacamento de Parecis, em 1908, e não dispondo de sargento, fui obrigado a partir de madrugada na pista de cinco praças que desertaram do meu contingente. Acompanhando os rastos que deixavam, percorri quasi a galope cerca de tres leguas e alcancei o *barracão* da Lagoinha em cujas proximidades as suas pegadas desappareceram, apagadas pela chuva torrencial que nesse ponto me surpreendeu. Eram, porem, tão recentes os vestigios de seus passos que, antes de ahi chegar, eu tinha a impressão de que estava prestes o momento de os alcançar, pois que fugiam elles a pé e estava eu montado. Apeei-me antes que do *barracão* pudesse alguem presentir minha aproximação e, pé, ante-pé, cautelosamente, o ouvido á escuta, alli penetrei de surpresa, na attitude tragica que é commum nos *films* norte-americanos do Farwest. Entre os presentes, reconheci apenas o encarregado do seringal, Sr. Sigarini.

Referi o que se passava e fui informado de que, pelo menos á vista do *barracão*, os soldados não haviam passado. Leguas adeante, ao penetrar as alterosas matas que bordam o rio Sant'Anna, notavel viveiro de onças daquella redondeza, havia uma passagem que os praticos diziam ser a unica por onde se poderia escoar a minuscula columna dos desertores. Para ahi me encaminhei acompanhado de um soldado-carreiro que estava destacado por mim em Lagoinha (para o transporte dos esteios de aroeira de que carecia a construcção da estação de Parecis) e de um civil, a quem prometti a gratificação regulamentar que então era concedida aos que capturavam desertores do Exercito.

O lugar era realmente apropriado a uma cilada, para o fim que eu tinha em vista, que era surpreender e apri-sionar os desertores: tratava-se de um desfiladeiro escuro, onde a estrada havia sido aberta por cóрте do terreno, deixando aos lados a mata em nivel superior. Tomei o lugar do centro, colloquei o soldado á entrada da mata e o

civil á sahida: pelas instrucções que lhes dei, imaginava o plano de deixar passar o grupo desertor pela primeira sentinella, intimal-o eu a entregar-se, ao mesmo tempo em que, a um disparo do meu revolver, o soldado e o civil, saltando ao meio da estrada, fariam ambos uma serie de tiros com as carabinas Winchester de que estavam armados.

Alli passámos, sem comer, escondidos e á espreita, o resto do dia e a noite inteira — por signal que uma noite fria e chuvosa — sem que os desertores apparecessem.

Em seu lugar, porem, uma onça pregou-nos um susto bem regular. Ia já alta a noite quando ouvimos os seus primeiros urros, a principio menos nitidos, mas cada vez mais fortes á proporção que se aproximava. Movidos por um pensamento igual, o soldado e o civil uniram ao centro e perguntaram-me se eu não estava ouvindo... Compreendi bem o perigo que justamente os alarmava. entretanto lhes fiz ver que estavam armados de carabina e deviam voltar aos seus postos. Momentos depois, como os urros indicavam que o animal estava já muito proximo de nós, voltaram elles para meu lado, declarando-me que o receio de errar o alvo aconselhava a que nós tres atirássemos ao mesmo tempo, como garantia maior. Achei razoavel a precaução e deixei-os ficar, sem lhes dizer que nisto mesmo eu já pensara, principalmente porque a minha arma era apenas um revólver. Nunca eu tomaria a iniciativa de uma tal proposta!... Esperavamos attentos e silenciosos que surgissem na escuridão os dois pequeninos pharões da onça para lhe fazermos uma descarga, estimando em pouco mais de vinte metros a distancia que a separava de nós, porque a cada urro medonho se seguia a queda das folhinhas sêcas das arvores, sobre as nossas cabeças, pelo deslocamento do ar ou pela trepidação a que dá lugar; o animal, porem, depois de nos ter proporcionado uma sensação da especie das que nunca mais se esquecem, afastou-se lentamente e se foi mata a dentro, para

bem longe, como percebemos pelo gradativo amortecimento dos rugidos.

Ao amanhecer voltei a Lagoinha, onde deixei os dois companheiros de vela, montei e parti para Arroz-Sem-Sal, proseguindo a perseguição ao bando de fugitivos. Quando passei pelo tal desfiladeiro tive de resolver um problema complicado: convencer o meu burro que não corria perigo em pisar sobre os rastros que a onça havia impresso, de noite, por cima das nossas pegadas... Verifiquei então que ella acompanhara os nossos rastros, tal qual fazia eu com os desertores e que, como eu, perdera a pista, por causa da chuva...

Contrariamente ao que imaginavam os praticos, os fugitivos haviam marchado cautelosamente por dentro do mato, como bons caboclos sertanejos que eram.

Alcancei Arroz-Sem-Sal, *barracão* de Orlando & Irmãos, e verifiquei que havia rastros de um grupo de homens marchando para Diamantino, um dos quaes calçado de sapatos, tal como o de um dos meus desertores. Era epocha do regresso dos seringueiros aos centros povoados, mas como é um phenomeno — na accepção vulgar do termo — encontrar-se um seringueiro que use sapatos, todos elles utilizando-se em geral das alpercatas, fui levado á supposição de que se tratava dos meus homens, tanto mais que, do *barracão*, ninguem vira passar os viajantes. Isso confirmava tratar-se de gente suspcita, pois que os pousos habitados são ahí muito afastalos e constituem geralmente pontos de parada, preferidos naturalmente para repouso durante as marchas.

Marchei, pois, em direcção a Diamantino. Em meio do caminho afrouxou-me a alimária e cerca de 4 leguas tive de fazer a pé, tocando o burro pela frente. Pouco antes de entrar nessa villa, alcancei o tal grupo e certifiquei-me de que eram todos seringueiros, tendo eu perdido o meu tempo e o meu esforço, porque os desertores deviam estar então muito longe, em direcção bem differente, pro-

vavelmente em demanda de Caceres, via Barra dos Bugres, no alto Paraguay.

De Diamantino, ponto já servido pela linha telegraphica que estavamos construindo, comuniquei o occorrido ao Chefe da Comissão. Em resposta, determinou-me o Coronel Rondon que voltasse por outro caminho a Parecis, fazendo:

UMA INSPECÇÃO DA LINHA

Tal como a perseguição aos desertores me fizera conhecer caminhos que nunca eu transitara (se é que se pode legitimamente chamar aquellas coisas de *caminhos*) essa ordem inesperada ia-me proporcionar o conhecimento, *de visu*, da picada da linha, em ponto em que eu não trabalhara, e tambem o conhecimento da celebre solução technica da passagem dos tremedaes do rio Sumidouro.

Como sempre, desenhei um pequeno *croquis* á proporção que ia colhendo informações detalhadas do caminho a percorrer e, como sempre, tambem, não obstante a facilidade de identificar no terreno largo trecho correspondente á ultra-reconhecivel picada da linha construída, mais uma vez tive diante dos olhos verdadeiros enigmas a resolver. Por mais praticos que sejam os homens rudes, de memoria, deixam sempre de referir encruzilhadas e esquecem passos dignos de nota, quando orientam quem pela primeira vez vai atravessar a zona. A deficiencia, na citação de uma encruzilhada, é realmente um aborrecimento sem limites para quem viaja só, como eu ia, e se encontra em lugar inteiramente despovoado.

Fosse como fosse, arriscando-me a ficar perdido ou ao desprazer de voltar atrás, para colher informações mais claras, o certo é que parti com firme resolução de descobrir o caminho que me permitisse fechar o meu polygono em Parecis, ponto de partida.

Enquanto caminhei sob o fio telegraphico, isto é, no principio da jornada, tudo correu ás mil maravilhas, na

parte que diz respeito a acertar com o caminho; no fim, mais me valeu o instinto do meu burro de sella!...

De quando em vez tinha eu de estudar as passagens dos corregos e tremedaeas, para não me arriscar a difficuldades, talvez insuperaveis, como, por exemplo, tirar de um atoleiro o animal que cada vez mais se afundasse... Mesmo assim cauteloso e prudente, ao alcançar a cabeceira dos Lobos, que facilmente identifiquei, pelos vestígios do curral e do acampamento ainda perceptíveis, ao levar o meu animal a beber, pela varzea do nascedoiro, vi-o aos poucos diminuir aos meus olhos e quasi afogar-se... É commum encontrarem-se, nos chapadões de Parecis, essas lindas varzeas, cobertas de capim viçoso e que se interpõem á mata dos rios e ao cerrado; olhando-a de fóra, tem-se a illusão de que essa especie de gramado encantador se estende sobre terreno firme, mas, na realidade, occulta traiçoeiramente perigosos atoleiros. A custo livre o meu animal, lançando sobre o terreno os mais longos e grossos paus que pude conduzir e agitando-lhe as patas para que se firmasse sobre a madeira: o bucephalo entrou então a agir com o seu admiravel instinto e, tomado de uma nevrose característica, deu uns arranços violentos, ora firmando-se nos paus, ora escorregando sobre elles, até alcançar terreno firme. Terminada a complicada operação, que pela vez primeira eu praticava, além dos *louros da victoria*, estava eu tambem coberto de lama e com a minha unica roupa ensopada...

Pelo itinerario que eu devia forçosamente seguir, dadas as condições do terreno e as do meu objectivo, bivaquei na cabeceira dos Lobos, comendo ahi a minha *matula* de farofa. As impressões deste bivaque são as que descrevo no presente livro sob a epigraphe: "As sensações do deserto".

Para fazer a *percorrida* da linha telegraphica de Diamantino a Parecis (72,km937m) e inspeccional-a, remo-

vendo eu proprio os defeitos que estavam ao meu alcance e annotando os que eu mandaria depois remover por uma turma de conservação, era preciso desviar-me da picada algumas cinco leguas, depois de alcançar o rio Sumidouro, e retomar o serviço, além do passo desse rio. Um caminho unico, porem, o permittia, e este entroncava na picada da linha justamente na cabeceira dos Lobos, cerca de quatorze kilometros aquem daquelle passo.

No primeiro dia de serviço percorri 33,km753m de Diamantino a Lobos e ahí dormi; ao segundo dia fiz a inspecção de Lobos e Sumidouro e regresssei a Lobos (27,km544) seguindo no mesmo dia para Lagoinha; ao terceiro dia marchei de Lagoinha para a margem esquerda do Sumidouro, retomando ahí a picada da linha até Parreis e inspeccionando-a nesse ultimo trecho de 25,km412. Resultado: para inspeccionar em tres dias de marcha consecutiva os 73km. de linha, o meu caminhamento correspondeu a 117km. aproximadamente.

Observei então no Sumidouro a serie de explorações e piques a que deu lugar o estudo do passo da linha. Além da mata immensa, o solo em larga faixa de ambas as margens apresentava o mais ingrato terreno para a construcção, o que obrigou a locação de duas tangentes sobre o passo escolhido, com o vertice em um ponto central onde se descobriu terreno firme para receber o magnifico poste de aroeira, comparavel em grandiosidade ao que os soldados chamaram "poste Barão do Rio-Branco" nas matas do Guaporé.

Se eu estivesse apenas viajando, a distancia coberta estava dentro dos limites razoaveis das nossas seis a sete leguas diarias, mas tendo de parar constantemente e subir de vez em quando em um poste, para reconduzir a linha aos isoladores; tendo de tomar nota da numeração dos postes onde faltavam isoladores, partidos na maior parte pela queda de faiscas electricas, ou dos postes lascados ou

derrubados pelo raio; tendo constantemente a vista voltada para o fio; una simples inspecção como essa tornava-se penosa e demorada. Ainda mais, ao segundo dia tive de contentar-me com agua e alimentar-me de folhas do mato, pois, enquanto fiz a tal ida e volta da cabeceira dos Lobos ao Sumidouro, alli deixei a farofa que eu levava como matula, a qual encontrei inutilizada e espalhada pelas formigas.

Justamente no dia em que me faltou a comida, iniciei a viagem pelo caminho difficil de reconhecer. A falta de transito havia fechado de vegetação, em varios trechos, essa estrada, a ponto de ser preciso fazer contramarchas para voltar a ella, quando me sentia desviado ou dava em algum lugar sem sahida. Afinal anoiteceu, e, sendo-me impossivel enxergar o caminho, por estar a noite muito escura, abandonei a redea ao animal e deixei que elle me conduzisse. Ao fim de algum tempo de marcha percebi ao longe uma pequenina luz e logo depois attingi o barracão da Lagoinha, onde almocei e jantei... uma lata de sardinhas.

O ESTRANGEIRO NO SERTÃO

Um curioso episodio da expedição de 1908, sob a chefia de Rondon, merece aqui referencia especial porque resume opinião insuspeita, de um allemão, no apreciar os serviços de exploração da Commissão.

Este estrangeiro, por solicitação do Sr. Ministro do Exterior de então, tomou parte na expedição que marchou de Jurucua á chamada Serra do Norte. Era um homem forte e dominado pelo mais legitimo orgulho de nacionalidade.

Essa expedição, na ida, conseguiu alcançar a cabeceira do rio Verde em condições regulares, podendo-se dizer que todos os seus membros se mantiveram montados

e as tropas resistiram bem, de modo que foi sempre possível fazer por cargueiros (muales e bovinos) o transporte dos generos alimenticios e do material indispensavel ao serviço. Do rio Verde, porem, até a Serra do Norte, os animaes foram afrouxando e gradativamente os expedicionarios iniciaram as marchas a pé, a começar pelo chefe da expedição, que foi o primeiro a dar o seu burro de montada, segundo as regras estabelecidas nessas expedições, para substituir o cargueiro que afrouxara naquella cabeceira. Pois bem, durante essas penosas marchas a pé, através do sertão bruto, o nosso "attaché" empregava evidente esforço para acompanhar os expedicionarios brasileiros, exercendo a sua função de geologo e ethnografo; todavia, ficava sempre para trás. Ao fim de algumas marchas, ficou estropiado e declarou-se admirado de que os caminhamentos diarios mantivessem a velocidade de 40 a 50 minutos por legua de seis kilometros, avançando-se assim seis a oito leguas e excepcionalmente dez.

Percebendo o cansaço do ethnographo, mandou o chefe da expedição que lhe fosse dado um animal para montar: o allemão recusou-o terminantemente e conseguiu, mesmo a pé, concluir a ultima etapa até alcançar Aldeia Queimada, primeiro ponto de recursos encontrado na marcha de retrocesso. Realizou elle um verdadeiro *tour de force* para chegar até ali; o estado lastimavel em que trazia os pés, impediu-o no entretanto, material e irrevogavelmente, de proseguir a marcha a pé. Demorou-se então oito dias em Aldeia Queimada accomodado em uma das casas ahi construidas pela Commissão tempo antes, até sentir-se em condições de demandar S. Luis de Caceres.

Ao despedir-se então de Rondon e dos demais companheiros de expedição, o estrangeiro teve a sinceridade de lhes dizer textualmente: "Despeço-me dos companheiros declarando que aqui tive oportunidade de apren-

der muito, e saio convencido de que, para o sertão do Brasil, só os Brasileiros...”

UMA REACÇÃO PHANTASTICA

Em varios topicos deste livro refiro que a expedição de 1909, do Juruena ao Madeira, vale dizer de Matto-Grosso ao Amazonas, foi iniciada pelo chefe da Commissão, quando seu estado de saúde se encontrava bastante precario.

Ao concluir Rondon pessoalmente a construcção do ramal de Caceres a Matto-Grosso, sem tempo de ir ao Rio visitar sua familia, esta, a seu pedido, embarcou para Caceres. Sem que jamais houvesse trahido o seu pensamento intimo, a julgar por certas referencias que de sua propria bôca ouvi annos depois, é convicção minha que o grande e impertérito sertanista, sentindo-se doente, vislumbrou a possibilidade horrivel de perder a vida nessa arrojada travessia. Entendera de seu dever seguir assim mesmo com a saúde abalada, e, certo, elle era a alma de todos esses arriscados commettimentos, concentrando na sua pessoa a confiança de todos para o exito de taes empresas. O seu coração de esposo e o seu coração de pae, quiz assim receber o conforto de um ultimo adeus, no momento em que tivesse de internar-se no sertão, d'onde talvez não voltasse mais com vida! Sem duvida não lhes falou senão na certeza de voltar breve e de os rever ao fim de alguns mêses, com o riso nos labios, para tranquillizar-os e deixal-os convencidos de que nunca em seu espirito entrara a hypothese da morte!

Que delicadeza de sentimentos e que estoicismo!

Não obstante, elle teve occasião de verificar que a hypothese que formulara, no ambito secreto de sua alma serena e tão bem formada, tomava vulto no decorrer da expedição que durou cerca de oito mêses.

Alem do incidente que baptizou este sub-capitulo dos episodios, Rondon levou a taes extremos a reacção do espirito sobre o seu abalado physico, que em uma das marchas, a pé, por cima do arido chapadão de Parecis, já muito longe, soffrendo horrivelmente o martyrio da sêde, levado aos paroxismos pelo estado febril em que se encontrava; cahiu redondamente ao solo, desaccordado, inerte, presa de uma syncope! Cercaram-no os companheiros; acudiram todos ao chefe querido e estoico; varios portadores partiram em rumos divergentes em busca de agua, só encontrada muito distante do ponto em que occorrera o accidente. Felizmente e com a força milagrosa de sua vontade de aço, o chefe reergueu-se e proseguiu a marcha horas depois.

E assim doente continuou o seu serviço de exploração. Quando se sentiu melhorar, a sua convalescença foi ainda assignalada por um celebre *passoio* em que sobrepujou em resistencia outros companheiros que com elle seguiram, inclusive um que, ao regressar ao acampamento, teve a seguinte exclamação original:

“Vá ser *doente* para o inferno!”

Mas, feito este exordio, onde incidentemente se encontra ainda motivo para justificar a epigraphe que adoptei, passo a referir o episodio a que nella propriamente alludo.

Tanto mais se reafirma na minha opinião individual que Rondon admittira a hypothese de morrer ou pelo menos ser vencido physicamente em 1909, pelas asperezas do *desertão*, quando é facto indiscutivel ter elle adquirido de seu proprio bolso, antes de partir de Caceres, pelo alto preço de 400\$000, um excellente boi de montaria para o seu uso particular e que se tornou celebre nessa expedição (Jurueña ao Madeira). Ainda mais esse animal foi mandado por elle annexar á tropa com esta designação especial: só o chefe poderia utilizar-se d'elle, ninguem mais.

Marchou a expedição pelo sertão fóra e a cada symptoma de enfraquecimento physico que o medico observava no chefe da expedição, insistia para que Rondon se resolvesse a dar ordem de arriar o boi e montar. Os companheiros da exploração, no vivo interesse de salvar o chefe, secundavam as ponderações do medico e havia, em torno de Rondon, um verdadeiro côro: "por que não montar, quando o animal alli estava á mão e viera para este fim exclusivo?"

Evidentemente o estado de saúde do chefe se aggravava dia a dia! Houve mesmo algum mais intimo que lhe fez sentir o perigo de um fracasso da expedição, se elle continuasse a arriscar-se tanto e viesse a perecer!

Talvez que esta ultima ponderação amiga, houvesse afinal vencido a resistencia do chefe; o caso é que, sob a acção dos seus habituaes 40º de febre, num dos accessos do impaludismo, mandou elle arriar o celebre boi e montou. Andou assim cerca de quatrocentos metros apenas... De-repente, olhando para trás e em torno de si, ao contemplar os seus companheiros, todos a pé, sob o peso das mochilas, deixando lér no aspecto physico o abatimento e o cansaço das marchas, suarentos, cobertos de pó; a sua alma vibrante e energica reagiu subitamente! Apeou-se *incontinenti* e com gesto autoritario e que não admite duvidas, mandou que conduzissem o boi para a retaguarda! E até o fim da expedição gozou o privilegiado boi das regalias de montada do chefe... sem nunca mais sentir-lhe o peso!

Certa vez, não ha muito, conversando eu com o General Rondon, alludi a esse curioso incidente e tive a impressão nitida do que devera ter sido tão extraordinaria reacção moral, phantastica mesmo, sem nenhuma exaggeração do adjectivo. As suas phrases, ao referir-se á reacção operada, acaloraram-se; brilhou mais intenso o olhar, e num movimento enthusiastico, como que o reflexo da gloria de o poder dizer a amplos pulmões, exclamou:

“Senti-me humilhado, diminuído, diante dos meus commandados; impossível subordinar-me a semelhante situação e reflecti que era então preferível morrer!”

E depois deste incidente, caminhou elle ainda a pé, sob os mesmos soffrimentos, atacado incessantemente pela febre do impaludismo, mais 50 kilometros, ao fim dos quaes o acaso fez parar a exploração durante quasi dois mêses, para decifrar o immenso enigma de multiplas cabeceiras do chapadão de Vilhena. Nesse ponto, cuja altitude excede de 700 metros, o chefe da expedição recuperou em parte a saúde e foi-lhe então menos penoso o resto da travessia que essa exploração executou e que durou oito mêses.

A BESTA DOS 500:000\$000

Ser pagador, lidar com dinheiro, é sempre uma pesada responsabilidade, todavia mais cercada de garantias quando um homem pôde sentar-se por trás de um “guichet”, defendido por telas de arame e tem á retaguarda um grande cofre á prova de fogo, com uma porção de pequenas chaves e segredos de numeração... Ser pagador no sertão... é não dormir!

Dentre numerosos incidentes causadores de insomnias e muita dôr de cabeça ou do desespero a que pode dar lugar a perspectiva de perder uma grande somma, que nos não pertence, escolhi um ao acaso, para que se tenha idéa da *prebenda* que cabia ao pagador da Comissão Rondon.

Atrazos de pagamento tanto da verba da Viação, como da Guerra, deram em resultado certa vez o accumululo de vencimentos, durante muitos mêses, montando a quinhentos contos a quantia que o pagador devia transportar através do sertão.

Organizada em Cuyabá a celebre tropinha do pagador — funcção a esse tempo exercida com admiravel calma

e correcção pelo então Capitão (1) Marçal Nonato de Faria — coube a uma besta de carga a responsabilidade inconsciente de conduzir em *notas miudas*, muita prata e muito nickel, a avultada somma de 500:000\$000.

Corria tudo mais ou menos bem, nas marchas e nos acampamentos pelo sertão, quando certa manhã o pouso da tropa foi posto em reboição. Prestes a partir, todos os cargueiros estavam amarrados pelo cabresto ás estacas. O Capitão Marçal, commandante em chefe do comboio, dava suas ultimas ordens, de pé, junto ao seu animal de montaria, quando a cachorrada que conduzia presentiu caça e disparou em alarido por entre a tropa. Espantados os animaes, aos coices e aos corcovos, arrebrandando cabrestos e arrancando as estacas, espalharam-se em todas as direcções! E no meio delles lá se foi a toda a brida, por esse mundo afóra, a mula dos 500:000\$000!

Não houve meio de conter a tropa e poucos animaes de sella ficaram retidos pelos tropeiros. As cargas eram alijadas dos costados por toda a parte do vasto chapadão! Onde estaria a besta *privilegiada* e, principalmente, onde estaria a sua preciosa carga?

Terrivel contingencia a do pagador! Por alongadas horas elle em pessoa e alguns tropeiros pesquisaram através dos cerrados em todas as direcções até encontrarem afiual as duas malas que serviam de cofre, uma aqui outra acolá, mas felizmente fechadas e intactas.

Quem me referiu este incidente, concluiu com muito espirito:

“Eu acho que nesse momento o Marçal teria preferido dirigir a construcção da linha entre Jurucna e Catin-gueiro... do que servir como pagador!”

(1) Mais tarde General de Brigada, a cujo posto fora promovido em 2 de Julho de 1924, infelizmente falecido em 1941.

Para bem entender esta comparação é preciso conhecer a situação durante o lançamento da linha no trecho, alludido, através do

CASO DO "MARINHEIRO"

O acampamento da construção atravessava um desses periodos de crise, referidos antes e justificados, pela falta de generos.

O quadro que era de aterrorizar os inexperientes, não só pelo receio natural de que as condições fossem cada vez mais precarias, porque dia a dia a linha telegraphica ia cada vez mais se afastando dos centros povoados, cada vez mais mergulhando no *desertão*, como tambem pela perspectiva dos levantes, carregou-se de côres mais negras com a partida do medico que apresentara "parte de doente" e do engenheiro alli em serviço 1.º Tenente Luis Carlos Franco Ferreira, cujo estado de saúde chegara ao extremo de forçal-o a concluir a viagem de regresso, carregado dentro de uma rede, impossibilitado de montar, com o seu avantajado corpo quasi duplicado de volume...

Com admiravel calma o capitão Marçal proseguiu, porem, a construcção da linha no citado trecho.

Conscio de sua energia disciplinadora, todavia bem ao par das tendencias reaccionarias de alguns de seus comandados, a sua vigilancia precavida andava sempre esvoaçando como invisivel anjo da guarda por sobre aquellas centenas de cabeças. Afivelando a mascara da indifferença ou da naturalidade, era bem de ver que apenas occultava ao sagaz entendimento do nosso intelligente caboclo, o enxame de preocupações que as contingencias creavam dentro de sua alma...

Por fóra do parenthesis que abrangia a maior parte dos soldados, como um provavel factor capaz de multi-

plicar a rebeldia, destacava-se uma praça conhecida pela alcunha de Marinheiro. Symptomas evidentes da evolução de pensamentos que o cerebro do Marinheiro ia produzindo, em tendencia accelerada, para descer enthronizado em Satanaz ao pélagio de uma sedição... symptomas velados apenas ao olhar e á analyse de quem não tivesse a pratica de taes commandos... symptomas apprehendidos num relancear d'olhos pelo official... envolveram desde logo o Marinheiro na onda preventiva da fiscalização do commando. Do simples meditar passara o soldado ao externar de idéas, em busca de proselytos, no afan da propaganda, dos conluios secretos que semeiam cautelosamente nas massas humanas o germen da revolta...

Ao dia seguinte da primeira, unica e ultima reunião presidida pela ascendencia moral do Marinheiro, com apoiados e commentarios sympathicos da meia duzia que o rodeava, em plena formatura da manhã, para a distribuição do serviço, o Capitão Marçal falou mais ou menos nos seguintes termos:

“Tenho um trabalho de urgencia que deve ser realizado sob a responsabilidade de uma praça de minha confiança...

“Saia de forma você, Marinheiro”.

O indicado sahio da fileira, perfilou-se diante do official, fazendo-lhe a continencia e ouviu com attenção a ordem:

“Preciso que todo aquelle material de linha, que está amontoado na margem opposta do rio, seja transportado para este acampamento em 4 ou 5 dias sem falta; escolha você tambem seis soldados que ficarão sob sua direcção”.

Marinheiro apontou os seis outros e recebeu as ultimas instrucções, entre as quaes estava a condicional de

obter com a sua *farina* os palmitos e a caça necessários á alimentação do pessoal... e partiu a cumprir a ordem.

Ao fim de 4 dias desempenhara galhardamente a comissão de confiança e por largo tempo ainda se manteve no acampamento, sem jamais desmentir essa confiança...

Deixo aos psychologos o commentario deste episodio e as conclusões a que possa dar lugar.

APRECIÇÕES INDIVIDUAES

PRAXES EXEMPLARES

Destacarei aqui algumas dessa praxes seguidas religiosamente em acampamentos da Commissão.

A primeira dellas se refere ao passadio dos officiaes. Sua alimentação era rigorosamente a mesma que a das praças; nenhum prato especial, nenhuma iguaria mais fina. Já fiz referencia á maneira pela qual apparecia intermitentemente a sobremesa.

O alcool não existia sob fórma alguma.

A unica regalia do official em serviço de campo, durante a construcção, era o não conduzir elle o seu almoço, como as praças deviam fazel-o usando para tal fim as latas de banha que se esvasiavam, á falta de marmitas apropriadas. Comprehende-se desde logo que o official, habituado a melhor mesa, pela differença de recursos e do seu meio social, era o mais prejudicado, porquanto muitos dos soldados, antes de sua inclusão, usavam habitualmente alimentação igual ou inferior á que se lhes distribuia!

A segunda consistia em não dar o toque de rancho senão quando se recolhia ao acampamento a ultima turma de serviço. Os que chegavam primeiro eram obrigados ao sacrificio da fome até que os ultimos dessem entrada.

Ás vezes a 1.^a turma esperava mais de uma hora pela ultima; tardava esta ou porque seu serviço tinha por campo de acção lugares mais afastados ou porque a ne-

cessidade de deixar o trabalho em certo ponto forçasse o prolongamento do seu labor. E era um verdadeiro successo para os estomagos vasiaos, quando a derradeira turma formava defronte á barraca do Chefe da Commissão e o official a este se apresentava, dando conta do serviço executado.

A terceira é relativa ao desconforto a que o official se sujeitava, expondo-se ao mau tempo tal como os soldados.

Ainda neste caso o official era o mais prejudicado, porque, alem de sahir de seus habitos, proprios de quem viveu noutro meio, alem de ter um physico mais delicado, no commum dos casos, o seu trabalho era sempre intellectual e de direcção, e normalmente exigia menos exercicio muscular; ao passo que as praças como que equilibravam o resfriamento das chuvas, com o calor que provocava a actividade do corpo, já trabalhando como machadeiros, foiceiros, etc., já em outros serviços brutos.

A quarta é traduzida pelo axioma assim formulado: "o official deve sempre estar mais proximo do perigo, raciocinadamente".

Tocava ao official o exemplo da coragem e do desprendimento da vida, do sacrificio, como da resignação aos soffrimentos.

E bastam estes exemplos, para não tornar mais enfadonha do que já o é, por natureza, a presente narração.

CENTRALIZAÇÃO E INICIATIVA

PRINCIPIOS E PRECEITOS

É um segredo especial esse de centralizar a administração, sem comtudo tolher a iniciativa dos officiaes. São duas coisas difficeis de conciliar e que eu sempre vi pra-

ticamente reunidas, na direcção suprema dos trabalhos da Comissão Rondon.

Em geral os chefes ou absorvem a iniciativa de seus subordinados ou lhes toleram as demasias, acabando neste caso por serem dirigidos pelos seus commandados; na primeira hypothese soffre xeques consecutivos o bom andamento do serviço, e na segunda o chefe é mera figura de prôa.

No habil exercicio desse conjugado eu fui reconhecer a applicação de principios e preceitos que antes me pareciam inapplicaveis.

Sempre condemnara em theoria, por exemplo, que o chefe tivesse a faculdade de se dirigir directamente ao ultimo subordinado, ao invéz de lhe transmittir suas ordens pela escala natural da hierarchia.

No terreno da pratica muitas vezes verifiquei, porém, a vantagem de um tal processo, dadas certas circumstancias especiaes: e o serviço corria normalmente, sem choques nem contratempos.

Quando era preciso, o chefe se mantinha em correspondência directa com um subordinado não immediato em função e autoridade, como se as estações intermediarias puzessem a linha em *c. d.* (communicação directa das estações telegraphicas dos extremos). Havia nessas decisões do chefe um verdadeiro estudo psychologico de todos quantos serviam sob suas ordens. Graças a essa percepção sagaz do character e das tendencias de cada um, elle sempre obteve exito completo em seus processos de administrar.

O conhecimento do homem permittia-lhe obter o maximo rendimento do serviço, a parcella exacta que elle precisa de cada um na collaboração de esforços, assim como, a utilização de quaesquer elementos humanos que lhe fossem postos á disposição. A cada qual elle pedia o que de melhor pudesse dar. Na função que distribuía a cada

um, estava prevista a impossibilidade de que os defeitos ou deficiencias individuaes pudessem influir para um mau exito qualquer. Com segura providencia escalava dois officiaes para a execução de certo serviço, na prévia certeza de que a amalgama das duas individualidades produzisse as reacções necessarias, de modo que reciprocamente as falhas de uma fosseni corrigidas pelas qualidades antidotas que a outra possuísse em alta dose.

Desse dom especial, surgiu a engenhosa solução do problema complexo que se refere ao trabalho conjuncto e sem attritos, de soldados e civis. No momento em que escrevo estas linhas, são tenues e tendem a desaparecer certas presumpções que incitavam inimizades e antipathias de civis para militares e vice-versa, graças á applicação do sorteio militar. Em tempo não muito remoto a situação, porein, era outra bastante differente. De um lado os militares presumiam-se em geral uma especie de casta privilegiada, attribuindo-se uma superioridade, proximamente... *prussiana*; de outro lado o civil, esquecendo-se de que o militar nada mais é que um animal de carne e osso, igual a elle, mas vestido de um uniforme, sentia-se incomodado deante das *poses* marciaes, e, em alguns casos, raciocinava como os nossos avós, que pretendiam castigar os filhos incorrigiveis... pondo-lhes uma farda ás costas!...

Comprehende-se bem qual a influencia e quaes os effeitos de semelhantes doutrinas professadas nas camadas mais elevadas, quando se espalhavam nos meios rudes e ignorantes donde provinham os nossos soldados, praças de "pret".

Muito soldado disciplinado no meio militar, entendia que só era legitima a obediencia aos seus superiores de farda e não concebia receber ordens de um civil, embora de categoria elevada. E muito civil queria "ser mais realista do que o rei" no sentido de suas prerogativas, quando *assumia o commando* de um grupo de soldados.

Meditando sobre esta falta de harmonia dos dois elementos e sobre os trabalhos e preocupações que causavam a utilização do soldado, em face das constantes deserções e da impossibilidade de dispensar os maus elementos de qualidade militar; parecia-me mais acertado alliciar exclusivamente *paisanos* para os nossos serviços.

A expedição ao Jacy-Paraná, assim organizada, na qual tomei parte e de que falarei adiante com mais *detalhes*, veio convencer-me de que laborava eu em erro de observação.

A verdadeira solução era a que Rondon concebera e que executava nos seus acampamentos da construcção, com amplo successo. Nem ahi, nem quando escalava o pessoal que deveria tomar parte nos seus trabalhos de exploração, elle excluía o soldado ou o civil: tomava porções de ambos os grupos e com ellas constituía engrenagens que se justapunham perfeitamente e que se moviam suavemente, como peças de uma machina harmonica accionada pela força propulsora da vontade-chefe.

Não tolerava nenhum abuso de autoridade dos civis que não comprehendiam a sua mera funcção de *representar junto do soldado o proprio chefe da Commissão*; impunha ao soldado a obediencia ao civil já accentuando na transmissão das ordens a categoria do *paisano* ("O Sr. *inspector* F. tome conta de tal turma"), já prestigiando a sua força moral, quando systematicamente o collocava á mesa dos officiaes. *Militarizava* os civis exigindo-lhes compostura semelhante á do soldado: sem fazerem continencia, deviam apresentar-se tirando o chapéo e descobertos permanecerem emquanto lhe dirigiam a palavra; sem se perfilarem propriamente, era-lhes todavia vedado conservarem-se sentados á sua passagem ou recostarem-se em sua presença, conforme a tendencia natural do *jéca*; prohibição geral de fumarem deante d'elle ou durante o serviço; etc.

Seria longo enumerar toda a serie de recursos de que lançava mão para attingir aquelle objectivo, mas a meia duzia que cito dá clara idéa da orientação adoptada.

* * *

Nos mais difficeis momentos, comprehendendo que todos os subordinados olhavam para o chefe, no intuito de lhe sondar as impressões de animo ou de desanimo, era quando elle se mostrava mais confiante no exito das expedições ou no resultado dos trabalhos geraes; era quando justamente emittia os juizos mais optimistas; quando mais alegre e communicativo se apresentava. Os effeitos de semelhante attitude eram infalliveis como reanimação; aquelle fluido operava milagres de transformação no pessoal. O raciocinio intimo de cada um de nós conduzia-nos a admitir como uma fraqueza de nossa parte as preocupações de um desastre imminente; não concebia a razão, logicamente, que o perigo fosse da extensão que imaginaramos, tal a segurança e a tranquillidade que transpareciam na physionomia, no gesto e nas palavras do chefe...

* * *

O regimen de trabalho, pelas succintas referencias accidentalmente feitas linhas antes, já pôde ser comprehendido; entretanto, para o definir melhor, caracterizando mais nitidamente o ponto de vista do chefe, diremos que traduzia uma especie de *neevrose da velocidade*. D'ahi o lemma de que "na Commissão Rondon tudo era urgente". Precipitavam-se os acontecimentos por toda a parte e em todos os serviços...

Calculava-se tudo pelo maximo do rendimento possible, desde a exploração até a construcção da linha telegraphica.

Por estes maximos é que o chefe predizia a inauguração das estações telegraphicas, o que equivalia ás vezes — para ficar dentro do programma — a exigencias do trabalho á noite ou ao prolongamento do trabalho do dia. Mas naquella tal data inaugurava-se a estação! E quando perigava a previsão, era o proprio chefe quem, em occasiões bem sérias, tomava a si a direcção de serviços de *detalhe* e salvava o compromisso tomado de si para para si, porque nunca autoridade alguma lhe pediu contas do trabalho!

Tal aconteceu, para citar um exemplo frisante, durante a construcção do ramal de S. Luiz de Caceres á cidade de Matto-Grosso. Rondon em pessoa foi executar, em acelerado, a locação dos postes! A epoca era de aguas e foi mister, em varias travessias, alterar o espaçamento dos postes, para que coincidissem com os corcutos do terreno, não attingidos pelo alagamento e onde então se tornava possivel a abertura das covas que os deviam receber. *Mas tudo era urgente...*

* * *

A proposito da justa apreciação com que deveriam ser consideradas as aggressões que eram de esperar da parte dos selvícolas, das suas consequencias e da maneira de encarar essa questão, quando Rondon se apresentava á Diretoria dos Telegraphos com seus officiaes e pessoal civil — todos nomeados para a sua ultima commissão, de Matto-Grosso ao Amazonas — alguem guardou de memoria, com a mesma profunda impressão, através destes 13 annos decorridos, uma phrase d'elle e que bem define o seu modo de ver: "Poderemos ser mortos, mas nunca matar. Lamentaremos sempre a morte de qualquer companheiro de jornada, mas morto um, outro o substituirá para levar avante o serviço".

RESISTENCIA PHYSICA

Ha innumerous episodios que demonstram a assombrosa resistencia physica de que Rondon é dotado.

O saudosissimo e distinctissimo collega e intimo amigo 1.º Tenente João Salustiano Lyra — estupenda ce-rebração e estupendo character — referiu-me alguns delles, alem da famosa travessia de rio a que assistiu e na qual Rondon nadou sem parar durante seis horas seguidas, para passar em uma *pelota* todo o pessoal e todo o material da expedição de 1908 (2.º grande Reconhecimento ao sertão para a travessia da linha telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas.).

A' subida de um morro, emquanto os mais moços do que elle e que tinham de idade em media 25 annos menos, alcançavam suarentos e esfalfados a parte mais alta, depois de interromperem o accesso para tomar folgo, Rondon, adeantando-se de muito no tempo despendido para a subida, que effectuara de um só arranco, ria-se dos companheiros e dizia-lhes pilherias a proposito do retardamento com que iam chegando. E' preciso dizer que todos se haviam empenhado em chegar primeiro, com ardor igual ao de um desafio e de uma aposta...

* * * *

No decorrer das tres grandes expedições de reconhecimento, que serviram de base ao projecto e locação da linha telegraphica que ligou os Estados de Matto-Grosso e Amazonas, através do sertão bruto e até então desconhecido; quando os expedicionarios já emmagrecidos pelo "surmenage" proprio de taes trabalhos e deficiente alimentação, alcançavam os acampamentos ou bivagues de repouso, avidos de descanso, após penosas

marchas a pé, *carregando cada qual tudo que era seu*; muita vez, foram intimamente (porque não queriam dar o braço a torcer e se sentiam no dever moral de aceitar o gentil convite...) surprehendidos com um convite do chefe para fazer uma excursão de recreio (?) a uma serra que distava *apenas 2 ou 3 leguas* do acampamento, ou para tomar parte em uma caçada de anta, durante a qual não se percebia a passagem do crepusculo, ou para caçar onça na madrugada seguinte, etc.

Não fôra o convite do chefe e pouco lhes daria que a serra á vista representasse a oitava maravilha do mundo, ou mesmo que a onça faminta viesse alta noite atacal-os á fogueira!... O corpo estava a pedir decubito, o espirito em nada propenso a reagir contra os musculos depauperados! Cada um, porem, guardava consigo estes raciocinios e todos acompanhavam o incansavel chefe!

* * *

Ao regresso de uma dessas expedições — em que é facil imaginar o depauperamento physico do pessoal — não tendo sido encontrada, no ponto combinado préviamente, a tropa e os animaes de montaria que os deveriam levar á cidade de S. Luiz Cáceres, o chefe e seus auxiliares continuaram a marchar a pé, percorrendo zona já habitada. Essa tropa, que fôra expedida do Acampamento Geral da construcção, com tempo de alcançar o ponto determinado pelo chefe ao internar-se no sertão, na epoca pre-estabelecida em que realmente foi realizada a volta, tendo sido confiada a quem não soube dar bom desempenho á honrosa incumbencia, perdeu-se no sertão e perambulou de rumo errado, durante alguns dias, até que acertou o caminho. Chegara, porem, tarde e alcançara os expedicionarios em caminho para Cáceres.

Explicados os motivos da demora, os officiaes antegozaram o descanso que lhes proporcionariam os animaes que lhes haviam sido designados; ao menos aquellas duas ou tres dezenas de leguas seriam feitas não mais a pé, mas a cavallo ou a burro. A illusão, porem, durou menos que as rosas de Malherbe....

O chefe recusou o animal que lhe viera destinado e declarou que, estando agora muito perto de Caceres, não valia a pena montar; elle iria a pé; todavia mandava entregar aos officiaes a montada de cada um e permitia-lhes seguirem na sua vanguarda para o esperar em Caceres. "Tableau!"

Nenhum dos officiaes, porem, acceitou ("noblesse oblige...") semelhante privilegio e preferiram todos proseguir a pé com o seu chefe!

Ainda ao termo desse mesmo regresso, a marcha ultima feita pelo chefe, a pé, cobriu a extensão de dez leguas!

* * *

Curiosa passagem tambem e que denuncia a mesma resistencia physica de Rondon, é a que teve por protagonista um distincto pharmaceutico civil que serviu na Commissão. Escalou-o o chefe para seguir em sua companhia até certa estação telegraphica, afim de soccorrer um doente grave. Pela distancia que separava os dois pontos, o de partida e o de chegada, concluiu o pharmaceutico que provavelmente iriam montados. Teve conhecimento da ordem na vespera da partida, ao anoitecer, hora da recepção do telegramma urgente em que era communicada ao chefe aquella desagradavel nova.

Disponha-se a preparos de quem iria montar a cavallo pela madrugada, quando os companheiros do acampamento o advertiram de que teria de ir a pé com o chefe.

Rapaz moço, forte e decidido, embora ouvisse contar *coisas do arco da velha* quanto á resistencia de Rondon e á sua maneira veloz de caminhar no sertão, admirado sem duvida de que o chefe se resolvesse por um meio de locomoção tão incommodo, mas confiante nas suas energias de joven, affirmou categoricamente:

— “Ora, eu não hei de ficar para trás; onde fôr o chefe eu irei também”. —

Todavia, não foi possível cumprir a promessa, embora alguma legua mais tivesse vencido, só por se lembrar do que affirmara aos companheiros! E era elle proprio quem depois referia, que nunca vira ninguem *andar assim*: que em certa altura afrouxou de uma vez e ahi ficou sentado, á beira da picada, aguardando o animal que Rondon lhe fizera expedir do ponto de chegada e graças ao qual pôde então ir soccorrer o doente.

* * *

Para fechar este capitulo citarei finalmente o episodio entre Rondon e um indio Pareci, que lhe prestava serviços como guia de uma dessas nunca assaz decantadas expedições ao sertão.

Em taes reconhecimentos era sempre Rondon quem tomava a ponta da vanguarda. Só confiou este serviço de maxima responsabilidade, em 1909, ao Tenente Lyra, e a experiencia demonstrara que poderoso era o auxilio do indio, não só pela resistencia de infante e pela habilidade de indicar os melhores passos no rumo desejado, como pelo incomparavel trabalho de que só o selvicola se desempenhava de modo que merecesse a absoluta confiança do chefe: o *reconhecimento militar*! O indio, conhecedor por experiencia propria, de todos os planos e processos usados por outras nações indigenas, para os ataques e surpresas, executava só o trabalho de uma boa

patrulha. Avançava sorrateiramente, sem fazer o menor ruído no mato, sempre attento e perspicaz, agachado quando era mister, e observava a zona em direcção á marcha da expedição, garantindo-a contra a possibilidade de uma aggressão. É sempre que elle affirmava haver indio perto e que indios acompanhavam a expedição para atacar, as suas previsões se realizavam, embora as precauções a que davam lugar os seus avisos.

Pois bem, Rondon marchava sertão dentro com um desses resistentes e leaes caciques dos Parecis. A ancia de avançar o mais possivel com o reconhecimento, fez com que elle resistisse aos desejos manifestados pelo indio no sentido de escolher para pouso um certo corrego, a que attingiram quando já o sol estava mais para o poente do que para o zenith. Debalde o Pareci ponderava que poderia acontecer, como succedera certa vez, não encontrarem outro pouso á distancia conveniente, antes de cahir a noite.

Facil admittir tal hypothese quando se marcha por terreno desconhecido, como era o caso. A' vista, porem, da decisão terminante em que se manifestava o chefe, partiu o indio de novo com elle, proseguindo o reconhecimento, não sem um olhar de inveja para a linda ramagem que ensombrava a agua murulhenta e fresca... O receio talvez de que a previsão do indio se realizasse, produziu desde logo um augmento de velocidade da marcha. A' certa altura, quando começava a tardar a descoberta de outro corrego, o indio estacou. Carregou o sobrolho, olhou fixamente o chefe e, sentando-se no solo, declarou solennemente que d'alli não sahiria mais; 'que tinha as pernas *causadas mesmo* e nem um passo mais daria em frente; se Rondon quizesse, que fosse sozinho! Não houve logica caçaz de o convencer do contrario!

Este facto é bastante eloquente, ao que me parece, para demonstrar a que limites attinge a resistencia de

Rondon, pois ahí o vemos sobrepujar ao proprio indio, cujos habitos de andarilho são assaz conhecidos!

Ao fim de todas estas provas é o proprio Rondon quem nos pretende convencer de que *qualquer homem pôde fazer o mesmo e que para isso é bastante querer!*

TENACIDADE

Forçoso é reconhecer que, se Rondon nenhum apoio tivesse merecido da Nação e dos homens publicos que nos têm governado, não poderia realizar os empreendimentos a que está ligado seu nome, especialmente essa gigantesca obra de lançar o fio telegraphico de Matto-Grosso ao Amazonas, obra que Roosevelt comparou á da abertura do canal do Panamá.

Mas é incontestavel que muita coisa estaria em meio e outras nem teriam sido até hoje iniciadas, se não fosse a sua tenacidade.

Pertence elle ao pequeno nucleo de homens que têm uma orientação firme e sabem o que querem. Não fosse a sua tenacidade, a linha do Noroeste não teria sido acabada, não só pelas multiplas difficuldades que surgiram, como pela campanha movida contra sua Commissão, no Rio de Janeiro, por elementos essencialmente militaristas, em 1911. Taes elementos entendem que o Exército deve destinar-se exclusivamente a fazer a guerra, sem permittir sua collaboraçãõ no progresso do paiz. Aliás, mesmo que a razão esteja do lado dessa corrente, a ninguém é licito negar que homens occupados em construir linhas telegraphicas, em marchas pelo interior do Brasil, acampando pelo sertão etc. não estejam exercendo actividades uteis á guerra!

Nem eu sei de melhor escola pratica onde ensinamentos tão profundos desenvolvam qualidades de direcção e iniciativa; eduquem a vontade e a energia; acos-

tumem o homem a enfrentár perigos e intemperies; habituem-no a conhecer os homens; despertem a dedicação e o desejo de ser util e não perder tempo! Escola do caracter, escola de trabalho, escola do dever!

O facto, porem, é que esse espirito militarista em essencia, empolgando certas autoridades elevadas do Exercito, numa serie de commandos de districto ou região militar, como na direcção suprema do Ministerio da Guerra, tem creado momentos angustiosos ao labor de todas as commissões confiadas ao actual General Rondon. Interessante é todavia assignalar, de passagem, que na esphera governamental, as Commissões Rondon têm encontrado apoio da suprema autoridade dos Presidentes da Republica, como do Congresso Nacional. E esta observação é de molde a compensar em parte os dissabores provenientes da attitude opposta á acção civilisadora do General Rondon, por todos quantos não comprehendem ainda o alcance da obra de progresso que elle vem realizando, de 1890 até nossos dias.

Em opusculo que publiquei sob o titulo "Pela Comissão Rondon", registei uma phrase que bem define o ponto de vista em que se encontram taes oppositores, á vanguarda dos quaes esse, de elevada categoria, affirmou-me certa vez:

— "Reconheço que é util ao Paiz, porem eu nada tenho que ver com o Paiz, mas só com o Exercito". —

E' superfluo commentar; tal affirmativa deve passar á Historia e esta é que virá emittir o juizo definitivo sobre tão original doutrina; reserve-se á geração futura o julgamento da ousada asserção, para que decida se o Exercito é ou não parte integrante da Nação, se foi ou não efficaz a collaboração tão malsinada (a meu ignorante modo de vêr, malsinação oriunda de apreciações superficiaes e que não se detêm nas profundas meditações do porvir) que prestou ao progresso do Brasil, nessa ordem de actividade!

Impávido homem do leme, acostumado aos temporaes que passam e que não impedem a navegação da náó, em busca de mundos novos; seguro do rumo traçado como quem visa um porto distante um século da era actual; fortalecido na fé robusta que lhe advem da convicção, talvez optimista, do largo futuro reservado aos desertos sertões de agora; nada o abala e nada consegue modificar-lhe a rota por que se norteia a sua assombrosa actividade!

Percebo que elle olha muito longe, onde a minha vista não alcança; ouvindo-o, tenho a mesma impressão das gerações que leram as arrojadas previsões de Julio Verne, quanto aos submarinos e á navegação aerea...

Essa tenacidade, que é a expressão mais nítida do consorcio da vontade e da energia, mantida indelevel pelos impulsos da convicção, vence todos os obstaculos, domina todas as difficuldades, para levar a termo os mais arrojados empreendimentos!

LIMITES DE ESTRICÇÃO

Assim como os ha para a materia inerte, tambem a resistencia humana tem limites intransponiveis; mas bem mais difficeis de determinar para cada amalgama de homem... O methodo psychologico applicado pelo General Rondon conseguia, porem, determinar estes ultimos, com precisão mathematica. Tal methodo consistia em augmentar gradativamente os encargos de cada auxiliar seu, á proporção que elle ia dando conta das accumulações de trabalho; ou em certos casos de trabalho igual, como o da abertura das picadas, ir sempre achando que era possível fazer mais com o mesmo numero de homens, embora o rendimento viesse augmentando de dia para dia.

—! “Prompto. Turma da picada. Fiz hoje *tantos* lances”.

— “Muito bem, O Sr. já fez mais do que ontem, mas ainda é possível fazer mais”.

Estes dialogos eram communs e de cada vez estimulavam no official o desejo ardente de ouvir um dia a affirmação de que não era possível fazer mais! De qualquer fôrma o maximo rendimento estava sempre garantido por esse processo, com o qual ficavam em xeque o brio e o amor proprio de cada um.

O ESTYLO É O HOMEM

O meu talentoso amigo e companheiro Tenente Lyra, cuja memoria venero sob todos os aspectos, dizia-me sempre em suas palestras scintillantes:

— “Rondon é uma individualidade difficil de apreciar, porque apresenta uma infinidade de aspectos”. —

Tal a verdade que cada vez mais se accentua em meu espirito, quanto mais medito sobre a sua personalidade.

E' uma especie de prisma de muitas faces, de côres variegadas, cada qual mais brilhante.

Não só porque *o estylo é o homem*, como tambem para que se aprecie a maneira, por vezes original, com que elle descreve as coisas e a empolgante belleza litteraria de algumas passagens, referidas ao correr da penna, aqui transcrevo trechos traçados pela sua propria mão, onde se encontram attestados authenticos das suas opiniões e dos seus ideaes.

* * *

Eis, por exemplo, como elle descreve o incendio na macega, occorrido quando atravessava o sertão bruto com a ultima exploração, realizada em 1909, para a escolha do traçado definitivo da linha telegraphica do Noroeste Brasileiro:

“A’ noite, tivemos um espectáculo maravilhoso, determinado pelo incendio que irreflectidamente ateámos ao macegão da lagôa Zoerekê.

“Todo o chapadão em derredor foi destruido pelo fogo voraz que se alastrava em linguas extensas, lambendo a macega resequida e deixando após si o negrume da sua destruição; apanhando não só os insectos e reptis, como os pequenos mammiferos e até aves, como os inhambús, perdizes, maxalalagás (saracura do chapadão) e seriemas.

“O comboio, nessa travessia, esteve em serios embaraços para se livrar das chammas; o incendio invadira todo o caminho, ao longo da nossa marcha.

“A’s 9 horas da noite, o céu que nos servia de docel, illuminara-se pelos reflexos das enormes labaredas do grande incendio, que assumia proporções diabolicas.

“Mandei immediatamente fazer o aceiro do acampamento e rodear os nossos animaes para que não fossemos, e elles tambem, victimas das furias das sofregas labaredas, de momento a momento augmentadas, quando com as auras soprando mais fortemente, coincidia a chamma alcançar algum eito de macega mais espessa.

“Ficámos alerta até que nos sentimos fóra do perigo, pelo afastamento da columna incendiaria, que a brisa sertaneja cada vez mais atirava para o Norte”.

* * *

Deslumbrado deante das bellezas naturaes, ha trechos innumerados em que elle nos revela o sentimento da poesia; assim se exprime, ao defrontar os saltos Utarity e da Mulher:

“No rio Sacre, nesta Expedição (1907) visitámos, como já foi dito, o salto da Mulher, O leito do rio, a montante, é de pedra de amolar — arenito amarello claro,

bastante rijo. O salto de 7 para 8 metros, deixa passar um volume d'água de cerca de 20 mil metros cubicos.

“Justamente onde termina o arenito ahi se deu a quéda, pela differença do leito que é de areia, para baixo do salto.

“O chapadão uniforme distende-se indefinidamente, sem afflorações notaveis á nossa attenção, até Saueruina. A dez leguas do nosso rumo, sobre esse rio e em direcção de N. N. E. uma grande depressão de cerca de 100 metros mostra a erosão natural que assignala os valles do Saueruina (Papagaio), Timalatiá (Sacre) e Zolaharuina (Burity); dahi se vêm os signaes de dois saltos — um, o Utiarity, do Saueruina, o outro que nos indicavam como sendo do Timalatiá, que corre a pequena distancia do Saueruina, e com elle se reune pouco adeante (1).

“No Utiarity o rio corre mansamente antes da quéda; ao aproximar-se desta, deu-se o desnivelamento brusco, de modo a formar uma grande corredeira marulhosa e junto do salto as aguas se subdividem por causa d'uma pequena ilha.

“Um grande golfo forma-se á esquerda; outra porção maior contorna a ilha á direita e antes de se despeñar se subdivide, indo uma pequena parte para o abysmo, onde cahe como extenso e alvo lençol e a outra, de maior volume, volve por um salto preliminar a encontrar-se com o grosso das aguas provenientes do golfo.

“Despenha-se, então, toda essa massa, da altura de cerca de 80 metros, no mesmo enorme poço onde se desfaz o lençol da direita; e de onde se levanta uma grossa nuvem d'água como que volatilizada e que, de muito longe, annuncia a existencia do Salto, a quem tem o habito de ler e avaliar os accidentes de um terreno.

(1) “Esse salto do Timalatiá foi por mim, em Fevereiro de 1909, baptizado com o nome de SALTO BELLO. A sua quéda em arco é de cerca de 40 metros, sob uma largura de mais de 100 metros”.

“O corte de arenito vermelho, ali descorado em muitos pontos e completamente desnudado, é vertical; o poço cavado pelas aguas é semicylindrico, aberto no meio do arco anterior já esboroado.

“A’ esquerda segue-se o muro de grês, vertical e recto, para o Norte, num abaixamento moderado; á direita a rampa é mais suave para o rio, então estreito, com especialidade logo depois do salto, onde a sua largura é de 6 metros; também ali correm as aguas com enorme velocidade. Antes da quédia a largura é de 90 metros.

“No salto a agua se eleva em nuvens mais ou menos altas, conforme a temperatura do momento, fazendo sentir constantemente os effeitos da humidade, por mais de 200 metros em redor”.

* * *

Apreciemos agora a descripção do Salto Bello do rio Timalatiá ou Sacre:

“O panorama é empolgante e tão bello, que me levou a dar-lhe este appellido ao simples ver.

“Através de irisantes arco-iris, destacam-se á vista do observador as gradações de côres na linha de incidencia da superficie plana que vem, com a convexa que desce, na quédia d’agua, desde o nacarado e verde gaio até o plumbeo argentino e azul celeste.

“Cobrindo a enorme bacia formada pelo martelar continuo e millenario da possante quédia, lá está a poeira d’agua, desbordante, que por fim sóbe, torcicolando, a marcar, no meio da floresta immensa, o ponto em que o chapadão se erodiu, determinando o desconmunal desnível.

“Não resisti ao desejo de ver a arcada que todo Salto apresenta, formada lentamente pela acção physica dissolvente e mecanica das aguas.

“Por um trilho de paca, o mesmo seguido pelos tenentes Lyra e Amarante, em Julho de 1908, em poucos minutos lá me achava com o *amure* (cacique em lingua Pareci) major Koluizorocê. Visto de baixo o “Uámulô-Uaiêzaluçú” é simplesmente arrebatador, *feerico*; os arcos iris cruzam-se, as nevas condensadas não permitem a ninguém aproximar-se do incomparavel amphitheatro, sem receber as *entrudescas* manifestações da maravilhosa cataracta; circunda-o luxuriante vegetação, forrando de alcatifado verdor aquelles escombros areniticos, producto da phenomenal fractura.

“As andorinhas dos saltos a brincarem, em vôos mergulhantes, atravessam a formidavel massa liquida que se despenha.

“Procurando inital-as, mettemo-nos debaixo do grande lençol d’agua, está bem entendido, pelo lado accessivel, avançando um pouco para dentro do salão do portentoso tecto.

“A eterna garôa, pouco permittiu-me ver e observar.

“Encostada á parede dessa aboboda, pelo nascente, vê-se uma recente cavidade na rocha, causada pela acção mecanica do liquido elemento, na sua eterna circumvolução — Por toda parte vestigios da nidificação dos velozes “Cypselus”.

“Com o andar dos tempos nova modificação trará de certo a essa cataracta, esse trabalhar continuo das aguas, por novos esboroamentos, causadores dos recúos de todos os saltos, princialmente quando são elles talhados em rochas de natureza silicosa”.

* * *

Ha uma emotividade repassada de tristeza e de saudade, quando elle nos dá as suas impressões ao contemplar as ruinas de Villa-Bella, hoje cidade de Matto-

Grosso, ou os escombros de Casal-Vasco que lhes ficam proximos.

Parece que são as proprias ruinas que falam a linguagem da miseria que já foi fausto, como que recordando entre lagrimas uma opulencia, perdida nas sombras do passado... Lê-se no seu volume "Estudos e Reconhecimentos" (Publicação n.º 1 da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas — 1.º volume do Relatorio Geral dos trabalhos da Commissão):

"A 301 kilometros de Caceres, pela linha telegraphica, temos a cidade de Matto-Grosso, installada com o nome de Villa-Bella da Santissima Trindade, em 19 de Março de 1752, por D. Antonio Rolim de Moura Tavares, depois conde de Azambuja, que foi nomeado primeiro e primitivo Governador e Capitão-General da Capitania de Matto-Grosso, por carta régia de 22 de Setembro de 1748, tomando posse em Cuyabá a 12 de Janeiro de 1751.

"A fundação desse lugar data de 1730, por bandeirantes que de Cuyabá partiram em busca do pobre indio e do precioso metal, estabelecendo-se em o lugar que tomou o nome de Pouso Alegre, chrismado mais tarde por D. Rolim de Moura com o garrido nome de Villa-Bella, hoje tão solitaria e abandonada que mais lhe quadra o nome de Villa-Triste. Entretanto, apesar da devastação feita pelo paludismo em seus habitantes, e, principalmente, nos seus hospedes, insisto em dizer que dias virão em que desse mesmo sólo, hoje maldito e mal visto, apparecerão riquezas tantas que novas éras surgirão, reabilitando o passado e encorajando o futuro.

"Passemos os olhos por esses restos de civilização colonial:

"As principaes construcções estão de pé — o Palacio do Governo e o quartel — este já em avançado estado de ruinas.

“O palacio tem os seus salões estragados e impressionou-nos mal; largo e espaçoso pardieiro!

“Tem um pavilhão á esquerda, mal iniciado. Uma porta larga dá entrada para um saguão; seis janellas á direita e uma só á esquerda — o que prova que não chegou a ser concluido. O edificio tem duas ordens de compartimentos — os que occupam a frente e o que se dispôz para a retaguarda. Quasi todos os dormitorios têm inscripções sobre a porta de entrada, umas em latim outras em francez, outras, ainda em portuguez. Num dos salões existe uma paisagem a oleo, sobre a parede, representando uma galeota com personagens destinados á conquista, despedindo-se de uma mulher e de um anjo que chora.

“N’outro compartimento vê-se outra pintura representando o enlace de um par juvenil sob os auspicios d’um anjo.

“Todos os tectos estavam denegridos pelo fumo; todas as paredes attestavam a presença de fogões.

“Mede o palacio 14,m6 de largo e tem um grande quintal, murado.

“A 84,m4 da sua frente está o quartel. De melhor aspecto, tem ao centro a sua portaria e seis janellas para cada flanco; sobre a entrada ha um frontão triangular que dá apparencia mais agradavel ao edificio. Ao lado uma varanda e, inclusive esta, o edificio mede 10,m6 de largo.

“Muitos de seus compartimentos estavam em ruinas. Na sala nobre liam-se estrophes inteiras de Camões, adequadas a assumptos de guerra.

“Contou-nos o Sr. Capitão da Guarda Nacional, José Maria, que no tempo do Commando do Alferes José Bastos, foram destruidos, pelo sargento Antonio Henrique de Carvalho, muitos compartimentos, a pharmacia e a enfermaria, mui naturalmente para que a seu material fossem, deshonestamente, dados outros fins.

“Restos do poderio desse departamento d’armas appareciam pelos escuros desvãos, carcomidos pela ferrugem e pelo azinhavre. Eram canhões de bronze e ferro do reinado de Maria I, lanças, armas e diversas; tudo trazendo o estigma do abandono e da ruina.

“Nas peças de bronze lia-se: Maria I — Arsenal Real do Exercito — 1797; e, em uma de ferro: P — 9-1-0.

“Ainda na cidade vê-se o montão de entulho onde desapareceram o edificio da Camara Municipal e seu archivo.

“Ao meio, cresce uma frondosa figueira. Disse-me o mesmo Capitão que esse edificio fôra destruido propositadamente afim de que, mais tarde, se alugassem casas particulares para séde da referida Camara...

“A matriz é um edificio grande e muito alto; não está concluido, faltando a frente e as duas torres que apenas foram iniciadas; as paredes são muito grossas e de adobes; a sua parte inferior, porém, é de pedra-canga lavrada, até a altura do pedestal, que é de cantaria e bem talhada. Ha uma decoração interior, de pintura a fresco, igual ás do quartel e do palacio. As imagens são communs e algumas de feio aspecto.

“Muitas sepulturas, entre as quaes sobresahia a do Capitão-General D. João de Alburquerque, vimos nessa igreja, e pouca riqueza em seus altares; alguns castiçaes de prata e decorações douradas.

“Outra igreja, a de Santo Antonio, encerra os despojos preciosos de Ricardo Franco de Almeida Serra. Uma simples tabua lhe recobre o tumulo e n’ella se lê:

“R. F. DE A. S.

Cel. do R. C. d’E.

Que gloriosamente defendeu Coimbra em 1801 e no mesmo logar falleceu em 21 de Junho de 1809 — Aquí está sepultado”.

“Esta igreja está construída á margem direita do rio Guaporé, a uns 300 metros da beira do rio, quando na estiagem, sendo circumdada pelas aguas deste, por occasião das enchentes.

“Para defender a igreja da inundação do rio, o Capitão-General João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres mandou construir o famoso cáes, de fôrma quadrangular, em cujos angulos parece ter havido pequenas obras de fortificação para defesa do porto e da cidade.

“Encontrámos já bastante damnificada a obra que tanto apreço mereceu do 5.º Governador e Capitão-General da lendaria Capitania de Matto-Grosso — seu constructor. Esse cáes foi construído de pedra-canga lavrada, material que tem sido retirado das ruínas do cáes para ser applicado em reparos de obras velhas.

“Vimos, ligando o Palacio ao Quartel, um passadiço que atravessa o largo ali existente, todo elle feito de pedras aparelhadas, retiradas do mencionado reducto.

“O historiador Joaquim Pereira Moitinho, em 1869, assim refere esse facto: “Nunca nos afastamos desse cáes, sem despeito e rancor á levesa de um capitão commandante do logar, que não teve remorsos de destruir obra tão monumental, para fazer um passadiço estreito e ridiculo, que parte da porta do palacio á do quartel, afim de não humedecer S. S. a solla dos seus sapatos, quando houvesse necessidade de lá ir. Oh! porque não se levantou do sepulchro a sombra do General João de Albuquerque, fundador desse monumento, para vingar o insulto feito á sua obra, e á sua memoria, plantando no coração do destruidor mais respeito a essas memorias avoengas, que nem a mão dos seculos tinha ousado tocar. Arrancar o parapeito de um cáes immenso e bem feito, ao seguir de uma linda alameda que sombreava a igreja de Santo Antonio, edificada no centro, destruir esse marco da cidade, que hoje custaria centenas de contos de

réis, só pelo amor de uma solla de sapatos, é de revoltar ainda o homem mais cynico!”

“Ruas onde o matto cresce, casas em derrocada, onde residem 340 habitantes, séde do paludismo e em guerra com os indios dos arredores que por duas vezes já a invadiram, em pleno dia — eis como encontrei Villa-Bella no anno de 1906, quando a visitei, após a construcção do ramal de Cuyabá a Caceres.

“Pela estação das aguas o Guaporé e o Sararé, sahindo de seus leitos, circundam-na e a transformam em ilha.

“O rio Guaporé é tambem conhecido pelo nome hespanhol de “Itenez”; em 1906 era navegado por 4 lanchas a vapor, propriedade de uma empresa allemã. Explorá-mol-o, nesse anno, desde Destacamento até Villa-Bella.

“Abaixo do porto do Destacamento e um pouco antes da ponta do morro do Kagado, cerca de 21 kilometros daquelle porto, as suas margens são brejosas, raramente offerecendo trechos sêcos. Descendo aproximadamente 28 kilometros mais, encontra-se uma tapéra cujos vestigios se descobrem com difficuldade. O brejo continúa e por fim o rio se subdivide em diversos braços, alguns dos quaes se obstruem para embarcações.

“Depois se reúnem os braços e elle se estreita. Mais adeante temos um rio desaguando por tres bôcas, pela margem direita, tornando-se o Guaporé mais largo e mais facilmente navegavel.

“Passado pequeno firme, voltam as margens brejosas; gradativamente recebendo uma serie de bôcas pela esquerda e pela direita, elle se alarga para 40 metros, por 4 de profundidade. Depois d'um pequeno morro — do “Tertuliano Nicles” — se aprofunda enormemente, para se alargar em seguida, mas ainda com brejo. Por fim, vêm os vestigios de terra firme e seu leito se torna pedregoso.

“Aparece além, no fundo do estirão do rio, a Serra de Ricardo Franco, outr’ora denominada Grão Pará; e elle se alarga para 80 metros, conservando apenas livres 30. Pouco adiante do porto abandonado da Fazendinha, vê-se que o rio toma feição nova; tem a caixa bem larga, em alguns pontos com cerca de 100 metros, tendo porém apenas 20 a 30 descobertos. Afinal apparece a barra do Alegre com 10 metros de amplitude e 0,16 de profundidade maxima.

“Dahi a pouco começam a apparecer casas, indicando a proximidade de Villa-Bella, onde o rio chega por um regular estirão.

“Da cidade para baixo tem elle seis passos máos: “João Grande, Guanandy, Tira-Paletó, Tristão, Roncador e Pedregulho”.

“Nesta mesma exploração subi o rio Alegre até a chamada “passagem do Bastos” onde a estrada de Casal-Vasco transpõe as suas aguas. Verifiquei que a sua profundidade e largura augmentam da foz até ahi, chegando esta a 90 metros. As suas aguas são paradas.

“A 20 minutos da foz ha uma bonita habitação, construida de pedra-canga e coberta de telha; nesse lugar ha uma bahia, duns 700 metros no maior diametro, chamada Bahia dos Oculos, sendo a habitação denominada Fazenda dos Oculos. Era habitada por 32 almas”.

* * *

Pode-se ter uma idéa do estylo de suas ordens do dia lendo as que estão insertas na publicação citada ha pouco; entretanto julguei interessante aqui transcrever duas que não foram publicadas; uma refere o fallecimento de um official, outra, escripta com sua propria letra, ao ser inaugurado o ramal de Caceres a Matto-Grosso:

“QUARTEL NA CIDADE DE MATTO-GROSSO — ORDEM
DO DIA DE 24 DE FEVEREIRO DE 1908

Para conhecimento da Commissão e dos Contingentes faço publico:

INAUGURAÇÃO

Autorizado pela Directoria Geral dos Telegraphos em telegramma de 21 do corrente, determino que seja nesta data constitucional inaugurado o ramal de Caceres á cidade de Matto-Grosso.

Cheio de orgulho, pela satisfação intima do dever cumprido, nos reunimos solennemente, após uma luta insana de 9 mezes sem descanso, em torno desta data nacional, para commemoral-a duplamente.

A Republica Brasileira festeja em toda a União o 17.º anniversario da promulgação da sua constituição; não poderia passar despercebida essa data para a pequena fracção do Exercito Nacional, que a fatalidade atirou em serviço no ultimo rincão do Brasil occidental.

Por outro lado, e para vós, intemeratos lutadores, o que constitue o facto principal deste dia, é que a Commissão de que todos somos membros, tendo concluido a construcção do ramal de Caceres a Matto-Grosso (construcção que foi encetada e acabada pela primeira secção, a principio a cargo do 1.º ajudante major Felix Fleury de Souza Amorim, e presentemente sob a proficiente direcção do Sr. Capitão Francisco Raul de Estillac Leal), entrega á população da legendaria cidade fundada em 13 de Março de 1752 por D. Antonio Rolim de Moura, a estação telegraphica extrema do ramal, instalada no Palacio Historico dos Capitães-Generaes, e bem assim a estação de Pontes e Lacerda situada a 592 metros da margem oriental do rio Guaporé, desta localidade distan-

te 73 kilometros, e mais 209 kilometros de linha assentada a partir da estação de Porto Espiridião, que foi inaugurada em 12 de Outubro do anno passado pelo major Fleury.

Dando por concluida a nossa missão nesta banda occidental da nossa mais longinqua fronteira, temos a mais viva satisfação em declarar que apesar e através de todos os tormentos moraes e physicos porque um homem pode passar, esta secção cumpriu o seu dever, entregando prompta e acabada a construcção de 301 kilometros de linha, que construiu em $9\frac{1}{2}$ mezes, inclusive a sua organização; não deixando os officiaes de prover as suas praças dos recursos indispensaveis para o bom desempenho do dever.

A segunda secção na linha tronco, nesta mesma data, entrega ao trafego publico 83 kilometros de linha, assentada de Rosario a Diamantino, e a estação telegraphica deste nome, que devia ser inaugurada no dia 15 de Novembro do anno passado, e que não o foi, por ter ido a pique a lancha que conduzia o arame para aquella construcção.

Por falta de material, quasi que paralysoou o serviço daquella secção, hoje acampada a 70 kilometros de Diamantino, na direcção de Noroeste.

Congratulemo-nos, pois, com o Sr. Presidente da Republica, que teve a iniciativa do assentamento do telegrapho até o Acre, através dos sertões de Matto-Grosso, e de cuja iniciativa surgiu como corollario esta construcção, talvez a mais penosa materialmente, que tenhamos ainda de enfrentar; saudemos o Presidente deste futuro Estado, a gemma do Brasil na opinião de estadista de nomeada, pelos grandes beneficios consequentes, que transformarão os desertos feracissimos, dentro de prazo não muito longo, em campo de acção da industria humana.

E' dever meu imperioso, no momento em que entregamos á Repartição Geral dos Telegraphos o complemento indispensavel da sua réde telegraphica de penetração, ha muito exigido pelos interesses politicos e commerciaes de nossa Patria, de falar-vos meus prezados amigos, e resignados soldados, historiando successivamente, pela rama, a laboriosa campanha que sustentastes até hoje, apesar do pensamento humano nem sempre poder pintar os soffrimentos alheios.

Melhor do que eu todos sabem e sentem que, antes de saltarem na margem do Paraguay, opposta á cidade de S. Luiz de Caceres, já trazia incubada, em estado latente, grande numero de praças do contingente, a maldita enfermidade que jage no organismo humano sob forma epidemica — a variola.

O panico, como sempre succede, não se fez esperar, sendo felizmente contido dentro de limites razoaveis, pela energia, dedicação, intelligencia e caridade edificante do Dr. Armando Calasans, a quem tive a feliz inspiração de confiar a direcção sanitaria da secção; concorrendo admiravelmente para corroborar a confiança que immediatamente encheu de esperanças os corações dos enfermos e não enfermos, a estoica coragem do Capitão Custodio Braga, que então chefiava interinamente a secção, presidindo a organização dos multiplos trabalhos, que seriam confiados a braços inexperientes a quiçá fracos.

Estabeleceu-se o isolamento dos variolosos, que foi sempre visitado pelo chefe e tratado pelo medico da secção, ao mesmo tempo em que se encetavam corajosa e entusiasmadamente os varios trabalhos preliminares, que foram seguidos dos da construcção propriamente.

Não será figura de rhetorica o affirmar que se tornou embaraçosa a distincção entre os soffrimentos dos variolosos e os dos que agiam no infeccioso paúl das mattas do Paraguay.

Venceram-se as duas grandes barreiras que surgiram como que para experimentar a tempera do pessoal, que ia arriscar a vida na zona tida como a mais infecciosa do Oeste Brasileiro.

A variola foi subjugada no seu nascimento devido ás acertadas medidas tomadas pelo intelligente medico que illustra a nossa Commissão; a mata que se nutre da vasa e da podridão vegetal posta em baixo, no picadão, graças á tenacidade dos officiaes, que transmittiam aos soldados, no exemplo que deram, a energia e o enthusiasmo.

Entraram então em sua segunda phase os trabalhos da secção, com a apresentação do chefe effectivo da secção, major Felix Fleury de Souza Amorim e do commandante effectivo do contingente Capitão Francisco Raul de Estillac Leal. (1)

O terreno na sua rude apparencia, parecia abrir os braços affectuosos a tão valorosos combatentes, depois de tantos e insanos trabalhos; mas, essa demonstração de affecto não foi muito avante; em menos de um mez, após a partida do pessoal do acampamento da Caissára, eis que surge difficuldade talvez mais assustadora! Estava o pessoal sitiado por tremenda sêca, nessa vasta bacia sedimentar, que se estende da Bahia da Caissára ao correjo das Pitas. Desenvolveu-se então a luta feroz da sêde, em cujo transe agudo o nosso pessoal apparentemente inerte e bisonho como os nossos matutos do sertão, demonstrou valentia e resignação; pois todos nós avaliamos bem que loucuras é capaz de commetter um homem, quando é atormentado pelo supplicio da sêde.

(1) Na activa, attingiu mais tarde, com grande lustre, o posto de General de Divisão, e, recentemente, falleceu no Rio de Janeiro, como Marechal reformado.

A falta d'agua desapareceu temporariamente com a interposição das fontes perennes de Pitas e Jaurú, reaparecendo alem deste.

E' excusado lembrar-vos os trabalhos que tivestes para cumprir o dever; afóra os incorrigiveis sociaes, porque se os encontra em toda a agglomeração humana, a maioria dos soldados, se bem que instigados pelos officiaes, cumpriram mais ou menos o seu dever civico; sim, porque o soldado no Brasil como em toda nação civilizada, não é um escravo, como aleivosamente, perfidamente, procura insinuar-lhe muita gente, ao partirem as levas de recrutas, ou mesmo de praças velhas, para as construcções telegraphicas, principalmente de Matto-Grosso.

O que nenhum soldado deve ser, e deve disso ter vergonha, é um parasita da nação, isto é, homem que suga o dinheiro do Thesouro, toda a vida em que finge servir á Patria, e que no emtanto, na realidade, não passa de um perturbador da ordem publica, vivendo a vida vergonhosa e illicita das tavernas; vida essa que dá sempre logar a revoltas de quartel e á tremenda agitação politica e social que leva quasi sempre a nação ao descredito no estrangeiro.

Finalmente entram os trabalhos da secção na sua terceira phase e decisiva, em que os vim encontrar, tendo o chefe da secção se retirado da testa dos trabalhos por incòmodo de pessoa da sua Familia e assumindo interinamente a chefia o capitão Estillac.

Achava-se o acampamento geral estabelecido no Pau da Tolda, dentro da matta, quando alli cheguei no dia 18 de Dezembro do anno passado e o bivaque da abertura do picadão situado nas Pedras Brancas, a 2 leguas á frente do acampamento geral.

Combinei com o capitão Estillac algumas providencias secundarias e marchei para esta cidade, a examinar

as obras deste Palacio, então abandonadas á solicitude do mestre pedreiro Ananias e ao nenhum interesse, e até abuso, do carpinteiro Alfredo.

Meditei sobre a situação da secção, situação que se reflectia sobre a Commissão e, considerando o encarecimento crescente do valor kilometrico da construcção geral, em cuja avaliação o dividendo conservava-se constante ou tendia a crescer, quando o divisor diminuia, com tendencias a baixa brusca, compromettendo gravemente o quociente avaliador; não hesitei um só momento, em tomar a firme resolução de auxiliar aos denodados companheiros, intelligentes e dedicados, que ficaram, os quaes sempre vi porfiando cada qual em melhor cumprir o dever.

Dessa forma fiquei ao vosso lado, procurando estar em toda a parte, para convosco compartilhar dos desgostos moraes e physicos, que se multiplicaram dessa data em deante, e sou testemunha do quanto vos esforçastes para, em dois mezes de trabalho effectivo, transpordes a maior barreira que experimentastes até então, porque, nessa terceira phase da construcção, com excepção da variola, todas as outras desgraças se congregaram para vos impedir os passos. Mas, de balde foi; nem a extraordinaria e lendaria matta do famoso Guaporé, matta em cuja largura de 66 kilometros só no rio se encontrou agua bôa e permanente; nem os afamados campos de Matto-Grosso, que se estendem por 50 kilometros alem até a margem oriental d'aquelle rio; campos esses inundados periodicamente pelas enchentes combinadas do Sararé e do Guaporé, que envolvem a cidade; vos demoveram do cumprimento do dever, prezados companheiros. A essa barreira, materialmente formidavel, oppuzestes outra: o patriotismo — que a destruiu, como o vendaval quando, dentro da floresta, açoita o jatobá duas vezes secular. Não só cahe o gigante da floresta, como todos os vege-

taes subalternos, seus satellites. Assim foi vencida a grande barreira, phantastica até, que esta zona paludosa se vos oppoz, como cada um de vós, no segredar das vossas reflexões patrioticas, eliminou para sempre todas as duvidas egoisticas, que perturbaram o desabrochar sadio dos vossos nobres sentimentos e enthusiasmos.

Eu congratulo-me com a nossa grande Patria, por possuir filhos desta tempera rigida, baluarte da sua integridade politica, moral e material.

A minha digressão foi grande e enfadonha, como foi titanica e resistente a luta que sustentastes para resistirdes contra os elementos.

Os trabalhos estão concluidos e para inaugural-os é curioso discriminal-os:

Da estação de Caceres á de Porto Esperidião, estabelecida á margem occidental do rio Jaurú foram assentados 92 kilometros de linha, construida a casa provisoria da estação e projectada pelo Tenente Amarante a ponte de madeira de vão de 48 metros para transpor o rio Jaurú. Esse trecho foi inaugurado na administração do major Fleury.

Do Jaurú ao Guaporé, onde se estabeleceu a 2.^a estação com os nomes de Pontes e Lacerda, em homenagem aos primeiros exploradores desse rio, foram assentados 136 kilometros de linha, sendo 94 kilometros construidos na administração anterior e a differença pelo Capitão Estillac. Nesse trecho, a linha atravessou 43 kilometros de matta florestal.

Construiu-se a casa provisoria em que se installou a estação e uma ponte de madeira de 25 metros de vão para transpôr o Guaporé. A casa e a ponte foram projectadas pelo Tenente Siqueira, que dirigiu a construção da primeira, sendo a ponte construida pelo habil mestre carpinteiro Sr. major José Jorge da Cunha, que foi o nosso principal collaborador desde o Jaurú, não só como

fornecedor e constructor, como nosso principal amigo, que tanto nos auxiliou no transporte de material e viveres que tínhamos em Porto Esperidião.

Finalmente transpondo o Guaporé foi a linha locada pela estrada, attingindo, dentro da matta, um desenvolvimento de 23 kilometros, tanto quanto tem a estrada, uma e meia vez secular que, trilhada pela primeira vez por sertanistas que se formaram dois seculos depois da descoberta deste pedaço do continente sul-americano, deixou impressa nessa floresta de palmeiras, a sinuosidade do espirito de quem descobre vacillando.

Esse trecho occidental da supramencionada matta, foi derrubado por 60 praças deste contingente sob o commando do fallecido e saudoso 2.º Tenente José Paulo de Oliveira, que escapando nessa zona das garras do paludismo, não pôde livrar-se do cutello maldito da congestão cerebral. Elle morreu na cidade de Corumbá, depois de ter sido exonerado do cargo de subalterno do contingente, cargo que exerceu com criterio, zelo e dedicação pelo serviço.

A secção que liga Pontes e Lacerda a esta cidade, é pois, de 73 kilometros, que é o desenvolvimento que tem a linha ahi, sendo 23 kilometros em matta, e 50 kilometros em campos alagadiços.

Nesta cidade terminaram os nossos labores, onde vêdes que a nossa acção tambem penetrou, pela limpeza que ella apresenta, relativamente, e pela reconstrucção quasi total deste predio historico, unico que conseguiu escapar á destruição do tempo e dos homens.

Intenção minha foi tambem a de reconstruir aquelle quartel, tambem historico, e cujo aspecto neste momento contrasta tanto mais com o do Palacio, quanto ahi foi sempre e continúa a ser a residencia da força militar sob cuja guarda a Nação confia a integridade da fronteira desta banda occidental.

E'-nos doloroso assistir á tristeza daquelle pavilhão n'aquellas ruinas hasteado; tão triste se nos afigura, que parece chorar as desgraças da fronteira, que os seus defensores como que malbaratam; é como a censura tacita que nos atira a mesma brisa que beija e balança as sensíveis palmeiras do nosso querido Brasil.

A direcção das obras do Palacio, desde o seu inicio, em Setembro até 23 de Dezembro do anno passado, em que aqui cheguei pela terceira vez, esteve com os commandantes do destacamento, aos quaes a commissão pediu auxilio, por não ter a secção pessoal sufficiente e não poder dar-lhes um encarregado responsavel, resultado que em 4 mezes apenas puderam destruir os forros, em bom estado ainda, dos compartimentos do edificio, levantar alguns lances do muro e rebocar, a reboco primitivo, a parte externa da frente do predio. Tudo o mais estava intacto, e o escombro que encontrei dentro e fóra do edificio media justamente o grau de desmando e de desidia que presidiam ao serviço, com grave esbanjamento dos dinheiros publicos.

Foi então que confiei ao 2.º Tenente Nicoláu Bueno Horta Barbosa, 5.º ajudante, a direcção das obras até a sua final conclusão. E o que elle fez em dois mezes muito contrasta com aquelle esbanjamento que tanto comprometteu a administração da secção.

Como vêdes, nada pudemos fazer, por falta de tempo e por aquelle motivo, que roubou os dias que poderiamos empregar naquelle reparo do quartel em ruinas, que continuará a gotejar as lagrimas do abandono, até que, reduzido a escombros, seja riscado da relação dos proprios militares esse casarão, que occupa uma quadra inteira, e no qual, na bella época do seu apogeu, nos governos dos Albuquerque, já aquartelaram muitas centenas de praças.

Foi elle a sentinella vigilante da Fronteira e deste Palacio, onde os portuguezes mais illustres daquelle tempo, tanto trabalharam pelo engrandecimento desta Terra, em prol da grandeza material do Brasil.

Não foi pequeno o esforço despendido por esta secção que, apesar de todos os descabros por que passou, apresenta a media mensal de 33 kilometros de construcção, duas casas construidas para estações, uma ponte de madeira de lei de 25 metros de vão, e a reconstrucção do Palacio, em que se acha installada a estação extrema.

A segunda secção, que iniciou os seus trabalhos na mesma occasião, em 15 de Maio, porem com pessoal inferior em numero, marchou nos primeiros mezes de trabalho, com esperançosa velocidade, cahindo por fim na infelicidade de quasi nada produzir, de Novembro do anno passado a esta data. Duas causas capitaes concorreram para que chegasse a este estado; a primeira foram as constantes deserções das praças, que envergonhavam a Commissão e o Exercito, crime militar esse que só mais tarde cessou; persistindo a ultima causa, até hoje, pela continuação da escassez d'agua nos rios Cuyabá e Paraguay. Alem desses motivos capitaes, houve um que desorganizou por alguns mezes todo o serviço da secção, e foi o naufragio da lancha que levava arame ao porto de Rosario e destinado a linha de Diamantino, onde a segunda secção fincou o ultimo poste no dia 5 de Novembro do anno passado.

Decorreram 4 mezes para restabelecer o serviço, de modo que a estação de Diamantino e linha correspondente, que deviam ser inauguradas no dia 15 de Novembro passado, só hoje podem ser entregues ao trafego publico.

A segunda secção construiu até 5 de Novembro 183 kilometros, dando uma media de 36 kilometros, que fica reduzida a 20 kilometros até hoje, por quasi nada ter feito daquelle data em deante; apenas ella apresenta mais

70 kilometros de picada aberta e postes distribuidos, faltando todo o material de linha.

Aquella secção inaugurou a estação da Guia no dia 14 de Julho com 30,km913 de desenvolvimento do fio conductor; a de Brotas no dia 15 de Agosto com o desenvolvimento do fio, de 23,km922; a de Rosario-Oeste no dia 7 de Setembro com 45,km463 de linha e a de Diamantino nesta data com 82,km899 de linha assentada a partir de Rosario.

Aquella secção adquiriu por compra as casas em que foram installadas as estações da Guia e de Diamantino, estabelecendo em predios alugados as duas outras de Brotas e Rosario.

Venho por ultimo tratar dos serviços da terceira secção, por mim directamente dirigida, e fundamentalmente de minha immediata responsabilidade.

Foi organizada em Diamantino, no mez de Agosto a expedição que devia explorar a zona comprehendida entre essa villa e um ponto do Juruena. Essa expedição d'ahi partiu no dia 2 de Setembro, e se compunha de 18 pessoas no seu inicio: foi augmentada de dois indios que se propuzeram a servir de praticos depois de 45 leguas de marcha, do meio da expedição para o fim; ella chegou a ter 21 pessoas, de 20 de Setembro a 3 de Outubro, com o engajamento de um seringueiro, que se offereceu para nos acompanhar até onde soubesse, por trilhos recentemente abertos, sertão afóra.

Pois bem, marchámos, todos confiantes, cada qual mais entusiasmado pelo cumprimento do dever, e firmes na convicção de que o sentimento da Patria sempre guiou e amparou por toda a parte ás mais audazes empresas de fins alewantados.

Marchámos 229 kilometros em rumo do poente, percorrendo o divisor das aguas do Norte e do Sul, quasi sempre esteril, de formação predominantemente arenosa.

Inclinámos, depois de deflexão cuidadosa, para o norte e N. N. O., em cujo rumo mantivemos a segunda parte da exploração, até attingirmos a meta d'antes tão almejada.

Após 49 dias de serios soffrimentos moraes e phisicos; de privações dos alimentos os mais indispensaveis á vida; no meio dos tormentos dos piuns e abelhas de innumeradas especies, que nos envolviam sempre que paravamos; atravessando rios caudalosos diversos, sem os apropriados meios para esse fim indispensaveis; no meio enfim de um sertão bruto, povoado dos selvagens os mais guerreiros, chegámos a pé á margem do famoso Jurruena, no dia 20 de Outubro do anno passado, ás 12 horas e 30 minutos da tarde, na latitude austral de $12^{\circ} 50'56''{,}01$ e longitude ao Oeste do Rio de Janeiro de $15^{\circ} 57'20''{,}0$ e altura de 360 metros, sendo a latitude do nosso ponto de partida de $14^{\circ}25'29''{,}73$ e longitude a Oeste do Rio de Janeiro de $13^{\circ}1'13''$ e altitude de 340 metros.

Eramos 8 apenas os que nesse dia trabalhavamos, e fomos os unicos que chegámos a ver e gozar do pittoresco panorama que se nos deparou ao enfrentar tão maravilhoso rio, de aguas marulhosas e crystallinas.

Lavrámos uma arvore da margem e nella inscrevemos a lapis a acta da nossa chegada.

Regressámos ao acampamento que se achava estabelecido a 10 kilometros atrás e onde havia ficado o resto do pessoal e a carga da expedição.

Pretendiamos no dia 22 transportar esse acampamento para o ponto insistentemente procurado e ora attingido; mas, fomos obrigados, por prudencia, a desistir de intento tão justo, não só porque os indios Nhambiquaras então nos atacaram, em pleno dia, felizmente sem nenhum fracasso para a expedição, como principalmente porque já não dispunhamos de elementos fortes para estabelecer qualquer defesa contra os ataques daquelles selvícolas; estavamos com parca porção de viveres, que apenas

dava para nos sustentar vivos até Aldeia Queimada, nossa base de operações; e além dessas razões poderosas, não tínhamos mais animaes que resistissem a grandes esforços; estavam todos cansados, e tão frouxos que de 40 muares que levamos apenas 9 conseguiram escapar, chegando magrissimos e acabados a Aldeia Queimada, onde foram substituidos.

Resolvi, immediatamente, logo após o ataque, que se realizou ás 9 horas da manhã de 22, encetar a retirada, depois de consulta feita aos 3 meus immediatos companheiros de soffrimentos. Tínhamos cumprido o dever, levando a exploração até o seu termo; não participavamos da opinião corrente que nega o direito de defesa e até de vida aos indios, que então agiam sob o impulso do mais legitimo dever que tem todo o ente humano de defender a integridade da sua patria e do seu lar; não hesitámos, pois, em retirar, o que realizámos quasi totalmente a pé!!!

Os selvagens nos acompanharam até o segundo pouso, e nos deixaram após. Então começou para a expedição luta mais perigosa, do que a que sustentamos na nossa defesa contra as flechas dos indios.

Tivemos que tentar rumo differente do percorrido; e só após a convicção de que o caminho mais curto para a expedição, no triste estado em que nos achavamos, era procurar novamente a nossa batida, volvemos a um dos pontos conhecidos, executando assim uma volta de 70 kilometros através de terrenos intrincados e cruzados por indios.

Sahindo no caminho, proseguimos a retirada; atravessámos em *pelota* a carga da expedição e muitos dos expedicionarios que não conheciam a arte da natação, transpondo assim os rios Zolaharuiná, Sauêruiná e Timalatiá. Os indios nas suas incursões, após a retirada dos seringueiros, soltaram as canoas, queimaram os ranchos das feitorias e andavam arrecadando os restos de latas e ferramentas que aquelles deixavam.

Seguimos impávidos rumo do nosso acampamento de Diamantino, descrevendo um grande arco pelo valle do Paraguay.

Quando chegámos á Aldeia Queimada, no dia 13 de Novembro, nos achavamos extenuados, quasi sem forças, pois estavamos com quasi 70 leguas de retirada em caminho traçado a pé e com fome!

A 19 de Novembro tocavamos á primeira fazenda, a de Tapirapoan e a 28 chegavamos a Diamantino, no meio da mais affectuosa alegria, manifestada por todos, membros da Commissão, ou simples curiosos das povoações e sitios. — Havia corrido antes o boato de ter sido sacrificada pelos selvagens a expedição inteira!

Em Diamantino fechámos o cyclo da exploração com 967 kilometros de caminhamento, com determinações astronomicas de 14 pontos mais importantes da zona atravessada.

Alem desse serviço, que veio decidir do nosso destino através de sertões bravios, foram encetados e quasi realizados pela terceira secção os trabalhos da medição e demarcação da Fazenda nacional de Casalvasco, que confiei ao 2.º Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira, 4.º ajudante, o qual interrompeu a execução dos mesmos trabalhos por ter cahido gravemente doente, quando de volta das cabeceiras do rio Verde tentava a descoberta do marco 4 Irmãos, na fronteira com a Bolivia.

Eis o retrospecto succinto dos nossos labores durante os 9 mezes que levam a nossa acção patriotica em prol do engrandecimento da extraordinaria rêde telegraphica brasileira:

Construimos, em uma palavra, em 9 mezes de effectivo trabalho, 434 kilometros de linha, concluindo definitivamente o ramal complementar da linha do Oeste, e temos na linha tronco, preparados para receber o fio conductor, picada aberta e postes preparados e distribuidos

em 70 kilometros, que ainda não podem ser inaugurados em virtude da crise aguda de transporte que supportamos, pela extraordinaria sêca deste anno; determinámos as coordenadas geographicas de 14 pontos; levantamento de estrada e locação da directriz de mais de 500 kilometros; nivelamento da directriz da linha em 484 kilometros e effectuámos um reconhecimento de 967 kilometros com nivelamento barometrico correspondente.

Estes algarismos falam eloquentemente em favor do vosso patriotismo e da vossa actividade, meus prezados companheiros e valentes soldados, animando-nos, estimulando-nos a cada vez mais nos esforçarmos para melhor corresponder á confiança do Chefe da Nação, que a esta Commissão directamente entregou a execução da linha do Acre e do Amazonas, esperando e confiando vel-a realzada dentro do seu governo.

A nossa honrosa missão não finda, pois, nestas plagas longinquas de Matto-Grosso; ella, por sua propria natureza, tem latitude mais vasta: atravessando os sertões nunca pisados pelos bandeirantes audazes do seculo XVIII, transporá o Juruena e o Madeira, o Acre, o Purús e irá nas cabeceiras do Juruá procurar uma região quiçá ainda mais deslumbrante, abrigando-se nos primeiros degraus dos Andes orientaes, na fronteira peruana!

Correspondamos, pois, á confiança presidencial, e cumpramos o nosso dever, succeda o que succeder!

Usando da palavra que me cabe, como Chefe da Commissão, e cumprindo rigoroso dever de justiça, louvo como o faço aos seguintes officiaes, empregados do telegrapho e praças:

Ao Sr. *Capitão Francisco Raul de Estillac Leal*, pelo criterio, competencia e zelo intelligente com que desempenhou o cargo de commandante do contingente, em cuja função revelou bellas qualidades de commando e mais pela excellente orientação que imprimiu aos trabalhos da

construcção, durante a sua chefia interina da secção; ao Sr. *Capitão do Estado-Maior Custodio de Senna Braga*, 2.^o ajudante, pela intelligencia, dedicação e competencia com que desempenhou a chefia da 1.^a secção e continúa a desempenhar a direcção da 2.^a no impedimento dos respectivos serventuarios; ao *Capitão de Engenheiros Marciano de Oliveira e Avila*, 3.^o ajudante, e chefe da 2.^a secção, pela competencia, dedicação e esforço intelligente com que desempenhou as suas funcções; ao 1.^o *Tenente de artilharia Manoel Theophilo da Costa Pinheiro*, auxiliar, pela intelligencia, zelo e bôa vontade com que tem feito o serviço de exploração e locação da 2.^a secção; ao 1.^o *Tenente medico de 5.^a classe Dr. Armando de Calasans* pela intelligencia, zelo, dedicação e firmeza com que tem desempenhado a sua espinhosa missão sacerdotal, attendendo com incomparavel interesse a todos os pontos onde quer que um membro da Comissão adoeça, viajando leguas e leguas para salvar a qualquer doente, como o fez salvando as vidas do 2.^o tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira e do carpinteiro Alfredo Ignacio da Silva, indo attender ao primeiro em Casalvasco e vindo attender ao segundo nesta cidade; ao 1.^o *Tenente medico de 5.^a classe Dr. Manuel Antonio de Andrade*, pela dedicação intelligente e caridade com que tratou dos doentes da 2.^a secção; ao 2.^o *Tenente de artilharia Frederico de Siqueira*, auxiliar, pela intelligencia, dedicação e zelo com que executou os serviços que lhe foram confiados; ao 2.^o *Tenente de infantaria Nicolau Bueno Horta Barbosa*, 5.^o ajudante, pela bôa vontade, esforço extraordinario e intelligencia com que realizou os trabalhos da reconstrucção deste Palacio; ao 2.^o *Tenente de artilharia João Salustiano Lyra*, auxiliar, pela intelligencia, competencia e dedicação com que fez os desenhos e calculos das coordenadas determinadas pelo reconhecimento; ao 2.^o *Tenente de infantaria Carlos Carmo de Oliveira e Mello*, subalterno do contin-

gente da 2.^a secção, pela dedicação, zelo e intelligencia com que fez o serviço de secretaria da secção; ao 2.^o *Tenente Joaquim Gomes*, subalterno do contingente da 1.^a secção, pelo esforço, bôa vontade e intelligencia com que fez todo o serviço da derrubada e abertura do picadão; ao 2.^o *Tenente de artilharia Virgilio Marones de Gusmão*, subalterno da 1.^a secção, pela intelligencia, dedicação e zelo com que desempenhou as suas funcções; ao 2.^o *Tenente de infantaria Manoel Rabello*, auxiliar, pela dedicação, esforço e intelligencia com que fez os serviços que o chefe da 2.^a secção lhe commetteu; ao 2.^o *Tenente de infantaria Athayde da Costa Galvão* pela dedicação, bôa vontade e intelligencia com que effectuou os serviços que lhe foram confiados; ao 2.^o *Tenente de infantaria Emmanuel Silvestre do Amarante* pela intelligencia, dedicação e bôa vontade com que se desempenhou de todos os serviços que lhe foram commettidos; ao *Capitão de infantaria Marçal Nonato de Faria*, pagador, pela honestidade e dedicação com que se houve no desempenho da sua funcção; ao pratico de pharmacia *Benedicto Canavarros*, pela dedicação intelligente e bôa vontade com que se desempenhou proficientemente do seu cargo; ao *inspector de 3.^a classe Salathiel Candido de Moraes e Castro*, pelo maximo esforço, dedicação incomparavel e bôa vontade com que se houve no desempenho da sua funcção, sobresahindo a actividade que despendeu no final da construcção deste ramal; ao *inspector de 3.^a classe Paulo Domingos*, pela bôa vontade e dedicação com que desempenhou o seu cargo; ao *telegraphista de 3.^a classe Germano José da Silva* pela intelligencia, competencia e dedicação com que dirigiu a aula pratica de praticantes de telegraphistas; ao *inspector de 2.^a classe Francisco José Xavier Junior* pela intelligencia, esforço e bôa vontade com que exerceu o seu cargo; ao *photographo Luiz Leduc*, pela habilidade e proficiencia com que se tem havido no cumprimento do

dever, e mais pela extraordinaria actividade com que tem executado todos os serviços extranhos á sua profissão e que com tanta bôa vontade os tem feito, que se tornou digno da minha consideração e estima; ao *telegraphista de 4.^a classe Marcos de Azambuja*, pela dedicação com que se desempenhou do seu cargo; ao *feitor Geraldo Carvalhaes da Silveira* pela dedicação, proficiencia e zelo com que dirige o serviço de linha da 2.^a secção; ao *feitor em commissão Samuel Delduque* pela dedicação, intelligencia e bôa vontade com que fez os diversos serviços que lhe tocaram; aos guardas de 1.^a classe *Ezelino Rosas, Alberto dos Santos Ribeiro, Frederico Ortiz do Rego Barros e Acylino Xavier Monteiro*, pela intelligencia e dedicação com que se desempenharam das suas respectivas funcções; ao guarda-fio de 2.^a classe em commissão *João de Deus e Silva*, pela dedicação e esforço com que desempenhou os trabalhos que lhe foram confiados. A todos os empregados civis da tropa e das carretas e a todas as praças dos contingentes que se portaram durante o serviço com disciplina e bôa vontade, agradeço finalmente a efficaz cooperação que prestaram.

* * *

Para conhecimento da commissão e dos contingentes
faço publico:

ORDEM DO DIA DE 20 DE MARÇO DE 1908 NO ACAMPAMENTO
DO PORTO ESPERIDIAO

Para conhecimento da Comissão e dos contingentes
faço publico:

FALLECIMENTO

Quiz a fatalidade que não retirassemos do ardor dos
nossos trabalhos sem uma perda profunda! FALLECEU

hontem ás oito e meia horas da noite o inditoso 2.^o tenente *Joaquim Gomes de Oliveira*, subalterno do contingente, victima de febre renitente paludosa, de forma adynamica, segundo o diagnostico do Dr. Calasans.

A Commissão soffre com essa perda golpe dolorosissimo. Official correcto no cumprimento de seus deveres, o 2.^o tenente Gomes tornou-se nos trabalhos desta 1.^a secção o batalhador mais pertinaz; tomando a si o penoso trabalho da abertura do picadão, desde que se apresentou á Secção, só d'elle se retirou com a conclusão da construcção, sempre cheio de enthusiasmo, energia e dedicação pelo serviço. Foi portanto em torno d'elle que se concentraram todas as esperanças de uma marcha rapida, pelo avançamento que o serviço da vanguarda pudesse ter.

Não é, pois, sem profundo pesar que vemos desapparecer do nosso meio, dentre os amigos e todos os seus camaradas de armas tão distincto companheiro, tão intemerato soldado, tão dedicado trabalhador e bom amigo!

A Commissão cobre-se de luto e compartilha da dor que neste momento deve ter acabrunhado a sua velha mãe e sua extremecida Familia.

* * *

Presente, no Rio de Janeiro, no momento em que a Exma. Familia do Tenente Eduardo de Abreu Botelho depositava, no cemiterio de S. Francisco Xavier, os restos mortaes deste official, exhumados pela Commissão no sertão e conduzidos por esta, para esse fim, a pedido da sua veneravel Mãe, leu elle a seguinte formosa composição, transcripta nos annaes do Senado Brasileiro:

“Cumprimos, nós, da Commissão Telegraphica, o doloroso dever de render esta singela homenagem á memoria do saudoso 2.^o tenente Eduardo de Abreu Botelho. Vene-

rar e amar a memoria de quantos concorreram com uma parcella do seu esforço para a grandeza e civilização da nossa Patria, é um dever civico a todo mundo imposto.

“Entre os muitos que deram, com a sua vida, prova de amor, de patriotismo, pela obra da integração do sertão ao patrimonio nacional, é de justiça mencionar o sympathico official do Exercito tenente Eduardo de Abreu Botelho.

“Ainda como alferes-alumno elle commandou o 2.º destacamento militar que foi installado na Ponte de Pedra sobre o Sacuriú-iná, para policiar o Grande Sertão, procurando então congregar, em nucleo indigena, os Parecis-Cachinitis do valle desse rio e do Anhanazá.

“Fundou o segundo nucleo de Utiarity, reunindo alli os Parecis-Uaimarés, do valle do Timalatiá.

“Completoou a installação da estação telegraphica de Vilhena e organizou o serviço de conservação da linha, construida em pleno coração do Noroeste Mattogrossense.

“Dahi partiu para cooperar na construcção do Norte, servindo no sector do Madeira.

“A segunda phase da sua para sempre interrompida carreira, ainda na commissão telegraphica, depois de um interregno de caserna, consistiu em trabalhos prestados á carta de Matto-Grosso.

“O destemido official fez parte da turma de exploração geographica chefiada pelo valoroso engenheiro-militar, o eternamento glorioso 1.º tenente João Salustiano Lyra, a quem a fatalidade o ligou no desespero do ultimo momento, para nunca mais as memorias desses dois officiaes se separarem.

“Foi no desempenho deste espinhoso dever que Botelho desapareceu do scenario da intensa vida nacional.

“Os dois mallogrados officiaes exploravam as cabeceiras do alteroso Sepotuba.

“Haviam pesquisado todos os recantos e segredos de um dos formadores do rio.

“Desciam-no para completar o trabalho.

“Os perigos se succediam de catadupa em catadupa, de salto em salto, de cachoeira em cachoeira. O rio era um só *rapido*.

“Após tres naufragios successivos em que o tenente Lyra, em fragilima piroga, operava, auxiliado pelo radiotelegraphista Magalhães, que não sabia nadar, o abnegado tenente Botelho, que então, por terra acompanhava a turma de serviço, se offerece para substituir o telegraphista que tres vezes escapara de morrer afogado.

“Dolorosa fatalidade!

“O bravo official, como o seu denodado chefe de turma, se distinguia como nadador.

“Confiantes em si mesmos, nos seus musculos bem treinados, embarcaram e desceram o rio os intrépidos officiaes, arrostando a furia das correntes.

“Mal haviam se desembaraçado dos primeiros tropeços da partida, foram logo atropelados pela impetuosidade das corredeiras.

“O leito do rio é cavado na declividade dos ultimos espigões das abas da serra dos Parecis e do seu grande contraforte, a serra de Tapirapoan. Justamente por isso, naquelle trecho, entre o saltos das Nuvens e o da Felicidade, as aguas se entrechocam em convulsões desesperadas. A embarcação é assoberbada pelos furiosos embates das ondas.

“Era inevitavel o naufragio.

“Para impedir a perda do material, os dois officiaes lançaram-se no rio, vestidos e equipados como se achavam.

“Arriscaram a vida para salvar o serviço!

“A luta foi tremenda.

“A canôa com seus dois tripulantes, assim alliviada, foi repentinamente atirada, rio abaixo, para bem longe. Os officiaes são arrebatados pela corrente.

“Os tripulantes tentam salvar-os.

“Impossivel a subida da canôa.

“O tenente Lyra debatia-se na convulsão das vagas da cachoeira. E o seu equipamento não lhe permittia maior liberdade de acção.

“O intrépido tenente Botelho demandou a ribanceira.

“Alcançou-a.

“Na ancia da salvação, volta a vista para o camarada, que se debatia no infernal rebojo. Atira para a barranca a caderneta que trazia á mão.

“Salva o serviço!

“Volta “incontinenti” para acudir o companheiro, pensando salvar-o tambem.

“Momento de desespero!

“Os dois abraçados lutam contra o impeto das fragorosas ondas.

“Vãos esforços!

“A fatalidade venceu o animo.

“Os dois companheiros, num sublime e fraternal amplexo de solidariedade humana, sumiram-se na voragem das vagas. Abysmaram-se ás profundezas das lócas da cachoeira. Sacrificaram-se pelo serviço.

“Sublime dever!

“Seria doloroso homenagear um destes officiaes, sem lembrar o outro.

“Embora de character muito intimo, como é a solennidade deste culto de familia, falando de Botelho, não poderíamos deixar de lembrar do Lyra. Por isto solicitamos o necessario perdão, caso possam as nossas referencias profanar o sagrado remanso deste eterno jazigo, na consagração do culto, que neste instante tributamos á memoria do tenente Eduardo de Abreu Botelho, com profunda saudade do seu companheiro de desdita.

“Nobre camarada, aqui, deante dos teus sagrados despojos estão os teus companheiros de sertão; os teus amigos, os teus camaradas do Exercito, a tua familia, que vieram trazer-te o ultimo adeus.

“Sendo verdade que “os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos”, a tua memoria não desaparecerá das almas dos teus companheiros, do coração da tua familia, da lembrança da sociedade que servistes.

“O teu nobre exemplo será ensinamento para as gerações vindouras, que cultuarão o teu nome pela rasgo de altruismo em que sepultaste a tua vida.

“Morreste para salvar o companheiro.

“Edificante lição!

“Desappareceste da acção objectiva para reviveres nas exhortações subjectivas dos que acreditam na regeneração social.

“A nossa saudade é sincera, como profunda é a convicção que temos de estar trabalhando pela grandeza da Republica, da qual o Exercito jamais se desinteressará.

“A nossa gratidão se nivela á veneração com que cultuamos os feitos dos grandes servidores.

“Redivivo serás, nobre Botelho, nos corações dos teus companheiros da Commissão Telegraphica.

“*Cansa-se de pensar, cansa-se de agir, nunca se cansa de amar.*

“*Que prazeres podem exceder aos da dedicação?*

“*Não ha de irrevogavel na vida senão a morte*”.

“*Para bem cumprirmos o dever, precisamos ter o coração sempre cheio, mesmo de dor, da mais amarga dor!*”

DEDICAÇÃO SEM PAR E RARO DESINTERESSE

É facto publico que, em 1911, como resposta solenne á campanha movida na imprensa do Rio de Janeiro contra

a Comissão Rondon, o chefe e um ajudante desistiram da diaria que as instruções lhes conferiam pelo exercício dos respectivos cargos. Essa *avultada* vantagem — no dizer dos parédros que commandavam as hostes aggressoras — correspondiam a diarias de 20\$000 attribuidas ao Coronel Chefe e 15\$000 aos ajudantes! Elles estavam no mais arido sertão, obrigados a deixar suas familias nos centros povoados e com essas diarias faziam face a suas despesas individuaes; no momento mesmo em que ia mais intensa a campanha, atravessavam terriveis difficuldades de alimentação e deficiencia de transportes; a zona em que operava a construcção da linha era a mais paludica até então encontrada; mas, apesar de tudo, desistiram ambos das suas diarias e se restringiram á percepção apenas dos vencimentos militares!

Tempos depois, alguns deputados amigos, apresentaram á Camara um projecto mandando “conceder ao Coronel Rondon e ao Tenente Nicolau Bueno Horta Barbosa um premio em dinheiro, *quando a situação financeira do Paiz o permittisse*”, premio esse calculado em pouco mais do que a quantia total que ambos haviam deixado de receber até então dos cofres publicos, em virtude dessa desistencia. Pois bem, logo que, lá no sertão, tiveram elles conhecimento de tal projecto, telegrapharam immediatamente, protestando contra a concessão. E, todavia, ambos estavam em difficuldades pecuniarias, de que dou o meu testemunho e que eram de esperar, em consequencia do rasgo de altivez praticado.

A attitude de desprendimento do Capitão Nicolau Horta Barbosa merece ser destacada, como um exemplo nobilitante e raro, na epoca actual, tão raro quanto a dedicação extreme com que elle vem prestando serviços sob a chefia de Rondon, desde a construcção da linha do Sul de Matto-Grosso, ininterruptamente, vale dizer de 1903 a 1921.

Do nucleo de officiaes que têm trabalhado sob a direcção de Rondon, é elle o mais antigo e assiduo compa-

nheiro nas lutas do sertão. A sua dedicação sem par, levou-o a regressar mais de uma vez ao campo, declarando-se curado e prompto para o serviço, quando seu estado de saúde ainda permanecia abalado. De uma dessas vezes, accessos violentos de impaludismo forçaram-no a desembarcar na Bahia, onde baixou ao hospital, interrompendo a viagem que encetara ao interior, via Manaus. Se taes accessos o surpreendessem na mata, ser-lhe-iam sem duvida fataes.

Lá no sertão, abrindo piques para a locação da linha telegraphica, durante largo tempo, obrigado a caminhadas penosas em terrenos accidentados e por entre o emaranhado de galhos e cipós que resultam das derrubadas da matta, cerca de tres annos consecutivos viveu elle a soffrer horrivelmente com um enorme chaga aberta na perna! A ninguem se queixava, mas quando parava atrás da luneta do transito para prolongar os alinhamentos ou para locar uma curva, devia ser grande a dôr physica que o atormentava, porque elle procurava manter-se sobre uma só perna, apoiando a perna doente em uma galhada ou algum tronco proximo!

Sei, tanto lhes reconheço a modestia, que todos os companheiros vivos, alvo aqui de elogiosas referencias — embora pouco valiosas porque são minhas — não se conformarão com a surpresa que terão ao ler este meu insignificante trabalho; sei, por isto mesmo, que não agrado ao Capitão Nicolau com as apreciações summarias que ora expendo; mas o meu proposito é expôr a largos traços as minhas impressões, de accordo com o meu modo de ver individual: quero, pois, apenas que o leitor me faça a justiça de attribuir-me — a lealdade de quem escreve de accordo com a propria consciencia. Varrendo, pois, da minha testada, qualquer idéa de *sermão encommendado* e embora suspeito, eu devo aliás declarar que acho mais geito em “dar murros em ponta de faca” do que em ser agradável a alguém, por interesse.

EXEMPLOS DE INICIATIVA

As instrucções, quasi sempre verbaes, que o chefe transmittia aos seus auxiliares, previam a iniciativa destes na execução dos serviços, especialmente quando os trabalhos projectados isolavam o official do centro director. Exemplos caracteristicos dessa iniciativa abundam nas expedições geographicas, emprehendidas por turmas sob a direcção de um official, expedições essas relacionadas neste livro em capitulo especial sob o titulo de "Resumo dos trabalhos executados pelo General Rondon".

Cumpre-me todavia destacar alguns, relativos ao periodo de 1900 a 1906, durante o qual foi construida a linha do Sul de Matto-Grosso, através dos pantanaes do rio Paraguay.

Taes são, por exemplo, os serviços então executados pelos officiaes: Capitães Alberto Cardoso de Aguiar, Custodio de Senna Braga e Marciano de Oliveira e Avila, 2.º Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira e Alferes-alumnos José Pompeu de Albuquerque Cavalcante, Alencarliense Fernandes da Costa, Francisco e Nicolau Bueno Horta Barbosa, Manoel Rabello, e outros.

Cada um destes officiaes *de per si* recebeu investturas de que se desempenharam sempre galhardamente, graças ao seu espirito de iniciativa.

* * *

Os Capitães Aguiar, Avila e Senna Braga, especialmente, tiveram de resolver complicados problemas da construcção. Foi pena que a collaboração do primeiro se tivesse reduzido a pequeno lapso de tempo; no curto periodo, porém, em que serviu, teve elle oportunidade de demonstrar as suas qualidades de iniciativa, não só na

execução de explorações ordenadas pelo chefe, como na construção de um trecho da linha telegraphica através dos celebres *minhocas* do pantanal.

Convem definir esse ingrato e traiçoeiro terreno, para bem avaliar das surpresas e contrariedades a que elle pode dar lugar. Os *minhocas* são terrenos que durante a sêca adquirem a dureza e consistencia das terras argilosas, mas que logo após molhados pelas primeiras chuvas, na epoca *das aguas*, como que se desmancham, formando atoleiros perigosos. N'este estado é impossivel transpor-los qualquer viatura, cavalleiro ou pedestre.

* * *

Com permanencia mais longa os Capitães Avila e Senna Braga, como todos os officiaes que trabalhavam na construcção da linha que ligou Cuyabá e Carumbá e ao Forte de Coimbra, lidaram habitualmente sobre pantanacs, em luta com transportes mixtos por carretas e embarcações, não só para conducção do material da linha como dos generos alimenticios.

Destacam-se, entre outros serviços de natureza diversa, prestados com dedicação e competencia pelo Tenente Renato, os de determinação de coordenadas geographicas — inicio dos que formaram o verdadeiro astronomo que é elle hoje — e os de exploração e levantamento dos rios Miranda e Aquidauana, nos quaes teve como prestimoso auxiliar o Alferes-alumno Nicolau. No transcorrer destes ultimos, tiveram os dois officiaes de enfrentar todas as difficuldades que apresenta a navegação dos cursos d'agua do interior do Brasil — *detalhes* que, "mutatis mutandis" constam deste livro em outro lugar — assim como tiveram a oportunidade de encontrar indios bravios, com os quaes entraram em relações amistosas, comprovando praticamente a excellencia dos methodos de pacificação preconizados pelo General Rondon.

* * *

Todos os outros officiaes collaboraram na construcção da linha e nos serviços de exploração, construcção de estações telegraphicas etc. e o facto de permanecerem no serviço penoso que representa a construcção dessa linha, vezes antes tentada com insuccesso, demonstra bem a rija tempera de que são dotados. A respeito do Alferes-alumno Francisco Horta Barbosa, fallecido no decorrer desses trabalhos, por lamentavel desastre, os leitores encontrarão ainda referencias especiaes no capitulo "Uma pagina de saudade".

* * *

Finalmente, destas notas tomadas "à vol d'oiseau" e que algum dia talvez eu me incumba de desenvolver, seria injusto não destacar os trabalhos executados pelo Alferes-alumno Pompeu Cavalcante, e nos quaes tão accentuadamente revelou, a par de competencia technica, o seu espirito de iniciativa, que é o ponto principal visado pela epigraphie.

Refiro-me ao trabalho de restabelecer o trafego da linha do pantanal, por occasião das grandes enchentes excepcionaes que, em 1905, elevaram o nivel das aguas até metro e tanto abaixo da ponta dos postes. Nesse anno Porto-Murtinho ficou submergido pelas aguas e conta-se até que, passados os momentos afflictivos do diluvio (durante o qual a população emigrou embarcada para o Forte de Coimbra e para Corumbá, humanitariamente protegida por providencias urgentes, quasi todas de iniciativa da Comissão Rondon), quando as aguas baixaram, foi encontrado em cima do telhado de certa casa, um boi que alli morrera afogado, como para testemunhar a altura a que subira o nivel d'agua.

Pois bem, essa extraordinária enchente, no interior, transformara em vasto mar encapellado a zona atravessada pela linha em construção, não faltando mesmo para que a comparação seja perfeita, os vagalhões do oceano, quando as águas eram açoitadas por fortes ventanias. Os *camalotes ou balseiros* — tristemente celebres desde o tempo da guerra com o Paraguay, porque o inimigo bastas vezes os utilizaram para a surpresa da abordagem aos navios brasileiros — atravessavam o pantanal como ilhas fluctuantes, ás vezes de dimensões enormes, e vinham bater na cabeça dos postes. Comquanto na maior parte os postes, por bem implantados no solo, houvessem resistido a taes esforços de tracção e de flexão, outros foram derrubados, e a linha mergulhada n'água, impossibilitando assim a canalização da corrente electrica.

Em pleno periodo dessa inundaçào é que teve de agir o Alferes-alumno Pompeu, afim de reerguer os postes cahidos e substituir os que as águas haviam conduzido para muito longe. Sem escaphandros, utilizando-se dos bons mergulhadores, imaginando planos para aprumar os postes e os manter com tripeças de madeira e estaes, trabalhando sobre embarcações, conseguiu ele dar conta cabal de sua incumbencia, restabelecendo rapidamente o trafego, primeiro e onde foi preciso, esticando fio-canella (0,002 de diametro), substituido depois pelo de 0m,005 de uso normal nas nossas linhas.

UMA PAGINA DE SAUDADE

1.º TENENTE JOÃO SALUSTIANO LYRA

De todos os vultos que desapareceram no decorrer dos trabalhos da Commissão Rondon, o primeiro nesta homenagem que lhes vou prestar, com pungente saudade, não só por justiça, como pelo gráu affectivo particular que me ligava a cada um delles, cabe ao distincto companheiro 1.º *Tenente João Salustiano Lyra*, provector engenheiro-militar tão cedo roubado ao nosso convivio.

Vissem-no de perto como eu, robusto e jovial, modesto e sensato; cordial como todo o individuo dotado de espirito superior; energico nos momentos precisos, sem *quirotadas*, mas firme, resoluto, inabalavel, orientado pela bussola invariavel da dignidade e do dever, e certamente lamentariam do fundo d'alma que uma juventude tão esperançosa fosse bruscamente supprimida pelo destino!

Da sua capacidade, sempre victoriosa a cada prova a que fôra submettida, de seu brilhante talento, de seu já vasto cabedal scientifico e pratico, de suas elevadas virtudes, não só o Exercito como o Brasil, e quiçá a humanidade, teriam colhido extraordinarias vantagens se bem longa houvesse sido a sua trajectoria na vida.

Digno emulo de Rondon nas grandes explorações do sertão, foi elle o unico a quem o notavel chefe confiou o serviço da vanguarda, que é afinal, propriamente, toda a exploração, e requer qualidades raras de intelligencia, golpe de vista, decisão, tacto especial; bastava isto para o re-

commendar, se elle não trouxesse, desde os bancos escolares, a tradição de um merecimento que se destaca do commum de uma geração.

Tomou parte com o General Rondon em quatro expedições: as tres grandes expedições de reconhecimento e exploração de 1907, 1908 e 1909, de Matto-Grosso ao Amazonas, e a Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon em 1913-14. Em todas affrontara perigos e privações inenarraveis; por muitas vezes sentira a imminecia de perder a vida!

Quiz um destino caprichoso, imprevisito como todos os destinos, que fosse perder a vida num pequeno rio (Scopotuba, affluente da margem direita do alto-Paraguay) aos 3 de Abril de 1917, quando dirigia uma turma independente de serviço geographico, em trabalhos de levantamento da Carta de Matto-Grosso.

Como a sua vida excepcional, excepcional foi tambem a sua morte, envolvida no mysterio da ausencia de testemunhas. Estas apenas assistiram a primeira phase do desastre que o victimou; como desapareceu, e para sempre, o seu corpo na profundeza das aguas, ninguem o sabe...

No scenario apenas quatro protagonistas, dois que pereceram e dois que se salvaram; uma corredeira impetuosa onde as aguas borbulham e borborinham, espadando sobre rochedos; em torno a floresta despovoada, silenciosa e indifferente como toda massa inerte da natureza... Nesse desvão sem gloria, a mão do destino apaga facilmente uma existencia gloriosa e uma juventude viril tambem preciosa — Lyra e Botelho. —

Tem muita força a fatalidade: como conceber de outra forma que dois grandes nadadores, de fortes musculos, acostumados a esforços mais violentos, fossem vencidos nessa luta?! Ainda mais quando a calma revelada pelos naufragos levou-os a atirar para terra as

cadernetas de levantamento, para que não se perdessem na corrente e com ellas desaparecesse o resultado do trabalho até ahi executado; quando espontaneamente atiram-se n'agua, na convicção de que tal iniciativa evitaria, como evitou, a submersão da pequena canôa (montaria) em que navegavam! Esta, fluctuou realmente, depois de colher em seu bojo bôa porção de liquido, e, arrastada pela correnteza só pôde ser atracada á margem 200 metros a jusante, apesar do esforço neste sentido empregado pelo *piloto*.

Fôra lançado n'agua, ao primeiro desequilibrio da canôa, o *prociro*, que nadou para a margem e nada mais viu, porque tratara apenas de se salvar. O *piloto*, no ultimo olhar que lançou para a retaguarda, viu ainda os dois officiaes á tona d'agua; quando saltou em terra e correu margem acima ao local do sinistro, nenhum vestigio mais delles encontrou: Haviam desaparecido. Aos gritos do *piloto*, na esperança de que os officiaes, arrastados pela velocidade das aguas, pudessem ter sahido mais abaixo, apenas o eco respondeu... Por terra, trilhando caminhos differentes, a tropa diariamente vinha á beira do rio, ao encontro da turma de levantamento, em pontos préviamente determinados pelo chefe da expedição — Tenente Lyra. E era essa justamente a ultima etapa a vencer, para amarrar o serviço a Tapirapoan, porto da margem esquerda do Sepotuba (hoje rio Tenente Lyra) até onde, desde a foz, a Comissão havia já executado o levantamento desse curso d'agua.

Á ultima etapa correspondeu assim o ultimo dia de vida dos dois distinctos officiaes.

Os sobreviventes pediram soccorro ao pessoal da tropa e todos reunidos porfiaram em encontrar os corpos dos mallogrados exploradores. Ao terceiro dia de pesquisas infructiferas, deram sepultura ao tenente Eduardo de Abreu Botelho, mas não foram jamais encontrados os restos mortaes do 1.º Tenente Lyra.

Estava em impressão nesse momento o ultimo trabalho realizado pelo 1.º tenente Lyra, correspondente ao serviço astronomico da Expedição Roosevelt e o Sr. General Rondon, em homenagem ao merito e aos serviços desse dedicado ajudante, determinou a inclusão de seu ultimo retrato nessa publicação (Publ. n. 52 da Comissão Rondon).

Muito teria eu a dizer se fosse possivel estender mais as presentes apreciações sobre a inconfundivel personalidade do Tenente Lyra; mas, seria descabido para o caracter deste modesto opusculo, escripto nas horas vagas, durante as viagens de bonde e de trem, ou enquanto esperava ser despachado nos ministerios e nas repartições publicas, onde me levavam constantemente as funcções do cargo que exerço na Comissão (Chefe do Escriptorio Central).

2.º TENENTE EDUARDO DE ABREU BOTELHO

A morte deste official ocorreu conforme está exposto linhas antes.

Seu corpo foi encontrado em adeantado estado de putrefacção, deformado pelos peixes e tendo em uma das mãos um fragmento de cipó, a que provavelmente se agarrara nos ultimos instantes de vida, na ancia do salvamento. A pedido de sua desolada familia, os seus restos mortaes foram exhumados no sertão e conduzidos pela Comissão ao Rio de Janeiro.

Ficou-me para o resto da vida a forte impressão de dôr e de saudade inenarravel de sua velha mãe, alanceada por tão prematuro golpe: as suas lagrimas incontidas e o seu aspecto desolado, faziam-na como a encarnação da magua humana, quando defrontou a primeira vez comigo, depois da triste occorrença que me competira

communicar-lhe muitos dias antes, por intermedio de sua Exma. filha.

Pesada incumbencia essa de transmittir ás familias, com as delicadezas que o caso requer, o desaparecimento de um companheiro de trabalho! Varias vezes, infelizmente, tive que desempenhal-a nestes seis annos de escriptorio!

Do opusculo "O desastre do Sepotuba", cuja publicação o Escriptorio Central autorizou (por conta dos recursos obtidos mediante subscrição aberta pelos companheiros da Comissão, para as despesas da missa solenne, em homenagem á memoria dos dois inesqueciveis mortos), transcrevo os seguintes topicos:

"Admiradores dos trabalhos patrioticos da Comissão que a sabedoria popular designou com a mais ampla justiça — Comissão Rondon, — resolveram publicar as seguintes notas, obtidas no Escriptorio Central da Comissão, com os commentarios que aqui expendem, afim de prestar uma singela mas expressiva homenagem aos dois dignos officiaes, recentemente desaparecidos no sinistro occorrido em aguas do rio Sepotuba, aos 3 de Abril ultimo, (1917).

"Acreditam que a simples leitura destas despretençiosas notas e dos documentos que exhibem, sirvam para despertar na mocidade brasileira o interesse pelas coisas do Brasil, salvando a memoria dos heróes protagonistas do mar da indifferença.

"Ecoou dolorosamente por todo o Brasil esse desastre que teve por theatro o extremo sertão Noroeste de Matto-Grosso e do qual foram victimas dois distinctos officiaes do nosso Exercito, alli em trabalhos da Comissão Rondon. Pela segunda vez a fatalidade veio desta fórma cobrir de luto a brilhante e patriotica cohorte de officiaes que, em torno do valoroso, experimentado e competente engenheiro-militar que é o Coronel Rondon — o notavel

sertanista Patricio — tem dedicado uma parcella de vida e a totalidade de seu enthusiasmo varonil aos perigos imprevistos de explorar os nossos sertões.

“Ainda ontem cahia Marques de Sousa, em pleno coração de Matto-Grosso, quando explorava o então rio Ananaz, sagrado depois com o seu heroico nome; hoje sentimo-nos abalados com o desapparecimento de outros dois jovens officiaes, arrancados á vida pelas aguas revoltas do vertiginoso Sepotuba.

“Ajoelhemo-nos, com veneração maxima, deante destes dois novos tumulos que se abrem, e apontemos á mocidade de nossa Patria esse nobre exemplo, estoico, sublime, com que se sagraram para sempre heróes bemitos, esses typos de energia mascula, mixto de ousadia bandeirante e de intenções patrioticas, sempre orientadas por consciante dedicação ao serviço publico.

“Dois nomes mais inscreveu a Historia Patria na lista dos que morreram no cumprimento do dever, no theatro das mais arrojadas expedições, dos que sacrificaram a vida em trabalhos uteis, collimando o progresso do Paiz: O 1.º Tenente engenheiro-militar João Salustiano Lyra e o 2.º Tenente Eduardo de Abreu Botelho, seu digno auxiliar.

“E daqui fazemos um justo appello ao Poder Legislativo para que, igualmente, em homenagem aos dois pujantes troncos derribados prematuramente por cruel fatalidade, conceda uma pensão (1) aos herdeiros dos Tenentes Lyra e Botelho, tal como muito legitimamente concedeu aos herdeiros de Marques de Souza”.

* * *

(1) O Congresso Nacional concedeu essa pensão, por decreto assignado em começo de 1918.

A Comissão Rondon se ufana de o poder aqui registrar, pela minha desautorizada voz.

“Os companheiros de trabalho da Comissão Rondon e os que a esta pertenceram, mandaram celebrar no dia 3 do corrente, uma missa no Altar-Mor e duas outras nos altares lateraes da sumptuosa Igreja da Candelaria, em homenagem á memoria de seus bravos companheiros Tenentes Lyra e Botelho.

“Durante a tocante cerimonia a parte musical e de canticos, organizada pela Exma. Sra. D. Margarida Calasans, esposa do Dr. Armando Calasans, forneceu uma suave e carinhosa nota artistica á solennidade, despertando grande emoção na numerosa assistencia.

“Fizeram-se ouvir então Mme. Calasans em 1.^o lugar, cantando o “Pia Jesus”; em seguida Mme. Siqueira no “Trio de Bacchi”. As duas senhoras, esposas de dois ex-ajudantes da Comissão Rondon, bem como a senhorita Lourdes Vaçlim, que cantou o “Salutaris”, prestaram gentilmente o seu concurso á grandiosidade dessa manifestação de sentimento, pela perda irreparavel dos dois queridos mortos. O Sr. Hess Mello executou bellissimo solo de violoncello. Todos os acompanhamentos foram prestados pelo eximio artista que é o Maestro Figueira”.

Finalmente, cabe aqui a referencia á saudação que o General Rondon leu no cemiterio de S. Francisco Xavier, ao serem recolhidos os despojos do Tenente Botelho ao jazigo perpetuo da familia, saudação que já foi integralmente transcripta no capitulo: “O estylo é o homem”.

2.^o TENENTE FRANCISCO MARQUES DE SOUZA

Tragica foi tambem a morte deste bondoso camarada, cuja pureza de alma transparece do diario de viagem que redigiu até a vespera de seu desaparecimento. Habil operador nos trabalhos de campo, habil desenhista, que

170 Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães

vinha collaborando na nossa cartographia, enquanto se curava do impaludismo e da leishmaniose contrahidos no sertão, a sua sympathica figura gravou-se indelevelmente no coração de todos nós que privámos com elle. Dotado dos mais nobres sentimentos, victimou-o a sua propria grandeza de coração, o seu excessivo espirito humanitario, temperado de profunda fé catholica. Num gesto admiravel — que lembra muito bem o desprendimento da vida e o superior desprezo de Jesus pela dôr ou pela morte que lhe pudessem dar os seus algozes — abrindo os braços em cruz, em face da horda de indios que o atacou, chamando-lhes *amigos* e insistindo para que não lhe desferissem mais suas flechas selvagens, dir-se-ia antes um predestinado ao martyrio dos sertões, do que um simples ente humano...

Como preito á sua memoria, descrevo o que se passou na expedição que lhe custou a vida e a seguir transcrevo alguns topicos do seu Diario de Viagem, reproduzindo a noticia (redigida por mim) que foi publicada pelo "Jornal do Commercio" desta Capital, em 13 de Setembro de 1915, nos seguintes termos:

"Podemos hoje reconstituir, com todos os pormenores, as scenas da manhã de 29 de Maio de 1915, nas margens do rio Ananaz, no momento em que cahiu victimado pelas flechas dos Indios Araras, o Tenente Marques de Souza, da Commisão Rondon, por esta encarregado de proceder ao levantamento daquelle rio.

"Á frente de uma turma de dez homens, o Tenente Marques de Souza iniciara a 16 de Abril a exploração do Ananaz e, pelo seu Diario, os nossos leitores ficarão inteirados das aventuras e peripecias dessa laboriosa e destemida travessia, realizada por entre perigos quasi intransponiveis, em que avultam tres naufragios soffridos em pouco mais de um mez de incessantes trabalhos.

"Vamos descrever as scenas de 29 de Maio, valendo-nos das declarações dos sobreviventes dessa tragica

manhã, naquellas longinquas paragens do sertão matto-grossense.

“Na vespera aportara Marques de Souza áquelle ponto e ahi installara o seu 43.º acampamento. Fôra a isso obrigado por se terem despedaçado e naufragado, numa cachoeira proxima, de tres saltos, duas canôas de sua expedição, que com esse desastre só poderia dispôr, daquelle momento em deante, de uma unica embarcação. Era, pois, necessario acampar, para construir novas canôas.

“Proximas da margem direita do rio existem duas ilhas. O commmandante escolheu a maior, com magnificas arvores de sombra, para o seu acampamento.

“A noite, como se verá adiante, pelo Diario, correu sem novidade.

“Primeiras horas do dia. A vida intensa do acampamento já se iniciara. O pessoal fôra convenientemente distribuido, segundo as necessidades do dia: fabricação das canôas, pescarias, caçadas e apanhamento de castanhas.

“Em torno da ilha, onde Marques de Souza permaneceu dirigindo o serviço de fabricação de canôas, a cargo de quatro homens, a floresta, gigantesca e silenciosa, parecia inhabitada e tranquilla.

“Todavia, illudindo o proprio faro do cão de guarda ao acampamento, alli estava bem perto, á distancia apenas de poucos metros, tudo vendo e tudo observando, sem despertar a menor desconfiança nem produzir o minimo ruido que lhe denunciasse a presença, o grupo nú dos indios desconhecidos. . .

“Os expedicionarios, conforme já dissemos, dispunham de uma unica canôa, a que transportara á margem opposta os dois homens encarregados de caçar, os quaes, para isso, haviam levado as duas armas prestaveis, das poucas que ainda restavam á columna expedicionaria.

“Todo o nucleo de arrojados exploradores estava disperso.

172 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

“Subito córta o ar a primeira setta, outra, mais outra... Quer da ilha, quer da margem, sentem-se os homens acoçados pelas taquaras selvagens. Lançando mão da unica arma de fogo que ficára no acampamento, Marques de Souza, corajosa e abnegadamente, atira para o ar.

“Ha um grande panico e a onda selvicola retrocede indecisa. A um segundo disparo, a arma falha, os indios recuperam a coragem e avançam novamente, desferindo flechadas a torto e a direito. Trahido pela carabina, o official tenta ainda um supremo recurso: abre os braços, em attitude de amizade, e exclama: “Não me flechem!” A sua figura, porem, o seu gesto generoso não logram convencer nem commover os aborigenes, que alli encontravam oportunidade de vingar as perseguições com que eram victimados, ha longos annos, pelos seringueiros sem escrupulo.

“Marques de Souza é attingido por duas flechas em pleno peito e por uma outra no abdomen. Vendo já morto, ao seu lado, o canoeiro Tertuliano Ribeiro de Carvalho e um outro tambem bastante flechado, o official atira-se n’agua e tenta nadar, com os seus homens, para as bandas em que se achava a canôa. Graves eram, porém, os ferimentos recebidos e Marques de Souza submerge e é arrastado pela forte correnteza do rio. E assim acabou a vida do valoroso e digno official, que era um dos mais bellos ornamentos da Commissão Rondon.

“Morto o official e morto o companheiro, recebido na canôa, prestes a afogar-se um outro canoeiro, quatro vezes flechado, o panico invade aquella gente, entregue a si mesma, sem uma cabeça dirigente. E assim, os que escaparam, resolveram apressadamente abandonar aquelles sitios, appellando para o supremo raciocinio do “salve-se quem puder”.

“E, remando aguas abaixo, abandonaram os dois cadaveres, bem como mais dois companheiros que se haviam

embrenhado na floresta, para os serviços de caça. Um destes, que por feliz coincidência se encontrava proximo da margem, attrahido pelo rumor da canôa, aheira-se do rio e consegue assim incorporar-se aos fugitivos, dois dos quaes se achavam completamente nús.

“O outro caçador, porém lá ficou, abandonado, ignorando o que se passára.

“Quando o sol já ia alto, tomou tranquillamente o rumo do acampamento e para lá se dirigiu, levando o producto de suas caçadas. Vinha espreitando, como costumam fazer os caçadores profissionaes, e, ao aproximar-se do acampamento, ouviu um extraordinario murmurio de vozes que em nada se assemelhavam ás dos seus companheiros. E assim avançou subtil e cauteloso.

“Num desvão de pedra, acocorado, observou que o acampamento onde elle esperava encontrar o seu official e camaradas, estava agora occupado por numeroso grupo de indios. Viu-os tomar o cadaver do cão de guarda e envolvel-o na capa de borracha de uso do official; viu-os quebrarem e arremessarem na agua os instrumentos de engenharia, empregados no serviço de levantamento do rio. Do seu esconderijo observou tudo, e, até a hora em que o sol tranquillamente esmaecia no poente, alli se conservou, nessa attitudo perigosa e incommoda, sem nada poder fazer, em vista da insuperavel superioridade numerica do inimigo.

“O caçador esteve nessa posição pelo espaço de sete horas seguidas. Já quasi noite, os indios lançaram-se ao rio, atravessando-o a nado, em busca de suas *malocas*.

“Foi então que o espião se ergueu e caminhou para o acampamento, onde examinou os destroços abandonados e encontrou entre estes o Diario do Tenente Marques de Souza, preciosa reliquia cujo original a Comissão Rondon, sabbado ultimo, entregou á familia do pranteado sertanista.

“Obtivemos uma cópia desse documento, cujas primeiras paginas vamos hoje offerecer aos leitores do “*Journal do Commercio*”.

“Marques de Souza, diariamente, escrevia em um caderno as suas impressões e os resultados das explorações que ia realizando. Essas notas eram tomadas sem maiores preocupações de estylo, muitas vezes na propira canôa, e denunciavam, na sua singeleza, a bondade d'alma do digno official, bem como a sua inquebrantavel energia, a sua intemerata bravura e o seu illimitado zelo pelos serviços que lhe foram confiados. Juntamente com o *Diario* foi arrecadado o livro de ponto do pessoal e outros pequenos objectos.

“No dia seguinte, perdidas as esperanças de se encontrar com os companheiros, o caçador resolveu partir, margeando o rio, repousando sómente durante as noites e trazendo comsigo os objectos arrecadados.

“No dia 13 encontrou em uma praia o corpo de Marques de Souza. Verificou então os tres ferimentos a que já nos referimos. Com um caco de panella indigena e um tição apagado, objectos estes achados junto do cadaver, o expedicionario cavou na areia um tumulo e nelle enterrou o seu inditoso chefe.

“Desperta, sem duvida, um certo interesse, a figura desse caboclo, João Pereira da Cruz, natural do Piauhy, abandonado por seus companheiros, condemnado a marchar através do desconhecido, contando comsigo, só comsigo, para comer, dormir e defender-se.

“Durante 24 dias caminhou, avançando o maximo que lhe permittiam a fadiga e a deficiente alimentação. Ao cabo desse tempo encontrou a primeira *barraca* de seringueiros, mas ahi não foi possivel descansar e outros 22 dias teve que marchar nessa vida obrigatoria de nomade, tristemente aventureosa.

Ao fim de 46 dias de dispendio forçado de energia, caminhando rio abaixo, ao encontro de seus ingratos com-

panheiros, chegou á barraca de um seringueiro que, compadecendo-se delle, conduziu-o em sua ubá e permittiu-lhe assim alcançar os fugitivos, com os quaes chegou a Manáos, finalmente, cerca de dois mēses depois do tragico acontecimento”.

* * *

Eis alguns trechos do *Diario* de Marques de Souza:

“A 18 de Fevereiro — Ainda não iniciiei os trabalhos. Mandeí fazer as canôas. Ha difficuldade de madeiras grossas, de fórma que se torna necessario desobstruir o leito do rio para fazer a primeira ubá. Infelizmente, tenho que permanecer deitado, devido aos pés.

Tenho supportado porque não posso sahir do mosquitoeiro, devido á praga de abelhas, piuns, borrachudos e *companhia*.

Que martyrio!! + - - (11 ½ da noite). Desde Barão de Melgaço pouco durmo. Só concilio o somno, ás 12 horas ou á 1 hora. Fico em um estado de desespero horrivel. Estou ancioso para que se inicie este meu trabalho afim de acabar-o o mais breve possivel. Ha momentos agradaveis nesta vida de sertão, mas em compensação nos momentos de amarguras, de aborrecimento, soffre-se mais, muito mais do que em outro qualquer logar; talvez seja devido á falta de um consolo, talvez devido á ausencia de uma pessoa amiga”.

.....

“A 22 — Ficou prompta a primeira ubá e finalizou-se o serviço de construcção do primeiro marco, que pretendo fincar amanhã no campo do Mangabal. O marco, tem a seguinte inscripção: “Comissão Rondon, marco n.º 1 — Campo do Mangabal — Amarração da Variante dos Campos de Maria de Molina ao marco do Porto do rio Ananaz, de onde a turma de Exploração desceu esse rio. — Tenente Marques de Souza. 22-2-1915”.

.....

176 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

“A 2 de Março — Que lugar horrível estel Humido, sujo e cercado de grandes poças d’agua estagnada. Amanhã vou mudar o acampamento para baixo, pois o pessoal que está desobstruindo o rio deu-me noticias de um bom lugar. Às 2 horas da tarde sahi com o Candido e fomos explorar uma bella campina onde o capim gordura roxo lastrou com uma exuberancia espantosa.

Ella fica a uns 300 metros do local onde nos achamos e fica a uns 50 metros da margem esquerda de um ribeirão, que supponho ser o Lyra. E’ local de antiga roça de indios, pois encontramos um pé rachitico de mandioca”.

.....

“A 5 — Mudei hoje acampamento; é o 5.º. A mata é feia, suja, mas o local é arenoso e sêco. O rio continua no mesmo. Tem recebido varios igarapés, mas em lugar de ficar mais largo, aprofunda-se e em certos pontos estreita-se bastante. Tem “voltas” verdadeiramente caprichosas, tornando difficeis as manobras das ubás. Felizmente hoje a praga das abelhas, mosquitos de mil qualidades, as terriveis mutucas e as teimosas “Beruanhas” não nos impacientaram. Agora ás 6 horas da tarde chove copiosamente. Que tristeza eu sinto quando as tardes são chuvosas! O quanto me não recordo de casa, de minha noiva e de meus amigos.

A 6 — Às 7 horas da manhã baixei o rio para explorar-o antes de fazer o levantamento, como habitualmente, faço, até o ponto em que elle recebe dois igarapés na margem esquerda e creio que um na direita.

Não se pôde dizer ao certo, pois o terreno é todo baixo e alagado.

Cheguei até a pinguella de que se servem os indios Nambiquaras do grupo dos Cananis.

À margem esquerda ficam os Campos dos Palmares de Maria de Molina. Procurei ahi no porto um bilhete de despedida que me deixou o Coronel Rondón, quando explorava ha dias passados os campos, mas não encontrei, porque, com certeza, os “Parentes” inutilizaram-no. Ao chegar no Porto dos Cananis, logar alto, vi as ubás sem o pessoal e logo calculei que elles estavam com os indios. Não errei. Depois de dar dois gritos de chamada, elles vieram com os dois indios e uma criança. Pouco comprehendí do que me disseram os indios em resposta ás informações que lhes pedi.

Apenas percebi claramente, pois neste ponto explicaram bem, que o rio corria sempre na direcção do nascente. Se assim fôr, quem sabe se não estarei nas cabeceiras do Canumã? Lembrei-me logo de um facto que muito me entristeceu na noite de 15 de Fevereiro, facto que me narrou o Coronel Rondon, quando foi ao meu acampamento despedir-se de mim.

UMA BATALHA ENTRE INDIOS

Narrou-me elle que, subindo o alto Gy-Paraná, pouco abaixo do ex-acampamento dos Araras viu em uma ubá de casca de cajueiro tres indios. Aproximando-se notou que todos tres estavam feridos. Um velho, com ilechada que lhe varou o pescoço e uma outra na mão; a criança ferida em uma das mãos e um rapaz com um ferimento no peito. Tendo feito ligeiros curativos aos feridos, proseguio a viagem e, chegando ao ex-acampamento dos Araras, parou e desembarcou. Logo ao olhar viu que alli se tinha desenrolado uma luta terrivel, luta em que alguns indigenas se tinham empenhado com todo o seu ardor guerreiro. No chão sobejavam os vestigios desta sangrenta luta. O capim rasteiro todo amassado, flechas quebradas e as poças de sangue, indicavam e que se tinha alli passado.

Era horrivell...

Impressionou-lhe mal este acontecimento.

Ao chegar em Pimenta Bueno pôde então saber toda a verdade.

Em Pimenta Bueno, conforme disse atraz, achava-se uma turma de indios (descendentes dos Tupys), notando-se entre elles os de nome Marupá, Avená e a india Inaiôp, um velho e uma criança.

O indio Marupá e a sua mulher Inaiôp, inspiraram sympathia a todo o pessoal.

Eram alegres, brincalhões e muito unidos. Tendo o Coronel Rondon mandado chamar os Kepi-Kiri-uats para fazer-lhes presentes, como faz com todos os indios, elles não quizeram ter o encontro e preferiram então fazer uma ligeira ubá de casca de cajueiro e desceram para esperar o Coronel Rondon. Ao enfrentarem o Porto dos Araras pararam e foram para terra. Ahi então, indios de sua Nação, porem de grupos diferentes, aggrederam-nos e travou-se a luta san-

grenta onde pereceu o robusto e infeliz Marupá. O movel de tudo isso era o rapto e a posse da desditosa Inaióp. E enquanto os sobreviventes desciam, lacrimosos, o Gy, a jovem india aguardava o momento em que o mais forte e apaixonado lhe designasse a sua sorte. Pobre Inaióp!!

* * *

A 9 — E este meu pobre caderno que já me acompanha de Porto Alegre, desde o mez de Agosto de 1908, abandonou-me por dois dias.

Vou transcrever as notas que tomei no dia 8: Hontem pela manhã, mudando meu acampamento para este, quando atracava no Porto dos Indios, a ubá em que eu vinha, tocando em um páo, e, devido á forte correnteza do rio, virou e perdi não só minhas diétas, como tambem miudezas, objectos e todos os phosphoros. Graças a Deus consegui salvar os instrumentos. Estou desta fórma com 80 palitos de phosphoros, que consegui reunir entre todo o pessoal. Já tomei as providencias para despachar o João com um indio para Tres Buritys, afim de ver se consigo arranjar ao menos um maço.

Neste primeiro contratempo perdi tambem as notas que tomava, a minha bolsa, tesourinha, espelho, binoculo, enfim, todas essas miudezas indispensaveis para uma pessoa que faz expedição. Ainda dei graças a Deus por ter salvo a caixa com papeis da Expedição e o meu relógio andar, apezar do formidavel banho que tomou. Os indios estão constantemente em nosso acampamento, despreoccupados, felizes nesta vida nomade que levam. Agora mesmo está ao meu lado um grupo de mulheres, que a todo instante riem-se gostosamente e conversam. Reina entre elles a alegria enquanto em mim a tristeza.

São as saudades dos meus, o contratempo que hontem soffri, a falta absoluta de caça e pesca para a alimentação do pessoal, o estado do rio, sempre trancado de arvores, enfim mil cousas pequeninas, são os factores principaes que concorrem para que esteja triste. Estou afflicto para sahir desta zona e entrar em outra onde a mata e o rio me possam fornecer alguma cousa.

A 11 — Os indios não appareceram hontem, mas em compensação roubaram-me dois machados, os melhores que eu tinha. No dia 9 appareceram pela segunda vez os indios mais bonitos que vi nesta zona dos Nhambiquaras. Julguei

que fossem os Sabanezes. São mais claros, a pelle bem avermelhada, desempenados e com bonita musculatura.

A minha primeira preocupação foi tirar-lhes uma photographia, mas quando armei o tripé e assentei a machina para pol-os em fóco, levantaram-se precipitadamente, agarraram nos arcos e flechas e as mulheres nos baquités, cheios de ananazes e sahiram apressadamente sem que ao menos lhes pudesse tirar um instantaneo. Ficaram em nosso acampamento (4.º), somente dois indios da aldeia que dista daqui um kilometro. Na tarde de hontem fiz o levantamento expedito deste acampamento á aldeia dos indios. Destes consegui, sem que desconfiassem, tirar tres instantaneos. Ahi vi um indio bem velho, mas bem forte ainda e alegre.

As 11 horas chegou o João. Elle foi a Tres Buritys e como não achasse o José Francisco, foi até José Bonifacio.

Felizmente trouxe-me 17 caixas de phosphoros para dois mezes!!!

Acampei hoje na margem direita. E' este o nosso 5.º acampamento. Felizmente o rio está melhor. Um pouquinho mais largo, porem bem profundo, e em lugar da mata de charravascal temos taquaral. E' difficil encontrar-se logar firme. Tudo é terreno alagado, composto de igarapés. As 3 horas da tarde chega uma turma de indios da maloca do Nuchilá, em José Bonifacio, e que vieram com o João até a aldeia que fica perto de nosso acampamento. Já me acho em nosso 5.º acampamento, desde as 12 ½ da tarde. O local é alto, mas o mato é de charravascal e tabocal sendo que para o centro tudo é campo".

.....

UM BILHETE DO CORONEL RONDON

"A 15 — Hoje completou um mez que o Coronel nos fez a visita de despedida e, grande coincidência, o pessoal achou, quasi que na mesma hora em que elle chegou em nosso acampamento, o bilhete que elle nos deixou numa vara da pinguella de que se servem os Cananis para atravessarem o rio.

O bilhete diz o seguinte:

(Rio Ananaz).

“Carumiriarú — 11-2-915 — Bôa viagem aos intrepidos exploradores do rio Ananaz ou Carumiriarú. P. S. — Logo abaixo recebe o ribeirão Heron”.

.....

“Dia 17 — Hoje cedo, mudei para o 8.º acampamento na margem direita do porto em que está a pinguela dos Cananis, na qual o Coronel Rondon nos deixou o bilhete de Bôa Viagem. A balsa, graças a Deus, veio bem.

Contra minha expectativa a balsa não trouxe toda a carga que ficou muito augmentada com a carne do boi que matámos. Isso devido ao lastro ser feito de varas verdes. Mas logo que séquem, ella supportará toda a carga e cinco homens. Hoje recebi a visita de sete indios. Nada me trouxeram e queriam “boi”. Um dentre elles era malcreado e atrevido. Fui rispido com elle e pouco depois foram embora. Estou ancioso para me afastar desta antipathica tribu”.

.....

“A 1.º de Maio — 28.º acampamento, 2 horas da manhã. Sahi ás 7 ½. Após meia hora de viagem, ouvimos o ruído de um salto, e com toda precaução mandei fazer uma exploração. Isto passou-se ás 8 e ás 9 sabia eu da existencia de mais dois saltos, sendo impossivel a viagem pelo rio. Na margem esquerda, onde atracámos, é um pequeno campo limpo e facil nos foi transportar a carga. Acampei logo abaixo do 2.º salto, que tem 1 ½ a 2 metros de altura, numa praia. O rio é largo e o lugar bellissimo. Julgámos proseguir a viagem, mas foi impossivel. O pessoal conseguiu, com facilidade, botar as canôas acima do 2.º salto e amanhã então tratar-se-há de rolal-as por terra. Parece incrível que desde o dia 10 de Abril até hoje não tenhamos viajado duas horas por dia!

Ora, são os sêcos ou corredeiras, ora as cachoeiras, e os saltos, uns em seguida aos outros. Quando acabaremos com esta luta sem fim?

Teremos, depois destes dois saltos, outros mais?

“A 2 — Só a tarde, após lutarmos o dia inteiro, é que conseguimos varar por terra as duas ubás. Esperamos sahir pela madrugada, restando saber se nos acontecerá fazer via-

gem de uma ou duas horas. Creio que havemos de encontrar ainda um grande salto, porque até agora não tivemos peixes. Quando chegará o dia da alegria nossa, terminando esta fastidiosa viagem?

"A 3 — Às 4 horas da madrugada começámos a nossa lida e ás 5 ½ proseguimos viagem. Todos estavam esperançados de não encontrarmos cachoeira (pois o terreno era baixo) no resto do dia. Mas eis que ás 8 horas da manhã paravamos para explorar o rio, pois ouvimos ruido de um salto. Às 9 horas era eu sabedor de que o pessoal tinha andado mais de kilometro e sempre em cachoeiras e saltos.

Tomámos então um paraná da margem esquerda e fizemos a descarga das ubás. Não satisfeito, mandei o João Perú explorar o rio enquanto que o pessoal fazia o varadouro para a carga. Às 12 ½ chega o pessoal e logo á 1 hora da tarde o João, que me disse ser a zona toda encachoeirada, chegando elle até um grande salto, que calculou em 10 metros de altura tendo ouvido para baixo novo ruido de cachoeira.

Às 4 ½ estava a carga em nosso 29.º acampamento e o pessoal proseguio no pique, além de um igarapé de 10 metros de largura. O que será de nossas ubás? Teremos que fazer outras e abandonar estas? Amanhã resolveremos. Hoje, o Candido e o João mataram 13 jacutingas.

A 4 — 30.º acampamento; mudámos para este acampamento, abaixo do tombo grande, e na margem esquerda. O nosso pique sempre margina o rio, vendo-se a cada instante logares pittorescos e bellissimos. Não vi ainda o tombo grande porque aqui cheguei sentindo as pernas completamente "bambas" e doridas.

O João foi em exploração até ao ultimo sêco, que dista mais ou menos um kilometro daqui. De lá, depois de tudo examinar, desceu o rio, que sempre é melhor, pois não se ouve signal de cachoeira e as aguas correm pouco. Amanhã iniciarei o serviço de "varação" das ubás. Creio que vou perdela-as, pois as passagens são difficilimas e em outros trechos não podem ser feitas por terra, devido ás pedras e ao terreno. Teremos outra demora? Só Deus sabe quando sahiremos daqui. Julgo que estes ultimos tombos são no contraforte da serra do Norte, e, se assim fôr, o rio melhorará e depressa faremos a nossa penosa viagem.

A 5 — Varámos as ubás até o 29.º acampamento, proximo do primeiro tombo: pretendemos amanhã varal-as por terra, sendo provavel demorarmo-nos aqui alguns dias, pois

temos muito serviço. A "boia" está curta e já o pessoal achava-se desanimado porque não encontrava nem um patauá, nem castanhas. Felizmente, hoje, o Candido, João e Manguary encontraram bastante que dará para abreviar-lhes a "prisa".

Hoje ás 12 ½, chega do acampamento o *mestre Terto*, desanimado, acobardado, lembrando a idéa de se abandonar as ubás e fazer novas de casca de cajueiro ou castanheira. Fiquei aborrecido neste instante, muito mais do que habitualmente, pois que as contrariedades nesta vida de exploração são muitas, e disse-lhe que regressasse e que haveríamos de varar as ubás embora levassemos uns 15 dias, como elle calculava, para botal-as abaixo do tombo grande. Ainda continuo doente: o ventre demasiadamente inchado, duro e dolorido, as pernas fracas e uma como que "dormencia" em todo o corpo.

Quantos esforços feitos para apressar a minha viagem!!! E todos quasi baldados.

E' preciso ter-se muita resignação e animo bem forte para não se esmorecer.

A 6 — Hoje pela manhã o pessoal sahio na minha frente com ordem minha para iniciar o varadouro, para quando eu lá chegasse já estivesse alguma coisa feita. Comi algumas castanhas com farinha, tomei café e segui.

Ao chegar no tombo do 29.º acampamento, vi com pasmo e grande admiração, o Manguary, na prôa da ubá grande, descer o tombo pequeno e em seguida despenhar-se pela cachoeira abaixo, sempre na prôa da canôa, para finalmente encalhar bem na bôca do tombo grande!

Fleugmaticamente, olhava com indifferentismo para o buraco como quem mede uma pequena altura para uma queda d'agua e dizia: "agora vamos desenchar a ubá para descel-a pelo tombo".

Depois de 15 minutos ella precipita-se e cahe, submergindo e quebrando-se o cabo de prôa: estava na margem direita do paraná segura por elle.

Quando ella se submergiu elle afrouxou o cabo, deixou-a descer mais e amarrou-a. Logo após com toda correnteza d'agua dá um pulo e mergulha, conseguindo baixar com a ubá até ficar o cabo bem esticado. Meia hora desalagavamol-a na margem esquerda, onde me achava com o pessoal. Depois elle e o Aristoteles, outro louco, disseram-me que iam

descer a outra cachoeira do paraná para ficarem na parte de cima do 2.º tombo. Achei loucura, mas como me garantissem não haver perigo, cedi.

s 3 ½ estava ella na margem direita encalhada na bôca do 2.º tombo. Atravessaram o rio os dois e amanhã esperamos ser ainda bafejados por esta “brisa” de felicidade. Talvez amanhã estejam ellas abaixo do ultimo e mais alto tombo. Darei graças a Deus se formos felizes nesta travessia, ancioso como estou por seguir para frente, pois ainda continuo doente. Peiorei das pernas, pois não posso fazer um passeio de 50 metros que não me sinta cansado, necessitando parar ou continuar a marcha amparando-me nas arvores. Quando estarei ao lado dos meus? Oh! quanto não me tenho lembrado dos meus e quantos castellos tenho eu architectado, para quando chegar em casa? Será a ultima vez que me afasto de minha familia para me meter em empresas arriscadas como esta.

A febre me fez hoje uma das “raras” visitinhas, mas não me deixou prostrado como dantes. Pela manhã sahi com o pessoal para retirar a ubá grande, que tinha ficado submergida até o meio entre as pedras de um pequeno tombo.

Sentindo-me mal, voltei ao acampamento, um pouco desanimado, por ver que se tornava difficil a retirada da turma, pensando já numa nova demora.

s 10 horas chega o Manguary e avisa-me de que tinham, após grande luta, retirado a ubá que se achava no tombo, acima do nosso acampamento.

Fiquei satisfeito e s 3 ½ já estava ella abaixo do porto junto à outra. Amanhã iremos fazer remos, pois, só temos tres (!) Hoje não tivemos caça e o que nos valeu foram as castanhas e o patau.

.....

PAGINA INTIMA

A 9 de Maio — S poderá compreender esta pagina intima, quem, como eu, se ache isolado do mundo; só, inteiramente s, sem ter ao menos um amigo para confiar-lhe o que sinto.

Estou completamente isolado de tudo, os recursos escassos, eu sempre doente, soffrendo a todo instante, e as difficuldades sempre crescentes; enfim obstaculos que surgem 

todo o momento, impedindo a continuação desta penosa e longa viagem. E pensar que ainda não temos meio caminho andadol! Oh! como é triste a nossa situação e muito em particular a minha. Quem como eu, através do indiferentismo apparente, idolatra os seus, não póde deixar de, em pleno "deserto" do Oeste brasileiro, verter algumas lagrimas de saudade, lagrimas que exprimem tambem o estado apprehensivo pela saude dos meus e pela sua felicidade. Quem ha que não derrame, como eu, estas lagrimas? E ainda quem ha que não se recorde dos factos mais intimos de casa? Constantemente parece-me que estou em casa. Hoje, por exemplo, é domingo, o dia em que todos ficam em casa. Pela manhã pareceu-me vêr a mamã e as meninas na luta do vestuario para a missa e o Ed. e o Henrique sahirem para o banho. Depois da missa, a infallivel palestra na porta da rua; emfim, seria fastidioso enumerar tudo.

E... até do Dr. Angelino, a espera do Monsenhor, o Marinho! E são estes os factores que concorrem para que fique com os olhos marejados de lagrimas, e ellas, umas após outras, ardentes, deslisam pela minha face...

O que disse não denota fraqueza de animo, não é o medo. Apesar de doente, o mais doente dentre todos, eu sou o mais alegre, que de quando em vez dirijo phrases de entusiasmo, dirijo um gracejo que não fere a disciplina — emfim, procuro sempre animar todos para a continuação da viagem".

.....

"A 28 de Maio — Hoje pela manhã fomos passar as ubás. A grande, logo ao entrar num paraná do 1.º tombo, tomou impulso, devido á correteza dagua, e o pessoal foi obrigado a largar o cabo, vindo entre o 2.º e 3.º tombo, num remanso.

Arrebatou toda prôa, e o banco do centro abriu-se, assim como o fundo, fazendo um pouco d'agua. A pequena, que se achava já no remanso de cima do 2.º tombo, tambem arrebatou o cabo das mãos do pessoal e só foi vista uma vez. Perdemos a "Fulana" — a veterana do Anauaz — que se alagou commigo nos primeiros dias de exploração, em um porto de indios. Isto se deu ás dez horas do dia e ás 2 horas da tarde já tinhamos um bello cajueiro derrubado para fazer outra canôa. Agora estamos sem cabo para as canôas. Emfim, Deus é grande e não nos desampará. São mais 4 dias perdidos!.."

CAPITÃO CANDIDO CARDOSO

Quando, em 1914, alcancei a margem direita do rio “commemoração de Floriano” (descoberto e assim baptizado pelo General Rondon em sua 3.^a grande expedição de 1909) no ponto em que fôra localizada a estação Barão de Melgaço; antes de descer o terreno abrupto que a linha telegraphica ahi percorreu; na parte mais alta, como que buscando aproximar do céu a area da terra que acolheu os despojos humanos; n’uma uncção espontanea do mais profundo pesar, parei de cabeça descoberta deante de uma grande cruz de madeira de lei, lavrada, em cujos braços se lia uma inscripção mais ou menos nos seguintes termos:

Aqui jaz o
CAPITÃO CANDIDO CARDOSO
que morreu cumprindo o seu dever em
8-1-1914”.

Era um cemiterio em miniatura, attestado indiscutivel do sacrificio que demandou a construcção naquella zona paludica, especie de sala de espera — para os que vinham do Sul — da immensa mataria da Amazonia.

Em torno á cruz mais alta, a da inscripção, agrupavam-se outras modestas e toscas, sobre tumulos de soldados, a despertarem-me, sempre, a meditação, quanto á diversidade dos destinos humanos: aquelles tumulos, na sua muda e indiscutivel eloquencia dos factos, attestavam que nem mesmo a morte nivela os homens e que é uma illusão a igualdade!

Encontrava-me alli em serviço da Expedição Roosevelt e conduzia commigo um norte-americano o Sr. Leo Müller, taxidermista que acompanhava o grande estadista no seu arrojado *raid* pelo sertão noroeste do Brasil. O estrangeiro sentiu tambem uma forte impressão em pre-

sença daquelles tumulos e pediu informações minuciosas sobre os trabalhos da Commissão Telegraphica.

Candido Cardoso era o official commandante do contingente e, pela sua pratica em serviços congeneres, estava á frente da construcção, dirigindo os trabalhos da Secção do Sul. Os engenheiros abriam o pique de locação e locavam os postes: a elle competia propriamente a construcção da linha, desde a abertura das covas para a posteação até o esticamento do fio. Quando assumiu esse encargo, o acampamento atravessava uma grande crise e era evidente o desanimo das praças. Com a sua energia mascula e a sua habilidade na direcção das praças, o espirito geral reanimou-se e o serviço proseguiu, embora com sacrificios inauditos. Póde-se dizer, sem medo de errar, que o trabalho ahi foi executado por enfermos; os que pioravam eram substituidos pelos que melhoravam, para que aquelles baixassem á enfermaria do acampamento e ahi readquirissem as novas e fraquisimas forças que lhes permittiriam render os companheiros naquelle insano labor quotidiano. Não obstante o gigantesco esforço que delles exigia, Candido Cardoso despertava nos soldados o desejo de bem servir e muitas vezes, com demonstrações de alegria, prestavam-se elles a prolongar o penoso *expediente* alem das doze (!) horas habituaes de serviço!

Era um forte, um corajoso soldado, que nunca temera perigos e jamais recuara deante das perspectivas mais assombrosas da fome e da epidemia.

O seu vulto energico e decidido inspirava confiança. Victimou-o a sua dedicação pelo serviço e o estoicismo a que se habituara de proseguir nas tarefas que lhe eram commettidas, embora com a saúde compromettida. Para mim, este heroismo é bem mais nobre e bem mais difficil, demanda muito mais energia e tenacidade, do que o heroismo do momento, de duração ephemera, como o que requer o ataque de uma trincheira inimiga: a primeira é

uma temeridade reflectida, a segunda, uma temeridade que se incendieira como a polvora negra, ao calor repentino do enthusiasmo contagioso das massas, que arrastam o homem ás maiores loucuras. Lá é o commandante que fascina a massa com o seu enthusiasmo viril, aqui a massa que electriza o commandante, envolvendo-o na onda magnetica dos *hurrahs* communicativos...

Velho combatente das campanhas do sertão, nas quaes Rondon tomou parte como general em chefe, durante trinta annos (!) ha traços formidaveis do seu esforço em obras que o tempo custará por certo a apagar. Das grandes pontes que elle construiu, na estrada de automoveis, entre Aldeia Queimada e a estação de Juruena, como a do rio Papagaio e outras, mesmo abandonadas, será tarefa secular do tempo deslocar a ultima pedra dos seus bem montados encontros. São obras colossaes para os recursos de que dispunhamos naquellas longinhas paragens, com bate-estacas improvisados e accionados exclusivamente pelo braço humano, comparaveis, guardadas as proporções, a essas maravilhas da antiguidade, pyramides do Egypto e outras, deante das quaes o homem moderno pára extasiado, sem comprehender como fôra possivel executal-as antes dos progressos da civilização actual.

Notavel exemplo de actividade e de proveitoso labor, a sua memoria ha de perdurar na veneração que tanto soube merecer, de seus companheiros de Commissão e de seu illustre chefe, como de quantos meditem na collaboração importante que prestou aos penosos trabalhos de sertão.

Seus restos mortaes foram conduzidos de Barão de Melgaço para Cuyabá, em Dezembro de 1916, pelo Tenente Boanerges Lopes de Sousa, por ordem do General Rondon e a pedido da Exma. viuva do Capitão Cardoso.

ALFERES-ALUMNO F. BUENO HORTA BARBOSA

Nos fastos das Comissões Rondon basta que se chame "Horta Barbosa", para que seja digno de toda a reverencia, não só como character e competencia, como pelos meritos de trabalhador infatigavel e intelligente. A sua morte occorreu em circumstancias tragicas e ha quem a decline como uma demonstração da força do destino e da theoria do fatalismo. A verdade é que foi elle victima do altruismo que prégava e praticava, como fervoroso adepto das doutrinas de Augusto Comte. Offereceu-se para substituir o engenheiro seu collega, escalado para serviços em zona de *corixas* e pantanaes, á margem do rio Paraguay, com a magnanima preocupação de que esse collega não sabia nadar e correria risco de se afogar. Obtido o consentimento do chefe para essa troca, marchou elle com a sua turma de soldados, ao primeiro clarão do dia; quando, porem, o crepusculo da tarde começava a apagar a luz do sol, o destino implacavel apagava tambem a preciosa vida desse destemido e dedicado lutador.

Fazia-se por essa ocasião a linha telegraphica que ligou Corumbá e os trabalhos normalmente accelerados pela propria orientação de Rondon — haviam tomado uma febre de velocidade proporcional ao *tour de force* imposto pelo governo e que foi levado a termo: a inauguração da linha em 1.º de Janeiro de 1904, para attender a injunções prementes da politica internacional. No relatorio apresentado pelo chefe da commissão, eis como é referido o doloroso acontecimento:

"Por determinação minha seguira, no dia primeiro de Dezembro de 1903, do acampamento á margem direita do Paraguay para o interior, o Alferes-alumno Francisco Bueno Horta Barbosa com uma turma de praças, afim de completar a distribuição de postes entre as corixas Saran e Areão. Tendo-se dado o extravio, nas aguas de uma bahia proximo do Saran, de um dos postes que eram

arrastados por meio de carretão, o Alferes-alumno Horta Barbosa deixou ali algumas praças incumbidas de retirar o poste do fundo da bahia, enquanto pessoalmente ia verificar quantas estacas estavam ainda sem poste, prometendo voltar sem demora. Até escurecer, como não houvesse regressado o Alferes-alumno Horta Barbosa, resolveram as praças ir pernoitar no capão que lhes servira de pouso no dia anterior e que era o unico, nas circumvizinhanças, que não estava submerso. Ao amanhecer do dia seguinte, de novo vieram as praças á citada bahia, não encontrando ali o official. Seguiram então até a corixa Saran, que encontraram totalmente cheia, em consequencia das copiosas chuvas dos dias anteriores. Proximo á corixa achava-se, apenas com o cabresto, o animal que servira de montaria do official. Trouxeram as praças o referido animal até a corixa, examinaram o Passo e ali encontraram dentro d'agua os arreios de uso do official. Todas estas circumstancias lhes causaram as mais serias apprehensões, e como não pudessem passar a corixa, para indagar da turma da frente acerca do paradeiro do official, esperaram por ella que, tendo noticia do occorrido, declarou não o ter visto. Procedendo todos a novo exame do local, nenhum vestigio foi notado de haver o Alferes Horta Barbosa, a pé ou montado, transposto a corixa. Ficou assentado que de tudo fosse feita communição ao Chefe da 2.^a Secção, Capitão Avila, que tendo disso conhecimento na noite do dia 4, enviou, na mesma occasião, duas praças e um guia do pantanal para, no local indicado, effectuar as necessarias pesquisas, no sentido de descobrir o destino do referido official. No dia seguinte ao meio dia, tendo já regressado ao acampamento aquellas praças, com a communição de terem encontrado, no fundo do passo da corixa Saran, o esqueleto do Alferes Horta Barbosa, cuja identidade foi reconhecida pelo seu vestuario e varios objectos que lhe pertenciam, expediu o Capitão Avila uma praça, portadora de um officio em que parti-

cipava o doloroso acontecimento e ao mesmo tempo providenciou no intuito de ser removido o mesmo esqueleto para o acampamento, onde chegou nesse dia á tarde. Logo após, foram inhumados provisoriamente os restos mortaes do prezado companheiro, na praça do acampamento.

“Havia eu partido para o acampamento da 1.^a Secção e me achava em marcha d’ahi para a estação telegraphica provisoria, installada na Fazenda do Paraiso, quando recebi a triste communicação do Capitão Avila. Sem demora parti para o acampamento da segunda Secção e ahi providenciei para a remoção do inditoso official para Corumbá, em cujo cemiterio foi definitivamente inhumado. Chegando a este acampamento, mandei proceder a inquerito policial-militar entre as praças que faziam parte das turmas sob a chefia do Alferes Horta Barbosa. Desse inquerito nada resultou que esclarecesse tão lamentavel desastre, ficando no entretanto averiguado que nenhuma culpabilidade havia da parte das praças. No passo da corixa do Saran, em que elle perecera afogado, mandei collocar uma placa de bronze com uma inscripção allusiva ao lamentavel acontecimento”.

2.º TENENTE JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA

E’ o mesmo official a que se refere a ordem do dia transcripta no capitulo “O estylo é o homem”. Falleceu a 19 de Março de 1908, durante a campanha memoravel que representa a construcção do ramal telegraphico de Caceres á cidade de Matto-Grosso. Para melhor avaliar a importancia de sua collaboração e ter-se uma idéa de sua individualidade, vou aqui reproduzir as palavras que Rondon pronunciou por occasião de baixar á sepultura o corpo deste inditoso official:

“Prezado companheiro.

Não ha de irrevogavel na vida senão a morte!

AUGUSTO COMTE.

“Acabas de deixar a vida objectiva em pleno vigor da existencia e cheio de esperanças ainda á Familia e á Patria.

“Cruel fatalidade!

“Lutaste com coragem e esforço no serviço da Patria, e pela Patria; cahiste entretanto no fim da luta, quando o teu organismo exausto pelo envenenamento rapido de infecção adquirida no serviço, já não podia sustentar o teu espirito cheio de enthusiasmo, enquanto que intemerato persistias ainda na jornada pelo dever.

“Estimado companheiro, os teus irmãos no trabalho e nas privações, que de perto conheceram o teu valor, revelado na construcção do ramal, que te roubou a vida, acham-se á beira do teu tumulo, para render-te as homenagens que as tuas bellas qualidades de character, e os teus relevantes serviços prestados á Nação, neste longinquo recanto do Brasil, bem merecem.

“A tua dedicada Familia, que será a guarda sagrada do teu nome honrado, perdeu na tua transformação objectiva o amparo moral e material, que constituia, daquelle grupo social, que tanto estremecias.

“A tua velha Mãe, que a esta hora chorará juntamente com a tua nobre Esposa, a desgraça irremediavel que arrebatou o filho bem amado, perdeu com o teu desaparecimento objectivo o arrimo precioso que a sua veneravel velhice não podia dispensar.

“Perderam todos, Mãe, Esposa, Filhos e Irmã o carinho, a ternura, de que eras capaz por elles, acostumados a ver em ti, o ente querido que constituia o objecto mais ardente das suas santas inspirações affectivas.

“A Patria perde com a tua morte, tão prematura e tão infeliz, um servidor dedicado, austero e cheio de vigor, depois de relevantes serviços prestados a sua defesa nestas ingratas bandas occidentaes.

“Cruel ingratidão da sortel

“Os teus amigos, estes que neste momento supremo dobram-se diante da tua ultima e eterna morada, vêm regar com sentidas lagrimas o teu ultimo repouso, como a demonstração mais ardente do reconhecimento e da gratidão pelas grandes emoções que lhes despertaste, durante a feliz convi-

vencia que contrahiram contigo, nestes ingratos e crueis trabalhos, que afinal consumiram-te a existencia, roubando á Familia o seu precioso e insubstituivel apoio moral e material; á Patria o servidor intemerato, e á classe a que todos pertencemos, o cooperador, modesto é verdade, mas ardoroso e energico.

“Prezado amigo, para nós e para a tua Familia, não morreste: a tua bondosa memoria persistirá eternamente em nossas almas, como a expressão mais intensa da nossa sympathia, respeito e homenagens que as nossas relações determinaram.

“Resignemo-nos, pois, deante de tão triste e irrevogavel fatalidade!

“Nada ha indifferente perante o sentimento; e segundo os ensinamentos moraes do mais sabio e do mais nobre dos mestres, Augusto Comte, nunca devemos deixar de ter o coração sempre cheio, mesmo de dôr, sim, de dôr, da mais amarga dôr!”

2.º TENENTE JOSÉ PAULO DE OLIVEIRA

Ha uma referencia honrosa do General Rondon a este official em sua ordem do dia de 14 de Fevereiro de 1908, transcripta no capitulo “O estylo é o homem”. Falleceu em começo de 1908, na cidade de Corumbá, depois de ter deixado a Commissão Rondon, aos 22 de Novembro de 1907, por grave enfermidade contrahida no serviço de construcção do ramal Caceres — Matto-Grosso.

GEOLOGO DR. CICERO DE CAMPOS

O competente geologo Brasileiro Dr. Cicero de Campos, fallecido em 13 de Junho de 1909 na cidade de S. Luis de Caceres, tinha o desprendimento peculiar aos verdadeiros naturalistas; quando em trabalho de campo, esquecia-se de tudo, até da propria alimentação. Fez importantes estudos geologicos na bacia do Paraguay (região das cabeceiras) e contravertentes principaes.

Estudou sobretudo o caminho entre Diamantino e Tapirapoan, por baixo do planalto e arredores da cidade de S. Luis de Caceres. Foi tambem á chapada, ao N. de Cuyabá onde caracterizou a existencia de fosseis. A morte colheu-o quando em phase de locubração scientifica, na cidade de Caceres. As conclusões de seus estudos foram interpretadas, depois de sua morte, pelo Dr. Alberto Bettim Paes Leme. Foi grande o numero de notas scientificas colhidas pelo Dr. Cicero de Campos, parte das quaes não foi ainda divulgada.

A urna funeraria, contendo os ossos do Dr. Cicero de Campos, foi entregue ao velho pai desse digno obreiro, em 27 de Fevereiro de 1917, na cidade de Itabira do Campo (Estado de Minas-Geraes), sendo a exumação e a transladação executadas pela Comissão Rondon, inclusive as despesas necessarias.

* * *

2.^o *Tenente José Joaquim Ferreira da Silva*, fallecido em 6 de Maio de 1909 na cidade de S. Luis de Caceres.

Este official prestou bons serviços á Comissão Rondon. Sua morte, occorrida naquella cidade, foi geralmente sentida e assaz lamentada. Como seus collegas de infortunio teve tumulo condigno e deixou uma memoria grata. Commandou o 1.^o destacamento militar de Juruena, sendo muito bem succedido nessa incumbencia.

* * *

1.^o *Tenente Firmino Portugal*, fallecido na Cabeceira dos Grillos, em 22 de Maio de 1901.

Partiu doente da Estação Telegraphica de Utiarity, com destino a S. Luis de Caceres, vindo a fallecer naquella cabeceira. Servia no contingente militar e nunca desmentiu o seu zelo tradicional e o desejo vehemente de trabalhar.

* * *

1.^o *Tenente Antonio Lins*, fallecido em 28 de Junho

de 1909 no Acampamento do Catingueiro. Entusiasta das explorações sertanejas, veio espontaneamente servir na Comissão Rondon, onde prestou muito bons serviços. Quando o General Rondon fazia a reorganização dos serviços, em Aldeia-Queimada, o Tenente Lins teve tumulo condigno. A molestia de que veio a fallecer não foi porem consequencia dos serviços em que estava empenhado e que diligentemente executava.

* * *

2.º *Tenente Marino de Mesquita*, fallecido ao chegar a S. Luis de Caceres, no dia 6 de Julho de 1914.

Era forte de corpo e de espirito. Entrou para a Comissão quando ainda Aspirante a Official, possuindo extrema vocação para os trabalhos sertanistas. Serviu no contingente destacado em Juruena, occupou-se do serviço de transporte e auxiliou a construcção.

A sua galhardia de espirito chegava ás vezes á temeridade.

Tendo adoecido no acampamento, obteve permissão para regressar a S. Luiz de Caceres, mas, apesar disso, procurou permanecer, suppondo jugular a molestia. Mais tarde retirou-se, vindo a fallecer na data acima, na vespera de chegar áquella cidade, apesar da rapidez com que a Comissão conseguiu effectuar o seu transporte, mantendo lancha de fogos accesos, á sua espera, no porto de Tapirapoan, a ver se lhe salvava a vida.

Está sepultado no cemiterio de Caceres.

* * *

2.º *Tenente-intendente Fernando Martiniano Carneiro*, fallecido no rio Madeira, em 22 de Dezembro de 1914. (V. phot. entre pags. 92/3 e 166/7).

Era um apaixonado pelas coisas da Comissão. Possuindo grande aptidão para a arte photographica, pensou tirar partido de sua habilidade em favor da grande causa, revelando o inedito dos chapadões matto-grossenses, e

nesse caracter seguiu para se unir aos companheiros que mourejavam através do desconhecido.

O General Rondon, attendendo ás conveniencias do serviço, aproveitou-o em outros misteres, dando o Tenente Carneiro muito boa conta do seu esforço. Atacado pelo impaludismo sentiu complicar-se o seu mal com antigos padecimentos e voltou ao Rio de Janeiro para curar-se.

Ahi chegado ficou addido á Secção de Desenho, onde prestou bons serviços de copia e calculo de cadernetas, executando tambem a impressão de todas as chapas photographicas do archivo da Commissão. Regressando ao sertão, ainda mal curado, por insistencia sua, teve forte recahida quando em trabalho na Secção do Norte.

Não obstante permissão do chefe e insistente pedido dos companheiros, o Tenente Carneiro não se quiz retirar do acampamento, vindo a fazel-o somente quando já se achava em estado grave.

A morte colheu-o naquella data, quando em viagem para Manáos, no rio Madeira, a bordo do vapor "Rio Curuçá". — O Tenente Carneiro foi sepultado á margem daquelle rio.

* * *

Aspirante a official, Antonio Sampaio Xavier, fallecido a 13 de Junho de 1913, na margem do rio Sacre.

Era um mysantropo e por isso o sertão o attrahia. Dedicando-se á Commissão Rondon, foi mandado servir na turma do Sul e atacou com energia e ardor as tarefas que lhe foram confiadas. Algum tempo depois de se achar em trabalho proficuo, a febre o atacou e o seu systema nervoso ficou profundamente abalado. O aspirante Xavier pediu demissão de seu cargo e não quiz esperar soccorro medico, nem assistencia mais garantida para o seu regresso, apesar dos offercimentos de seus camaradas e das recommendações feitas pelo chefe da Commissão. — Falleceu quando em viagem para Caceres.

A Comissão mandou construir um tumulo para guardar seus despojos mortaes.

* * *

2.^o *Tcnente Pharmaceutico Luis da França Souto Maior*, falleceu em 27 de Novembro de 1911, fóra da Commissão, em consequencia do impaludismo adquirido durante a expedição ao rio Jamary, no anno anterior.

* * *

2.^o *Tenente reformado Bellarmino Antunes Maciel*, fallecido a 12 de Dezembro de 1918, em S. Luis de Caceres.

Prestou excellentes serviços, tanto na activa, como depois de reformado. Estava licenciado, por doente, quando falleceu, victima da gripe espanhola, por occasião da epidemia que assolou aquella cidade.

* * *

Inspector de 3.^a classe em comm. Caio Gracho Moreira Spínola, fallecido a 20 de Dezembro de 1918, na Cachoeira Monte-Christo.

Tinha o curso de agrimensura e era um dedicado auxiliar; muito estimado por todos no local em que trabalhava.

Servia na Secção do Norte, sendo encarregado da Colonia Indigena Rodolpho de Miranda, onde estavam accomodados indios Arikêmes, Jarús e Kepi-kiri-uats.

O Sr. Gracho pereceu afogado, em um accidente occorrido com a lancha, quando transpunha Monte Christo, no rio Jamary, na data acima indicada, sendo a unica victima deste accidente. Sua distincta genitora, em um gesto digno de registro, dirigiu uma carta muito honrosa ao Escriptorio da Commissão Rondon, agradecendo todas as homenagens prestadas á memoria do morto e reconhecendo, com grande elevação de vistas, *a fatalidade que arrastara seu filho, no desempenho de um dever digno de ser cumprido.*

Em 22 de Janeiro de 1921, satisfazendo o compromisso

tomado pelo Snr. General Rondon para com a Exma. Família Spinola, a Comissão retirou os despojos desse mallogrado companheiro, do tumulo onde estavam (cemitério do seringal de Itapipoca, á margem direita do Jarmary) e os fez conduzir até a capital da Bahia, sendo ahi recebidos em Abril do mesmo anno.

* * *

Inspector de 3.^a classe, effectivo, da Repartição Geral dos Telegraphos, Salathiel Candido de Moraes e Castro fallecido a 11 de Fevereiro de 1919, no Estado de Goyaz. (Não pertencia mais a Comissão, quando falleceu).

Era um antigo e dedicado servidor da Comissão. Homem de pouca instrução, porem optimo trabalhador, revelando sempre uma bôa vontade inexcedivel, uma energia de intemerato. O General Rondon distinguia-o com sua amizade. Serviu muito tempo ora nas invernadas da Comissão ora no serviço da linha. Retirou-se doente para se refazer das fadigas, no repouso do lar; foi colhido pela morte na capital Goyana. Este pobre servidor não chegou a lograr nem ao menos a compensação de uma promoção na Repartição Geral dos Telegraphos, de cujo quadro fazia parte.

Prestou serviços nos pontos mais arriscados e acompanhava o General Rondon em trabalhos de exploração e nas construcções desde 1890. Era o unico individuo que conseguia varar a floresta sem se distanciar do General, inclusive nas caçadas de onça.

* * *

Inspector effectivo de 3.^a classe Geraldo Carvalhaes da Silveira, fallecido em 30 de Junho de 1910, nas Tres Barras.

Este funcionario já vinha trabalhando com o General desde construcções anteriores, tendo iniciado a sua actividade nesta construcção em 1907, no primeiro acampamento

do Bandeira. Ininterruptamente trabalhou até Junho de 1910, quando se retirou doente, mas, infelizmente, agravando-se o seu estado, veio a fallecer poucas leguas adiante do acampamento de Juruena.

* * *

Inspector de 4.^a classe em comissão, Ezelino Rosas, fallecido em 2 de Agosto de 1913, no acampamento geral.

Prestou valiosa collaboraçãõ, durante seis annos consecutivos. Foi dedicado e zeloso encarregado do deposito de Caceres e machinista da lancha Juruena; falleceu no sertão, quando passou a trabalhar nos acampamentos da construcção da linha telegraphica.

É delle o tumulo de fls. 58/9 deste livro.

* * *

Telegraphista regional, Antonio José de Santanna, fallecido no dia 26 de Outubro de 1913, em Diamantino, em consequencia de desastre.

* * *

Guarda-fio em Comissão, Antonio José de Sant'Anna, fallecido no dia 20 de Abril de 1914, no acampamento de Charravascal.

Prestou tambem muito bons serviços como pharmaceutico.

Na epoca em que falleceu, era o unico responsavel pelo serviço sanitario do acampamento, na falta de medicos.

* * *

Guarda-fio em comissão, Joaquim Sol, fallecido no dia 11 de Dezembro de 1913, na cidade de Cuyabá.

Excellent auxiliar durante a construcção, de que possuia larga pratica, trabalhador e pontual nos serviços.

* * *

Remador José da Silva, fallecido em 2 de Setembro de 1909 no rio Jacy-Paraná, flechado pelos indios Caritianas.

Carpinteiro Tertuliano Ribeiro de Carvalho, especialista exímio na fabricação de canoas, fallecido a 29 de Maio de 1915, no rio Ananáz, victimado pelos indios Araras (provavelmente), no trecho que fica situado entre a foz do ribeirão 10 de Maio e o ribeirão dos Perdidos.

Era um empregado dedicado e diligente. Em sua homenagem, o Sr. General Rondon denominou a cachoeira proxima ao local do sinistro, "Cachoeira Tertuliano". Sua morte occorreu quando foi atacada a expedição do Tenente Marques de Souza, a quem já me referi e que tambem ahi perdeu a vida.

* * *

Inspector de 4.^a classe, Telegraphista de 5.^a classe e Guarda-fio, todos em commissão, respectivamente, Pedro Craveiro Teixeira, Victor Henrique de Lima e João Lima: falleceram a 29 de Setembro de 1915, na estação de Pimenta Bueno.

São as tres victimas do ataque indigena á estação de Pimenta Bueno, facto que teve lugar naquella data e do qual a imprensa carioca muito se occupou.

Eram tres dedicados auxiliares dos serviços sertanejos, trabalhavam juntos e juntos morreram. O ataque foi attribuido a indios que não haviam tido ainda contacto com a Commissão e que pretendiam lutar com os indios Pauatês, amigos do General Rondon.

O inspector Craveiro e o guarda-fio João Lima, eram antigos funcionarios da Commissão e ambos bons typos de sertanejos.

O telegraphista Victor Henrique de Lima, portuguez de origem, era igualmente muito cumpridor de seus deveres.

* * *

Inspector de 3.^a classe, em commissão, Arnaldo Meneghezzi, fallecido a 2 de Fevereiro de 1916, no rio Ananáz.

Vivia em Matto-Grosso e era muito dedicado aos estudos de Historia Natural. Quando ficou organizada a expedição de socorro á turma do mallogrado Tenente Marques de Souza, o Sr. Meneghezzi obteve sua inclusão na turma. Foi um bom auxiliar durante a travessia, não só se dedicando ao estudo de Historia Natural, como tambem auxiliando o trabalho de levantamento e administração da turma, como pratico de pharmacia. Infelizmente, porem, o seu organismo não resistiu ás torturas dessa horrivel odysseia e o Sr. Meneghezzi veio a fallecer, naquella data, antes de attingir a ponto povoado.

Seu corpo foi dado á sepultura com as homenagens merecidas pelo companheiro bom e trabalhador que elle era.

* * *

Telegraphista de 5.^a classe, em comm., e guarda-fio tambem em Comm., respectivamente, Luiz Ortiz d'Avila e Antonio Pereira, fallecidos a 15 de Abril de 1919, na estação de Juruena.

Serviam na estação telegraphica, onde se mostravam applicados e diligentes. Devido a uma desintelligencia com os indios Nhambiquaras, provocada involuntariamente pelo guarda-fio Pereira, foi á estação atacada naquella data, sendo massacrados estes dois bons servidores do Estado.

Este luctuoso accidente, que tanta magoa causou no seio da Commissão Rondon, deu lugar a um gesto digno de registo. O telegraphista João Frago, já em homenagem aos seus companheiros, barbaramente massacrados, já como expressão de um nitido sentimento de dever, offereceu-se espontaneamente para substituir o seu collega fallecido e manteve assim, com pequena interrupção, a regularidade do trafego, apesar do panico que seria de esperar na linha, após o triste desaparecimento de seu antecessor.

Anseçada Honorato Rodrigues Mendes, fallecido a 31 de Agosto de 1909; pertencia ao 5.º Batalhão de Engenharia; seu fallecimento deu-se por desastre, occorrido na expedição de 1909, na cabeceira que tomou seu nome (cab. do Honorato), como "homenagem do Chefe da Comissão ao dedicado servidor que fôra morto no trabalho por um tiro que elle proprio, inadvertidamente, disparára".

O SACRIFICIO DO BELLO-SEXO

Seria impossivel pôr de lado e excluir de uma referencia neste capitulo, o sacrificio das estoicas mulheres que levaram sua dedicação ao extremo de acompanhar seus maridos, tal como as vivandeiras corajosas que seguem os grandes exercitos em campanha. Como homenagem á bravura e á resistencia sem par, dessas que lá perderam a vida; que sempre deram antes provas de sua resignação e animo, para enfrentar a vida do sertão; acompanhando seus maridos nas marchas a pé, a que eram obrigados pelo serviço, muitas vezes tomando para carregar uma parte da bagagem delles; resistindo ás chuvas ou ás caniculas; vivendo ao lado dos acampamentos, nas proprias barracas de campanha ou em pequenas choças de palha, que ajudavam os seus donos a construir e que a chefia da Comissão sempre permittiu que se estabelecessem, em zona préviamente determinada, á retaguarda; abaixo transcrevo a relação de algumas de que tenho notas exactas, quanto á epoca e ao lugar do obito:

Rachel Maria de Albuquerque, fallecida no dia 20 de Junho de 1908, no acampamento do rio Alegre (primeira cabeceira).

202 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

Davina de Arruda Leite, fallecida no dia 6 de Julho de 1908, no acampamento dos Tres Jacús.

Custodia Ribeiro de Jesus, fallecida no dia 5 de Agosto de 1908, no acampamento de Ponte de Pedra.

Catharina de Abreu Avila, fallecida no dia 8 de Junho de 1908, no acampamento de Juruena.

Regina Guimarães da Silva, fallecida no dia 6 de Maio de 1909, no acampamento de Utiarity.

O SACRIFICIO DOS MAIS MODESTOS

Como na guerra, ha aqui lugar para o sentimento de piedade que desperta nas almas bem formadas o sacrificio dos humildes; lá, como aqui, a victoria só é conseguida á custa dessa multidão anonyma, cujo heroismo fica tanta vez sepultado pela propria humildade de origem, occulto como as pequeninas hervas á sombra das arvores opulentas, sem relevo, sem echo nas paginas da historia. Quanta emoção de pena, deante desta diversidade de destinos! E' justo, pois, que eu feche este capitulo esparzindo flôres sobre os cento e sessenta tumulos perdidos no deserto e onde repousam simples soldados e trabalhadores civis, que pereceram no decorrer destes treze annos de trabalhos da Commissão.

Foi sem duvida o reflectir em taes considerações que despertou no espirito do Dr. Montenegro Cordeiro, sempre orientado por nobres sentimentos, a formosa concepção de se erigir um monumento commemorativo, dedicado á memoria de todos os que perderam a vida no decorrer dos trabalhos da Commissão Rondon, desde os mais graduados até os mais humildes, todos com o mesmo direito a essa glorificação.

Limitado o concurso de assignaturas á modesta contribuição de 1\$000, logo que a imprensa noticiou a aber-

tura de uma subscrição popular, sob a iniciativa do Dr. Montenegro, a quantia subscripta attingiu a mais de 6:000\$000 que foram depositados em uma caderneta, entregue por este digno concidadão ao Exmo. Sr. General Rondon, a quem foi judiciosamente confiada a objectivação dessa memoravel idéa.

EXPLORAÇÃO DO RIO JACY-PARANA'

a) CONSIDERAÇÕES GERAES

Lendo este capitulo, ter-se-á uma idéa da maneira pela qual a Commissão Rondon executava os serviços de exploração de rios, o seu levantamento geographico e topographico.

A chefia da expedição era sempre exercida por um official do Exercito, quando possivel auxiliado por outro menos graduado ou mais moderno. Da turma faziam parte, em condições normaes, um medico, um encarregado do material e um feitor ou sargento ao qual ficava directamente subordinado o pessoal trabalhador. Desde sua designação, o chefe da turma tinha a mais ampla iniciativa, apenas subordinando-se ás instrucções escriptas que recebia da chefia da Commissão, para a execução do serviço que lhe era confiado. Esta iniciativa constitue, a meu juizo, um dos segredos dos successos alcançados em todas as expedições dessa natureza, levadas a effeito sob os auspicios da Commissão.

Tambem, se faltava o medico, a exploração não era interrompida; se o engenheiro-chefe da turma adoecia gravemente, o ajudante ou o zoologo ou o proprio medico (!) proseguiam no serviço e o substituiam em suas funções technicas e administrativas. Morriam ou desertavam alguns soldados ou trabalhadores civis e os que restavam, serviriam até o fim. Perdiam-se canôas nas

cachoeiras, acampava-se para construir outras, em ponto onde a mata offerecia exemplares de parte conveniente e a madeira adaptavel a essa applicação. Se as canôas perdidas afundavam os ultimos recursos de alimentação que os expedicionarios conduziam consigo, procurava-se na natureza o palmito, o mel, a castanha, as fructas silvestres; a caça e a pesca tornavam-se indispensaveis...

Através de todos os obstaculos e de todos os sacrificios, o sentimento da responsabilidade incutia-nos no espirito a preocupação maxima de executar o serviço, capacitados tambem como estavamos de que seria um crime despender dinheiro do Paiz sem apresentar resultados uteis correspondentes! Com taes convicções é que nos encouraçavamos, para supportar agruras, que só antes conheceramos na leitura de romances, e para refundir as energias, quando a força das circumstancias adversas faziam relampejar em nosso espirito as perspectivas de um fracasso.

Magnificos de referir, em narrativas como estas, os episodios de expedições em que se tomou parte, nos quaes muita vez sentimos o calefrio da morte, depois que se passou por elles e se voltou com vida! Nada invejaveis eram, entretanto, nos momentos em que elles nos envolveram, na vasta amplidão dos desertos interiores da nossa Patria!

Em regra, pela rapidez resultante, o levantamento dos rios era determinado de montante para jusante; a grande maioria delles assim foi executada. Outros objectivos concomitantes impuzeram, por excepção, o levantamento em sentido contrario ao das correntes. Para referir dois exemplos caracteristicos citaremos o levantamento do rio Jamary e o do Jacy-Paraná, ambos afluentes do Madeira, pela margem direita; o 1.º foi imposto, pela necessidade de fixar na carta a sua posição exacta, na zona em que a linha telegraphica teria que

acompanhar mais ou menos o seu valle, subindo-o justamente quando a secção do Norte viria interceptal-o proximo á foz, logo depois de locado o trecho estudado e projectado, entre Santo-Antonio do Madeira e cachoeira Samuel (no January); o do 2.^o foi imposto pela necessidade ante-vista de organizar uma turma (Turma do Norte), que marchasse ao encontro do Chefe da Comissão, levando-lhe reforço e recursos de alimentação, quando elle effectuara o seu 3.^o Grande Reconhecimento de 1909, da chamada serra do Norte ao rio Madeira.

Tive a honra de ser escolhido para auxiliar o chefe desta ultima expedição, hoje major reformado Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, competentissimo engenheiro-militar, grande cabeça mathematica e homem de vasta illustração scientifica, a par de raras qualidades de resistencia physica, intelligencia, bondade, modestia e resignação nunca vista, para todas as durezas e contratempos do sertão. Grande coração, cuja amizade tanto me honro de cultivar, desde essa epoca, a sua generosidade para com a minha collaboração está estampada no seguinte topico do relatorio que apresentou ao Chefe da Comissão:

“Ao Sr. 1.^o Tenente Amilcar de Magalhães, Ajudante da Turma, que se manteve sempre na altura da confiança que nelle depositastes, não alimentando outro desejo que não o do exito completo dos trabalhos em que nos achavamos empenhados — deve-se a efficacia e o bom resultado do pouco que fizemos.”

A organização do serviço de levantamento comprehende a aquisição ou o fabrico de duas canôas, uma que conduz a mira, outra em que viajam os engenheiros, alem de uma ou duas embarcações mais, necessarias á conducção dos viveres, petrechos de cozinha, objectos de uso do pessoal, emfim toda a *impedimenta* da columna, inclusive brindes destinados aos indios.

Para a execução do trabalho, adopta-se geralmente o processo que empregámos no Jacy-Paraná: a canôa da cozinha rompe a marcha, logo que o pessoal tomou o café da manhã, momento em que se levanta acampamento, ao clarear do dia. Tem por missão abrir caminho para as canôas do levantamento, adeantando-se tanto quanto possível, para que atinja ponto conveniente, com tempo de preparar o almoço. Calcula sua marcha de modo que o almoço possa ser distribuído entre 11 e 12 horas, ao chegarem as canôas do levantamento. É esta uma difficil missão, que exige do feitor ou sargento, responsavel por tal serviço, uma perspicacia especial e alguma pratica, para que não avance demais, o que redundaria em retardar a hora da refeição, nem bivaque com antecedencia, o que geralmente arrasta perda de tempo, visto como as canôas do levantamento attingirão o mesmo ponto, antes que o almoço esteja prompto.

O calculo é difficil porque não só os empecilhos á navegação fazem variar o tempo necessario para percorrer uma mesma extensão linear, como tambem a velocidade do serviço de levantamento está em funcção do numero de *estirões* (trechos mais ou menos rectilineos do rio) e das voltas de grande ou pequeno raio que o curso d'agua apresenta: está claro que aquelles facilitam a rapidez da execução e estas a difficultam, retardando a marcha. Com a pratica, porem, um homem medianamente intelligente e observador, em poucos dias se habilita a determinar com grande precisão, dentro da tolerancia de meia hora, o momento exacto de atracar.

No Jacy-Paraná o feitor Alberto Ribeiro — que infelizmente ficou sepultado á margem desse rio — do 3.º dia em deante, determinava o pouso de almoço e escolhia o ponto para acampar á noite, com precisão quasi mathematica, do que resultava perder-se durante o dia apenas o tempo imprescindivel para o almoço e permittir que o levantamento proseguisse até o escurecer: innume-

ras vezes as ultimas visadas eram feitas sobre o acampamento escolhido e com difficuldade conseguíamos lêr as gradações da bussola e do telemetro, ás ultimas claridades do dia.

De 12 de Agosto a 20 de Novembro de 1909, tempo decorrido desde a partida da expedição da cachoeira Santo-Antonio do Madeira, até attingirmos o ultimo acampamento, nas proximidades das cabecciras do Jacy-Paraná, por duas ou tres vezes apenas tivemos que parar o levantamento a jusante, para alcançarmos o acampamento, devido á falta de claridade; ao dia seguinte desciámos para retomar o serviço no ponto em que o deixáramos na vespera.

a) AS INSTRUCÇÕES

É interessante assignalar que as instrucções para a expedição ao Jacy-Paraná foram escriptas, como innumeros outros documentos, que attestam a mesma collaboração intelligente e affectiva, com a letra da senhora General Rondon. Vou aqui transcrevel-as tal qual chegaram ás nossas mãos:

“Instrucções pelas quaes se deverá guiar o Sr. Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, Chefe da turma de exploração do rio Jacy-Paraná:

1.^o — Fica organizada uma turma de exploração, que se denominará “Turma do Norte” e que terá por fim especial a exploração de todo o rio Jacy-Paraná, desde a sua foz no Madeira até a sua mais alta cabeceira, isto é, onde puderem entrar as canôas que conduzirem os exploradores.

Os Instrumentos empregados deverão ser a bussola, o sextante e a luneta Lugeol, o barometro e o thermometro.

O levantamento do rio deverá ser executado a Lugeol, tendo o explorador o maximo cuidado de fazer diariamente as correcções do seu instrumento e devendo nas

pontarias para a obtenção de cada alinhamento fazer sempre, no mínimo, tres leituras das gradações micrometricas, adoptando a média como leitura definitiva.

2.º — Será chefiada essa turma pelo ajudante Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, que será auxiliado pelo 1.º Tenente Amilcar Armando Botelho de Magalhães, tendo a sua disposição uma turma de trabalhadores e canoeiros, que será organizada em Santo-Antonio do Madeira pelo Sr. Dr. Antonio Correia da Costa, delegado do Estado de Matto-Grosso em Manáos, segundo espontaneo offercimento deste em carta que dirigiu a esta Chefia, com data de 14 de Dezembro do anno passado.

3.º — A turma, depois que em Santo-Antonio do Madeira receber todos os recursos que lhe entregará o inspector de 2.ª classe Francisco José Xavier Junior, a cujo cargo ficará todo o serviço de abastecimento, partirá subindo o rio Madeira até a foz do Jacy-Paraná, executando o levantamento desse trecho do Madeira. Penetrará por aquelle rio, determinando préviamente a posição geographica da sua foz. Subirá o Jacy-Paraná, executando o seu levantamento com rigor, tomando apontamentos de todos os pontos povoados, embocaduras dos seus affluentes marginaes, com os nomes communmente adoptados pelos moradores selvicolas ou seringueiros invasores.

As barras dos tributarios maiores deverão ser determinadas geographicamente, assim como os sitios ou barracões mais importantes, as cachoeiras e saltos de valor.

Ao mesmo tempo que fizerem o levantamento do rio, deverão os engenheiros effectuar a sua sondagem no ponto de vista da navegação; farão a sua cubação na respectiva foz e a de todos os seus tributarios por menores que sejam. Determinarão a altura dos saltos que encontrarem, avaliando o potencial das respectivas quedas, sob o ponto de vista da energia a desenvolver para o aproveitamento industrial.

4.^o -- Farão a estatística de toda a extensão do rio que percorrerem, já dos povoados selvagens e já dos invasores civilizados ou semicivilizados e das respectivas industrias.

5.^o — Descreverão os terrenos marginaes quanto á sua applicação ás industrias agricola e extractiva.

6.^o — Desembarcarão no lugar que a Comissão de estudos da E. F. Madeira-Mamoré tiver tomado para ponto inicial da variante que correu pelo planalto até Guajará-mirim; percorrerão o trecho da matta até sahir em campo ou cerrado, devendo então deixar em lugar conveniente signaes que indiquem a sua chegada até allí, caso não possam lá permanecer até o encontro das duas turmas, pelo cuidado que exige a conservação das canôas e conveniencia de não enfraquecer o pessoal, subdividindo-o.

Neste caso voltarão ao porto de desembarque e procurarão subir o rio pelo maior braço até onde puderem, sem sacrificio, tentando novamente sahir pela margem esquerda á procura de campo ou cerrado, a ver si descobrem quaesquer signaes da turma do sul.

Estacionarão em ponto da margem esquerda do Jacy-Paraná que julgarem conveniente para uma permanencia demorada, attendendo á salubridade local, não esquecendo nunca que é tanto mais hygienico, na zona da matta, o local que offerecer aos raios solares maior superficie de acção, sendo portanto necessario, para o bom estabelecimento do acampamento, que seja derrubada na margem do rio uma grande area da matta ou do cerrado.

7.^o — A turma deverá subir o Jacy-Paraná dentro da 1.^a quinzena de Agosto, regulando a marcha do serviço de modo a dar-se o encontro das duas turmas dentro da 2.^a quinzena de Setembro, o mais tardar.

Levará embarcações que comportem mais de 40 homens de que se comporá a turma do Sul, e caso não seja isso possivel, deverá levar alguns homens que entendam

do fabrico de canoas e as necessarias ferramentas para que, no ponto de parada, possam preparar uns 4 batelões apropriados.

8.^o — Tomarão em Porto Velho ou Santo-Antonio as informações necessarias para o esclarecimento da viagem, e á proporção que forem encontrando moradores, até a cachoeira "Vae quem quer", ultimo povoado, deverão ter o maximo cuidado de novas informações colher, indagando, para evital-os, dos perigos provaveis, não só quanto á molestia commum da zona (o impaludismo), como em relação aos ataques selvícolas.

Deverão ter o maximo cuidado em evitar o ataque destes, nunca os perseguindo e não fazer disparos de espingarda sobre elles, ao contrario, procurar sempre obter o seu consentimento para a fatal invasão, distribuindo-lhes para esse fim muitos brindes que deverão levar.

Quando estiverem estacionados no ponto de espera, alem dos balões e fogos pyrotechnicos de guerra, proprios para signaes á noite, deverão ás 4 horas da madrugada e ás 8 da noite de cada dia, fazer explodir grandes bombas de dynamite.

9.^o — Será encarregado do serviço sanitario da turma o pharmaceutico civil Antonio Pedreira de Andrade que a ella se incorporará no Rio de Janeiro, oude se acha e onde adquirirá a ambulancia indispensavel e necessaria.

10.^o — O Chefe da turma apresentará no fim dos trabalhos, ao Chefe da Commissão, um relatorio detalhado dos serviços executados e occurencias havidas durante a exploração, ao qual acompanhará uma planta do rio levantado, na escala de 1/20.000 e na qual serão mencionados não só os algarismos dos kilometros, como das profundidades do canal do rio.

Organizará as tabellas de distancias, altitudes, latitudes e longitudes, e de temperatura e pressão diarias, que annexará tambem ao relatorio.

Apresentará além disso um balancete de todas as despesas que fizer na execução do seu serviço, afim de poder avaliar o custo kilometrico da exploração. Na despesa desse custo kilometrico deverão entrar, além das despesas de material, pessoal trabalhador e compra dos viveres que a turma gastar, mais os vencimentos do pessoal tecnico superior que a computuzer, durante o tempo que decorrer da partida de Santo-Antonio ao regresso ao mesmo ponto.

(a) CANDIDO M. S. RONDON

TECHNICA ELEMENTAR

MEDIDA DAS DISTANCIAS E DOS ANGULOS

Em qualquer levantamento topographico, como é sabido, são necessarias duas especies de instrumentos: Uma que se destina á medida dos angulos, outra á medida das distancias. No primeiro caso determinam-se as direcções dos diversos caminhamentos parciaes, de ponto a ponto do itinerario; no segundo as distancias em linha recta entre esses pontos em plano horizontal, isto é, distancia horizontal entre as verticaes (posição do fio a prumo) que passam por taes pontos, ou projecção horizontal da recta que une os mesmos pontos do terreno.

Sem a precisão dos diastímetros para a medida directa das distancias e exigindo embora, além das rectificações diarias, a que todos os instrumentos de engenharia estão sujeitos, constantes verificações sobre o terreno, os telemetros de Guyau et Fleuriais ou a luneta Lugeol, para distancias mais ou menos no mesmo nivel, dão sufficiente aproximação para os levantamentos expeditos.

Como os erros proprios dos instrumentos são proporcionaes ás extensões e geralmente produzem alongamentos, póde-se dizer que desapparecem desde que o desenho seja

compensado com a fixação de pontos de coordenadas geographicas (latitude e longitude) bem determinadas de 50 em 50 kilometros, distribuindo-se cada alongamento verificado, dentro destes limites, proporcionalmente ás tangentes de visada.

Desta ordem foi o serviço executado no Jacy-Paraná.

ORIENTAÇÃO DAS PLANTAS E ESCALA

Para reproduzir no desenho a figura, em miniatura, dos accidentes do terreno levantado, de modo que a posição relativa dos pontos de referencia apresente disposição identica ás do solo; para que as distancias entre dois quaesquer pontos do terreno obedeçam no desenho a uma mesma proporção; duas coisas são necessarias: a orientação das *plantas* e a *escala*.

A *escala*, cuja escolha depende naturalmente do destino que se pretende dar ao desenho, assim como das dimensões do papel de que se dispõe para esse fim, define justamente a proporcionalidade entre uma mesma distancia do terreno real e a do desenho; a escala de um para vinte mil, por exemplo, que é representada sob a fórmula fraccionaria $1/20.000$ indica que um metro no desenho corresponde a 20.000 metros no terreno. Praticamente, para saber a quantos centimetros ou a quantos millimetros do desenho correspondem distancias reaes do terreno, basta reproduzir mentalmente o quadro abaixo:

ESCALA DE $1/20.000$

20.000m	1m
2.000m	0m,1
200m	0m,01
20m	0m,001
Dez metros	Meio millimetro

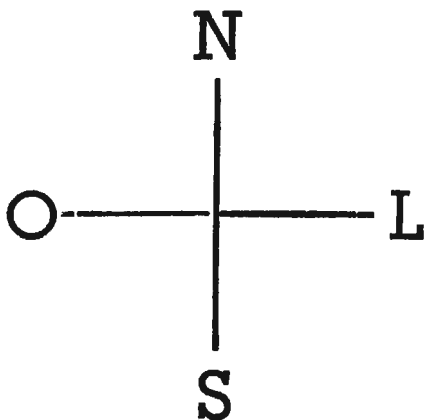
Semelhantemente se determina essa proporcionalidade, para outras escalas maiores ou menores.

A escala que serviu de exemplo, era geralmente adoptada nos levantamentos expeditos da Comissão e foi a que estabeleceram as instrucções do Jacy-Paraná; n'ella, como se vê, a distancia menor do terreno, que era possível representar mathematicamente no desenho, era a de 10 metros: abaixo de 10m marcam-se *a olho*, sobre o desenho, as distancias do terreno.

Explicada assim a proporcionalidade entre a configuração geral do solo e a *especie de photographia* que a planta representa, torna-se necessario esclarecer o problema da orientação das cartas, em noção summaria que dedico não aos technicos — como as noções que aqui a antecedem — mas aos leitores curiosos, que desconheçam o assumpto.

Qualquer leigo, deante de uma carta já desenhada, comprehende facilmente que ella é a imagem reduzida do terreno, representado por convenções que definem os rios, as florestas, as montanhas, os lagos, as casas etc. Observando a posição de uma certa habitação, poderá certificar-se de que, conforme o desenho indica, o sol deve nascer em tal ponto e esconder-se em ponto diametralmente opposto: como, porem, devemos agir para attingir este resultado? — Orientando as linhas do desenho pela posição da linha Norte-Sul. Tendo em vista a forma da Terra, a posição dos polos Norte e Sul e o movimento de rotação que produz a ficção do movimento do Sol de Leste para Oeste, o observador no terreno, quando volta a frente para o Norte, as costas para o Sul, tem a sua direita o nascente, oriente, ou Leste e á sua esquerda o poente, occidente ou Oeste. Para lançar na carta a imagem do terreno de modo que a mesma orientação alli se reproduza, todos os processos se resumem em orientar

directa ou indirectamente as linhas do desenho em relação á linha Norte-Sul que as cartas todas, convencionalmente, assim collocam:



Directamente, isto é, cada linha de visada, em relação ao meridiano (linha Norte-Sul); indirectamente, isto é, todas as linhas de visada em relação á anterior, pelos angulos que cada direcção vai formando com a antecedente, quando apenas a primeira linha de visada é directamente orientada no desenho em relação ao meridiano.

E' isto, entretanto, uma funcção do instrumento com que se trabalhou.

Como está declarado nas instrucções, o instrumento pre-estabelecido para a medida dos angulos foi a bussola, conhecido apparelho baseado na propriedade da *agulha magnetica*, em que a ponta imantada se volta sempre e espontaneamente para o Norte, com pequenas variações

para Leste ou para Oeste — variações constantes para o mesmo aparelho, para certas zonas do globo e para certas épocas do anno — facéis de determinar e a que se convencionou chamar *declinação magnetica*, ou angulo que fórma a linha Norte-Sul magnetica com a linha Norte-Sul verdadeira. E com a bussola estavamos, pois, no caso da orientação directa de cada uma das visadas em relação ao meridiano, o que vale dizer que as successivas direcções dos lados da polygonal descripta pelo caminhamento, podem ser desenhadas a partir de qualquer ponto intermedio, na sua posição exacta, sem ser necessario conhecer a direcção da visada preliminar ou das anteriores inclusive esta. Para dar uma idéa de como se procede, reproduzirei aqui uma pagina da caderneta de levantamento e o desenho a que ella deu lugar. (V. as duas photogravuras entre pags. 212/213).

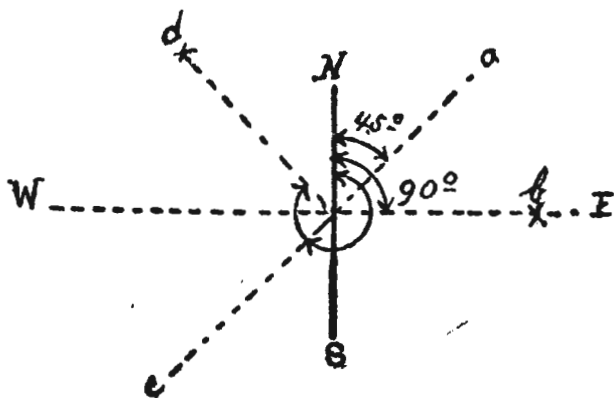
EXPLICAÇÃO DOS DADOS DA CADERNETA

A *estação* ou *estaca* é sempre um ponto do itinerario para onde se fizeram as visadas avante e de onde foi visado o ponto immediato. As estações levam um numero de ordem e, por convenção, designa-se pelo algarismo 0 (zero) a estação inicial.

Azimuth magnetico é justamente o angulo que faz a posição da agulha com a direcção da linha de visada, que coincide com um lado da polygonal do caminhamento. E' o elemento que nos fornece a bussola no caso vertente.

Não é propriamente o azimuth o angulo que figura na caderneta acima transcripta, mas sim o angulo a que na technica chamamos *rumo*. Vamos esclarecer no que consiste a differença entre um e outro. Os azimuths são contados de 0° a 360° , convencionalmente no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio, de Norte

para Leste; assim os pontos *a*, *b*, *c*, *d* da figura abaixo:



têm para azimuths respectivamente os ângulos de 45°; 90°; 225° e 315°.

Os rumos são referidos a cada um dos quatro quadrantes N E; S E; S O; e N O. Os ângulos dos rumos são contados a partir da ponta Norte ou da ponta Sul da agulha; assim os rumos de *a*, *b*, *c*, e *d* são respectivamente: 45° N E; 90° N E ou Leste; 45° S O; e 45° N O.

Sob a designação de *micrometro*, estão inscriptas as leituras feitas na luneta Lugeol, onde existe um tambor graduado de fácil leitura. (Diremos depois duas palavras sobre o mecanismo curioso dos telemetros).

Por meio de uma tabella, organizada pelo proprio fabricante do aparelho, interpolando-se quando necessario, obtêm-se as *distancias* em projecção horizontal, entre os pontos successivamente visados do itinerario.

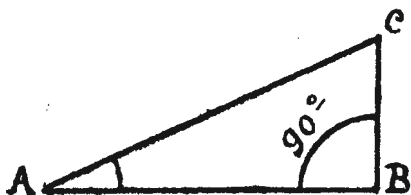
Na columna sob a denominação de *margens*, as letras *D* e *E* indicam a margem direita ou esquerda em que se fez estação, convindo notar que, por convenção, taes designações são relativas ao sentido em que correm as aguas do rio (margem direita á direita do observador que desce o rio).

O *croquis* ou *esboço* é desenhado ao lado, á proporção do caminhamento, de modo que os pontos da figura correspondam ás linhas em que estão inscriptas as observações respectivas de direcção e distancia do terreno; acrescentam-se *observações* elucidativas e complementares, para a perfeita confecção do desenho definitivo.

Para completar estes rudimentos, sem descer a grandes minudencias relativas á trigonometria, com as suas fórmulas para a *resolução dos triangulos*, nem á optica, da *Physica*, para explicar o funcionamento das lunetas e a noção das imagens; falta agora desobrigar-me da promettida explicação sobre o mecanismo do telemetro.

Taes aparelhos são relativamente modernos e permitem determinar as distancias sem ser preciso estender sobre o terreno os chamados *diasímetros* (metro, reguas metricas, correntes graduadas, trenas). Dispondo-se de uma regua cujas dimensões são prévia e rigorosamente determinadas, é bastante visal-a de longe para obter com aproximação notavel (a medida directa tambem é uma aproximação) a distancia entre os dois pontos. Basea-se a construcção dos telemetros em uma engenhosa disposição de espelhos collocados de modo que um delles recebe directamente a imagem do objecto visado e a projecta para dentro da luneta por intermedio do outro espelho. Torcendo-se a cabeça da haste metallica que move o cylindro graduado, produz-se o deslocamento de uma imagem ficticia do objecto visado (a regua no caso) sem impedir que se continue a ver com a luneta a imagem verdadeira, como em qualquer luneta.

Esse deslocamento produzido pelo observador, de modo que a imagem fictícia percorra a porção da regua de dimensão conhecida é medido pela rotação do cylindro graduado. Tal deslocamento determina a medida de um angulo, elemento necessario para determinar a distancia. Em trigonometria, desde que se conhecem dois angulos e um lado, determinam-se todos os lados e todos os angulos de qualquer triangulo; assim, no triangulo $A B C$



desde que se conhece o lado $C. B.$, que é a altura da regua de mira, o angulo B que é recto e o angulo A que é o que o telemetro fornece; determina-se precisamente o lado AB , que é a distancia entre o ponto A , em que se colloca o observador com a luneta, e o ponto B , em que se colloca a mira na vertical.

Visando-se de A e movendo o parafuso que faz deslocar a imagem do ponto C , quando esta imagem coincide com o ponto B , superpondo-se exactamente, a graduação do tambor nos dá o angulo procurado. Como as tabellas são calculadas para todos os angulos possiveis de se apresentar no caso em questão, essa graduação, lida no tambor, permite desde logo encontrar-se alli a distancia procurada interpolando-se quando fôr preciso.

ERRO DE TOLERANCIA

Todos os levantamentos dão erros, maiores ou menores, conforme a precisão do aparelho empregado e a menor ou maior pratica do operador. Assim é que, por mais aperfeiçoados que sejam os instrumentos e por mais habil o engenheiro, é impossivel fechar no desenho, sem erro algum, qualquer polygono levantado no terreno. Surge ahi então o que se chama a *tolerancia*, isto é o erro maximo que se permite, para que a precisão dos resultados não prejudique o trabalho.

Nos levantamentos *expeditos* (rapidos), os erros são maiores do que nos *regulares*, mais demorados em execução e mais exactos, porque empregam instrumentos de maxima precisão. Nos *expeditos*, porem, como já foi referido, desde que se disponha de pontos bem determinados de *amarração*, conseguem-se resultados muito exactos.

D'ahi a vantagem da determinação das coordenadas geographicas. Nesta pesquisa, os processos astronomicos mais modernos permitem: uma exactissima fixação das latitudes; uma exactissima fixação das longitudes, pelo telegrapho, com ou sem fio; e sufficiente aproximação destas, pelo processo do *transporte da hora*, quando se viaja com os chronometros por agua, naturalmente dispensando-lhes um meticoloso cuidado. São essas coordenadas que fornecem os pontos de amarração dos levantamentos, para a destruição dos erros inevitaveis, determinando pontos de *meridianos* e pontos de *parallellos*.

d) PARTE EPISODICA

Da propria natureza de semelhantes trabalhos, onde a vida está permanentemente em xeque e só escapamos da morte, por entre um emmaranhado de perigos de varia especie, são sempre esperados tragicos acontecimentos.

Rara é, pois, a expedição que não tem a lamentar um desastre de maior ou menor consequência.

Passando uma revista "à vol d'oiseau" sobre as expedições realizadas pela Comissão e tanto quanto a memória nisto nos auxilie, lembraremos:

1 — O tragico naufragio do rio Sepotuba, que victimou os Tenentes Lyra e Botelho e ao qual já me referi em linhas anteriores.

2 — O lamentavel sacrificio do Tenente Marques de Souza, durante a exploração do rio Ananás, hoje rio *Marques de Souza*, tambem já descripto e no qual perdeu a vida o mestre canoeiro Tertuliano de Carvalho.

3 — O ataque dos indios ao acampamento do Tenente Vicente de Paula Teixeira da Fonseca Vasconcellos, durante a exploração do rio do Sangue, facto narrado já pelo General Rondon em suas conferencias de 1915 (Publicação da Comissão).

Este official, na travessia das cachoeiras difficeis emquanto os seus canoeiros appellavam para todos os santos, gritava-lhes com energia: "Remem, remem, quer Deus queira quer não queira, havemos de passar!" Vem aqui a pello esta referencia, que define a orientação doutrinaria e a energia deste official.

Cercado o seu acampamento pelos indios, durante a noite, quando pela madrugada foi surprehendido pelo ataque, atirou para o ar resoluta e humanitariamente, para afugentar os indios e restabelecer a ordem e a confiança dos seus homens, com calma e convicção dignas de seu character energico.

Ao proseguir a expedição, aguas abaixo, depois desse ataque que soffreu, ainda o official reteve com energia os braços que pretenderam apontar armas contra os selvícolas, embora estes, da margem, despedissem innumeradas flechadas contra a turma de exploração; mostrando-se os indios de peito descoberto, na doce illusão de que nada

havia a temer de tiros de carabina, quando na vespera varios disparos feitos a nenhum dos atacantes atingiram. Tem-se o coração apertado, quando a gente reflete que essa ingenuidade dos indios, sem consequencias funestas em face de uma compostura moral como a do Tenente Vasconcellos, talvez mais tarde muito caro lhes custe, ao enfrentarem os exploradores da borracha, cuja theoria deshumana préga em geral o exterminio das tribus aborigenes a ferro e fogo!

4 — A morte de um soldado durante uma das tres grandes expedições de reconhecimento dirigidas pelo General Rondon, por desastre occorrido com arma de fogo, conforme está referido em seu relatorio geral (1.º volume, public. n.º 1 da Commissão).

5 — O desaparecimento de um remador, em naufragio occorrido durante a Expedição Roosevelt, na travessia de uma cachoeira, onde escapou milagrosamente Kermit Roosevelt e outro tripulante da canôa submergida; na mesma Expedição o assassinio commettido contra o Sargento Paixão, por um soldado perverso, que desertou e ficou perdido no sertão.

6 — A morte de um canoeiro no decorrer da recente expedição ao rio Coluêne, formador mais oriental do Xingú, quando o Capitão Ramiro Noronha executava a exploração e levantamento desse rio, em 1920.

ATAQUE DE INDIOS

Na expedição ao Jacy-Paraná, alem da deficiencia geral da saúde de todo o pessoal, atacado de impaludismo, sem nenhuma excepção; alem da morte de dois homens, occorrida quando *baixavam* (desciam o rio) por terem obtido dispensa do serviço, ainda na zona habitada por seringueiros; alem do fallecimento do feitor Alberto dos

Santos Ribeiro, quando descia o rio, na ancia de salvar a vida, que a polynevrite ceifou; tivemos a lamentar um inesperado ataque dos indios Caritianas.

Esta occorrença teve lugar no dia 2 de Setembro de 1909, em um trecho do Jacy-Paraná, a 137 kilometros da foz. Foi morto um dos nossos homens e tivemos dois feridos: o medico e um remador. A titulo de curiosidade aqui transcrevo o trecho do meu diário de viagem desde 29 de Agosto até 5 de Setembro, comprehendendo a descripção desse incidente, tal como o relatei momentos depois de occorrido:

29 de Agosto — Domingo. Sahimos á 6.^h5.^m Largura do rio ás 6.^h40.^m-68 metros; ás 8.^h5.^m-48 metros. Ás 9.^h17.^m passámos Buenos Ayres, barraca á margem direita; largura ás 10.^h-77 metros. Na 5.^a estação alem ás 10.^h45.^m parámos no pouso á margem direita, suspendendo-se o serviço de levantamento, afim de preparar a canôa grande com a carga que vae ser deixada em deposito no barracão proximo do rio Formoso, a tres dias de viagem rio acima. Decidimos isto á vista da grande baixa das aguas, procurando-se assim despachar para Pedras o batelão grande e conduzir mais generos de lá, indispensaveis ao proseguimento da expedição e de accordo com as instrucções do Chefe, que determinam a conducção de generos para o nosso pessoal e para mais 40 homens da turma do Sul.

30 de Agosto 2.^a feira. As 6.^h am. partiu o batelão para o rio Formoso, com o feitor Ribeiro. Ás 6.^h30.^m sahiram as outras tres canoas, uma com os generos para o pessoal, chefiada pelo Sr. Oscar Domingues, outra com a mira, chefiada pelo nosso medico Dr. Paulo dos Santos que, espontaneamente, para tal serviço se offereceu, fazendo-nos excellente arranjo, e a outra do Capitão Pigneiro. A 1.^a seguiu na vanguarda e as duas ultimas

proseguiram no levantamento. Larguras: ás 7^h10^m-46 metros; ás 8^h20^m-36 metros. Ás 9^h chegámos ao estirão de S. Firmino, passando pela barraca do mesmo nome, á margem esquerda, ás 9^h30^m. Largura ás 9^h45^m-54 metros. Só ás 2^h45^m alcançámos o pouso em que o Sr. Oscar preparara o almoço. Ás 3^h35^m partimos. Ás 3^h45^m passámos pela barraca das Poças, á margem direita. Ás 4^h45^m era de 45 metros a largura do rio. Ás 5^h10^m acampámos á margem direita para jantar e descansar das fadigas. Completámos 60 estações hoje.

31 — Terça-feira. Partimos do pouso ás 6^h15^m am. Largura 7^h45^m-50 metros. Ás 8^h passámos por uma barraquinha que está sendo construída agora á margem esquerda: não é por ora mais que um *tapiri* e fica nos domínios já de Santa Clara. Ás 9^h defrontámos a barraca Santa Clara, á margem direita, um pouco para dentro, pouco visível agora. Larguras: ás 9^h5^m, ás 10^h10^m-45 metros. Ás 11^h5^m passámos por um rancho desabitado á margem direita. Ás 12^h10^mpm. parámos para almoçar á margem esquerda, tendo-se feito 41 estações.

Á 1^h30^m zarpuu a esquadriha de canôas, depois de forrados os estômagos dos navegadores. Largura á 1^h52^m-65 metros. A barraca Portachuelo (?) não existe mais. Largura ás 3^h55^m-65 metros. Ás 4^h5^m ficámos pasmadíssimos de encontrar uma barraca habitada com o nome de "Pasmorama"!... Fica á margem esquerda numa *sympathica* situação, ranchinho de palha feito a capricho e digno de um *idyllio*... Passavam-se ahí bem uns 15 dias!... Tem uma pequena plantação de macacheira e canna, e borda-lhe a praia extenso lagedo. Defronte matei a tiro um nutum, julgando-o selvagem, quando era domestico, o que bastante nos contrariou. Ás 4^h45^m passámos pela tapera de Santo Ignácio. Ás 5^h10^m, contemplando uma artistica casa de maribondos, pendente de uma arvore, á margem direita, e olhando de frente uma linda sinuosidade do rio, vinha-nos á mente a convicção

de que não ha viagem mais bella do que a de um rio brasileiro... Às 5^h13^m era de 37 metros o afastamento das duas margens. Às 5^h40^m passou-se por uma barraca *anonyma* á margem esquerda; estava habitada pelo menos por um casal e um cachorro. Perguntado, o homem disse chamar-se "Candelaria" o lugar, ponto terminal deste seringal n.º 2 de D. Fidel e começo do do *Major* Porto. Às 6^h5^m, com acampamento á vista, parou-se o levantamento, por ser a luz insufficiente para visar; fizemos 73 estações. É chegado o momento solenne da *boia* (refeição, segundo a giria da Escola Militar). Cessa portanto tudo o que a... musa antiga canta...

1.º de Setembro — quarta-feira. Às 6^h25^m am. partimos do pouso, descendo um pouco o rio as canoas empregadas no serviço de levantamento, afim de alcançar o ponto em que o deixámos ontem. Largura ás 6^h45^m-45 metros. Às 7^h40^m passámos pelo paredão de Todos os Santos, margem direita. Larguras: ás 8^h15^m-51 metros; ás 9^h50^m-32 metros, e ás 11^h25^m-45 metros. Suspendeu-se o serviço em seguida para almoçar á margem esquerda, partindo d'ahi a 1^h pm. Às 2^h passámos pela barraca Todos os Santos, á margem direita. Largura ás 2^h30^m-36 metros. Às 4^h15^m passámos pela barraca do Furo, habitada, margem esquerda. Largura 4^h33^m-32 metros. Às 5^h40^m pm. parámos á margem direita para jantar e dormir.

2 de Setembro — quinta-feira. Partida do pouso ás 6^h35^m am. Largura ás 7^h54^m-60 metros. Às 9^h15^m am. passou-se a barraca Desterro, habitada. Largura ás 10^h-40 metros. Às 11^h pouso de almoço á margem. Ribeiro está tambem ahi de volta do rio Formoso e deverá regressar a Pedras (1) hoje. Á 1^h30^m pm. sahida do pouso. Lar-

(1) Ponto do Jacy-Paraná proximo á foz, tambem denominado Coronel Ponce e onde a E. F. Madeira-Mamoré cortou este rio. Ahi foi localizada depois, pela Commissão Rondon, a estação telegraphica do nome desse curso d'agua.

gura á 1^h50^m-32 metros mais ou menos; ás 7^h7^m menos de 32 metros. Ás 3^h15^m pm. passámos a barraca Esperança á margem esquerda: está habitada e pertence ainda ao seringal do *Major* Porto. Mais ou menos pelas 4^h pm. a canôa da frente em que ia o Dr. Paulo Fernandes dos Santos, foi inesperadamente atacada por uma emboscada de índios á margem esquerda. Ha duvida quanto á tribu a que pertencem taes índios, dizendo o *pratico* serem Caripunas, Tapayunas, Akangapyrangas ou Caritianas.

A canôa ia navegando proximo á margem e diz um dos remadores, Eugenio, que viu tres índios escondidos, rindo e olhando fixamente a canôa e que tratou de atirar-se logo ao rio. Os índios aggrederam violentamente a canôa a flechas, dois deles atirando-as com os arcos e outro fornecendo-as, processo commum nos seus ataques. Feriram gravemente, com tres flechadas, o Dr. Paulo, sendo um dos ferimentos leve e superficial (felizmente!) na região abdominal e dois de flechas que lhe atravessaram o braço esquerdo, na altura do cotovello.

Ferido na perna o remador Eugenio; ferido na altura das costellas, do ventre e do lado direito o remador José, que assim gravemente attingido submergiu e pereceu afogado. Ao ser atacada a canôa, o Dr. Paulo gritou por soccorro e mesmo depois de ferido, volveu energicamente a cabeça altiva para os tres aborigenes, pintados de vermelho, de estatura média, enfeitados com cocares e tangas de pennas, e gritou-lhes: "Bandidos! Miseráveis!"

Mas a resposta foram outras flechadas. Toda a guarnição da canôa atirou-se n'agua, ficando nella apenas o Paulo. A canôa em que vinha o Capitão Pinheiro um pouco atrás, appareceu á vista da canôa atacada, disparando alguns tiros de Winchester (1), na direcção do

(1) Os tres tiros foram disparados por mim, pois ninguém mais trazia arma de fogo á mão. Sem esquecer as recommendações do Chefe da Comissão, atirei para as galhadas superiores das arvores.

ataque, que cessou immediatamente, fugindo os índios pela floresta a dentro. O soccorro, porem, aos feridos demorou bastante, pela falta de animo do pessoal que tripulava a nossa canôa todos embasbacados e amedrontados, por mais que se gritasse: “rema! rema! toca para lá!” etc. Um dos remadores aos primeiros tiros de carabina, atirou-se nagua gritando: “estou baleado!” E todavia essa affirmativa não passava de uma conjectura! Outro, de vara em punho, tinha o olhar esgazeado e nada fazia; outro pulou para dentro d’agua e caminhava abrigando-se com a canôa; um apenas ficou no seu lugar — o remador Alfredo. O *piloto*, que é o pratico do rio, *Major* Martiniano, conservou inteiro sangue frio e exhortando o pessoal a remar, dizia-nos: “atira mais, atira bastante mesmo, gente!” para afugentar os índios. Este homem ha 16 annos viaja o Jacy-Paraná e nunca viu embarcação alguma atacada por índios nestas alturas, nem mesmo ouviu falar em alguma. O Paulo teve uma syncope e cahiu da canôa, conseguindo em seguida, apesar da hemorragia abundante, galgar de novo a embarcação com as vestes avermelhadas de sangue.

Salvâmos, quasi a afogar-se, o Guedes; e o Chico, depois de beber muita agua, conseguiu tambem chegar a nós. Recolheu-se o Eugenio ferido e afinal encostou-se uma canôa na outra. O Paulo que, desde o começo até o fim, conservou uma energia extraordinaria, calma e lucidez de espirito, foi logo dizendo-me o que se devia fazer com elle e, emquanto se deixava o serviço de levantamento ahi, ia-se em busca do acampamento, medicando-o, conforme suas proprias prescripções.

As 5^h pm. chegámos ao acampamento e procedemos aos curativos no Paulo, cessando emfim a hemorragia e dormindo elle ainda um pouco á noite. O Capitão pensou a ferida do Eugenio.

3 — Sexta-feira. Passou-se no acampamento tratando dos feridos. Á 11^h am. sahiu, sob a direcção do Capitão Pinheiro, uma canôa, e ás 2^h pm. recebeu-se nella o corpo do remador José, que foi dado aqui á sepultura, assignalando-se com uma cruz tosca o lugar em que descança a infeliz victima de uma errada vingança dos indios, pois que, segundo dizem os moradores de Esperança, o Paulo é parecidissimo com um tal Minervino, que ha tempos perseguiu muito os indios Caritianas, quando estes viviam para as bandas do Rio-Branco, affluente do Jacy.

É sempre uma nota fortemente triste um enterramento, mas incomparavelmente mais triste quando o scenario é este em que agimos! Em um pequeno grupo de homens que, com ideal alevantado, varam o sertão, o enterramento do mais humilde trabalhador reveste-se de magua semelhante á do desaparecimento de um ente querido, no estreito circulo affectivo da familia, porque *um grupo de exploradores tem affinidades comparaveis ás de uma familia ephemera!*

4 — Sabbado. Com pesar nosso (Pinheiro e Amilcar) segue hoje para Pedras o Paulo, para tratar dos ferimentos que recebeu no braço, visto terem-lhe interessado os nervos e a arteria, e ser impossivel curar-se aqui. Mais um voto de louvor á coragem do Paulo; só falou em retirar-se depois que verificou isto e, assim mesmo, segue pesaroso! Outro de menos energia, logo depois de ferido, gritaria: “não fico mais um minuto! quero ir-me embora!” Que elle fique bom e se salve integralmente, que conserve o braço e com elle bom e o que não foi ferido, possa ainda um dia apertar, num sincero abraço, os companheiros que aqui saudosos deixa. São 9^h30^m am.: está prompta a canôa “Cidalia”, em cujo fundo se improvisou uma cama, com todas as roupas do Paulo; o pessoal almoça. Dahi a momentos partirão: vae para dentro da

mala do Paulo o diário escripto por elle até o dia 2 e por mim de 2 até aqui.

Às 11^h30^m partimos com duas canôas para retomar o serviço no ponto em que os indios ante-ontem o interromperam. Às 12^h chegámos ao lugar em que ficara a ultima fixa. Colhemos ainda algumas flechas que boiavam em remansos da agua, as quaes juntamente ás que tinham sido apanhadas no dia do ataque, perfazião um total de 16, uma com ponta de osso, algumas de um cerne muito duro e ponteagudo, com serrilhas lateraes, e a maior parte de ponta de taquara lascada. Às 4^h pm. tomavamos as secções das duas bôcas do rio Formoso e ás 4^h51^m acampavamos defronte deste rio, afim de determinar suas coordenadas geographicas. Às 8^h pm. começámos as observações astronomicas que terminaram ás 9^h40^m pm. tendo-se tomado alturas correspondentes de Altair, collocando o theodolito em uma praia de areia, junto á bôca de montante do rio Formoso.

5 — Domingo — Às 6^h45^m estavamos promptos e partimos para continuar a nossa tarefa, que dia a dia se torna mais penosa; o serviço de levantamento é feito agora com a canôa em que vae o Pinheiro e a mira é conduzida pela canôa da boia, porque apenas temos essas duas. (Chama-se Roberto Francisco dos Santos o seringueiro do Major Porto que mora no Esperança e que referiu o facto de ter um tal Minervino atacado, ha tempos, os indios no rio Branco e ser este individuo parecido com o Dr. Paulo, factos que explicam o ataque á nossa canôa (1). Os indios perseguidos por esse Minervino são

(1) Ao proprio Dr. Paulo dos Santos foi dado verificar, mais tarde, que essa semelhança era a ponto de impressionar a propria esposa de Minervino, que mostrou recio de tomar os medicamentos que lhe receitara, em Santo Antonio, suppondo-o capaz de se vingar nella da aggressão que soffrera, no Jacy-Paraná, em consequencia de tão infeliz parecença...

os "Caritianas", entretanto ha quem affirme que são dos Caripunás as flechas que temos). Ás 7^h30^m am. chegámos a Assumpção, barracão habitado, á margem esquerda, onde havíamos mandado deixar as cargas do batelão grande. O seringal pertence ao *Major* Porto, mas neste trecho está arrendado ao Sr. Bembom. Ahi saltámos e almoçámos, demorando até 2^h pm., porque havia necessidade de alterar a carga, tomar alguns medicamentos das caixas ahi em deposito, receber a dynamite, distribuir as armas Winchester pelo pessoal e a respectiva munição, etc. O Sr. Antonio de Cunha Bembom tratou-nos muito bem, ficando, por espontaneo offerecimento, encarregado de tratar o ex-empregado (Chico) Francisco de Carvalho e de o conduzir a Pedras, visto não querer continuar no serviço, em vista do seu grave estado de saúde.

O Sr. Bembom levou sua gentileza ao ponto de não cobrar este transporte. Deu-nos um bom almoço, e excellente café, por tres vezes!... Informou que são dos Caritianas as flechas que possuímos; que estes indios habitavam o rio Branco e que o Sr. Minervino feriu um delles em defesa de uma mulher que, julgando mal das intenções dos indios, gritara por soccorro ao vel-os surgir-lhe pela frente, quando lavava roupa ao rio. Ás 5^h pm. pousámos á margem direita para jantar e dormir. Hoje: 24 estações.

UMA ONÇA NO ACAMPAMENTO

No dia 29 de Outubro o nosso acampamento foi surprehendido pela indesejavel visita de uma onça...

No momento de escolher o local para acampar, desde que a condicional da agua estava naturalmente attendida, porque marchavamos sempre margeando o rio, impressionou-nos favoravelmente a existencia ahi de uma linda

praia de areia branca e nesse ponto estabelecemos o nosso acampamento de poiso nocturno.

As mesmas vantagens que a intelligencia humana, ahi encontrava para a descida ao rio, o instincto animal tambem apprehendera; de modo que a esse ponto affluiram os quadrupedes da floresta, quer para atravessar o rio, quer para se banharem ou se dessedentarem. O guia Martiniano, homem pratico, examinando os rastos, descobriu logo recentes pégadas de uma grande onça — pintada, distinguuiu elle — e preveniu-nos da possibilidade que havia de vir a onça *visitar-nos*.

Alta noite, realmente, fomos despertados pelos latidos desesperados do cão que nos acompanhava e ao qual entregavamos confiantes a vigilancia dos acampamentos. Sem que o cão tivesse presentido pelo faro a aproximação do feroz inimigo, naturalmente porque uma leve brisa soprava em sentido contrario ao de sua marcha cautelosa, de negaça em negaça, a onça por certo, depois de examinar curiosamente o acampamento, e de contemplar talvez os homens que dormiam nas rêdes, escolheu como presa mais facil o nosso fiel rafeiro que se deitara ao lado da fogueira. Armou o bote e saltou sobre elle; mas, felizmente para o pobre animal, errou o pulo e apenas lhe dilacerou a cauda.

É bem provavel que, despertando no proprio instante da aggressão, lhe tivesse valido a sua proverbial agilidade.

Aos tivos de terror bem motivado, foi um alvoroço no acampamento: todos os homens, tomados de panico e sem saber do que se tratava, saltaram das rêdes, de carabina em punho, e fizeram cerrada fuzilaria contra o perigo desconhecido! Atiravam a esmo, sob a nevrose do pavor, e foi mister que o Capitão Pinheiro e eu arrancassemos das mãos de cada qual daquelles allucinados, ensurdecidos ás ordens que lhes berravamos, a arma de fogo, para que cessasse o phantastico tiroteio!

O flagrante do *crime* commetido pela onça faminta, estava lavrado na cauda do cão que entre gemidos, lambia a ferida ensanguentada.

Restabelecida a calma, escalámos sentinellas que velaram até o amanhecer, sem que a onça voltasse mais, e ao outro dia, abandonavamos o "Acampamento da onça", em proseguimento do nosso serviço.

A LEI NOS SERINGAES

A 19 de Outubro de 1909 alcançámos o ultimo *barracão* dos seringacs do Jacy, isto é, o centro de recursos mais proximo das cabeceiras e para onde os seringueiros, espalhados em certa zona, convergem para trazer a borracha que preparam e para adquirir tudo quanto precisam, limitadas naturalmente suas necessidades ao mais essencial e indispensavel á vida. Ahi fazem os pobres homens as suas contas, que nunca saldam, por mais que trabalhem e produzam! Dirigia o barracão um boliviano D. Porfirio Sauseda, a quem entregámos a carta de apresentação de seu patricio D. Fidel Clauri Baca, proprietario desse immenso latifundio.

Cavalheiro, como o seu patrão, acolheu-nos gentilmente e connosco embarcou, auxiliando-nos mesmo no arrastar das canôas de levantamento, até alcançarmos a *barraca* (habitação do seringueiro isolado) Concordata. Ahi, um proprio, vindo por terra, chamou-o á sua casa com a noticia de que o empregado de nome Firmino lhe raptara a criada.

Pondo-se ao encalço dos fugitivos, conseguiu D. Porfirio prender Firmino, entre União e Concordata.

Firmino, que estava desarmado, obedeceu á intimação do boliviano, que empunhava uma Winchester de 3 eanos. Aproximou-se vencido pelo *argumento decisivo* e mostrou-se muito humilde.

De-repente, porem, saltou como um gato sobre D. Porfirio, tomando-lhe a arma e com ella fez fogo certo sobre a cabeça do boliviano.

Quando nos referiram o facto, os proprios narradores, unanimemente, achavam aquillo tudo muito natural e um delles observou-nos, apontando para a sua Winchester: — “Aqui a lei é esta” —

Como não rezassemos pela mesma cartilha, tentámos prender o criminoso que, perseguido, internou-se na mata. Tínhamos que attender ao nosso serviço e deixámol-o ir. O Capitão Pinheiro, com alguns homens, correrá ao local do assassinio e conduzirá o corpo inerte de D. Porfirio ao barracão União, onde foi dado á sepultura.

O RIO QUASI SÊCO

Nos dias 20 e 21 de Outubro reconhecemos a impossibilidade de proseguir embarcados, porque a pequena quantidade de agua na caixa do rio nos obrigava a fazer o levantamento caminhando a pé, dentro do leito, emquanto o pessoal (e nós mesmos, muitas vezes, os auxiliavamos nessa tarefa ingrata, para animal-os e mesmo reduzir-lhes o estorço) arrastava as canôas, todos desembarcados. Por cima de todos nós ou um sol de rachar ou chuva incommoda; em baixo os nossos pés escorregavam sobre limosos seixos rolados; em torno a chusma infinita dos piuns. O aspecto do rio era o de uma verdadeira ladeira em certos trechos, deixando perceber a olho a grande declividade do leito.

Se o nosso unico objectivo fosse o levantamento do rio, estaríamos ainda assim em optimas condições de o realizar por terra, abrindo pique, não obstante estarmos todos atacados de impaludismo, desde Setembro. Mas acerescia a este objectivo o de conduzir generos para mais 40 homens (art. 7.º das instrucções). Mesmo assim, em

tão desfavoráveis circumstancias, tentámos fazer o levantamento por terra, margeando o rio. O transporte da carga, apesar do escalonamento de depositos que vinhamos fazendo á proporção da subida, obrigava os nossos homens a effectuarem 4 e 5 viagens redondas para a conducção da que levavamos connosco, nas mudanças de acampamento. Este escalonamento de depositos, se por um lado aliviava a carga a conduzir, por outro lado forçava-nos a um vac-vem constante rio abaixo e rio acima, o que importava em reduzir periodicamente o numero de homens disponiveis para a abertura do pique e transportes de carga ás costas, por terra. De todas estas considerações e da experiência dos primeiros dias, resultou a decisão de subirmos o rio, até a cachoeira Campo-Grande (até onde se havia transportado, anteriormente, em exploração dos seringaes, o nosso guia Martiniano) sem todavia fazermos o levantamento.

Prevalecia assim o objectivo do soccorro á turma do Chefe da Commissão, como era intuitivo, mas não desprezavamos de forma alguma o outro objectivo, como vou explicar.

Estavamos em Outubro e já começavam as chuvas em toda essa vastidão de bacias hydraulicas que cobrem a zona noroeste de Matto-Grosso; embora os primeiros repiquetes elevem, a intervallos, o nivel d'agua, a massa liquida assim avolumada, escôa-se logo em seguida, rapidamente, até que da foz para montante a represa (enchem-se os grandes collectores e successivamente os pantanaes e lagôas ligados ao leito do rio, de baixo para cima, como é facil comprehender) mantenha o nivel conveniente á navegação. E, nestas condições, só em Novembro ou Dezembro seria possivel effectuar, e mais depressa, o levantamento por agua, desde Campo-Grande até o pontô em que fomos forçados a desembarcar. Assim, pois, o trecho que iamos deixando para trás sem levantar, seria

levantado ao regressarmos, visto que coincidira com o periodo da cheia a epoca provavel da nossa volta.

Cumprimos rigorosamente este projecto, quando descemos o rio.

O PIQUE POR TERRA

De 22 de Outubro a 20 de Novembro marchámos por terra, cada qual conduzindo sua bagagem e nós os instrumentos, levando até onde fomos, o nosso theodolito, a bussola prismatica de Casella, a luneta Lugeol e os nossos chronometros, inclusive um de marinha. Abria-se primeiro o pique, escolhendo os caminhos mais curtos e de melhor accesso. Ao dia seguinte era a faina de transportar ás costas toda a carga para o novo acampamento, escolhido o mais longe possivel, de modo que em um dia toda ella fosse transportada, com 4 a 5 viagens de cada homem, carregando á cabeça ou em *serrapilhas*, (aniagens ou saccos descosidos) sustentados pelos hombros e sobre a testa, 40 a 60 kilogrammas de peso de cada vez! Parecerá demasiada esta admiração, para quem esquecer que o impaludismo se implantara definitivamente em todos os organismos e que vinhamos com tres menses para quatro de labuta diaria e incessante, descansando apenas para comer e dormir.

Soffremos ahi a perda lamentavel do nosso incansavel Ribeiro, de modo que, melhor ainda se comprehenderá a difficuldade em que nos encontravamos, visto que nenhum outro o poderia substituir, á falta de iniciativa e qualidades de mando, que observavamos em todos os demais, alguns mesmo incapazes physica ou moralmente de exercer o papel de interprete das ordens da direcção ao pessoal subalterno; nenhum inspiravã confiança e passámos a lidar directamente com o pessoal, o que nos sobrecarregava de minucias na execução dos serviços.

Far-se-á melhor idéa do decrescimo da turma, dizendo apenas que partiramos 25 de Santo-Antonio do Madeira, ahi incluidos o medico e o encarregado do material; em vinte e quatro de Outubro eramos vinte; em 20 de Dezembro doze apenas, os dois officiaes (Capitão Pinheiro e eu), o guia Martiniano e sete trabalhadores, dos quaes dois eram peso morto que conduziamos, por dever de humanidade.

O IMPALUDISMO

Desde começo do serviço o pessoal foi apresentando cada vez maior numero de baixas por impaludismo. Por ultimo nenhum escapou; eu comecei a ter febre em Setembro, com accessos de 39^o6 e o Capitão Pinheiro em Outubro alistou-se, por ultimo, entre os impaludados, chegando a ter fortes dyspneias, por qualquer meia duzia de passos que dava! Sem medico, mas dispondo de agulhas para injeccão e algumas caixas de ampollas de quinino, passei a applicar esta medicação com surprehendentes resultados. A inhabilidade de todos para semelhante mister, tornaram-me "rei em terra de cegos"... a ponto de ter que applicar em mim mesmo as injeccões, porque todos se recusavam á experiencia a que os convidava insistentemente.

O impaludismo é o mais serio obstaculo que a Amazonia oppõe ao povoamento dessas regiões interiores e foi o inimigo mais encarniçado com que tivemos de lutar. Contra elle, a longa pratica dos serviços da Comissão Rondon preconiza, como tratamento efficaz, o do quinino, applicado ás vezes em doses cavallares de 2 a 3 grammas, por dia, por via gastrica, em capsulas gelatinosas, e por via hypodermica, em injeccões, concomitantemente; como preventivo, o mesmo medicamento em doses diarias, á primeira refeição, entre 20 e 50 centigrammas,

em capsulas gelatinosas tambem, conforme o estado do organismo, isto é, applicando-se a menor dose aos que ainda estão isentos do mal e a maior aos que já o têm mais ou menos incubado, predispostos assim á molestia.

O estado intimo de desanimo que esta doença produz, pôde bem ser avaliado pela transcripção dos seguintes trechos do meu diario da viagem:

27 de Outubro, 4.^a-feira. No estado de desequilibrio organico em que vou escrevendo este diario, em minha casa, junto dos meus, estaria deitado e com um medico á cabeceira. Emfim sigamos para a frente, cumpramos nosso dever, mesmo que marchemos de encontro á morte; consolemo-nos porque piores pedaços deve estar passando o Chefe e os seus auxiliares, dos quaes não temos signaes até agora, quando deveriamos tel-os desde a 2.^a quinzena de Setembro.

Passada a chuva, muito forte, chegou o pessoal com a ultima viagem e o Pinheiro recolheu-se ao novo acampamento. Eu sahi com o Ribeiro e o *Major* e vim me arrastando até aqui, deitando-me logo na rêde, muito indisposto, melhorando um pouco depois de vomitar 3 vezes: lá se foi a cotia que comi no almoço... Ao jantar nada pude comer, perdendo assim o especial prato de miudos de veado, caçado pelo *Major*, e o assado do dito, sériamente elogiados pelos felizes que os puderam comer...

30 — Sabbado — Amanheci melhor, sentindo a barriga vasia. Ribeiro arranjou-me o ultimo mingau de farinha de maizena, pois acabou-se a que havia e ao almoço deu-me um caldo de mutum, que tomei quasi todo. Ao fim desta noite cahiu forte aguaceiro; amanheceu chovendo e choveu muito até a hora do almoço.

Numa estiada sahiu o Ribeiro com o pessoal, levando pela 1.^a vez o Guedes e o Oscar para auxiliar-o, fiscalizando a retaguarda. Pouco depois de terem sahido, cahiu uma pancada forte de chuva, seguida de uma garôa, e final-

mente parou de chover, levantando o tempo pouco mais ou menos as 11^h30^m am. Às 4^h pm. chegou o Ribeiro, muito molhado, tendo aberto o pique até a barraca do Burity.

A noite tive febre e amanheci com ella: sinto cada vez mais fugirem-me as forças e a energia physica. Já estou pisando o terreno do sacrificio.

Às 5^h40^m am. começou a sair o pessoal com as cargas. Às 5^h55^m — sahi com o *Major*, andando muito devagar e descansando de 10 em 10 minutos, pois o meu estado de fraqueza outra coisa não permittia. Escorrega daqui, tropeça d'acolá, lá vim me arrastando até o Burity onde só cheguei ás 8^h3^m am. — O Ribeiro armou logo a minha rêde e accommodou-me com todo o carinho. Ainda não tendo chegado, com esta viagem, nem o leite nem o chá, arranjou-me um chá de capim limão e uns pedacinhos de mandioca.

Estou muito grato ao Ribeiro, pelo tratamento que me tem dispensado, pelo interesse que põe no meu restabelecimento. Pelas 2^h pm. tomei uma injecção de quinine, dada com as minhas proprias mãos, mas tive febre á noite, fazendo acordar a cada momento o Ribeiro e o Pinheiro, apesar do esforço que fiz para não lhes perturbar o somno.

AS CACHOEIRAS

Todos os rios explorados pela Comissão Rondon nessa zona e que descem do interior de Matto-Grosso para a Amazonia, apresentam fortes desnivelamentos, saltos, cachoeiras ou simples corredeiras, que constituem obstaculos á navegação, mesmo por canôas. Detalhes sobre as do Jacy-Paraná, quanto ao seu aproveitamento industrial, encontram-se na publicação n.º 5 da Comissão Rondon.

As cachoeiras representam um papel importante no regimen das aguas, porque são barragens naturaes que represam a corrente e evitam o escoamento, em varias secções do leito. No Jacy observámos sempre que, para compen-sar a demora e as difficuldades em transpôr as cachoeiras, usufruíamos, a montante, a vantagem de encontrar calado para as embarcações, em trecho de regular extensão.

Do exame de cada uma, depende a escolha da melhor maneira de as vencer.

Em geral, os fortes desniveis exigem a abertura, por terra, de um *varadouro*, o mais curto possivel, mas tam-bem o mais praticavel para o fim que se tem em vista, que é o transporte das cargas e muitas vezes das canôas tam-bem.

Algumas permitem a passagem por agua das canôas, vasias ou com parte da carga, puxadas por corda (á sirga), que o pessoal aguenta das margens ou das pedras e lagedos existentes no leito do rio; em outras, porem, é impossivel passar canôa, quer vasia quer descarregada em parte: neste caso, cargas e canôas são conduzidas pelos varadouros que se abrem, ligando os extremos da cachoeira, aquellas ás costas do pessoal e estas arrastadas sobre roletes de madeira, cortados para este objectivo e cujo movimento de rotação, em torno do seu eixo longitudinal, é provocado pelo attricto da quilha e diminue o esforço de tracção.

É facil comprehender a maneira de executar esta ma-nobra, ao attingirmos uma das extremidades da cachoeira (a de jusante, quando subimos o rio, ou a de montante, no caso contrario): retirada a canôa d'agua, é collocada sobre uma serie de roletes, estendidos no solo, parallelamente e a pequena distancia um do outro. Á proporção que se conjugam os esforços dos homens para a fazer deslizar sobre os roletes, ao rithmo de cantarolas em que todos tomam parte, vão-se retirando os roletes sobre os quaes já passou a pôpa e collocando-os adeante da prôa; e assim successivamente, até que se a possa lançar n'agua, na

extremidade opposta da cachoeira. A manobra é penosa por natureza e esgota o pessoal, mesmo em terreno plano e solido; mas demanda ainda maior esforço quando o terreno é arenoso ou em acclive, como é racional.

Em uma das cachoeiras do Jacy-Paraná — Paredão — o terreno lateral em ambas as margens do rio apresentava subida abrupta, em rocha granítica, onde a abertura dos varadouros se tornava impraticavel. Estavamos, pois, em face de um problema novo a resolver: como passar? Occorreu-nos então uma solução, coroada de exito quando a adoptámos: construímos uma grande escada rustica, sobre cujos degrãos fizemos deslizar as nossas canôas vasias, puxadas e aguentadas por tirantes. E pela primeira vez viram-se canôas... subindo escadas! Venceram-se assim os saltos da cachoeira, um após outro, graças á disposição que apresentavam e ao facto de encontrarmos sempre um ponto onde a forte correnteza não actuava mas havia apenas pequenos filetes d'agua a transpôr.

O ARRASTÃO

Já me referi, accidentalmente, ás occasiões em que a pouca profundidade da agua nos obrigava a fazer o pessoal todo sahir das canôas, para as aliviar e levar de *arrastão* sobre o leito do rio. O caso é commum no tempo da sêca, quando se tem de viajar em rios até muito alto. Mesmo nos rios em que se atravessam com agua sufficiente longos trechos, encontram-se pontos onde as aguas se espraíam muito, augmentando-lhes a largura em detrimento da profundidade: nesses trechos o *arrastão* é infallivel. No Jacy, viajámos assim dias seguidos (V. o desenho de fls. 212/13).

O caso constitue provação que abate muito o animo do pessoal, e quem já teve occasião de se encontrar nelle, avalia muito bem quanto de penoso tem um tal trabalho. Alem do facto em si, que obriga a ter os pés constante-

mente dentro d'agua, pisando ás vezes leito pedregoso ou lamacento, o esforço exigido de cada homem é muito maior para a tracção das canôas. Estas, por seu lado, estragam-se muito com o attricto que lhes adelgaça o fundo nas de madeira inteiriça e raspam e arrancam o calafecto das que são feitas de varias taboas.

A marcha é vagarosa e irritante, muito mais quando á necessidade de viajar se allia á de executar o levantamento do rio.

Nos trechos de leito arenoso, conseguimos marchar menos lentamente abrindo verdadeiros canaes com a pá dos remos, em largura sufficiente para encaminhar por ahi as canôas.

NAVEGAÇÃO Á ZINGA

Nos trechos de pouca profundidade, mas sufficiente para fazer fluctuar as embarcações, até o maximo de 3 a 4 metros, utilizámos a *zinga* para impulsionar as canôas, o que produz um rendimento superior ao dos remos. Estes, em todo o caso, estavam sempre de promptidão para a travessia dos poços que se apresentam de vez em quando, com profundidades ás vezes superiores a 15 metros.

A *zinga* é uma vara longa e flexivel, ferrada na ponta que mergulha n'agua, e que os canoeiros applicam ao peito, pela outra extremidade, afim de empurrar a embarcação. É lançada á prôa pelos homens, até bater no fundo do rio, e retirada á pôpa, quando elles já percorreram as bordas da canôa a impulsionar. Conforme as dimensões do barco, podem ser applicados 2, 4, 6 e ás vezes 12 a 14 homens, metade para cada bordo.

As zingas são todas lançadas ao mesmo tempo, tão proximas da prôa quanto possivel; em seguida os homens, apoiando-se nellas, caminham sobre a embarcação até o extremo opposto, rithmando os movimentos com cantorias

apropriadas e firmando os pés sobre a canôa ou batelão para que este deslize sobre as aguas em sentido contrario á direcção em que applicam a força ás varas. A um tempo sacam as varas á popa e recommçam o movimento á prôa e assim successivamente. Nas canôas cujas bordas não se prestam a esse caminhamento, os homens se collocam de pé, afastados sufficientemente um do outro, de modo a terem espaço para manobrar a *zinga* sem sahir do lugar.

UMA HYPOTHESE INTERESSANTE

Como já foi explicado, a turma de exploração do rio Jacy-Paraná, alem da conducção de generos para sua propria manutenção, tinha por missão conduzir-os para alimentar mais 40 homens da turma do Sul, esta sob a chefia directa do Chefe da Commissão. Aconteceu, porem, que a escassez de homens e as difficuldades de navegação, tornaram impossivel a conducção de tudo o que era preciso para este duplo fim. A solução que demos ao caso foi a seguinte: levarmos sal e arroz sufficientes, para nós e para elles, e caçarmos para manter a nossa turma; guardarmos os generos restantes para o consumo dos companheiros do Sul. Assim, figurámos desde logo a hypothese de que o açúcar, o café, etc. não existiam mais na carga e reservámos destes outros generos a quantidade necessaria para abastecer a turma do Sul, na descida, até encontrarmos o primeiro barracão que nos pudesse fornecer outros. De todos, o que mais falta nos fazia era o açúcar; não podiamos tomar café! É preciso ter força de vontade para proceder desta fórmula: ter açúcar e decretar que elle só existirá em epoca futura! Mas o que nos inspirava este procedimento era justamente o conhecimento que tinhamos de que muito mais penosa do que a nossa missão era a da

Turma do Sul: nós acompanhavamos um rio e tínhamos certeza de ter agua para beber todos os dias; os do Sul tel-a-iam ou não todos os dias; nós sempre utilisavamos um pouco as canôas, aliviando tanto quanto possivel o transporte de cargas por terra, ao passo que os do Sul vinham irremediavelmente a pé, varando o sertão bruto e conduzindo ás costas toda a carga necessaria. Era, pois, justo que tomassemos parte maxima em privação de alimentos, para dar aos companheiros o maior conforto possivel, em compensação de esforços muito superiores que vinham despendendo... e assim o fizemos.

HOSPITALIDADE BRASILEIRA

Emquanto percorriamos zona habitada por seringueiros, todas as vezes que abicavamos a nossa canôa para um *porto* (como elles chamam os lugares em que costumam atracar as embarcações) defronte de qualquer moradia, eramos recebidos com uma hospitalidade que muito depõe em favor dos sentimentos altruisticos do nosso povo. O mais humilde dos seringueiros recebia-nos com affabilidade e prodigalizava-nos tudo o que de melhor possuia, com um cavalheirismo digno de nota. Os mais abastados, se era hora de refeição, preparavam-nos excellentes almoços ou jantares, nos quaes algumas vezes appareciam vinhos finos!

Se permaneciamos um ou dois dias, por necessidade da travessia de cachoeiras, iam buscar-nos ás nossas barracas de campanha e davam-nos accomodações no quarto principal das suas casas. Ás vezes accitavamos, para melhor attender ao serviço de desenho do levantamento, pois alem de espaço maior, era sempre possivel arranjar uma mesa para esse fim. Tratava-se apenas do desenho em *croquis*, mas para que se observe a vantagem de uma melhor installação direi que, enquanto na barraca eu de-

senhava 180 estações, nas casas dos seringueiros, em um dia de trabalho, chegava a desenhar 240!

Procuravamos sempre recompensar da melhor forma possível aos pobres homens, que nos offereciam os trajaes (especie de tartaruga) pequenos, retirados dos seus cercados á beira do rio, onde os mantinham em deposito para garantia de subsistencia, as fructas ou as verduras de sua plantação, as fructas silvestres, caças, animaes domesticos, etc.

ESCRAVOS BRANCOS

O regimen de trabalho nos seringaes está inteiramente fóra dos moldes de liberdade da nossa Constituição. Tanto de parte dos patrões, como dos seringueiros, que extrahem a borracha, as fraudes se multiplicam no sentido de uns enganarem os outros: os seringueiros escamoteando a borracha para a vender a outros seringaes, ou fugindo inesperadamente; os patrões furtando no peso da borracha, vendendo generos e medicamentos por preços exorbitantes. É bem claro que ha excepções de parte á parte, mas essa é a regra geral.

A aquisição do pessoal seringueiro é feita machiavellicamente, sob promessas filauciosas, adeantando o patrão avultadas sommas, para que os trabalhadores venham a saldar os debitos assim contrahidos, com a borracha que extrahirem durante a safra. O offerecimento de oitocentos mil réis, um ou dois contos de réis, por adeantamento, a um simples homem de trabalho, habituado a ganhar no maximo 150\$000 mensaes, o attrahe e arrasta a aceitar essa ordem de actividade. São assim formadas as levas de pessoal (os *brabos*, como lhes chamam) que o patrão conduz desde os Estados do Norte e pela Amazonia, rios acima, e installa disseminadamente pelos seus seringaes. Ahi ficam elles na dependencia do *barracão*, para se sorti-

rem de tudo quanto precisam, augmentando a divida até a entrega do seu 1.º *fábrico* (assim chamam a fabricação da borracha, colhida da seringueira em liquido e solidificada no mesmo dia da colheita, pelo processo da defumação). De tal forma, porem, as coisas se passam, que o seringueiro mais trabalhador está sempre em debito e em debito permanece longa temporada, que ás vezes se distende através de mais de um decennio.

Ora isto equivale legitimamente a uma escravidão, porquanto o trabalhador não pôde despedir-se do serviço enquanto estiver em debito, visto que o patrão é o senhor absoluto das vias de communicação e dos meios de transporte, exercendo ferozmente o seu predominio, para reter o homem internado no sertão, indefinidamente.

Não podiamos dar mão forte a este nepotismo e attendemos aos rogos de quantos appellaram para nós, enquanto as lotações das nossas embarcações o permittiram. Demos assim liberdade a alguns *escravos brancos* que só faltavam beijar-nos os pés, agradecidos, por que defendiamos os seus direitos de liberdade, assegurados pela Constituição da Republica, apesar da animosidade que despertavamos contra nós, por parte dos patrões.

e) O REGRESSO

Depois de permanecermos alguns dias no nosso ultimo acampamento do Alto-Jacy, fizemos retroceder o nosso guia Martiniano ao barracão União, ponto até onde subiam, nessa epoca, as embarcações do proprietario do ultimo seringal em exploração. Organizámos a correspondencia que dessa forma expediríamos rio abaixo até Manãos e escrevemos ao encarregado do barracão para que entregasse a que essas embarcações porventura tivessem conduzido da mesma procedencia ou de Santo Antonio do Madeira e que nos viesse destinada. Estavamos afflictos

com a demora da turma do Sul e embora confiantes na energia do nosso chefe, na sua longa pratica de varar serções, a nossa apprehensão era extraordinaria, imaginando algum terrivel fracasso. Em 22 de Janeiro, porém, ao regresso desse proprio, tudo se esclareceu e pudemos enfim dar por terminada a nossa penosa missão.

Para melhor esclarecimento, transcrevo o que está escripto em meu diario de viagem desde esta data até 2 de Fevereiro.

22 de Janeiro — Sabbado. Manhã de cerração forte, promettendo dia de sol: neste mês de Janeiro chove pouco por estas alturas. Temos comido todos os dias cajús que o Parada e o Guedes nos trazem. Sól até as 11^h am. e chuvas pesadas d'ahi em diante, para demonstrar que vale mais do que o prognostico da cerração o do barometro combinado com o thermometro; estes, ontem á noite, indicavam mau tempo, pois ao passo que o primeiro desceu muito o 2.^o subiu bastante. Até que enfim chegou o Martiniano e nos trouxe a *carta de alforria*, como a chamámos, isto é, a libertação desta maldita situação duvidosa. Em longa missiva explica o nosso chefe que, pelos erros escandalosos das nossas cartas geographicas, sahiu no Jamary, suppondo ser o Jacy-Paraná. Não se comenta a nossa satisfacção! Resta apenas a duvida sobre a descida do nosso companheiro primeiro Tenente Pyrineus de Sousa, que foi incumbido de conduzir oito doentes pelo rio Machado ou Gy-Paraná, rio que lhe reserva a surpresa de sua identidade, pois que, em consequencia dos erros geographicos assignalados, foi tomado nas cabeceiras, por Jamary. A presença dos indios da tribu dos Pariintintins, de tradições guerreiras, torna ainda mais perigosa essa travessia. (Note-se que o tenente Pyrineus e os seus homens, alem da canôa que por elles mesmos foi confeccionada, levam apenas a roupa do corpo, armas de caça e munição: com taes elementos deviam fazer o ser-

viço de exploração e levantamento dos rios por que desceriam e tirarem da floresta os elementos de que careceriam para alimentar-se). O chefe seguiu para o Rio e lá teremos occasião de o abraçar effusivamente. Foi um *raid* de ousadia o que elle acaba de executar! Emfim, partiremos d'aqui depois de amanhã!

O nosso companheiro de jornada, o Ribeiro, que d'aqui partiu doente, infelizmente falleceu em S. Domingos: foi uma pessima noticia que nos constrangeu bastante! Pobre rapaz! Está perdoado da *anarchia* do seu procedimento ultimo!... Hoje, á noite, em signal de regosijo pela nossa libertação e para não ter que conduzir mais essas coisas, queimaremos os foguetes e salvas que restam e soltaremos todos os balões. As bombas ficarão para pescar em viagem. O chefe, na mesma carta citada, tendo sabido que me achava doente, refere-se a isto penalizado e propõe providencias urgentes, caso sejam ellas necessarias; penhora-me bastante esta referencia do estimado Chefe! O Lyra e o Amaranthe, accrescentam votos amigos, que hei de agradecer pessoalmente, como ao Chefe, se chegar ao Rio, *pois devemos contar sempre com a morte!* O Martiniano chegou á hora em que estava na mesa o nosso jantar e o nosso enthusiasmo fez que esquecemos a "*boia*" que, relegada a um plano secundario, esfriou desprezada, como era natural, enquanto liamos a carta do Chefe. Liquidámos á noite os fogos e balões de signaes.

23 — Domingo — Antes de 6^h am. fluctuava no mastro, pela ultima vez, neste acampamento permanente, a auri-verde bandeira de nossa Patria! Logo depois do café (que saudades tinhamos d'elle! Agora podemos *entrar* no açucar da turma do Sul!) começõu a arrumação e relacionamento de tudo que vamos conduzir, separando o que teremos de consumir em generos na nossa viagem d'aqui a Pedras. O rio encheu, como nunca se dignou de

fazer, desde que estamos aqui, de modo que não podemos fazer descer até Vae-quem-quer uma canôa de cargas, conforme esperavamos conseguir, pois alli está a outra canôa para recebê-las, e as duas que cá estão não comportam toda a carga a conduzir. Apesar de ter baixado o nível das aguas hoje, continúa o rio em condições de não permittir a travessia das cachoeiras e corredeiras! Ora isto realmente é para amofinar! Hoje, foram feitas as divisões dos sacos e caixões pesados, reduzindo tudo a volumes maneiros e de pouco peso; temos assim a carga toda arrumada e relacionada, prompta para seguirmos viagem rapida. Pinheiro está "*abichornado*", como se diz aqui em giria popular, e não quiz jantar hoje; dorme desde uma hora da tarde, embuçado no seu "*pala*" impermeavel (?). Às 6^h 15^m pm. arriámos o pavilhão nacional.

"24 — Segunda-feira — O rio continuou com muita agua até 4 1/2^h da tarde, hora em que começou a baixar muito lentamente. Amanhã estão dadas as ordens pelo Pinheiro: o Martiniano (guia) irá com mais 4 homens levar uma canôa de cargas até a cachoeira Paredão, regressando só para o jantar, pois sahirão cêdo e levarão farinha e carne para comer lá! Depois de amanhã desceremos nós com o resto das cargas, levantando o rio d'aquí até Santa-Cruz, onde amarraremos o levantamento que vamos fazer agora, ao que até ahi fizemos, de subida, e que só até ali foi levado por ser impossivel proseguir a navegação na epoca em que attingimos aquelle ponto. Hoje desde 8^h am. até á noite não fumei nem um cigarro. Acabou-se o meu fumo e aqui todo o pessoal anda pouco *fornecido*. Isto para um fumante que cultivava o vicio ha 18 annos e que traga todas as fumaças, é realmente um martyrio; mas, enfim, bom é que de quando em vez se exerce a força de vontade!...

"25 — Terça-Feira — Às 7^h am. sahiu a canôa com a carga que vae ser conduzida á cachoeira Paredão, re-

gressando ás 3^h pm. e tendo deixado a carga um pouco aquem da cachoeira, devido á forte correnteza junto della.

"26 — Quarta-Feira — Por cumulo do caiporismo amanheceu chovendo copiosamente; temos que esperar que cesse o máu tempo para podermos sahir. Partiremos á hora que o tempo o permittir, salvo se o rio tomar muita agua, o que me parece muitissimo provavel, prendendo-nos ainda por cá. Ás 6^h começou a "chuva de mulher". Á hora do almoço prometteu levantar o tempo e ás 11^h am. partiu a primeira canôa com a regua, sahindo a nossa 15^m depois. Ás 4^h 22^m pm. atracámos a nossa canôa ao primeiro acampamento a montante da cachoeira Paredão, tendo-se feito 36 estações. Infelizmente os signaes para fazer voltar a canôa da frente não puderam ser attendidos logo, pois ha ahi uma extensa e forte corredeira. Resolvemos deixar lá a canôa e conduzirmos para cá a "boia" de hoje e da amanhã, a qual só aqui chegou ás 5^h 25^m pm.

"27 — Quinta-Feira — Ás 5^h40^m distribuiu-se o chocolate, (1) que ha tres dias temos dado ao pessoal. Vamos assim sahir o mais cedo possivel, pois o dia promette ser de sol. Partimos ás 6^h25^m am. e ás 7^h30^m chegámos á caheça da cachoeira Paredão, fazendo descer as canôas pelas corredeiras fortes e descarregando-as em seguida. Voltaram ambas, uma para trazer os páus para a escada, outra para trazer as cargas que vieram a 25 e que estão depositadas acima da cabeça da cachoeira. Almoçaremos aqui. Provei hoje o ingá e o cubio silvestre: ambos muito doces, mas não têm quasi o que se coma. Ás 8^h pm. suspendemos o serviço para deixal-o no acampamento 12,

(1) Estamos assim dando ao consumo as especialidades alimenticias com que pretendiamos brindar a turma do Sul, afim de fortalecer os seus membros, naturalmente debilitados, após a tremenda jornada que durou cerca de oito meses!

pois não tínhamos tempo de alcançar o n. 11, devido á passagem da corredeira e da cachoeira Burityrana.

Fizemos apenas 13 estações, pela difficuldade do trecho que percorremos e por termos gasto mais 2^h para trazer a carga do dia 25 para jusante da cachoeira Paredão.

28 — Sexta-Feira — Resolvemos descer hoje até “Vae-quem-quer” e de lá voltar amanhã a canôa para trazer as cargas que ficaram no Paredão. Partimos quasi ás 7^h am. do nosso pouso no acampamento n.º 12 e, ao estarmos atracados á ultima estação de ontem, a outra canôa atracada tambem para a 1.^a visada, verificou-se que a regua havia sido esquecida no ponto em que se carregaram as canôas! Está caipora o dia de hoje: até parece que o vulgo tem razão em implicar com as sextas-feiras! A nossa primeira visada só foi feita ás 7^h 1/4 am. Ás 10^h parámos no acampamento n.º 11 para almoçar e partimos d’ahi ao meio-dia em ponto. Ás 2^h pm. tendo feito 21 estações, chegámos ao “Vae-quem-quer”.

Chegados que fomos, tomámos logo café com pamonhas e *fumámos* fumo do Avelino! Até que enfim tenho fumo para satisfazer o vicio; já tinha passado dois dias sem elle. Vou levar umas sementes de *cubio*, fructo silvestre que dá em arbusto e do qual se faz excellente doce, havendo quem o aprecie cru com assucar. As minhas sementes de paina e cacauhy é que apodreceram todas. Levo d’aquí 3 *parasitas* que o Avelino me deu: uma de flor branca, outra amarella e a terceira vermelha: preparei-as para seguir viagem, adaptando-as a 2 pedaços de madeira.

“29 — Sabbado — Ás 6^h40^m am. partia a canôa que vae com 6 homens, buscar as cargas deixadas no Paredão, devendo regressar amanhã.

“30 — Domingo — Aguardaremos hoje a chegada do *Major* com as cargas e seguiremos amanhã. Ás 10^h che-

gou a canôa, tendo apenas havido durante a viagem um pequeno accidente, sem consequências graves: o Israel Henrique foi mordido no pé esquerdo por um jacaré, mas já está medicado; a ferida parece bôa de curar. Causou-nos admiração a rapidez com que foi feito este serviço, apesar do rio ter tomado bastante agua, tornando assim mais difficil a viagem.

“31 — Segunda-Feira — Cedo esteve-se a canôa que aqui estava e distribuiu-se a carga pelas 3 embarcações. Às 6^h50^m sahiu a canôa de regresso para fazer a 1.^a estação e encostámos a nossa junto á ultima ficha do dia 28. Às 7^h tínhamos feito a 1.^a visada e marchavamos para a frente. Às 10^h am. parámos para almoçar, tendo feito 37 estações boas: ás 11^h45^m am. partimos de novo. Á 1^h15/ pm. passámos pela Barraca Burity, já abandonada e onde começa a chamada cachoeira Burity, que afinal não passa de 3 pequenos tombos, quasi corredeiras. Às 4^h15^m pm. parámos na altura da 1.^a queda (da pequena) da cachoeira (?) Tres-Irmãos, aproveitando o acampamento que Pinheiro fez quando desceu para buscar generos. Haviamos completado 68 estações, um excellente serviço, visto que passámos hoje a cachoeira (?) Burity e estamos com pessoal insufficiente para as tres canôas, sendo necessario, nos lugares em que se tem de “*arriar*” as canôas, esperarmos que 2 homens da nossa tripulação “*arrieiem*” a 3.^a

FEVEREIRO 1910

“1 — Terça-Feira — Às 6^h45^m am. subiui a nossa canôa para collocar-se na ultima estação de ontem, que ficou um pouco a montante, descendo ao mesmo tempo a da regua para procurar a 1.^a estação de hoje. Às 9^h30^m am. parámos no “acampamento do Veado” (na ilha) para almoçar, tendo-se morto á bomba alguns peixes, pois desde

que sahimos de Campo-Grande estamos sem carne sêca. Às 11^h20^m am. partimos de novo. Às 3^h30^m pm. parámos no acampamento de Santa Rita, para jantar e dormir, tendo-se feito 58 estações.

"2 — Quarta-Feira — Às 6^h50^m am. partimos do acampamento. Às 8^h50^m am. passámos pelo nosso acampamento n.º 1 em S. Sebastião. Às 9^h50^m am. chegámos a Santa Cruz, fazendo a *amarração* no ponto em que deixámos o levantamento, quando subimos; tínhamos feito 44 estações em 3 horas de serviço, excellento rendimento, levando-se em conta que as estações foram em geral bem afastadas. Às 10^h25^m am. chegámos a Firmeza, onde Pinheiro cedeu passagens nas nossas canôas a 2 seringueiros, João Agostinho e João Cruz, suas respectivas mulheres e um filho do ultimo. À 1^h15^m pm. partimos almoçados. Às 3^h pm. alcançámos o barracão União, onde talvez ficaremos amanhã, para ajuste de contas.

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT

CONSIDERAÇÕES

Nas conferencias realizadas pelo General Rondon no Theatro Phenix desta Capital, impressas pela Commissão Rondon como publicação numero 42 e vertidas para o inglês (publicação numero 43), encontra-se a mais completa referencia aos trabalhos executados pela "Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon".

O Governo Brasileiro, attendendo aos desejos manifestados pelo notavel e saudoso estadista da America do Norte, organizou uma commissão brasileira para o acompanhar na arrojada travessia do sertão de nossa Patria e escolheu para chefiar essa commissão "the right man to the right place" — o então Coronel Rondon. Á larga visão de um joven estadista — o Sr. Lauro Müller — Ministro das Relações Exteriores nessa epoca, devem-se os extraordinarios beneficios que advieram para o nosso Paiz, com a acolhida de tal iniciativa, não só pelo reconhecimento geographico de uma região até ahí desconhecida e pelos estudos de Historia Natural realizados na zona percorrida, como tambem pelo valor da propaganda do Brasil no estrangeiro, especialmente na America do Norte, através do livro que Roosevelt publicou sob o titulo "Through the brasilian wilderness", livro que elle foi escrevendo no decorrer da propria expedição. Esta publicação pertence ao raro numero das que se cingem á estricta verdade dos factos narrados e que revelam da parte

do autor qualidades de uma justa observação dos homens e das coisas. Na generalidade dos casos os narradores de expedições, quando não inventam situações para sobrelevar as suas qualidades pessoais, como os Savages Landor, contam os factos com parcialidade accentuada, sendo excepção os que se podem relacionar entre aquelles que observam e julgam com exactidão. Roosevelt, porem, era um narrador imparcial e exacto, como devem ser os historiadores que bem mereçam o qualificativo.

Logo que Lauro Müller transmittiu o convite a Rondon, este accedeu immediatamente ao appello do Governo, ponderando em todo o caso que estaria prompto para o desempenho da commissão certo de que *não se tratava de um mero passeio de "sport", mais ou menos perigoso, mas que o Governo ligaria aos intuitos de uma travessia pelo sertão, objectivos scientificos de utilidade para nossa Patria.* Isto indica o ponto de vista elevado em que Rondon se collocava, ao mesmo tempo em que evidencia estar elle a par do que se passava no mundo, não obstante viver na floresta annos seguidos! (O Escriptorio Central tem sempre a incumbencia de lhe transmittir, por telegramma, o resumo dos principaes acontecimentos, dentro e fóra do Paiz, telegrammas, a que alguns telegraphistas chamavam "o jornal de Rondon").

Na verdade, depois que Roosevelt fez a sua expedição á Africa, a presumpção geral era de que o arrastavam exclusivamente preocupações cinegeticas. No decorrer da Expedição Roosevelt, adquirimos a convicção de que o seu espirito superior e a sua coragem individual, só estavam ao serviço das caçadas com o nobre objectivo de obter especimes destinados ao Museu de New-York e com os desejos de ser elle proprio o caçador dos animaes de maior porte e de aquisição mais perigosa.

A expedição durou quasi cinco menses, desde que Roosevelt se encontrou com a Commissão Brasileira, em

12 de Dezembro de 1913, na foz do rio Apa, limite do Brasil com o Paraguay, até fins de Abril de 1914. Durante dois meses Roosevelt, Rondon e o pequeno grupo de expedicionarios que desceram o "rio da Duvida", atravessaram uma região inteiramente virgem e sentiram as sensações das surpresas do desconhecido e as emoções inesqueciveis das verdadeiras explorações, *que se caracterizam pelas incertezas de seu exito e da sobrevivencia dos exploradores...*

TRABALHOS REALIZADOS

Alem das publicações n.ºs 42 e 43, já referidas, foram impressas, sob os auspícios da Comissão Rondon, as de n.ºs 50 a 55 que resumem os estudos realizados pela Expedição Roosevelt-Rondon.

Em capitulo adiante, em que resumo os trabalhos effectuados pelo General Rondon, figura a relação das publicações, com a designação do assumpto e do autor.

A parte geographica comprehendeu o levantamento dos rios da Duvida, Papagaio, trechos do Taquary, do Commemoração de Floriano e Gy-Paraná. Todas as cadernetas desses levantamentos e os desenhos correspondentes, foram incorporados ao acervo da Comissão Rondon e estão sendo aproveitados para a remodelação da Carta Geographica do Estado de Matto-Grosso.

REVELAÇÕES GEOGRAPHICAS

— A expedição identificou o rio da Duvida ao alto-Castanha, resolvendo simultaneamente duas incognitas: uma apresentada pela Comissão Rondon, quando, pela primeira vez, em 1909, cortou esse curso d'agua que, pela direcção, poderia ser affluente do Aripuanã ou do Gy-

Paraná (d'onde o nome de *rio da Duvida*); outra quanto á posição até então desconhecida das cabeceiras do rio Castanha. Verificou que se tratava do mesmo rio e o locou definitivamente no mappa do Brasil, dando-lhe o nome de *rio Roosevelt*, desde suas cabeceiras até sua foz no Madeira e considerando o rio Aripuanã como seu afluente da margem esquerda. Além da homenagem prestada ao estrangeiro illustre, a Comissão Rondon, attribuindo ao antigo rio Castanha o papel de principal, modelou o accidente geographico lançado ao mappa, segundo as mais modernas theorias, que fazem prevalecer como principal, não o rio de maior volume d'agua, mas o que se apresenta na direcção geral do valle, relegando ao segundo plano a condicional da descarga.

E' evidente que essa descoberta só foi realizada graças á idéa de Roosevelt atravessar o nosso sertão e que só este duplo resultado seria attingido com a exploração e o levantamento a que se procedeu, percorrendo a parte desconhecida e nunca penetrada desse rio.

Outra descoberta de ordem geographica é a que se refere ao rio Papagaio. Quando a Comissão Rondon, sob a iniciativa de seu illustre chefe, começou a apagar das velhas cartas existentes a indicação de DESCONHECIDO que cobria larga faixa do noroeste do Brasil, ao interceptar com a linha telegraphica e com as suas explorações o vasto leque formador do rio Tapajoz, ainda formulara a principio a hypothese de que o rio Papagaio iria lançar-se no Sacuruinã (Xacuruina em certos mapas) logo abaixo da confluencia deste com o rio do Sangue.

A expedição Roosevelt, destacando uma turma de exploração que desceu e levantou o rio Papagaio, determinou o seu verdadeiro curso, desde o passo da linha telegraphica (estação telegraphica de Utiarity, onde se encontra o bello e potente salto do mesmo nome) até a foz

no rio Juruena. Assim o rio Papagaio, depois de confluir com o Sacre, recebe o Burity pela margem esquerda; reune-se-lhe a jusante ainda e pela mesma margem o Sauêuiná (nome Pareci do Papagaio) indo afinal lançar-se no Juruena pela margem direita. O rio do Sangue (Zutiaharuiná em língua Pareci), depois da confluencia com o Sacuruiná, recebe successivamente de montante para jusante o Membeca, o Treze de Maio e o Cravary, descendo depois a desaguar no Juruena pela margem direita, abaixo do Papagaio. A publicação n.º 26 da Comissão Rondon (3.º volume do relatório geral do Chefe) traz appenso um mappa do rio Juruena, organizado segundo os ultimos trabalhos e que qualquer curioso poderá confrontar com as cartas anteriores, para verificar a profunda modificação decorrente do serviço geographico realizado nessa zona, mesmo comparando-se o que allí está com o que se encontra na 2.ª edição (1913) do mappa do Brasil, editado pelo Jornal do Brasil, onde já entraram correcções geographicas provenientes dos nossos trabalhos.

MINHA COLLABORAÇÃO

A minha modesta collaboração nos trabalhos da Expedição Roosevelt, como ajudante da Comissão Brasileira e como secretario do General Rondon, está descripta na publicação n.º 54 da Comissão Rondon.

Ao concluir os serviços de campo, fui nomcado, em Maio de 1914, chefe do Escriptorio Central da Comissão Rondon, cargo que me honro de desempenhar até a presente data. (1) Já empossado destas funções, coube-me o trabalho de encerrar as contas da Expedição, visto que o então Coronel Rondon, despedindo-se de Roosevelt, em Belem do Pará, regressara ao insano labor do sertão, na

(1) Refere-se á epoca da 1.ª edição deste livro: 1921.

ardua tarefa de concluir a linha telegraphica de Cuyabá a Santo-Antonio do Madeira, inaugurada em 1915.

Alem disto, cumulativamente ao afanoso encargo que assumira, superentendi os trabalhos de publicação dos relatorios da Expedição Roosevelt.

A este proposito cumpre salientar que nem todos os nossos homens de governo comprehendem o alcance que representa a impressão dos mappas e dos trabalhos de Historia Natural! O Sr. Lauro Müller, porem, manifestava-se de accordo com o nosso ponto de vista: "*sem publicar, tudo se perde nos archivos, alem de representar um capital inactivo, á falta de circulação.*" E a elle devemos exclusivamente a possibilidade que encontrámos de publicar os trabalhos da Expedição.

PARTE EPISODICA

Alem da grave affecção palustre que acommetteu Roosevelt, cuja vida (vide publicação n.º 55 da Comissão Rondon) esteve em sério perigo; alem da reducção que soffreram as rações normaes dos expedicionarios; alem do doloroso naufragio de uma canôa, do qual se salvou milagrosamente o destemido Kermit Roosevelt e de que resultou o desaparecimento de um dos canoeiros da expedição; um tragico acontecimento teve por theatro as margens do rio Roosevelt.

Roosevelt narra-o com escrupulosa exactidão, transcrevendo em seu livro citado o documento que os expedicionarios todos firmaram, em testemunho da verdade. Vamos referil-o summariamente, para depois commentar a diversidade dos pontos de vista norte-americano e brasileiro na maneira de encarar os factos.

Na travessia de uma serra que tomou o nome do morto, foi assassinado traiçoeiramente por um dos soldados canoeiros o Sargento Paixão, bello typo de preto,

cujas tradições honrosas ao serviço da Comissão Rondon e da pacificação dos selvicolas, lhe angariaram sempre a sympathia de seu chefe. Passava-se a carga de montante para jusante da cachoeira e o Sargento Paixão dirigia o pessoal. Cumpridor de seus deveres e das ordens que recebia e que fazia cumprir sem tergiversações, impedira que o soldado subtrahisse alimento em conservas. O soldado, que era um typo covarde, perverso e vingativo, illudindo a vigilancia do sargento, apossou-se, então, de uma carabina Winchester carregada, e foi occultar-se atrás de uma grande arvore, no pique do *varadouro*. Ahi aguardou, de emboscada, a passagem do sargento e desfechou-lhe um tiro de bala, á queima-roupa, matando-o quasi instantaneamente. Ouvindo o estampido, correram os expedicionarios a verificar do que se tratava e já foram encontrar o sargento nos ultimos arquejos da morte.

Seguindo a pista do criminoso, floresta dentro, encontrou-se, cahida ao solo a carabina de que se servira. ao pé de um tronco, onde uma escoriação da casca parecia revelar que o assassino abalara em uma corrida louca, como que perseguido e chicoteado pelo remorso atroz, esbarrando alli com a arma, que, com o choque, lhe escapara das mãos... No desespero da fuga, proseguira em carreira desordenada, talvez para não perder tempo em apanhar a arma, como se sentisse já quasi a estrangulal-o a mão da Justiça!... Não foi possível, entretanto, alcançar o criminoso e voltaram os expedicionarios ao acampamento, sob a triste impressão do lamentavel acontecimento.

O CHOQUE DE DUAS THEORIAS

Em face do assassinio, apresentaram-se então em campos oppostos a theoria dos americanos e a dos brasileiros,

Roosevelt, interprete da primeira, entendia que o assassino devia ser fuzilado, sem mais formalidades, por qualquer dos expedicionarios que lhe puzesse os olhos em cima. E argumentava que, estando os expedicionarios de ração reduzida, não era licito dividirem o que restava com um homicida; que este se mostrara indigno de qualquer sacrificio dos companheiros de exploração; que, recebê-lo, seria augmentar uma bôca a comer, sem que se pudesse ter mais confiança nos dois braços que adviriam para o trabalho, etc.

Os brasileiros, porem, entendiam que se devia acolher o malvado, alimentar-o e exigir d'elle o trabalho compensador do alimento a que tinha direito, embora como prisioneiro, á espera do contacto com o meio civilizado, para os fins do processo legal, a que deveria opportunamente responder.

No dia seguinte ao do assassinio, a expedição proseguio a descida do rio e quiz a fatalidade que o homicida, arrependido, no desespero de quem se sente isolado em pleno deserto, condemnado de improviso a representar o papel do homem primitivo da Terra, surgisse a pedir soccorro, justamente quando passava a canôa de Roosevelt! O primeiro impeto de Roosevelt foi, como era natural, levar a sua arma ao rosto e apontar... Certo, porem, no seu espirito reflectido passou a imagem da theoria brasileira, como um anjo protector e benigno... e elle retirou a arma, franziu o sobrolho e informou ao medico, que o acompanhava na mesma canôa, não desejar que a embarcação atracasse para receber o assassino. Os seus desejos foram satisfeitos e lá ficou a implorar perdão e piedade, debruçado sobre um galho, á beira d'agua, a figura sem duvida asquerosa, mas infeliz daquelle pobre bandido...

O desgraçado acompanhou com o olhar a canôa, até que esta desapareceu na primeira curva do rio, como quem vê extinguir-se a sua ultima esperança!... O seu

olhar desvairado compreendeu então que o abandonavam definitivamente aos azares de uma sorte cruel.

Elle merecia, incontestavelmente, um tremendo castigo, pela hediondez de seu crime, mas justo é reflectir que só uma grande dureza de sentimentos approvaria semelhante solução, nada civilizada.

Quando a expedição acampou, a occorrença foi communicada ao Chefe da Commissão Brasileira. Discutido o caso em presença de todos os expedicionarios, Rondon fez sentir a Roosevelt o que a proposito determinava a Lei Brasileira e que em face da nossa legislação o seu dever era aprisionar o assassino e conduzi-lo consigo; aos juizes competiria sentenciar-lhe o castigo.

Immediatamente Roosevelt responde-lhe: "Pois bem, Snr. Coronel Rondon, se a lei de seu paiz é esta, eu estarei prompto a cumpril-a!" Nenhuma prova mais cabal poderia Roosevelt ter dado da superioridade de seu espirito!

Rondon determinou então a permanencia de um dia no novo acampamento e organizou uma patrulha, que subiu o rio, em busca do homicida, e que o devia prender, sem maltratar. Essa patrulha, porem, seguiu, rebuscou a mata em todas as direcções, deu tiros de signal, mas não conseguiu descobrir o criminoso. Este sem duvida temera apresentar-se, suppondo que o quizessem matar!

A' noite recolheu-se a patrulha e ao dia seguinte proseguio a expedição aguas abaixo, sem que nunca mais se tivesse noticias do assassino. Teria sido comido pelas onças? Teria encontrado indios que o acolheram? Teria morrido de fome? Ninguem nunca o saberá, talvez; a sua vida ficou envolta no mais profundo mysterio e faz-me de vez em quando pensar em todas as peripecias, arrastando-me a imaginação a uma infinidade de hypo-

theses, sempre com a alma torturada pela duvida cruel e, por que não dizel-o?... com pena do desgraçado!...

Esse assassino trabalhara sob minhas ordens directas e foi o unico soldado que mandei castigar, no destacamento que commandei, durante a Expedição Roosevelt; merecera esse castigo pela tentativa de ferir com uma faca um seu companheiro, o que não levou a effeito por ter sido desarmado pelo Tenente Vieira de Mello e por mim, no mesmo momento em que erguia o braço de athleta, empunhando a arma, para desferir tremendo golpe em sua victima, já derrubada sobre o solo e por elle calçada. Era um typo moreno claro, alto, espadaudo e forte: bella musculatura e pessimo sentimento!

* * *

Curioso episodio tambem foi observado em relação á mulher de um dos soldados regionaes, do destacamento que acompanhou Roosevelt, desde Tapirapoan (rio Sepotuba) ás margens do rio da Duvida. Já no nono mês de esperanças, essa mulher acompanhou a pé todas as marchas da expedição, o que era motivo de admiração geral. Aconselhada em Tapirapoan, pelo medico, a alojar-se alli para seguir depois, recusou-se peremptoriamente e declarou que estava acostumada a andar no sertão nesse estado mesmo, sem se cansar. A convicção de suas affirmativas, levou o commandante do destacamento á tolerancia de a deixar seguir, embora contra o voto do medico. Pois bem, essa mulher extraordinaria, não só marchou diariamente 4 a 5 leguas a pé, como tambem só interrompeu a marcha um dia (24 horas), para proseguir no dia seguinte, levando ao collo o filhinho que nascera na vespera ao ar livre do sertão...

PHRASES DE ROOSEVELT. OBSERVAÇÕES DE ROOSEVELT SOBRE O BRASIL E OS BRASILEIROS

As apreciações de Roosevelt têm para nós um duplo valor: 1.º porque é o julgamento de um grande homem; 2.º porque esse homem era escravo da verdade e da lealdade.

Para bem avaliar até onde levava a sua preocupação pela verdade, basta recordar o incidente referido pelo General Rondon, a quem declarou certa vez: "Nada tem o Sr. que me agradecer. Digo-o sem nenhum desejo de lisonjear, mas, porque amo a verdade."

Roosevelt era um excellente "causeur", tinha a palavra facil e uma maneira incisiva de dizer as coisas. As suas affirmativas, a sua convicção, o seu modo de argumentar, intelligente e logico, deixavam transparecer sempre uma grande energia, fazendo recordar constantemente o homem de estado que assumira a responsabilidade positiva da sua celebre phrase: "I took the Panamá".

* * *

O primeiro animal que Roosevelt abateu foi um grande tamanduá-bandeira que surgiu, aos pulos, das macéguas da margem esquerda do Taquary. Sendo um dos especimes procurados pelo Sr. Roosevelt, o chefe brasileiro fez parar o navio e açulou os cães contra o tamanduá que ficou *acuado*, enquanto Roosevelt se aproximava rapidamente. Abateu-o ao 1.º disparo e em seguida *pediu desculpas, lembrando-nos que o sacrificara, para attender ás necessidades do seu Museu.*

A não serem os jacarés que elle ajudou-nos a matar, em grande quantidade, pelas margens dos rios, por serem animaes nocivos, Roosevelt oppunha-se systematicamente ao sacrificio de outros sem um fim justificavel. Uma vez, certo companheiro nosso, atirador consumado, aba-

teu por mero *sport* uma biguatinga que passava por nós voando, e Roosevelt pediu que se parasse o navio para que os taxidermistas a aproveitassem, fazendo-a apanhar e preparar para o Museu, no que foi promptamente atendido.

* * *

Roosevelt era espirituoso e alegre, não parecendo incommodar-se inuito com os enxames de abelhas e de mosquitos, que, ás vezes, lhe cobriam as mãos, enquanto, impassível, escrevia as suas impressões e a sua correspondencia. (1) Durante as refeições e ao terminal-as, detinha-se a palestrar connosco, em francês, e distinguia com evidente *sympathia* o admiravel palestrador que é tambem o commandante Heitor Xavier Pereira da Cunha, distinctissimo official da marinha de guerra, hoje reformado, nosso companheiro durante o começo da Expedição. E Pereira da Cunha deleitava-nos com a sua *verve*, ao mesmo tempo em que provocava intelligentemente as opiniões de Roosevelt, mas sempre correcto e gentil, como um homem de fina educação que é. Em uma dessas palestras, a proposito dos japoñeses, Roosevelt declarou formalmente condemnar a emigração desse povo para o seu paiz, porque lhes observara as tendencias acentuadas para a absorpção e para o dominio sobre o elemento nacional. Por condemnar as violencias de seus patricios, para repellir e expulsar os japoñeses da America do Norte, estes interpretaram os seus actos como *respeito aos japoñeses, que eram formidaveis!* Esta arrogancia teve como resposta ao pé da letra o celeberrimo "raid" da esquadra norte-americana, com passagem obrigatoria pela Asia.

(1) Um dos grandes diarios de New-York pagava-lhe os artigos á razão de um dollar por palavra!

Um tal dissídio deve ser meditado pelo Brasil, antes de facilitar a immigração japonêsa...

* * *

Ao saber que o Presidente do Estado de Matto-Grosso, com grande comitiva, aguardava-o na fazenda de São-João, á margem do rio Cuyabá, onde lhe offerceria uma caçada, Roosevelt declarou a Rondon que “apesar de ser um homem de cidade e não um sertanejo, *não tinha elle nenhum medo do rio da Duvida, mas estava com pavor da fazenda de S. João, por causa do protocollo, com o qual, era muito difficil caçar-se...*”

Todavia, em uma das caçadas que fez em S. João, Roosevelt teve oportunidade de ver de perto um caeteté acuado pelos cães, n'um ôco de páu, e elle em pessoa e só, alcançou-o nessa tôca, consciente do perigo que corria se não fôra certo o golpe.

* * *

De Corumbá escreveram tres cartas anonymas a Roosevelt atacando-o fortemente. Depois de tomar conhecimento do seu teor, declarou-nos elle que havia estimado recebê-las “porque assim conheceria melhor a opinião do povo, mas que não lhes deu outra importancia, porquanto estava habituado a recebê-las, innumeradas, nos Estados-Unidos, inclusive algumas bastante immoraes, endereçadas a senhoras de sua familia”.

* * *

Entre outras apreciações sobre o Brasil, disse Roosevelt que o *Rio de Janeiro é uma cidade mais bem calçada, mais bem policiada e mais limpa do que Paris, Londres,*

New-York e Chicago; que só Berlim, das grandes cidades que elle conhecia, era nessas tres coisas superior ao Rio.

* * *

Referindo-se ao que alguns Brasileiros dizem ás vezes do proprio povo brasileiro, achando-o falto de energia e de iniciativa, Roosevelt declarou que elle, norteamericano, protestava contra semelhante injustiça.

E referiu, como exemplos frisantes, a construcção da linha telegraphica do Noroeste — comparavel em arrojó á abertura do canal do Panamá, na sua opinião — e á estrada aerea do Pão de Açúcar. Ambos estes commettimentos, dizia elle, foram realizados por engenheiros brasileiros e com capital do paiz; e se fosse feito nos Estados-Unidos, o mundo inteiro diria ao contemplal-os: eis ahí a energia americana, o genio emprehendedor do Yankee, etc.

* * *

Falando a respeito do grave problema da raça negra nos Estados-Unidos, Roosevelt mostrava-se apprehensivo com a situação, cada vez mais tensa, de odios, entre aquella raça e a branca. E dizia que enquanto lá, se alargava o abysmo que as separava, tornando dia a dia mais difficil, senão impossivel, uma reconciliação, no Brasil o problema tinha recebido solução completa, de admiraveis resultados praticos, pela cruza das duas raças. Fatalmente, a raça negra pura, desaparecerá dentro de alguns annos, absorvida pela fusão operada. Tal observação parece-me judiciosa e reveladora do trabalho intellectual de Roosevelt, que não se detinha no presente, mas investigava consequencias do futuro.

MEU RELATORIO

Ao recolher-me ao Rio de Janeiro, apresentei ao Chefe da Comissão Brasileira, em 5 de Junho de 1914, o meu relatório sobre a Expedição Roosevelt, do qual vou aqui transcrever alguns trechos:

INTRODUCCAO

Snr. Coronel:

.....

Assim é que em 25 de Novembro embarcavam nesta Capital alguns membros da Comissão Brasileira e com elles seguiram 221 volumes de carga pertencente á Expedição, que ficara designada officialmente com o titulo de *Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon*.

O atrazo com que foi entregue parte do numerario destinado ás despesas da expedição, impedindo-vos de partir, com os demais membros, pelo ultimo paquete transatlantico, que vos permitiria alcançar Corumbá antes da chegada alli do Sr. Roosevelt, determinou a viagem expressa por terra, do Rio de Janeiro ao rio Paraguay, utilizando-se para esse fim das vias ferreas Central do Brasil, Sorocabana e Noroeste, para cujo percurso era bem exiguo o tempo disponivel, muito mais quando neste ultimo havia cerca de 40 leguas de marcha a cavallo, além de um grande trecho apenas trafegado pelos trens de lastro.

A expectativa dessa viagem por terra deixava-nos entrever claramente que nos submetteriamos a uma dura prova de resistencia, sob as vossas vistas immediatas, mas não havia como fugir a uma tal situação e preparámos o espirito para subjugar as deficiencias do vigor physico, que em caso algum poderia emparelhar com o vosso, por mais arrogante que fosse a nossa vaidade pessoal.

Assim desenhou-se a perspectiva do primeiro tributo que eu pagaria, pela enorme distincção com que fôra abalada a minha modestia, ao ser convidado para tomar parte nessa Expedição.

Cabe aqui o meu sincero reconhecimento pela vossa lembrança do meu nome, para auxiliar tão delicados trabalhos e podeis estar certo de que o meu desvanecimento na acceitação de tal convite só fôra possível porque, de envolta, levava n'alma a certeza de que a influencia da vossa direcção nortearia a minha acção, não permittindo que eu succumbisse á pressão das minhas proprias falhas.

CAPITULO I

SOB A VOSSA CHEFIA IMMEDIATA

Em 2 de Dezembro desse mesmo anno, obedecendo a tão honrosa indicação, parti em vossa companhia pelo nocturno de luxo, ás 21 horas e 30 minutos; no dia 3 chegámos a S. Paulo, com um atrazo de 2 horas e 20 minutos e ás 20 horas e 13 minutos partimos pela Estrada de Ferro Sorocabana; ás 10 horas e 30 minutos do dia 4 chegámos á estação Baurú, onde nos aguardava um trem especial, posto a vossa disposição; ás 11 horas e 50 minutos partimos de Baurú e ás 21 horas desembarcámos em Araçatuba, onde pernoitámos, visto não estar em certo trecho consolidada a linha, de modo a permittir que se viajasse á noite. Em caminho para Araçatuba, fez-se uma pequena parada na estação provisoria "Heitor Legrue", onde os indios Kaingangs, esses mesmos considerados ferozes e cuja pacificação foi feita pessoalmente por vós, em epoca bem recente, vieram documentar vivamente a injustiça de que eram victimas, festejando a vossa passagem pelas suas terras.

A's 3 horas do dia 5 partimos para Itapura onde apenas demorámos 20 minutos; ás 9 horas desembarcámos na estação provisoria de Jupia. A's 12 horas desatracou o "fer-boot" conduzindo-nos para a margem direita do rio Paraná, o que vale dizer, transportando-nos do Estado de S. Paulo para o de Matto-Grosso.

Reorganizado o trem sobre os trilhos da outra margem, partimos ás 14 horas para Tres Lagôas onde almoçámos ás 14 horas e 30 minutos. A's 15 horas e 30 minutos retornámos ao trem e ás 20 horas e 30 minutos desembarcámos na estação do Rio-Verde, ultima estação inaugurada nesse trecho e na qual fizemos a nossa segunda refeição. A's 5 horas de 6 partimos para a ponta dos trilhos; ás 8 horas saltámos do "wagon" e ás 9 horas e 30 minutos partimos montados, da ponta dos trilhos, com destino ao rio Pardo, onde apeámos ás 16 horas e 5 minutos. (1) Em Rio Pardo, onde ás 19 horas fizemos a unica refeição desse dia, aguardámos a chegada da tropa, que só appareceu ás 22 horas, recebendo ordem vossa de proseguir viagem, substituindo-se alguns animaes cargueiros que davam mostras de cansaço. *A's 2 horas do dia 7 iniciámos a nova marcha, aproveitando a claridade das estrellas* e, ás 10 horas e 15 minutos, apeámos junto ao corrego Campo-Alegre, onde tomámos a unica refeição desse dia; ás 16 horas e 10 minutos proseguimos viagem e no dia 8 ás 2 horas e 30 minutos apeámos em um sitio pertencente ao Coronel Sebastião de Lima, a uma legua de Campo-Grande, ahi pernoitando.

A's 8 horas e 35 minutos do mesmo dia 8 chegámos á villa de Campo-Grande onde aguardámos a vinda dos cargueiros que conduziam nossa bagagem, o que só se deu ás 13 horas. Nesse mesmo dia partimos ás 18 horas e

(1) Tinhamos feito, nessa primeira marcha a cavallo, vinte leguas ou 120 kilometros, contados pelos marcos da estrada kilometrada!

á 1 hora do dia 9 chegámos ao acampamento da construcção do outro trecho da Estrada de Ferro Noroeste. Ainda a 9, ás 6 horas e 15 minutos partiu o trem especial posto á vossa disposição para vos conduzir a Porto-Esperança.

Adeante da villa de Aquidauana o trem parou alguns minutos, junto á estação provisoria "Visconde de Tournay", onde um numeroso grupo de indios "Terenas", soltando foguetes e cantando na sua lingua, dava mostras do quanto os alegrava a vossa presença entre elles. Não me posso furtar ao dever de citar episodios como esse, visto envolver o assumpto de tão grande interesse para a nossa Patria, ferindo o grande problema das relações do homem civilizado com o homem que habita as selvas. É curioso assignalar, como nota probatoria do prestigio em que é tida a vossa pessoa entre elles, o facto de trazerem as mães, de muito longe, os seus filhinhos recém-nascidos, para receberem o osculo affectuoso que lhes imprimieis, facto a que tambem se liga o sentimento affectivo do indio.

Desembarcámos ás 22 horas, em Porto Esperança, passando-nos com as nossas bagagens para bordo do paquete Nyoac, *onde afinal a urgencia da marcha permittiu que fosse tomada uma refeição nesse dia.*

A's 23 horas e 30 minutos partia o Nyoac, rio Paraguay abaixo, com destino á foz do rio Apa. No dia 10, ás 4 horas, parámos defronte ao nosso legendario forte de Coimbra, glorioso baluarte da honra nacional, theatro de um choque armado da bravura paraguaya contra a bravura brasileira e onde se immortalizaram Portocarrero e o pequeno grupo de obscuros, mas heroicos defensores da nossa Patria. A's 5 horas e 30 minutos proseguimos viagem a bordo do Nyoac e no dia 11, ás 5 horas e 30 minutos, arriámos ferro em frente a Porto-Murtinho, pequeno povoado mattogrossense da margem esquerda do rio Paraguay.

* * *

A's 16 horas e 15 minutos passámos Ladario e ás 17 horas atracavamos a Corumbá, na vespera do Natal.

Cumprindo vossas determinações saltei em terra, acompanhando a pessoa do Sr. Coronel Roosevelt e regresssei ás 19 horas para bordo. A's 22 horas o Nyoac suspendeu ferro e seguimos com destino á fazenda de São João, onde se encontrava S. Exa. o Sr. Presidente do Estado de Matto-Grosso, com o fim de aguardar ahi a chegada do Sr. Coronel Roosevelt. No dia 26 ás 4 horas começámos a viajar em aguas do rio S. Lourenço e ás 21 horas e 15 minutos encetámos a subida do rio Cuyabá.

A's 20 horas e 30 minutos parámos defronte ao Aterrado, pequena habitação á margem esquerda do rio Cuyabá, onde aguardámos o tempo sufficiente para que a chegada da Expedição á fazenda de S. João não se verificasse durante a noite.

E' muito interessante assinalar que o terreno, justificando perfeitamente o nome dado a esse lugar, é ahi constituido por camadas de aterro, superpostas provavelmente pelos primitivos habitantes indigenas dessa zona. Justificam as hypotheses: a excepção da qualidade e da posição das terras nesse ponto, como em outros semelhante-mente constituidos e a descoberta de fragmentos de objectos da ceramica elementar dos aborigenes, fragmentos esses encontrados nas escavações locais (*sambaquis*).

* * *

Em frente ás duas barracas-chefe tremulavam respectivamente o pavilhão americano e o pavilhão brasileiro.

Nesse 1.º acampamento permanecemos até o dia 13 de Janeiro de 1914, data em que, ás 11 horas, partimos, na lancha "Anjo da Ventura" e em uma chata a reboque, afim de proseguir o accesso do Sepotuba, em demanda

de Tapirapoan, onde desembarcámos ás 11 horas e 30 minutos de 16 e acampámos pela segunda vez. Ahi em Tapirapoan organizei, de accordo com as vossas instrucções, as cargas que partiram com as tres tropas que se destinavam á expedição do rio da Duvida e ao transporte de mercadorias e bagagens das duas turmas em que dividistes a expedição. Pelas 18 horas de 18 e pela madrugada de 19, sahiram os quatro lotes de tropa do rio da Duvida, com 54 bois cargueiros, conduzindo 136 volumes dos quaes 99 eram da Commissão Americana, 9 de barracas de campanha, um com as taboletas designativas dos rios Roosevelt e Kermit e 28 com generos destinados á alimentação do pessoal da tropa e com suas respectivas bagagens.

Convem dizer aqui, a proposito, duas palavras em relação a esses 99 volumes americanos:

Quasi todos elles eram constituídos de substancias alimenticias, acondicionadas de modo que a cada um dos dias da semana correspondia um certo *menu*, encerrado em pequenos caixotes dentro dos quaes estavam as conservas e petrechos, divididos em duas caixas de zinco hermeticamente soldadas. Exteriormente viam-se inscriptos os n.ºs 1 a 7 para assignalar os dias da semana de domingo a sabbado, respectivamente. Os caixotes continham assim almoço e jantar para dois dias, cada lata representando as duas refeições de um só dia para 8 homens, e eram calculadas de tal modo que a relação de peso e de volume determinaria a sua fluctuação se por acaso cahissem n'agua.

No dia 21 pela manhã partiu a tropa de 54 burros que conduziria as cargas da 1.ª turma, sob a chefia de honra do Sr. Coronel Roosevelt. A's 13 horas partia o pessoal tecnico da 1.ª turma ao qual acompanhei até meia legua de distancia, retrocedendo então a Tapirapoan, depois de apresentar as minhas despedidas á Commissão Americana e demais membros componentes da 1.ª turma.

CAPITULO II

CHEFIANDO UMA TURMA

Regressando a Tapirapoan, comecei desde logo a activar os preparativos de organização da minha turma, designada por "segunda", conforme fez publico a ordem do dia n.º 2, de 16 de Janeiro de 1914, da Chefia da Comissão Brasileira.

Mandei immediatamente chamar a minha presença o encarregado geral das tropas de minha turma, Antenor Rodrigues Gonçalves, e os arrieiros de cada uma das tropas, Pedro Augusto de Figueiredo, da de bois, e João da Cruz Gomes, da de burros, transmittindo-lhes ordens terminantes para que tudo estivesse prompto no dia seguinte.

Apesar, porém, dos meus esforços, só ás 16 horas de 22 partia o 1.º lote de 10 bois cargueiros, sahindo o derradeiro lote de tropa ás 19 horas.

A tropa que servia ás necessidades da minha turma era constituída de 97 animaes quando sahi de Tapirapoan, sendo:

TROPA DE BOIS

Animaes cargueiros (mansos).....	23
" " para adestrar	5
" adestros para córte	6
" " " carreta	6
	<hr/>
Total	40

TROPA DE MUARES

Cavallo madrinha	1
Animaes cargueiros	40
" para montada de officiaes	12
" " campeio de gado	4
	<hr/>
Total	57

Pouco antes da partida do 1.º lote de bois, partiram o tenente Luiz Thomaz Reis (photographo e cinematographisca) e o Sr. Hoehne (botanico) e pouco depois os taxidernistas Blake e Reinisch e o addido Joaquim Horta — todos com destino ao Salto. A's 16 horas e 20 minutos sahiu o 1.º lote de burros com 11 animaes e um tocador montado; ás 16 e 25 minutos o 2.º com outro tocador montado, ás 17 horas e 25 minutos partiu o 3.º com 11 animaes de cangalha e 2 tocadores montados e ás 17 horas e 45 minutos o ultimo lote de muares, com uma mula adestra; ás 19 horas sahiu finalmente a derradeira fracção da tropa — o 2.º lote de bois cargueiros com 13 animaes, tocando-se quasi ao mesmo tempo os 17 bois adestros.

Do que foi o inicio da minha marcha no dia 22, a carta (1) que vos dirigi em 25 do mesmo mês, fornece

(1) Trechos dessa carta:

“Com insistencia grande e arremedando tanto quanto possivel o vosso systema personalissimo, consegui partir no dia em que ordenastes, de Tapirapoan, mas a ultima tropa despachei pouco depois das 6 horas e e 30 minutos pm. (!?). Não preciso descrever o que aconteceu nessa “memoravel” noite, bastando alguns informes para que a vossa experiencia permitta á imaginação reproduzir com exactidão todo o quadro. Um lote de burros attingiu o termo da marcha, chegando tarde ao Salto e permanecendo na margem esquerda, outro espalhou-se completamente na sahida da mata; o primeiro lote de bois attingiu *mancamente* Barreirinho onde chegou o segundo á noite e parou; finalmente, um lote de burros parou e acampou por minha ordem em pleno cerrado, com falta de dois burros e com um burro sem carga, nem cangalha, de tudo o que se despojára, á custa de corcovos. Foi uma “debacle” comparavel á retirada de Mukdem, faltando apenas aqui o boni general.

Na madrugada do dia seguinte eu e o tenente Mello, reunindo os *destroços da batalha*, marchámos sobre o Salto da Felicidade, onde acantonámos ás 5 horas pm. com tudo que havia ficado para trás, excepto 4 cargueiros com mantimentos que desapareceram e em cujo encalço deixei um campeador, sem esperança alguma de

ideia aproximada. Verificando pessoalmente a situação de todas as tropas e mandando descarregar um lote em meio do cerrado, para que os prejuizos fossem menores, retrocedi a Tapirapoan, acompanhado do medico da turma Dr. Fernando Soledade e do tenente Vieira de Mello, commandante do destacamento, combinando tudo de modo que ao clarear do dia seguinte pudessemos marchar com todas as tropas e central-as em Salto da Felicidade, ponto naturalmente eleito para primeiro pouso (24 kilometros de Tapirapoan). Assim aconteceu; ás 5 horas e 30 minutos do dia 23 estava sendo arriado o meu animal

encontral-os, porque o arrieiro e mais dois tocadores "já bateram campo" atrás delles em vão.

Ao entrarmos, satisfeitos de ter cumprido o nosso dever, no rancho em que estavam os demais companheiros, ás 5 horas da tarde, nós sem almoçar nem jantar, encetei a discussão do problema da retirada que alguns delles pretendiam levar a effeito, baseados em argumentos que combati, dizendo-lhes mesmo, com a maxima e dura franqueza, que era fóra de tempo a razão allegada quanto á separação das turmas, porque esse protesto só seria oportuno em Tapirapoan; que seria de pessimo effeito moral semelhante regresso; que da pécha de fraqueza nenhum se livraria; que os serviços de botanica e zoologia não sendo dispensaveis e seu muito justamente desejados por vós, poderiam, entretanto, como os de cinematographia, deixar de existir, sem comprometter o exito da travessia, mas que me competia protestar contra o procedimento do Dr. Soledade, que assumira e acceitara a responsabilidade de prestar serviços clinicos á turma que agora abandonava, na primeira marcha do sertão; que elle Soledade podia retirar-se "porque eu não tinha meios de impedir-o" mas que o fazia com o meu solenne protesto, em face da responsabilidade que me atirava aos hombros, não em relação a mim e aos companheiros, que dispensavamos essa assistencia, porque podiamos fazel-o quanto ás nossas pessoas, mas nunca permittil-o quando se tratasse dos soldados! Declarando-nos a mim e ao Mello, o Dr. Soledade, que sentia muito deixar a uma turma assim, mais por nós, porque muito nos apreciava, respondi-lhe que se isso fosse a verdade, elle seguiria conosco. Apesar de tudo, o Dr. Soledade terminou por dizer, enquanto os demais aguardavam vossa resposta, que, de

de montaria e em seguida partia eu acompanhado do Dr. Soledade, deixando em Tapirapoan o tenente Mello, que faria a retaguarda da columna, para providencias sobre o transporte, em carroça, de todas as cargas que fosse encontrando em caminho e que á beira da estrada seriam mandadas arrumar por mim. Taes cargas ahi collocadas indicariam não ter sido encontrado o animal cargueiro que as havia derrubado, na vespera.

A's 7 horas chegámos ao pouso do lote de burros que na vespera fizera acampar no cerrado, e ahi esperei pacientemente que terminassem os tropeiros os preparativos de marcha, assistindo ainda carregar os animaes, emquanto o Dr. Soledade proseguia viagem para o Salto da Felicidade, a meu conselho, para evitar que se impacientasse

qualquer maneira, voltaria dalli, quer fosse ou não dada a sua demissão.

Chamei tambem a attenção delles para o facto de que o desastre da retirada iria, além de magoar-vos, reflectir-se na vossa pessoa que era afinal quem tinha organizado tudo, o que lhes dizia por ver que se faziam elogiosas referencias no abaixo assignado que vos enviaram, deixando transparecer até certa veneração.

Lembrei ainda que o desastre da primeira marcha não se reproduziria e que, ao contrario da expectativa má que imaginavam, tudo melhoraria dalli por deante, principalmente quanto aos animaes que não se conduziriam com a mesma indisciplina. Finalmente assegurei, por todos os meios, a possibilidade de chegarmos ao fim da jornada, accentuando que cada um sabia bem o que devia fazer e era responsavel por seus actos, mas que me competia a franqueza de dizer-lhes que não achava razão alguma nessa retirada.

Julgo assim que, deante do que exponho aqui, fareis a justiça de acreditar que procurei corresponder á vossa confiança e agir de accordo com as vossas ordens, tendo a consciencia tranquilla, se assim fôr, embora certo de que muita gente ha de suppôr que me deve caber a responsabilidade deste fracasso. — Peço apresentar-vos nossas saudações á primeira turma, especialmente ao Lyra.

Com grande consideração e estima, vosso amigo, camarada, subordinado e admirador. — AMILCAR MAGALHÃES.

com a espera, pois que, seguindo o meu programma, eu não deixaria para trás tropa alguma e, custasse o que custasse, as levaria todas por deante até este Salto.

A's 7 horas e 30 minutos puz-me em marcha escoltando o lote agora reduzido a 8 animaes, e ás 7 horas e 45 minutos encontrei a carga de um dos cargueiros desaparecidos, mandando desmontar um dos tocadores para utilizar a sua montada como cargueiro e fazendo distribuir por alguns *dôbros* as diferentes peças de seu arreamento. A's 13 horas alcancei o "Salto" com as tropas de bois e de burros que vim arrebanhando pela estrada, começando pessoalmente a dirigir a passagem de todas ellas e as cargas respectivas, para a outra margem (direita) do Sepotuba, utilizando a balsa ahi existente. Durante esse tempo chegou de Tapirapoan o tenente Mello e ás 16 horas e 55 minutos tínhamos passado cargas e animaes para o outro lado, dirigindo-nos então ao rancho em que acantonavam os demais membros da 2.^a turma.

Ao encontrar com esses companheiros é que fui ler com attenção a carta que vos dirigiram, solicitando suas exonerações, documento esse que constitue o *supplemento* n.^o 2 e que agiu sobre o meu espirito como a mais formidável das decepções que póde ter um homem no cumprimento de seus deveres. A pedido dos demissionarios, fiz seguir um estafeta montado, levando um animal adestro, afim de conduzir a impatriotica e irritante missiva ao vosso acampamento, que se encontrava a 57 kilometros além; o portador tinha ordem de regressar no dia immediato para o que viajaria dia e noite.

Teriamos que aggregar ao contingente mais um inferior e dez praças que se achavam em Aldeia Queimada, o que elevaria a 67 o numero de individuos da minha turma; iriamos atravessar uma zona onde reinava o paludismo e estavamos tambem sujeitos, evidentemente, a todos os accidentes que se pódem produzir no sertão; não

possuíamos nem pharmaceutico, nem um pratico que o substituísse; finalmente, apesar da expedição dispôr de um outro medico que acompanhava a 1.^a turma, partiramos de Tapirapoan na convicção de que não tínhamos necessidade de pedir-lhe explicações sobre a utilização dos medicamentos mais essenciaes.

Foi nestas condições que a 2.^a turma ficou privada de medico, desde o segundo dia de marcha no sertão matto-grossense, chamado pelos proprios demissionarios "um dos mais aridos do Brasil".

Foi melhor talvez assim, porque semelhantes tendencias dispersivas não se podiam afinar pelo nosso modo de encarar os serviços como esse. Segundo as velhas lições da experiencia, multiplicadas em tantos e tantos casos semelhantes aos vossos olhos, requer-se ahi uma grande harmonia de vistas, uma irmanação de sentimentos no convivio desses pequenos grupos, para que alguma cousa de util se faça e para que dessa união surja a força que annulla todas as difficuldades a vencer.

Ainda nesse dia 23, mandei carnear o primeiro boi para o pessoal da turma.

Ao cahir da tarde, chegou com o campeador um dos quatro cargueiros extraviados nessa primeira marcha; vinha em pello esse animal e nem fôra possivel encontrar-se a cangalha e tão pouco a carga de generos que transportava.

Communiquei á turma as disposições de marcha para o dia immediato e dei ordem ao pessoal da tropa para a partida o mais cedo possivel, mandando que permanecessem no Salto: um inferior, que aguardaria a volta do portador com a vossa resposta e levar-me-ia a ultima resolução dos demissionarios após sua leitura, e um tocador da tropa de muares, incumbido de campear os tres ani-maes sumidos e marchar ao meu encontro.

Nessa marcha inicial perdeu-se um boi cargueiro que estava extraviado e foi depois encontrado morto no cerrado, presumindo-se que tenha sido victimado por mordedura de cobra, enquanto pastava.

No dia 24 de Janciro, ás 6 horas e 30 minutos, partia a tropa de bois, que foi cinematographada pelo tenente Reis; ás 9 horas e 40 minutos, sahiram os nossos bois adestros e os de córte; ás 9 horas e 55 minutos partiu um para conduzir os petrechos de cozinha de ultima hora. A's 19 horas e 30 minutos após o almoço, que fôra distribuido uma hora antes, formou o pessoal e recebeu ordem de marcha com designação do pouso em "Kilometro Cincoenta", partindo em seguida. Despedimo-nos dos ex-companheiros, agora considerados "desertores" e continuámos a cumprir o nosso dever.

Fazendo a retaguarda geral, cheguei ás 18 horas e 30 minutos ao "Kilometro Cincoenta" em cujos ranchos fizemos o nosso 2.^o acantonamento.

Ahi encontrei o proprio que regressava do acampamento da 1.^a turma.

Lendo a vossa correspondencia verifiquei que concedieis demissão a todos os signatarios da "celebre carta" exceptuando o botanico Hoehne, na hypothese de aceitar este o estudo dos rios Papagaio e Sacre, sob o ponto de vista de sua especialidade (1).

(1) Trechos dessa carta:

"Aldeia Queimada, 24 de Janeiro de 1914.

Meu caro Amilcar

Salto da Felicidade.

Acabo de receber, com profundo pesar, um abaixo assignado, dos nossos companheiros da Expedição Dr. Soledade, Tenente Reis, o botanico Hoehne com seus auxiliares.

.....

Reflectindo que esse convite não poderia ser aceito pelo Sr. Hoehne, tanto porque não se haviam mudado as condições de insuccesso que allegara para justificar o seu retrocesso, como também porque me confessara a impossibilidade em que se encontrava de montar, resolvi não mandar voltar animaes para o ir buscar, dando-lhe sciencia por escripto dessa minha decisão.

Tal solução, inspirada pelas circumstancias occasionaes, deixou-me, entretanto, preocupado, porquanto, vagamente desenhava-se no meu pensamento a hypothese inverosinil do Sr. Hoehne aceitar aquelle offerecimento.

Tendo conhecimento do grande areal que separa o pouso do Kilometro Cincoenta do de Aldeia Queimada, dei as providencias necessarias, por intermedio do tenente Vieira de Mello, commandante do contingente, para que as praças recebessem pela madrugada o almoço preparado e se puzessem em marcha immediatamente, em direcção a este ponto.

Choveu muito durante esta travessia.

A's 5 horas e 30 minutos de 25 partiu o nosso contingente, depois da distribuição do café e do almoço pre-

Peço-te proseguirem com o Tenente Mello, trazendo a organização da tropa como estava.

A bagagem desses companheiros demissionarios seguirá para Tapirapoan, numa carroça, e elles irão em outra, porque não temos animaes para elles irem montados até lá.

Mande o sargento Izaac providenciar para que essas carroças venham, isto é, esse sargento designará uma praça para levar o teu bilhete ao Brigada, ordenando a este enviar duas carroças para a sua montaria, caso lá encontrem.

Recommenda-me ao nosso amigo e camarada Mello e recebe um meu abraço e outro do Lyra, de agradecimento pela solidariedade que nos votou em tão triste emergencia. Com carinho e muita amizade, amigo devotado — (assignado) RONDON.

P. S. — Peço accelerares a marcha, deixando aqui tudo que não precisares. O automovel conduzirá essa carga para Uty. — (assignado) Rd."

parado. A' beira do fogo ficou o almoço dos officiaes para ser servido meia hora antes da partida da tropa de muares. Ainda para evitar o "areião", á hora do sol quente, partira á tarde a tropa de bois.

A's 8 horas e 50 minutos almoçámos e em seguida tivemos a decepção de saber que faltavam 4 burros, dos quaes dois eram dos de sella.

A's 9 horas e 30 minutos foram encontrados tres animaes e mandei deixar encostado ahi um delles que, por doente, estava evidentemente frouxo, em condições de não poder seguir viagem.

Parti á retaguarda do ultimo lote de burros, ao meio dia, depois de ter-me assegurado pessoalmente de que não faltava nenhum dos nossos bois; a meio do caminho fiz seguir o tenente Mello para a frente e aguardei a passagem da tropa de bois.

Entre as 16 e 17 e meia horas trovejou e choveu copiosamente.

A's 21 e meia horas, com uma das mais escuras noites que tenho visto no sertão, alcancei Aldeia Queimada com a cauda da columna e a corneta quebrou em seguida o silencio com os toques de rancho para officiaes e rancho para as praças.

Acantonámos em uma esplendida casa que a Commissão de Linhas Telegraphicas tem ahi construida, acantonando tambem o pessoal da turma nas outras casas existentes.

Ao amanhecer de 26 mandei ler as ordens do dia da Expedição a todo o contingente que acompanhava a turma até ahi e ao qual se aggregou o destacamento de 10 praças e um inferior que ahi aguardavam nossa passagem.

Sabendo, por informações, que Aldeia Queimada tem máu encosto para as tropas, adoptei medidas de providencia e, da vigilancia exercida resultou, felizmente, que, ao clarear do dia, no pouso, pouco trabalho tiveram os campeadores para reunir todos os animaes, dos quaes

deixei ali um burro frouxo, tendo afrouxado também em caminho (em Aparição) um outro muar. Sendo curta a distancia de Aldeia Queimada ao rio Verde, onde iriamos pousar, mandei "rodear" o gado todo no pasto, recolhendo-o para arrear ao cair da tarde.

A's 13 e meia horas parti e ás 18 horas e 30 minutos cheguei com o ultimo cargueiro ao rio Verde, onde pela vez primeira a turma armou suas barracas-toldo.

* * *

Por necessidade do serviço e procurando dar a cada um as funções em que têm manifestado maior habilitade, determinei a transferencia de alguns tocadores da tropa de muares para a de bois e vice-versa. Um delles — o tocador Varandas — não queria conformar-se com a sua passagem para a tropa de bois e pretendeu abandonar o serviço; resolvido embora a fazel-o proseguir á força, como consequencia perfeitamente justificavel das nossas condições de trabalho, consegui entretanto sob ameaça de suspensão do pagamento que lhe deviamos, conformal-o com a sua nova situação.

Certos detalhes como esse pareceriam de pouca importancia a um espirito superfluo, mas de facto realçam as contingencias em que se encontra quem assume a responsabilidade de qualquer trabalho no sertão e que se vê depender da vontade de homens inferiores, que comprehendem a dignidade pessoal sob aspecto tão deficiente e nos quaes é quasi nullo o sentimento de dedicação e solidariedade humana. Entre a desorganização do serviço por que somos responsavel e o exercicio bem calculado da arbitrariedade, supponho que ninguem, medianamente equilibrado, vá escolher para seu uso a primeira das pontas desse dilemma.

* * *

O exame do *supplemento n.º 11* deixa bem claro o itinerario e a marcha da minha turma.

Durante a ultima marcha acima referida apresentou-se-me o inferior que eu deixara em Tapirapoan e só então, lendo a carta que me dirigiu o Sr. Hoehne, verifiquei com satisfação que realmente estava elle de pleno accordo com a resolução que eu tomara, de lhe não mandar animaes ao Salto, mostrando-se mesmo admirado da proposta que lhe fizestes para a exploração Arinos-Papagaio, tanto mais que um dos motivos por que pedira exoneração, residia na deficiencia do transporte.

Como sabeis, de 29 de Janeiro a 5 de Fevereiro, marchei diariamente, acampando sete vezes para dormir, a ultima das quaes á margem direita do ribeirão das Aldeias.

Para alcançar este ultimo pouso, foi preciso que eu permanecesse em pessoa no acampamento anterior (Gralhão) até 19 horas e 45 minutos, hora em que iniciei a marcha para a frente, deixando, apesar disso, tres animaes perdidos e em seu encalço dois tocadores, pois que, ao toque de desarmar barracas, quando já se preparava o contingente para marchar, faltavam ainda 17 animaes da tropa!

Desta maneira alcancei o novo acampamento, pela madrugada do dia 6 de Fevereiro (1 hora e 20 minutos), debaixo de forte aguaceiro, sendo obrigado a deixar varias cargas para trás durante o meu trajecto.

De tal modo ficou desorganizado o serviço de transporte que tive de ceder á imposição das circumstancias, permanecendo um dia no mesmo acampamento, e realizando dessa forma *o ideal dos tropeiros* que é de quando em vez "falhar" um dia para descansar.

Fiz entretanto seguir a tropa de bois e os bois adestros para Juruena, com ordem de regressar no dia seguinte e conduzir o excesso de cargas produzido pelo afrouxamento

de 10 muares na marcha de Gralhão a ribeirão das Aldeias e neste ultimo lugar, além do desaparecimento de 2 muares em Gralhão e dois bois no citado ribeirão, perfazendo um total de 14 animaes cargueiros *fóra de combate*.

* * *

Entretanto, como nobre incentivo, acabáramos de conseguir, á custa de perseverantes esforços, a execução da 1.^a parte do serviço que nos fôra designado, attingindo Juruena 24 horas antes de vossa turma. Com a vossa pratica de sertão, não tenho necessidade de detalhar quantas vezes estivemos em cheque dessa dolorosa perspectiva de alcançar tarde demais aquelle ponto commum das nossas trajectorias. Sob o dominio de taes pensamentos é que vos tracei a laconica comunicação constante do *suplemento n.º 16*.

A partir de Juruena teríamos, pois, conforme as vossas ordens, além da responsabilidade de dirigir uma turma, mais a de concertar as pontes, pontilhões e estivados, sem prejuizo da nossa marcha.

A' dedicada collaboração do tenente Vieira de Mello Filho eu devo o ter conseguido alcançar esse duplo objectivo.

Para a execução do serviço que agora nos incumbia, estabeleci a divisão do contingente em duas turmas, cada qual dispondo de um inferior, revezando-se diariamente o pessoal no trabalho que competia a cada turma, sem prejudicar a escala mantida desde a marcha inicial, de uma escolta á retaguarda do mesmo contingente.

A escolta compunha-se de um inferior e duas praças, cujo objectivo era compellir os retardatarios a completar a marcha sob sua vigilancia. Uma das turmas (a maior)

era a do preparo da estrada, sob a direcção immediata do tenente Mello e a outra, a do preparo do acampamento.

* * *

A's 14 horas do dia 24 recebi em meu acampamento o Sr. Coronel Roosevelt, seu filho Kermit Roosevelt, os naturalistas Miller e Cherrie, assim como os membros da Commissão Brasileira destacados na 1.^a turma. Mandei armar as suas barracas em uma area já preparada por mim, defronte ao meu acampamento, onde permaneceram até o almoço do dia immediato.

— No dia 25, após o almoço, seguiu o Sr. Coronel Roosevelt com sua comitiva para o rio da Duvida, em cuja margem direita acampou. A's 16 horas e 55 minutos o corneteiro do meu acampamento deu o signal de commando do 5.^o batalhão de engenharia, annunciando a vossa chegada (1) ao meu acampamento, de onde parti convosco para o acampamento do Duvida, ahi pernoitando por necessidade do serviço e regressando á cabeceira Sete de Setembro no dia 26 á tarde.

— No dia 27, ás 7 horas e 30 minutos, levantei acampamento da cabeceira Sete de Setembro e fiz um grande alto, no rio da Duvida, onde assistimos a vossa partida com a turma de exploração desse rio, sob a chefia de honra do Sr. Coronel Roosevelt, partida realizada ás 12 horas.

Ao passar pelo vosso acampamento do Duvida, recebi as bagagens e correspondencias que me confiastes, para que as levasse a Manãos, entreguei relacionada a

(1) Uma nota curiosa desse encontro: Chovia copiosamente quando o Cel. Rondon, entrou no meu acampamento e, sahindo da barraca, a elle me apresentei, e durante meia hora ficámos sob a chuva, a conversar a respeito dos nossos serviços... como se o sol estivesse de fóra, sem capa e sem abrigo.

carga que deveria voltar para a estação José Bonifacio e, finalmente, agreguei definitivamente ao meu estado-maior o naturalista americano Leo Miller e o geologo brasileiro Dr. Euzebio Paulo de Oliveira, os quaes commigo desceriam o rio Gy-Paraná, assim como a meu contingente as praças e tropeiros constantes dos *supplementos* n.º 23 e 24, ficando assim a turma composta de 6 officiaes e 2 addidos, 76 praças e tropeiros, *ao todo, pois, 84 homens*.

Em seguida á vossa partida levantou acampamento o tenente Mello com o seu pessoal, já novamente incorporado a minha turma, e marchámos todos para a cabeceira Dr. Stiglmayer, onde acampei ás 20 horas.

— Desde que penetrámos na mata do rio da Duvida, a qual se liga á vasta floresta amazonense, tornou-se necessario introduzir um novo serviço para garantir a alimentação das tropas de muares e bovinos — a faxina para cortar palha de coqueiro. Só dessa maneira se consegue manter a tropa em condições de marchar, e comprehende-se como é penosa semelhante maneira de viajar, na qual os nossos bois representam um papel semelhante ao dos camellos que atravessam os desertos africanos.

— Com duas marchas nos dias 28 e 1 de Março attingi finalmente a estação telegraphica Barão de Melgaço — termo da nossa jornada por terra, o que correspondeu a 661 *kilometros de distancia entre Tapiraçoan e Melgaço, vencida em 30 dias de marcha*, durante a qual os soldados, a pé, carregaram as suas barracas e tudo o que lhes pertencia. — Conforme vossa recommendação organizei ahí as notas relativas a todo o pessoal que havia tomado parte na Expedição, com designação do numero de dias de trabalho, turmas a que pertenceram, etc., informando por telegramma ao Sr. Lauro Müller, Ministro do Exterior, sobre a partida da expedição do rio da Duvida e pessoal que me acompanharia (*supplemento n.º 25*).

— De conformidade com as vossas instrucções, teriamos que descer pelos rios Commemoração de Floriano, que passa junto á estação de Melgaço, Gy-Paraná ou Machado e Madeira, dirigindo-nos em seguida a Manáos, quanto ao itinerario. Quanto ao serviço de levantamento, competia-me fazer o do Commemoração desde o passo “Parabens”, na *oitava* cachoeira a montante de Melgaço; o do Gy-Paraná, desde o igarapé Bôa-Vista; os dos afluentes do Gy-Paraná: Anary, Machadinho e Preto, até onde fosse relativamente facil subir com as canôas.

No emtanto, ao abeirar-me do Commemoração, ahí não encontrei os recursos que esperavamos para essa navegação fluvial, o que motivou a carta (*supplemento n.º 26*) dirigida ao tenente Aureliano Lima de Moraes Coutinho, chefe do acampamento da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, na parte da construcção a cargo da Secção do Sul.

— Attendendo á minha requisição subiram do acampamento da construcção as duas embarcações de que dispunham os officiaes: uma chalana e um batelão. Como, porém, deveria eu demorar-me cerca de uma semana acima de Melgaço, resolvi deixar a turma ahí e subir com o geologo Dr. Euzebio de Oliveira até o passo Parabens, de onde partiria de regresso, com o meu levantamento.

Neste intervallo, haveria tempo de apparecer o outro batelão, esperado em Melgaço a todo o momento, pelo que fiz descer, no que ahí estava, o inspector João de Deus e o pessoal, que deveria recolher-se aos trabalhos da Commissão Telegraphica.

Mandei retirar, do fundo do rio Francisco Bueno, uma ubá pequena que, com ajuda de feixes de taquarusú sêco, conseguimos que fosse tripulada por dois homens: com esta, destinada á conducção da mira e com a chalana, preparei-me para subir o rio Commemoração de Floriano.

— No dia 4 de Março, ás 8 horas e 50 minutos, partimos de Barão de Melgaço com as duas canôas de levantamento, fazendo-me conduzir, bem como ao Dr. Euzebio, na maior das embarcações. Com difficuldade conseguimos vencer a grande correnteza do rio Commemoração, cujo accesso só fôra possível com a convergencia de esforços dos remos, de duas “zingas” e de um croque.

Infelizmente concorria muito tambem para essa difficuldade o pouco adextraimento do pessoal, coincidindo que, em uma turma de 45 praças e voluntarios regionaes, apenas conhecessem o serviço de remo e canôa, dois homens, um só dos quaes sabia nadar.

Antes que houvessem adquirido a pratica conveniente á custa da lentidão e dos perigos a que nos expunhamos, quiz a fatalidade que se “alagasse” a nossa chalana, quasi victimando o geologo e o pessoal que a tripulava, no numero dos quaes apenas um (!) sabia nadar. Dadas as providencias para o salvamento do pessoal, resolvi seguir só, tripulando com menor numero de homens a chalana e reduzindo a um terço os nossos generos. Uma circumstancia impediu ainda este segundo projecto: o mergulho da canôa deixou-nos sem o croque e reduziu-nos a tres remos dos nove que traziamos.

Não fôra a espera a que sujeitariamos o nosso hospede norte-americano, que sempre foi por nós considerado como um representante do Coronel Roosevelt, mandaria fazer os remos de que necessitavamos;urgia, porém, resolver com rapidez maior e, regressando por terra á estação de Melgaço, expedi um proprio levando a carta urgente que agora figura no *suplemento n. 27*.

* * *

Iniciei, pois, no mesmo dia a descida do rio “Commemoração”, alcançando a estação telegraphica de Pimenta

Bueno ás 10 horas de 8 e completando o levantamento desse curso d'agua desde o passo da linha telegraphica até sua foz no rio "Pimenta Bueno", de cuja confluencia com aquelle, resulta o rio Gy-Paraná ou Machado.

* * *

Ao meio dia parti de Pimenta Bueno com o levantamento e apesar de ser muito encachoeirado nesse trecho o rio, consegui fazer, ás 18 horas e 30 minutos, a minha centesima e ultima estação.

Continuando o levantamento do rio Gy-Paraná, a favor de suas aguas, tive a infelicidade de naufragar pela 2.^a vez, no dia 15, ás 14 horas. Resolvi então descer para Monte-Christo, barracão a jusante do lugar do naufragio, afim de refazer-me de recursos e ir novamente ao Barracão de Bôa Vista onde constava a existencia de instrumentos que serviriam para proseguir nesse levantamento. O *supplemento n.º 29* resume os trabalhos executados desde Melgaço até a minha chegada ao barracão Monte-Christo, e tambem refere *detalhes* de viagem; assim como o *supplemento n.º 30* vos communica a improficuidade dos meus esforços para obter novos instrumentos de trabalho.

CAPITULO VI

DO CONTINGENTE

A maneira completa pela qual se desobrigou o contingente, dos deveres que lhe foram impostos, assim como a fôrma correcta e disciplinada com que se apresentou sempre aos olhos dos estrangeiros, nossos hospedes, tudo reputo uma consequencia immediata da magnifica tempera do nosso caboclo e das bôas qualidades moraes, intel-

lectuaes e de commando, que caracterizam a individualidade do commandante — o tenente Joaquim Manoel Vieira de Mello Filho, além de tudo, um conhecedor desse mesmo sertão em que agiamos e onde trabalhara, muito tempo, na construcção da linha telegraphica, em epoca das maiores difficuldades.

Entretanto, cumpre assignalar que se illudem constantemente os observadores superficiaes, quanto ás qualidades praticas do nosso pessoal de trabalho. Podemos affirmar orgulhosamente que o nosso caboclo brasileiro é inexcedivel quanto devotado em trabalhos dessa natureza; afrontando todos os perigos do sertão com uma coragem estoica; mantendo espirito jovial, quando mesmo reduzidos á mais parca alimentação, como privados das commodidades mais essenciaes da vestimenta; resistindo com resignação a todas as intemperies; conformando-se facilmente com as mais penosas stiuações, desde que se ponha em jogo, com certa habilidade, o seu exagerado amôr proprio; finalmente, conservando sempre o espirito docil, tão proprio do seu temperamento affectivo.

Tenho muitas vezes testemunhado que esse estocismo não provem da inconsciencia do perigo: em determinada cachoeira de jusante dois homens descem em canôa, certos de que a travessia ahi é mais arriscada do que na outra de montante, onde acabava de morrer um companheiro, escapando difficilmente a nado o que agora de novo se promptificava a reproduzir esse verdadeiro desafio á morte!

— Naufragos do meu primeiro levantamento do rio Comineração, salvos por acaso, aguentando-se aos ramos da vegetação marginal, embora sem saber nadar, prevenidos de que ha um trecho mais perigoso a levantar, pedem-me que os conserve na turma, porque “não têm medo de morrer”!...

— Ao fim dos trabalhos diários, depois da marcha fatigante de quem carrega o que é seu, á chuva ou ao sol ardente, quasi todos os soldados e civis trabalhadores, varias vezes pedem licença para dançar, executando saltos e voltas extenuantes, durante horas, até que o toque de silencio vem pôr termo a essa espontanea sobrecarga á resistencia muscular, durante cuja execução se succedem as risadas e os ditos chistosos, só adaptaveis a quem se sente conscientemente feliz e despreoccupado...

— Alguns, que perdem os chapéus, lamentam mais o prejuizo material do que a privação em que ficou de furtar a cabeça aos raios solares ou defendel-a das chuvas continuadas.

— Em varias occasiões em que, por circumstancias alheias á vontade dos chefes, a alimentação é reduzida ao palmito e á caça problematica — caso de que conheceis innumerous exemplos — continuam os homens a obedecer e trabalhar, nas mesmas condições em que o faziam quando dispunhamos de todos os recursos.

— Emfim, multiplicam-se os exemplos que nos convencem da legitimidade de nossa apreciação pessoal, em relação ao typo genuinamente nacional do caboclo — e seria longo citar maior numero delles, como esmiuçar *detalhes* que tornariam mais longa e mais fastidiosa esta exposição.

— As marchas foram todas feitas a pé e á vontade, carregando cada homem o seu "sacco de mala" (sacco de anagem ou de algodão forte, dentro do qual conduzem os seus trens, o que não impedia que algumas praças o levassem ás costas, ás vezes, com um peso superior a 40 kilogrammas). — Dessa maneira commoda — á vontade — de effectuar as marchas, sem a delimitação do tempo e outras exigencias regulamentares, desde que não iamos á guerra, resultava, porém, a necessidade de estabelecer uma escolta da retaguarda", já referida accidentalmente

em outra parte deste relatório e cujas vantagens não é preciso encarecer.

— Em começo da marcha por terra, as obrigações eram menores, pois que, se reduziam a marchar e acampar diariamente, constituindo o maior sacrificio o transporte das cargas que os nossos muares iam deixando pelo caminho, quando afrouxavam. Posteriormente, a partir de Juruena, como já foi dito, accresceu a estas incumbencias, a reconstrucção das pontes e estivados do caminho, produzindo-se tambem, em consequencia da propria natureza do nosso serviço, a impontualidade das refeições, visto que a turma de concertos da estrada se recolhia ao acampamento a horas variaveis, em funcção das difficuldades encontradas nestes trabalhos. Isto sobrecarregava ainda o pessoal empregado na cozinha dos acampamentos.

* * *

Fazendo o calculo das rações, chegaríamos aos seguintes quantitativos:

Farinha	0,4
Feijão	0,2
Assucar	0,03
Arroz	0,14
Sal	0,009
Café	0,03

evidentemente inferiores á tabella C que adoptáramos para a Expedição, como se vê do *supplemento n.º 40*.

— Ao almoço, formava em duas fileiras todo o pessoal e á proporção que cada homem sahia de fórmula para receber, na barraca da cozinha, a sua ração, recebia tambem das mãos de um dos empregados no rancho, um caneco de agua fria e a indefectivel capsula de 50 centigrammas de quinino inglês, que era ingerido alli mesmo.

Ao rigor com que fiscalizavamos esta pratica prophylactica, attribuo a ausencia dos casos de paludismo, durante toda a travessia até Manáos, quanto ao contingente.

Em contraposição, o pessoal tropeiro, que recebia o quinino para tomar fóra das nossas vistas, apresentou varios casos dessa molestia, que sempre consegui combater com doses elevadas de uma a duas grammas de quinino, diariamente.

Depois que cheguei a Manáos e apesar de multiplas recommendações, para que proseguissem no uso do quinino, durante mais 30 dias, entregando eu para isso o numero de capsulas necessario, a falta dessa fiscalização directa fez-se logo sentir, pois que, todo o pessoal, já então distribuido pelos corpos da guarnição, foi accometido de paludismo, baixando alguns ao hospital.

— Para attender ás necessidades da lavagem de roupa que cada praça fazia para si, aproveitava-se qualquer intervallo de tempo em dia de sol, sem prejuizo do trabalho, o que sempre foi possivel fazer, permitindo-se para isso a troca de serviço entre o pessoal escalado para cada turma.

TRECHOS DO MEU DIARIO

Conforme o regimen adoptado em serviços da Comissão Rondon, organizei um diario da Expedição Roosevelt, desde a partida do Rio de Janeiro até o dia do regresso. Ahí lançava, dia por dia, a marcha da Expedição, annotando os factos que se iam passando. Seria fastidioso transcrevel-o integralmente, pelo que me limito a reproduzir aqui pequenos trechos, onde me pareceu haver qualquer coisa de interessante para o leitor.

25-12-1913. — O tenente Reis que se tem distinguido como perito organizador de “menus”, dos quaes parece tão habil conhecedor como o é da photographia e da cine-

matographia a seu cargo, saltou em terra quando o navio atracou pelas 2 h. pm. (para arranjar capim destinado aos carneiros que o Coronel Rondon leva para uma das estações telegraphicas do sertão) e trouxe ramadas de arvores com que enfeitou a sala de refeições do navio, em homenagem ao dia de Natal, distribuindo varios cartões com dizeres em inglês e em francês, como em português.

27-12-1913. — Às 9,15 h. am. entrámos a barra do rio Cuyabá.

Ao almoço, o commandante Heitor saudou o Coronel Rondon lembrando que era hoje o dia do casamento de uma filha do Coronel e fazendo votos pela sua felicidade, sendo corroborado no brinde pelo Snr. Coronel Roosevelt, em termos muito affectuosos, aos quaes o Coronel Rondon agradeceu, dizendo que lhe falavam muito ao coração aquellas palavras.

Dia 1.º-1-1914. — Aos bons dias de hoje accresceram os cumprimentos de boas entradas do Anno Novo, apresentados entre nós em quatro linguas: portugüesa, franceza, inglêsa e allemã. Às 6 horas sahiram para uma caçada de onça, Roosevelt e Rondon, Kermit, o commandante da policia de Matto-Grosso, o dr. João da Costa Marques, o tenente Rogaciano Ferreira Mendes e alguns caboclos. Os demais membros da expedição conservaram-se comigo a bordo do paquetinho. Ouvimos a principio o latido dos cães; depois os rumores da caçada não chegaram mais aos nossos ouvidos, o que indicava que muito afastados deviam estar já os caçadores. Chegou e passou a hora do almoço e os que ficaram, deshabituaados como estavam do regimen já muito meu conhecido do *jejum forçado*, cercaram-me para indagar se teriamos de esperar o regresso do chefe para comcr. Em vão tentei convencel-os de que deviamos esperar, porquanto o chefe assim como os demais companheiros de caçada, alem de estarem tambem sem almoço, caminhavam estafantemente ao sol,

ao passo que nós estávamos mui commodamente á sombra, espreguiçados... Como insistissem, depois do meio dia, não se tratando de pessoas a mim subordinadas, pois que entre elles figurava tambem a equipagem de bordo, tentei — sem resultado — um recurso de ordem moral, declarando-lhes que eu esperaria o regresso de Roosevelt e de Rondon, mas que podiam todos os demais, se assim preferissem, almoçar á vontade. Minutos depois retiniam talheres sobre pratos, espoucavam as garrafas de cerveja *frappé*, abstando-me eu entretanto caprichosamente de tomar parte na refeição.

Só ás 17 horas Roosevelt, Rondon e o tenente Rogaciano surgiram á margem do rio, suarentos, castigados por um dia de calor perfeitamente tropical, enlameados e sujos, em consequencia da travessia dos pantanos. Roosevelt estreou brilhantemente nessa prova de resistencia e, durante a perseguição á onça, recusara systematicamente, por duas vezes, que Rondon carregasse sua espingarda, quando chegaram os momentos de atravessar a nado as *corixas*! As duas onças descobertas pelos cães, *acuaram* varias vezes, mas de cada vez fugiam mais para o interior, ao presentirem a aproximação dos caçadores. Pelo adeantado da hora, receando Rondon que Roosevelt, deshabituaado ao clima, pudesse adoecer, se persistisse, principalmente porque a soalheira era medonha, resolveu regressar ao paquetinho, abandonando a caçada. Kermit, porem, continuou a açular os cães, que já tinham um palmo de lingua de fóra, e só retrocedeu quando estes se negaram a attendel-o.

O commandante da policia e o dr. Costa Marques, esgotados de cansaço e sob a pressão da fome, *deram o prego* no pantanal — como lá diz a giria do cabocio — e atiraram-se ao solo, sob a sombra de uma arvore, voltando ao navio depois que lhes mandámos levar *combustivel para as machinas*...

As 18^h30^m chegaram afinal Kermit, o commandante e o dr. Costa Marques.

Que me perdoem a immodestia, se algum dia fôr publicado este meu diario... mas quero assignalar aqui o curioso *epilogo* deste dia, referindo um factio que bem caracteriza... a fraqueza humana! Logo que Rondon chegou, respondendo eu a uma sua pergunta, declarei que aguardara a sua volta e a de Roosevelt para almoçar e... jantar, o que elle achou muito natural e, suppondo que todos me houvessem acompanhado, agradeceu-lhes a "solidariedade de bons companheiros, no sacrificio da fome" etc. Ninguem declarou que almoçara e todos acceitaram o elogio, repetido, sem provocar confissões, á hora em que nos sentámos para jantar. Calei-me, tambem, evitando queimar-lhes a *fita*, mas vingo-me agora no meu diario!..

2-1-1914. — Hoje o cinematographista Fiala teve uma syncope, sendo soccorrido pelos Drs. Cajazeira e Soledade, tendo-o acudido no primeiro momento o Coronel Roosevelt, que lhe despejou alcool pela cabeça; com fricções feitas pelos medicos, o Sr. Fiala — aliás um amavel companheiro - - voltou a si, depois de tomar tambem café e uma injecção de cafeina. Este incidente veio pôr em evidencia a differença de sensibilidade de um brasileiro e de um americano do Norte, porque, enquanto o Coronel Rondon e os medicos e outros brasileiros se acercavam do doente, apenas o Coronel Roosevelt lhe derramou o liquido e Kermit perguntou-lhe, ao elle abrir os olhos, o que sentia, indo os americanos continuar suas funcções de leitura e escripta, a 2 metros proximo, com uma indifferença que nos surprehendeu, ao passo que nós, os brasileiros, cercavamos o doente do conforto moral que estamos acostumados a dispensar aos nossos companheiros de expedição.

4-1-1914. — O Coronel Rondon desde ontem deu ordem para tocar-se revista de recolher ás 8^h da noite,

silencio ás 8^h30^m pm. e alvorada ás 5^h da manhã, porque esses toques de corneta regulamentarmente feitos (ás 9^h e 10^h da noite e 4^h da madrugada) perturbavam o somno do Snr. Roosevelt, que acordava com elles e não podia dormir mais, ou custava a reconciliar o somno. Foi o seu secretario Harper que nos communicou o desgredo que estavamos causando ao nosso hospede e a solução foi prompta. Conversando o Coronel Roosevelt disse que terminantemente está revolvido a fazer a exploração do rio da Duvida, porque isto será a ultima coisa que elle poderá fazer, visto considerar-se já um homem velho.

10-1-1914. — Ás 6^h30^m am. partiram os mesmos caçadores de ontem em canôas, para atravessar o rio, passando a nado os animaes em que vão montar na outra margem do rio Sepotuba. A tardinha fui dar uma volta pelo mato, afim de matar passaros que servissem á collecção zoologica de nossa expedição; emquanto eu estava fóra, chegaram os caçadores que hoje nada mataram. Ás 5^h30^m estava eu de volta e fui vêr o Coronel Rondon e Roosevelt que estão muito mordidos pelos *maribondos* "*apiacás*". Os *maribondos* *apiacás* são conhecidos pela ferocidade com que aggridem a todos os animaes que lhes passam perto, bastando para provocar a sua ira, promover qualquer trepidação no galho em que constroem a sua casa. Roosevelt perdeu hoje um pouco a *linha*, com a historia dos *maribondos*, que travaram com elle relações nada... diplomaticas. Lá no seu intimo talvez elle os tenha chamado *maribondos japoneses!*... Houve um momento em que me lembrei que fazia hoje 34 anos.

12-1-1914. — Ás 6^h20^m sahiram para caçar, o Coronel Rondon e Kermit, acompanhados do indio Pareci (Antonio) e até ás 7^h30^m da noite não havendo regressado e mostrando-se o Coronel Roosevelt preocupado, organizou-se uma expedição rapida para subir o rio no barco-automovel, tomando parte nella o Lyra, Fiala e Sigg. Su-

bindo o Sepotuba irão até ao lugar denominado "Palmital" onde se informarão do que ha. Às 8^h30^m pm. chegaram o Coronel Rondon e Kermit, quando acabavamos de tomar sopa; suspendemos o jantar para ir recebê-los, á beira do rio, e demos uma serie de 20 tiros de carabina para chamar o Lyra e o Fiala, mas elles por não ouvirem mais, irão tomar a "caceteação" de voltar cá pela madrugada. A lancha que nos conduzirá para Tapirapoan chegou tambem ás 8^h35^m pm. e está atracada junto á enorme figueira que a natureza plantou aqui como um grande marco divisorio entre a terra e o rio, o que não impede entretanto este ultimo de invadir constantemente as terras limitrophes... Talvez partamos (3.^a-feira) amanhã.

13-1-1914. — Às 3^h am. chegou o Lyra do Palmital. Às 11^h am., sem almoço, embarcámos na lancha e na chata afim de marchar sobre Tapirapoan. Às 11^h e 15^m partimos como "sardinhas em tigella". Quasi phantastico este transporte pelo Sepotuba acima: Vai-se como "bagagem" nos intersticios que ficam entre os volumes da carga; a cozinha está reduzida a uma pequena area de 6 metros quadrados, por muito favor, concedida á popa da chata, mas dispõe de um fogão "aperfeiçoado" o mais moderno que foi construido até esta data, porque foi feito na occasião do embarque e consiste em um caixão cheio de terra, com duas forquilhas espetadas em cada extremidade, e sobre as quaes um páu serve de "chapa invertida" pois que delle pendem as panellas... Atracando ao costado da lancha, a chata, o Coronel Rondon mandou tocar avançar e todo o systema se moveu rio acima, conduzindo em seu bojo quasi toda a Expedição Roosevelt-Rondon.

* * *

20-1-1914. — Foi transferida a partida do Coronel Roosevelt para amanhã porque a tropa de bois se atrazou

muito e não ha possibilidade de permanecerem juntas no Salto, (primeiro pouso a 4 leguas daqui) duas tropas assim grandes, a de bois, com 54 cargueiros e a de burros com 56, por não haver pasto sufficiente. Cedo o Coronel Roosevelt teve uma conferencia commigo e disse que o seu desejo era fazer o que fosse mais agradavel ao Coronel Rondon, a mim e ao tenente Lyra, assim como ao Dr. Lauro Müller e ao Governo Brasileiro, mas que queria que houvesse toda a franqueza com elle e o prevenissem, com antecedencia, de tudo, como por exemplo da transferencia da partida de hoje para amanhã, o que só hoje lhe fôra communicado. Durante a conversa, passeavamos, e um dos nossos cães o "Cartucho", atravessou-se na frente, recebendo de S. Ex. um ponta-pé para deixar-lhe o caminho livre. E o ponta-pé veio aqui para o meu diario, sem commentario... Defendi o meu chefe em todos os pontos, como devia e como está de accordo com a minha consciencia, explicando a Roosevelt que só hoje mesmo é que fôra possivel prevenil-o, pois que no sertão nem sempre se pôde prever...

OS INDIOS

CONSIDERAÇÕES

Nunca será demasia insistirmos no ponto de vista geral em que se collocara brilhantemente o espirito altamente equilibrado do grande brasileiro José Bonifacio de Andrada e Silva, ao encarar o problema indigena, reivindicando para a raça primitiva dos selvicolas, os direitos que lhes assistem como primeiros povoadores do nosso vasto solo. Os positivistas retiraram da penumbra, em que a Historia deixara occulto, o bello pensamento do estadista para quem *os selvicolas eram os mais legitimos donos do territorio patrio*. Ao clarão dessa idéa humanitaria e justa, fundou-se na Republica o Serviço de Protecção aos Indios, para a defesa da raça indigena, contra as violencias com que os civilizados bastas vezes a hostilizavam, perseguindo-a até á bala, como quem faz caçada ás feras, e para o amparo material a que tem direito incontestavel, no nobre escopo de aproximal-a gradativamente da civilização.

Como documentação historica interessante, julguei util transcrever neste capitulo os quatro protestos publicados pela imprensa de S. Paulo e do Rio de Janeiro, em 1908 e 1909, a proposito da infeliz idéa suggerida pelo Snr. Ihering, quando director do Museu Paulista, para que fossem exterminados os indios Kaingangs, como unico recurso para a colonização das terras em que habitam. É justo assinalar que, posteriormente á pacificação dessa

tribu, realizada pelo proprio Rondon com extraordinario successo, o Snr. Ihering deu as mãos á palmatoria, recebendo a visita de alguns desses selvícolas, que lhe foram apresentados pelo então Inspector de Indios em S. Paulo, Snr. Luis Horta Barbosa.

São os seguintes os protestos a que me refiro:

I

PROTESTO DA CONGREGAÇÃO DO MUSEU NACIONAL

O SNR. IHERING E OS INDIGENAS

“A Congregação do Museu Nacional sente-se obrigada a levantar um protesto formal contra os conceitos expendidos pelo director do Museu de S. Paulo, a proposito dos indigenas do Brasil, em artigo inserto no setimo volume da revista daquelle estabelecimento, o que faz com a repulsa que lhe desperta a idéa que nelle se suggere de votar-se ao exterminio milhares de seres humanos, filhos genuinos deste paiz.

Não se detem a congregação em formular objecções a oppôr á controversia de principios e doutrina que lhe não parecem acórdes com a verdade scientifica, porque a quaesquer lacunas que lhe coubesse apontar sobreleva o dever humanitario de exprimir a sua condemnação contra o desvario com que se procura sancionar una crueldade que de ha muito se exerce contra os indigenas brasileiros e leval-a ao extremo de um morticínio impiedoso, praticado em nome da lei e dos interesses nacionaes. Aquelles que acolheram com brandura, calmos e confiantes, os primitivos colonizadores, que os encontraram na posse incontestavel de vasto territorio, jamais mereceram, desde 1535, dos que se presumiam cultos e por ventura uma raça supe-

rior, senão a ambição do interesse sordido de os dominar á força e escravizal-os, invocando uma civilização que, por sua inclemencia, lhes devia parecer inferior á do regimen secular em que se mantinham.

A geração actual tem a responsabilidade da mesma culpa, pelos amplos favores da lei, que só procura amparar o immigrante e olvidar o misero indigena, em geral intelligente e industrioso, com grande capacidade para o trabalho, quando lhes cabe uma direcção completa e desvelada.

Agora que o director de um estabelecimento scientifico nacional, servindo-se do prestigio que representa, procura acoroçar taes violencias, por dilatar os dominios da civilização, cumpre á congregação do Museu Nacional firmar o presente protesto, certa, entretanto, de que os poderes publicos não permittirão a victoria dessa idea criminosa."

O protesto foi redigido pelo Sr. Sergio de Carvalho.

II

PROTESTO DO "SÃO PAULO" SUBSCREVENDO UM ARTIGO DO SNR. GAMA E ROSA, PUBLICADO NA "FOLHA DO DIA"

OS INDIGENAS BRASILEIROS

Alludindo ao protesto da Congregação do Museu Nacional, que publicámos hontem, contra a barbara e criminosa theoria do Snr. Ihering, aconselhando o exterminio dos pobres indigenas que ainda povoam os nossos sertões, encontramos na "Folha do Dia", as considerações que em seguida reproduzimos. E' tão extranhavel o procedimento do Director do nosso Museu, inserindo taes idéas numa publicação official brasileira, que toda a im-

prensa devia também lavar o seu protesto contra semelhante ousadia.

E' verdadeiramente inacreditavel que se ouse aconselhar, no Brasil, em beneficio da civilização, o extermínio de populações indigenas, occupando ainda varios territorios em quasi todos os Estados — quando cerca da terça parte da população nacional manifesta, por caracteres ethnicos evidentes, a incorporação, em larga escala, dessa pujantissima raça, a nossa grande nacionalidade.

A Congregação do Museu Nacional protestando contra opiniões publicadas pelo director do Museu de S. Paulo, interpretou fielmente o sentimento brasileiro, as doutrinas modernas sobre anthropologia e os dictames inviolaveis da moral e da civilização.

O governo independente de S. Paulo, sob cuja responsabilidade foram exhibidas taes theorias, com sanção, aliás no codigo penal, carece dizer alguma cousa, a respeito, pelo velho e autorizado orgam, — "Correio Paulistano" — de modo, porém, mais claro e terminante, do que no assumpto dos japonêses, evitando cuidadosamente o ponto primordial, senão unico, das questões internacionaes futuras...

Em presença do que se ha observado, em nosso paiz, a respeito de selvícolas, durante quatro seculos, deante do grande movimento da raça amarella, evoluindo, em cincoenta annos, a egualar as populações europeas, jamais poderão ser postas em duvida as aptidões, para o progresso, de raças não evoluidas, mas submettidas a processos efficazes de cultura e civilização.

São notavelmente embrutecidos e ferozes por incursões e perseguições experimentadas, os bugres nomades de diversas regiões do Brasil, como Rio-Grande, Santa-Catharina e Paraná.

Entretanto, tivemos oportunidade de observar na cidade de Joinville, meninos e meninas, dessa origem, capturados por colonos e por estes tratados com carinho, em suas casas, falando perfeitamente o allemão, espertos, inteligentes, gentis, sem differença alguma dos demais menores de raça germanica.

Cerca de dois annos de convívio civilizado, haviam realizado tão extraordinaria transformação.

A proposito de selvagens de Matto-Grosso, trazidos ultimamente á Expedição, por padres salesianos, procuramos, nesta secção, expôr a necessidade e a urgencia de, officialmente, ser continuado o serviço de catechese que, em dilatado passado, tão grandiosos resultados outorgaram ao Brasil, desde os tempos apostolicos de Anchieta e Nobrega, até as missões dos capuchinhos, durante o segundo imperio.

Desejariamos, porém, ver esses assumptos de catechese actual, tratados mais vastamente, em grande numero de pontos simultaneos, com persistencia e abundancia de meios, de modo a attingir resultados avultados e positivos.

Calcula-se em muito mais de um milhão, os indigenas ainda existentes em quasi todos os Estados brasileiros, principalmente em Matto-Grosso, Goyaz e Amazonas.

A nação que, muito justamente, não limita sacrificios, no assumpto primordial do povoamento do territorio, precisa resgatar da barbaria a consideravel multidão desses nossos irmãos e compatriotas, visando não só motivos utilitarios, pela incorporação de taes elementos preciosos á communitade nacional como ainda, justissima reparação moral a seculares perseguições e espantosas expoliações do maravilhoso e colossal territorio, constituindo actualmente a nossa patria commum”.

III

PROTESTO DO SNR. HORTA BARBOSA

EM DEFESA DOS INDIGENAS BRASILEIROS

Carta aberta ao Snr. Dr. Silvio de Almeida

Ao nobre protesto que levantastes no vosso artigo "Divagações" inserto no "Estado de S. Paulo" de hoje, contra a atrós teoria do Sr. Dr. H. Ihering, que na "Revista do Museu Paulista", volume VII, pag. 215, prêga a necessidade de esterminação dos nossos selvícolas, venho trazer os meus calorozos aplauzos e as expressões da minha mais franca adefeão.

Ao vósso patriótico protêsto junto o meu, — não porque me mova a vaidade de pensar que o que parte de mim póssa aumentar alguma couza o valor de vóssas palavras, mas, sómente porque não devo reprimir a indignação que subléva os meus sentimentos de Brasileiro e de hómem contra o escandalo de um scientista official vir na térra de José Bonifacio afirmar que os "actuais indios do Estado de S. Paulo não representando um elemento de trabalho e de progrêso. . . e sendo impecilho para a colonização das regiões que habitão, parece que não ha outro meio, de que se póssa lançar mão, sinão o SEU ESTERMINIO!"

Contra ésta inqualificável e bárbara teoria de um scientista estranho aos nossos sentimentos e aos nossos melhores preconceitos, dévem se levantar enérgica e pressurózamente os patriótas brasileiros, receósos de que, pela desordenada vezania, com que alguns estão sempre promptos para aplaudir e adotar os procêssos dos chamados POVOS CULTOS, não se venha a alterar o caráter da nóssa nacionalidade e perdêrem-se as tradições que nos

forão legadas por aqueles que legitimamente reprezêntão a alma da pátria brasileira.

Além do mais, prezado concidadão, é falso que se NÃO PODE ESPERAR TRABALHO SÉRIO E CONTINUADO DOS INDIOS CIVILIZADOS”.

Couto de Magalhães, na 7.^a conferencia para o tricentenário de Anchieta, pag. 21, diz — o Brasileiro (isto é o INDIGENA) é, em geral, SUPERIOR — para as artes mecanicas e bēlas, para tudo que denominamos officios, para as artes militares de tērra ou de mar.

Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia), na sua excelente monographia: “Os Indigenas do Brasil perante a historia”, com que combateu vantajozamente as idéas retrógradas do Visconde de Porto Seguro no tocante aos nōssos fetixistas, afirma: — “Em geral os nōssos indios sã dotados de grande instinto de observação e de imitação; com facilidade aprēndem todas as artes; sã muito afeiçoados e tēndem sempre a ligar-se conosco: e sem a perseguição a ferro e fogo que os afugenta dos centros civilizados, estariã lógo todos fundidos na nōssa população”.

E falando do módo de catequizá-los, acrescenta: — Si eles não nos dēssem lógo muitos braços á lavoura, e á nōssa marinha darião seus filhos, já sujeitos ás nōssas leis falando a nōssa lingua; e nós cumpririãmos assim um dever que nos impõe a religião, a moral, a civilização e o patriotismo...” Mas os espiritos dominados pelas idéas egoisticas do tempo, estão mais do que nunca voltados a emprezas de pronto lucro e achão mais facil e proveitōzo mandar vir colonos de refugo da Európa, ao tirá-los, ao menos uma porção, dos nōssos bósques”.

No Estado de Matto-Grosso os parecis constitúem o fôrte da população de trabalhadores. — Esses mesmos indios borōros de que tanto se tem ocupado actualmente o jornalismo da capital, attribuindo a sua mansidão á cate-

quização dos padres Salezianos, forão os melhóres e dedicados aussiliares da comissão que sob a chefia do Sr. major Candido M. da S. Rondon, construiu a rede telegraphica daquele Estado. Demais, para destruir completamente a asserção do Sr. Dr. Ihering bastaria lembrar o ezemplo do Paraguai — a mais americana de todas as nações do continente colombiano.

Ao materialismo sem idéas e sem entranhas do teorista do Muzeu Paulista contrapõem-se os nóbres e levantados ideais e sentimentos dos nóssos milhóres e mais esclarecidos compatriótas.

Ainda este ano, reproduzindo em opúsculo um artigo publicado na secção ineditorial do “Jornal do Commercio”, de 7 de Dezembro de 1907, o Sr. R. Teixeira Mendes, chama — “mais uma vês a atenção do publico e do Governo para os iniludiveis PRINCIPIOS DE JUSTIÇA que dévem prezidir as nóssas relações com os indígenas”. — E depois de mostrar que — “devemos primeiro estabelecer no Ocidente a concordia scientifico-industrial, para depois podermos transmiti-la aos demais povos, acrescenta:

“Si, porem, nada se póde fazer hoje pela catequêze sistemática dos selvágens, muito e muito se deve fazer para protegê-los contra a barbaria dos chamados civilizados, e para proporcionar lhes os beneficios da civilização scientifico-industrial, isto é, os beneficios da sciencia e da industria.

Nesse intuito, o que cumpre, antes de tudo, é dissipar, **ENTRE OS CIVILIZADOS**, os orgulhosos e crueis preconceitos que levão a desconhecer os crimes dos nossos antepassados e dos nossos contemporaneos em relação a éssas ingênuas tribus. Urge, segundo os ditames da moral e da razão, ver nos povos selvágens **NAÇÕES INDEPENDENTES**, que dévem ser tratadas com as atenções com que tratamos os **POVOS MAIS FORTES**. Bastão as guérras e as revoluções modernas; basta a

monstruosa organização militar das nações que se têm na conta de civilizadas, basta esse humilhante espetáculo de ferocidade, para que não nos seja licito olhar desdenhosamente para a civilização fetixista. A nossa sciencia e a nossa industria parecem ou devem parecer a éssas cabil-das primitivas como só servindo para requintar a nossa capacidade destruidora...

“Perante os Brasileiros, as tribus selvágens devem, pois, constituir NAÇÕES LIVRES, cujos territorios cumpre-nos escrupulosamente respeitar e cuja AMIZADE devemos procurar com LEALDADE. Tratando-as assim, obteremos délas o preciozo concurso que nos podem dar e, ao mesmo tempo, lhes proporcionaremos todo o bem que a nossa anarquia nos permite fazer-lhes”.

Agora ouçámos o Patriarca da nossa independencia politica :

“A facilidade de os domesticar era tão conhecida pelos missionarios, que o padre Nobrega, segundo refere Vieira, dizia por experiencia que, com muzica e harmonia de vozes, se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Os jesuitas conhecerão que com presentes, promessas e razões claras e sans, espendidas por homens praticos na sua lingua, podião fazer dos índios barbaros o que eles quizessem”... “Com efeito, o homem primitivo nem é bom, nem é máu, naturalmente”... “Si Catão nascera entre os satrapas da Persia, morreria ignorado entre a multidão de vis escravos. Newton, si nascera entre os guaranys, seria um bipede que pezara sobre a superficie da térra; mas um guarany criado por Newton talvez occupasse o seu lugar”...

Não obstante isto, crê ainda hoje uma parte dos Portuguezes que o indio só tem figura humana, sem ser capás de perfeitibilidade. Eu sei que é difficil adquirir a sua confiança e amor”... “E HAVEMOS DE DESCULPAL-OS, porque, a pretexto de os fazermos cristãos,

LHES TEMOS FEITO E FAZEMOS MUITAS INJUSTIÇAS E CRUELDADES. Faz horror refletir na rápida despovoação destes miseráveis depois que chegamos ao Brasil”...

“Os meios, porem, de que se deve lançar mão para a pronta e successiva civilização dos indios e que a experiencia e a razão me têm ensinado, eu os vou propôr aos representantes da nação, e são os seguintes:

“1.º — JUSTIÇA, não esbulhando mais os indios, pela força, das terras que ainda lhes restão e de que são legitimos senhores”...

2.º — BRANDURA, CONSTANCIA e SOFFRIMENTO DA NOSSA PARTE, que nos cumpre como UZURPADORES e cristãos”...

Comentando esta e outras passagens da obra de José Bonifacio, diz o Sr. Teixeira Mendes:

“Estas palavras de José Bonifacio dissiparão sempre qualquer duvida acerca da conducta que os Brasileiros devem observar em relação aos indigenas do Brasil. O desprezo de tais conselhos seria atualmente uma verdadeira monstruosidade, pois que os ensinamentos de Augusto Comte vieram dar-lhes a inabalavel consistencia das demonstracções scientificas”.

Que se comparem estes ensinamentos de homens que só buscarão a sciencia com o fim de obterem as luzes necessarias para melhor cederem aos impulsos do altruismo no sentido de conhecer, amar e servir a Humanidade, com o que apregôa o scientismo malthuziano, darwinista, etc., sempre solícito em servir e adular sem escrupulos a todos os desmandos da força bruta, a todas as oppressões dos prepotentes contra os fracos, a todos os desvairados apprehendimentos do industrialismo!

Oxalá o presente exemplo fosse capás de chamar a atenção de muitos dos nossos concidadãos, ricos de coração, mas ainda iludidos e ofuscados pelo prestigio que o nome

aliás usurpado de SCIENCIA, empresta a essas tantas outras aberrações do academicismo hodierno, para as soluções dadas pela Religião da Humanidade a todas as questões que agitam as sociedades modernas, soluções sempre baseadas na san razão e na moral”.

E é esse o unico meio de evitar o fatal dilema do scientismo, ou desmoralizarmo-nos, instruindo-nos, ou conservarmo-nos ignorantes para sermos moralizados. Só a Religião da Humanidade é que nos pode ensinar a AGIR POR AFFEIÇÃO, E PENSAR PARA AGIR.

Queira, prezado concidadão, aceitar os protestos de minha estima e consideração.

Do vosso menor servo na Humanidade. — (a)
L. B. HORTA BARBOSA.

Rua Andrade Neves 12 — Campinas, 6 de Descartes de 120 (12 de Outubro de 1908)“.

IV

PROTESTO DO GENERAL RONDON

(Copia de telegramma)

Ao Snr. Dr. João Baptista de Lacerda, D. Director do Museu Nacional do Rio de Janeiro:

Aos vossos patrioticos protestos, da corporação do Museu Nacional, do Dr. Sylvio de Almeida e de Luiz Bueno Horta Barbosa, venho juntar os meus, com toda a força de indignação da minha alma, contra a extravagante, deshumana e falsa opinião do Director do Museu de S. Paulo, a respeito da existencia dos indios daquelle Estado e de sua capacidade como elemento de trabalho e de progresso, pregando abertamente o assassinio atrevido de milhares dos nossos mais legitimos patricios, com a es-

candalosa injustiça de tomar-lhes as poucas terras que ainda lhes sobram, sob o usurpador pretexto de colonização das suas terras, onde implantaria industrias e maior perigo nos causariam, pela dissolução de nossos habitos nacionaes, do que a conservação dos nossos selvagens dentro das suas terras virgens e puras. Do meio deste sertão immenso, só povoado por Parecis, Cabixis, Tapanhunhas, Bakairis, Cajabis e Nhambiquaras; do centro do noroestê brasileiro, onde se refugiaram os legitimos filhos da patria de José Bonifacio, de Tiradentes e de Benjamin Constant, afim de se furtarem ao captivo e ao exterminio dos Ihering de todos os tempos, eu venho, Sr. Director, demonstrar que os indios, quaesquer que elles sejam, são susceptiveis, como o mais delicado occidental, de amor e de bondade, para não falar da sua intelligencia tão comumente conhecida desde os tempos coloniaes, como attestarão a vida e as obras dos mais eminentes Brasileiros que em todos os ramos da actividade humana deram exuberantes provas de sua capacidade e intelligencia, pois nós não somos puramente descendentes só de Europeus nem de Africanos! Dizia-se que os Nhambiquaras eram anthropophagos e incapazes de qualquer mansidão; pois bem, esta Commissão aqui se acha hoje sem nenhum receio delles, apesar destes indios terem vehementemente protestado com sobeja razão, contra a nossa invasão.

Bastou, entretanto, a nossa demonstração de amizade e de bondade, para que elles suspendessem as hostilidades que sempre mantiveram contra os deshumanos seringueiros, que vão queimando as suas aldeias e assassinando traiçoeiramente os legitimos donos das terras, para roubar-lhes o socego e a conservação das suas mais legitimas tradições.

Os Parecis e os Cabixis se acham em torno de nós, prestando os melhores e os mais importantes serviços que,

de modo nenhum obteremos de elementos estrangeiros. Como elles, procederam anteriormente os valentes Borôros.

Todos teem capacidade bastante para as artes quaesquer e para a industria, como provam os seus trabalhos rudimentares de toda sorte, para assimilar as sciencias desde que a elles facilitemos uma educação esmerada; não são elles nem mais barbaros nem mais deshumanos do que os que, proclamando-se civilizados, não trepidam em pregar o exterminio de uma raça inteira, a pretexto de progresso e de civilização.

E' a eterna luta do feroz egoismo contra as nossas aspirações de altruismo!

Interpretando fielmente os sentimentos dos Brasileiros que habitam esta banda do Brasil, denominada Matto-Grosso, proclamo bem alto que nós não concordaremos jamais com semelhante atrocidade, ainda mesmo que tivéssemos para isso de morrer esmagados pela massa inteira dos interessados, pelo modernismo dissolvente do seculo.

Acceitae, Sr. Director, os protestos de consideração do vosso concidadão todo vosso no serviço da Familia, da Patria e da Humanidade. (a) CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, Tenente Coronel de Engenharia".

(Publicado no "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, em 11 de Fevereiro de 1909).

* * *

TRECHOS DUM DISCURSO DO DEPUTADO DR. JOSE' BONIFACIO

Em 1915, ao ser discutido na Camara dos Deputados o orçamento do Ministerio da Agricultura para o exercício de 1916, o Sr. deputado José Bonifacio de Andrada e Silva, em um bello discurso entrecortado de applausos de varios collegas seus da Camara, expendeu idéas dignas

316 Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães

de registo neste capitulo e que muito honram o illustre descendente de tão nobre jerarchia. Aqui transcrevo, pois, o final desse discurso:

O Sr. José Bonifacio — “Embora apologista do impulso que deve ser dado ao povoamento pela introdução do immigrante para fixal-o no sólo, em nucleos coloniaes, tenho muito em vista a consideração de que sendo o indigena já fixado, em numero apreciavel, merece maior protecção do que a que se lhe tem dado, devendo ser destinadas ao serviço verbas sufficientes ao seu custeio e ao seu desenvolvimento. (Applausos)

Sr. Presidente, pleiteio sinceramente em favor da causa dos indigenas...

O Sr. Alberto Maranhão — Uma causa que muito honra a V. Ex.

O Sr. José Bonifacio — ...e ella se impõe sob esses tres pontos de vista, humanitario, nacional, e economico.

Partidario da colonização estrangeira e do problema nacional, do indio e do trabalhador patricio, desejo para ambos o carinho e a attenção do Congresso, collocando agora em primeira linha a questão indigena.

O Sr. Fausto Ferraz — V. Ex. é nesta Casa uma tradição do velho propagandista José Bonifacio.

O Sr. José Bonifacio — Vou concluir, Sr. Presidente, e fal-o-ei lembrando que *esta causa merece o mesmo vigor, a mesma energia patriotica, o mesmo santo enthusiasmo com que os propagandistas da Abolição e da Republica prégavam os seus alevantados e nobres ideaes, até seu completo e definitivo triumpho.* (Muito bem; apoiados).

Senhores, de quantas preocupações possamos ter na hora presente, de quantas causas estejam a reclamar a nossa attenção e desvelo, nenhuma seguramente é mais alta, mais nobre, mais brilhante...

O Sr. Floriano de Brito — Mais justa.

O Sr. José Bonifacio — ... mais sympathica, mais fulgente e mais santa do que a causa da redempção dos

índios, os nossos irmãos das selvas; ella se impõe aos esforços unidos e cohesos de todos os brasileiros, sem distincção de classes militares e civis, religiosos e leigos, afim de que, sob a direcção superior e clarividente do Governo, possamos, dentro em breve, entoar o hymno glorioso que festeja a incorporação definitiva do índio brasileiro no convívio de nossa civilização. (Muito bem).

Sr. Presidente, acolhendo o appello (1) patriótico do intemerato republicano Coronel Rondon, com as sympathias que merece esta grande causa, e com o apreço que lhe é devido, estou certo de que elle terá o apoio de todos os compatriotas, Governadores de Estados, presidentes de Municipalidades, Congressos Legislativos, de quantos exerçam neste paiz parcella de autoridade, das classes commerciaes, industriaes e agricolas, de todas as consciencias presas pelo sentimento de solidariedade humana, e assim, Sr. Presidente, o triumpho ha de seguir, a victoria ha de ser obtida, fulgurante, esplendorosa, sob as bençãos do grande Deus que vela pelos destinos do Brasil. Muito bem; muito bem. O orador é calorosamente cumprimentado”.

RAPIDAS NOTAS SOBRE OS SELVICOLAS DE MATTO-GROSSO

Parecis, Salumás e Iranxes, Nhambiquaras, Kepikiri-uats, Pauatês ou Parnauátas e outros grupos Tupys, Urumis, Arikêmes, Barbados, Barôros, Kaingangs (Guaranys), Cayuás, Terenas (Guaycurús). Guatós, Chavantes, Javahés e Gaviões, Apiacás, Ca-

(1) Appello pró-selvicolas, dirigido ao Congresso Nacional em 31 de Julho de 1915.

ritianas, Caripunas. Índios não identificados do rio do Sangue.

COSTUMES COMMUNS A TODAS AS TRIBUS

Nestas rapidas notas, diremos alguma coisa sobre os costumes das tribus indigenas ainda existentes no Estado de Matto-Grosso e que tiveram contacto com as commissões chefiadas pelo emerito sertanista. O testemunho insuspeito do General Rondon, corrige em varios pontos affirmativas erroneas, vulgarizadas por alguns escriptores estrangeiros que publicaram trabalhos sobre o assumpto.

E julgamol-as de grande interesse para a Historia do Brasil, na parte justamente em que reivindicam para os nossos irmãos da floresta attributos honrosos, destruindo ao mesmo tempo injustiças de que jamais poderiam defender-se, se os não fosse surprehender em pleno sertão esse dedicado amigo dos indios, pisando-lhes o proprio solo em que desenvolvem sua vida habitual e visitando-os em suas proprias e rusticas habitações, perdidas na immensidade do nosso *FARWEST*.

* * *

A *Anthropophagia*. Uma observação geral, meticolosamente estudada por toda a parte em que foram assignaladas todas essas tribus, e que devem figurar em primeiro plano, consiste justamente em affirmar que nenhum vestigio existe de praticarem a anthropophagia. Sempre que o General Rondon pesquisou taes vestigios não os encontrou, nem mesmo rebuscando os monturos de ossos, onde habitualmente os indios lançavam os restos de alimento de que usavam; nenhum osso humano foi ahí descoberto, qualquer que fosse a tribu em questão.

E' habito dos indios darem por anthropophagas outras tribus, quasi sempre inimigas ou de que parecem ter

conhecimento através da tradição oral de seus maiores. Toda a vez que o General Rondon se internava mais no sertão, a ultima tribu encontrada, por gestos ou por palavras já aprendidas na convivencia com o pessoal de suas commissões, fazia-lhe observar que para deante existiam indios que *comiam gente* e, pois, que o General deveria abster-se de proseguir, se não quizesse ser victima de uma carnificina. . . Mas no devassar de novas florestas e de outros chapadões, a ameaça, nascida embora de sincera convicção, nunca se objectivou e a perspectiva tetrica passava á ordem das coisas lendarias.

* * *

A monogamia constitue tambem principio geral respeitado pelos selvicolas; a *polygamia* só se manifesta na pessoa dos caciques, em consequencia do costume, tido como legitimo, de se apossarem das esposas de outros caciques vencidos na luta.

Mas ainda neste caso, nota-se que os indios têm uma preocupação de ordem elevada que consiste em obter, pela cruz de sangue novo e de presunida estirpe nobre, gente mais forte e mais bella, para melhorar a raça.

Neste sentido e com tal objectivo o General Rondon teve conhecimento de guerras movidas muitas vezes entre dois grupos da mesma tribu, provocadas pelo desejo de arrebetar ao chefe adversario uma esposa considerada como typo de belleza e perfeição.

* * *

Os ataques dos indios. Tambem interessante e altamente desvanecedora para o feitio moral do nosso indio é a serie de factos testemunhados e verificados pelo General Rondon e que o levam á conclusão peremptoria de

que, em 90% dos casos, os ataques levados pelos indios aos centros civilizados, ou a grupos e habitações de gente civilizada, têm como origem uma aggressão anterior de outros civilizados, quer pelas armas, quer pela attitude des-humana de os enganar, raptando-lhes os filhos, ou de qualquer forma demonstrarem antipathia ou animadversão contra os selvícolas.

Ao indio afigura-se muito naturalmente a hypothese de que qualquer civilizado pertence a uma mesma e grande *nação estrangeira*, onde, consequentemente, cada um de seus membros é solidario com o procedimento de outros; o que justifica plenamente a sua reacção, dada a ignorancia em que vivem do mundo exterior.

Em 10%, se tanto, dos casos restantes, predominam:

1.º — A defesa espontanea e essencialmente ligada á natureza humana, contra a invasão do solo a que nós civilizados chamamos a nossa Patria.

2.º — A naturalissima ambição de se apoderarem de artefactos e quaesquer objectos que reconhecem preciosos para seu uso e que seu estado de atrazo e ignorancia os torna incapazes de produzir, como, por exemplo, os objectos cortantes, ou perfurantes, de ferro e aço: facas, facões, foices, machados; as missangas etc.

Ora, em qualquer destes dois casos, é mister reconhecer que o indio não se apresenta em nada inferior ao homem civilizado; ao contrario, este age consciente de que procede mal, porque não desconhece a existencia das leis que punem os seus delictos de roubo, assassinio, etc., constantemente em face de toda a organização repressiva da sociedade, com os seus tribunaes, juizes, policia, cadeia, etc. Ao passo que no estado primitivo da sociedade indigena, a presumpção *legal* é que o roubo ou a extorsão do mais forte, constitue para o selvícola um direito legitimo!

Figurai-vos ainda, para bem julgar da attitude dos indios no 1.º caso, a sua situação deante de um grupo de gente para elles totalmente desconhecida e que, com objectivos que elles não podem comprehender quer se trate do lançamento de uma linha telegraphica, quer se trate de exploração de riquezas mineraes ou vegetaes, quando percebem que esse grupo avança em direcção aos logares onde têm as suas tabas. A interpretação mais razoavel para elles, em face de outras gentes cuja lingua não entendem, resume-se na conclusão logica de que se trata de inimigos que pretendem guerreal-os e tomar-lhes o seu solo, a sua habitação e quiçá tornal-os prisioneiros e escravos o resto da vida.

Haverá quem medite sobre esta luta de sentimentos e que deixe de reconhecer como legitima e humana a reacção do indio?

* * *

A hospitalidade... Em regra, todas as tribus acolhem com fidalga hospitalidade o estrangeiro que dá provas cabaes de ser amigo dos indios e de não lhes fazer mal.

Dentre innumeros episodios, refere o General Rondon o facto expressivo de sua primeira visita a uma tribu Nhambiquara, em cuja taba os indios insistiram para que pernoitasse, mostrando-lhe o cacique os ranchos que no momento mandara construir para abrigar o General e sua comitiva!

Neste particular convem recordar que muito civilizado tem praticado traições hediondas contra selvicolas e disto temos exemplos citados no livro "A Missão Rondon", onde foram condensados os artigos publicados no "Jornal do Commercio", desta Capital, e resultantes de longas entrevistas de um reporter com o General Rondon a proposito dos seus serviços em Matto-Grosso. Para citar dois casos caracteristicos, lembramos aqui: 1.º — a cilada de

que foram victimas muitos indios na collectoria do rio S. Manoel, para onde o perverso collecter os attrahiu, offerecendo-lhes aguardente, para em seguida cercar a casa e os matar a tiros; 2.º — o envenenamento de bebidas e comidas offerecidas aos indios, que assim eram eliminados em grande numero e de cujo factor resultou o habito generalizado de insistirem os indios para que os proprios civilizados provem em primeiro lugar qualquer coisa que lhes offereçam.

Em algumas tribus, no caso inverso, observa-se ainda que os indios, quando offerecem uma bebida ao civilizado, provam-na primeiro a sua vista, para o certificarem de que não contem veneno!

* * *

O idioma. Os indios do Estado de Matto-Grosso, salvo excepções que ainda restam averiguar, falam idiomas aparentemente differentes, mas que constituem, fundamentalmente, uma só familia linguistica.

Os estudos a que se procedem na Commissão Rondon e dos quaes está actualmetne encarregado o Dr. João Barbosa de Faria, evidenciam, com effeito, que a lingua-gem da grande nação Borôro é, etymologica e grammaticalmente, ramo da chamada Lingua Geral e que os Apiacás falam uma especie de dialecto desta mesma lingua geral.

Onde cessa o dominio dos indios Borôros, começa a patria dos Parecis — vasta e populosa até o fim do seculo XVII — indios cujo idioma é genuinamente tupy-guarany.

Insulado entre os Borôros e Parecis constituiu-se a tribu dos Barbados, falando um idioma que participa tanto do vocabulario Borôro quanto do Pareci.

A partir do rio Juruena, demora o vastissimo imperio dos Nhambiquaras. Inimigos irreconciliaveis dos Parecis, o idioma, entretanto, que elles falam, com a mais barbara

das dicções é a propria lingua suave e cantante em que os Parecis urdiam as poeticas lendas, os seus imaginosos poemas, descantando as suas tradições e os seus antepassados.

* * *

A alimentação. Todos os indios fazem as suas roças de milho, mandioca, feijões, etc. de que se alimentam, alem do peixe e da caça. Em geral comem todos os animaes até a propria cobra e utilizam-se de quasi todas as larvas como alimento. Mesmo os Nhambiquaras, os mais atrasados de quantos foram encontrados no sertão, apesar de usarem ainda os machados de pedra para derrubar as arvores e tirar o mel de abelhas de que se aproveitam tambem em larga escala, fazem roças de milho, mandioca e amendoim. Deste milho indigena a Comissão Rondon trouxe a esta Capital multiplos e bellissimos exemplares de cores variadas e caracteristicos especiacs, como do amendoim, de tamanho extraordinario, para a Exposição do Milho de 1918. (Vide a revista illustrada "Fon-Fon" que se publica no Rio de Janeiro, numero de 31 de Agosto de 1918).

* * *

População Indigena. Calculo do General Rondon para a população selvicola do Brasil, suppõe a existencia de mais de um milhão de individuos; a população selvicola de Matto-Grosso é calculada em mais de 30.000 almas, não obstante a dizimação de muitas tribus em contacto com os civilizados, dos quaes adquirem molestias que lhes eram desconhecidas como a syphilis e habitos condemnaveis como o abuso de bebidas alcoolicas, aliás usadas pelo indio em menor escala e apenas em determinados festejos, e ainda assim, mais fracas em gráu alcoolico.

BORÓROS

Os Borôros constituem uma grande nação indígena de costumes muito radicaes e que, apesar do contacto dos civilizados com algumas das suas tribus, conservam invariavelmente os seus habitos originaes, mantendo notaveis tradições seculares. E' a mais importante das que estiveram em contacto com a Commissão Rondon, não só pelo seu numero, como pelas revelações surgidas dos estudos feitos na linguagem de que usam.

Individualmente o Borôro é o typo mais forte dos indios que habitam Matto-Grosso; sua robustez é proporcional á estatura muito elevada de sua raça, onde são communs os individuos de 1^m,90 de altura.

A proposito de seus costumes, annexamos a estas notas a noticia publicada na revista "Brasil Actual", de 12 de Fevereiro e de 28 de Abril de 1920, e redigida por mim:

"Os Borôros prestaram seu concurso para a construção das linhas telegraphicas do Sul do Estado. Durante longo periodo, no qual a difficuldade de recursos pecuniarios e de pessoal para o contingente militar, ameaçava a suspensão dos trabalhos, o General Rondon obteve turmas diarias de 100 a 150 Borôros para os serviços mais penosos através de pantanaes. No decorrer do dia, quando o sol attingia á altura maxima, os Borôros procuravam esconder-se na mata, para se defenderem do calor exhaustivo. Conta-se então que só o General obtinha delles o trabalho nessas horas de sol quente, fazendo-os rir e retomar o serviço, falando-lhes em Borôro, em termos que os alegravam e convenciam.

O Borôro é um indio alto e corpulento e constitue uma tribu muito original nos seus costumes. A titulo de curiosidade aqui transcrevemos um trecho do relatorio do

tenente Luiz Thomaz Reis a proposito dos films cinematographicos que a Commissão obteve dessa tribu.

“Ha entre elles praticas innocentes e outras verdadeiramente horribes; ora, em cinematographia, uma arte que, como todas as outras, passa por tantas modalidades, quanto mais de perto tem que acompanhar as inclinações e gostos do publico, o que é horrivel é que agrada; tanto mais barbara é uma scena tanto melhor para tonificar os nervos gastos das nossas plateias, avidas do sensacional.

Assim o facto que apreciei de um cadaver de mulher, que, enterrada perto do *Bahyto*, era desenterrada todas as manhãs para ser molhada, e no oitavo dia levada para uma lagôa distante, onde a descarnavam quatro indios, até que os ossos, depois de lavados, ficassem bem brancos, era um quadro de arripiar os cabellos; não tomei por muitas razões e a mais forte é que elles fazem tudo isto antes da luz do dia, conforme a vontade do *Boppe* (divindade). Só talvez o Coronel Rondon, poderia transferir a hora dessa cerimonia: nós nada obtivemos.

Quando morreu essa mulher todas as parentas vieram junto á defunta que estava inteiramente untada de Nonôgo (urucum), e sobre ella deixaram correr o sangue que jorrava de centenas de talhos e arranhões, feitos sobre si mesmas, com umas conchas afiadas. Emquanto essas mulheres se maltratavam deste modo, a defunta jazia sob um banho de sangue, que lhe era offerecido, como ultima homenagem, por suas amigas; ao redor o bacorôro especial do funeral, sustentado por todos os Pajmejêras; estes, untados de encarnado e agitando os “bapos” compassadamente, *trovejavam*, pode-se dizer, comparando bem, pelo ruido de seus passos pesados, o rithmo guttural de seu canto e a zoada dos chocalhos, nessa hora sacudidos com toda a impetuosidade. O pó asphyxiava, as mulheres bradavam as boas qualidades da defunta, outras se cortavam, em prantos; sangue e lagri-

mas se misturavam, o solo estremecia sob os pés dos chefes, coroados com o "Parico", que dava áquelles vultos vermelhos e suarentos, de rostos contrahidos pela febre dessas danças, a impressão infernal e assustadora de uma visão apocalyptica.

Como quadro de sensação este seria primoroso; lamentavelmente, sendo tudo isto praticado dentro de uma choupana, muito escura, e o *film* necessitando para a sua bôa impressão de uma certa velocidade instantanea (ao menos de 1/30 de segundo) era absolutamente impossivel poder obtel-o naquellas condições, a menos que se devesse descobrir o alojamento; contra isto se oppoz o chefe Manetore, que era o dono da cerimonia, por pertencer a moça defunta á divisão differente da sua, conforme a lei borôro; elle dizia que isto desagradaria á familia da morta e elle, sendo o encarregado dos funeraes, não queria motivos de censura.

Entretanto, se outro tivesse sido o encarregado da colonia, parece-me que se faria um accordo e eu teria completado o serviço á satisfacção.

Assim pude somente tomar os quadros ao ar livre, mas não se diga que a vista destes nos fará conhecer a vida e costumes dos indios "Coroados", porque muito mais interessantes e bonitos são os quadros do interior de suas casas. Quando se puder completar este *film* com os assumptos que faltam, então elle sobrepujará outro qualquer, e para isto dependerá somente dos bons officios do Chefe da Commissão, unico talvez que poderá obter delles todas as facilidades".

Ainda a proposito dos Borôros, ha os seguintes e interessantes topicos, escolhidos na mesma fonte:

"Parabaradogue" — é a festa que eu chamarei *das taquaras*; todos empunham páos de taquara rachados na extremidade e os agitam em conjunto, formando em circulo, ao redor da sepultura. "Cuiadde" (milho), é a festa a que denominei *dos arcos*, onde dois grupos, sus-

tentando arcos e flechas enfeitados, contramarcham em circulos; ha duas cerimoniaes: a do "Tuggodjirie" em que todos se abaixam e levantam, agitando as mãos para a frente; e a do "Chiuadje" que é representada por um delles, que se põe a rodar, descrevendo curvas differentes, ao redor dos outros. Na vespera do descarnamento do defunto os Borôros fazem a penultima festa, "Marido", para a qual preparam dois grandes amarrados de "Ké", synonymo de caheté, cortado em pequenos troços e enfeixados, formando uma roda de mais de um metro de diametro por trinta centimetros de profundidade. Com estes pesos colossaes sobre a cabeça, disputavam provas de danças e de saltos, sustentando uma dessas rodas, com os dois braços, ao alto. E' um jogo onde entra a força bruta mais que tudo. A ultima festa é o "Ahidje": todos pintados, de formas differentes, se dirigem para um mato proximo. Alli pintam de barro amarello os quatro indios que devem descarnar o defunto; pintam de preto, com manchas brancas, outros dois que devem afugentar o espirito máu. Aquelles representam a onça parda e estes a onça pintada.

Depois agitam no ar uma barra de madeira, presa por uma corta á extremidade de uma vara, produzindo um som parecido com o da *sirene*, agudo ou grave, conforme o instrumento é pequeno ou grande. A esta hora todas as mulheres devem estar bem occultas para não verem este spectaculo, que as condemnaria a morrer, se presenciassem. Ha uma infinidade de *detalhes* que só a sua descripção daria um longo volume; em geral são monotonas, por não as poder bem comprehender, todas essas cerimoniaes, tendo eu achado mais interessantes as danças e os bacorôros.

E' no Bahyto que tudo deve começar e acabar; ahi organizam os indios os seus programmas, expõem suas idéas e preparam os seus enfeites.

As noites do “Bahyto”, são, ainda mais ensombradas, com as perspectivas de imprevistos horrores e fantasmas de allucinantes scenas que, no silencio das trevas, cream os mysterios da tribu borôro.

Alta vai a noite, as puras noites de estio, em que o firmamento é profundo e constellado; lá dentro da mata a coruja, rebuscando podridões, pia na solidão, como que a imitar a lamentação e o pranto: é o unico ente que não dorme? — Não.

Do “Bahyto”, cuja massa escura se eleva do centro da aldeia borôro, a espaços, resoam rezas abafadas, coros cantados á surdina, nos quaes se percebem as vozes das “areddas” pelo rithmo das sopranos; dir-se-ia o canto das matinas num convento da idade média. São as noitadas de vigilia quando ha algum morto na aldeia — assistencia que dura muitos dias — até que os ossos deste sejam sepultados.

Em outras occasiões, porem, o “Bahyto” é silencio até altas horas da noite, depois que os chefes relatam aos partidos os acontecimentos do dia. Muitas dessas vezes em que a escuridão era absoluta, ouvi genidos entrecortados de soluços e supplicas, como de desesperadas victimas, que se debatiam, presas de vigorosos malfeitores. — Quem sabe o que havia pelos recantos inacessiveis do “Bahyto”?

Contaram-me coisas fantasticas sobre aquelle templo de mysterios; não dei credito, apesar de me parecer razoavel acceitar taes habitos, como proprios de um estado ainda mais atrazado do que o que caracteriza a vida actual dos Borôros e muito embora, entre os civilizados, existam ainda costumes barbaros, em algumas sociedades humanas, o que torna, pois, menos passivel ainda de reparo um costume dessa ordem, num meio semi-selvagem como o dos nossos aborigenes.”

NHAMBIQUARAS

Os índios Nhambiquaras se tornaram celebres na construção da linha telegraphica de Cuyabá ao Madeira.

Atacaram varias vezes o proprio Chefe da Commissão nos serviços de exploração que realizou, na zona do rio Juruena. Habitados ás perseguições dos seringueiros, a sua concepção quanto aos intuitos das turmas de exploração nivelava o pessoal da Commissão áquelles aventureiros. A' systematica abstenção de lhes responder pela violencia a suas aggressões e ao bello movimento de magnanimidade, que consistia justamente em accumular presentes (machados, facões, facas, missangas) no local em que se produziam taes ataques; deve-se a pacificação dos Nhambiquaras, que desconheciam o ferro, usavam ainda machados de pedra e deitavam-se directamente no solo, nús como andavam então, quando se deram os primeiros contactos da Commissão.

De uma feita, ao acaso feliz de ter a flecha acertado na bandoleira de couro, a tiracollo, á altura do coração, deve talvez a vida o General Rondon; ferido no thórax foram a seu turno o actual capitão de engenharia Nicoláu Bueno Horta Barbosa — o mais assiduo e dedicado auxiliar do General Rondon — e o actual 1.º tenente Tito de Barros, aquelle gravemente. (Ref. edição 1921).

No emtanto, dois annos depois de continuos ataques, os índios Nhambiquaras deixaram-se photographar e offereciam-se espontaneamente para ajudar o pessoal da Commissão no transporte de cargas. Hoje são amigos leaes e se ainda alguma vez, esporadicamente, surge uma hostilidade, esta é de natureza igual ás que estamos habituados a assistir nos meios civilizados, quando não correspondem, como na maioria dos casos, a represalias contra atitudes provocadas ou inconvenientes, da parte dos proprios civilizados.

O que ha de mais importante sobre a existencia, costumes e lingua dos Nhambiquaras, foi obtido em primeira mão pela Comissão Rondon e consta de varias de suas publicações officiaes, assim como dos livros: "Missão Rondon", a que já me tenho referido, e "Rondonia" do Dr. Roquette Pinto, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

PARECIS, SALUMAS E IRANCHES

A proposito dos Parecis, ver o capitulo correspondente da "Missão Rondon", pags. 260 a 265 e onde o leitor que se interesse pelo assumpto encontrará informações curiosas.

OS KEPÍKIRI-UATS

Este é o nome dos indios indicados pelos Nhambiquaras.

O Tenente Amarante, que os descobriu e amansou e, em seguida, o General Rondon, que os visitou, nada viram entre elles de suspeito senão uma clavicula humana, preparada de modo a servir de flauta. O instrumento pertencia a um chefe que o offereceu ao General, informando-o da procedencia daquelle osso: era dum guerreiro Coaiá, morto em combate. Evidentemente esse facto por si só não constitue indicio de pratica da anthropophagia. (*)

(*) Em uma das suas conferencias realizadas posteriormente, em dezembro de 1915, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, o professor Dr. Roquette Pinto, encarregado da secção de Anthropologia d'aquelle estabelecimento, affirmou ter o exame minucioso dessa flauta revelado que o osso de que foi fabricada não é absolutamente um osso humano. Note-se que essas conferencias faziam

Os Kepikiri-uats constituem um povo bastante numeroso, que se distribue por muitos grupos, todos localizados no valle do rio Pimenta Bueno, a que dão o nome — Djaruêrebe. O General Rondon visitou as suas aldeias e esteve nos grupos denominados Charamein, Uapurutá, Bicop-uat e Barepit.

Constróem palhoças conicas, como as dos Nhambiquaras, mas differentes destas por fazerem terminar a extremidade saliente da columna central em ponta e não em forquilha.

E' provavel que tenham tido tambem relações com os quilombolas do Guaporé, e principalmente com os do Guaritizé; entre elles, porém, não se encontram vestigios de cruzamento com negros.

Quanto ás armas de que usam, pouco differem das dos Nhambiquaras. Além do arco e da flecha, servem-se nos combates de cacetes curtos; os chefes nas occasiões de festas ou solennidades da tribu apresentam-se armados de clavas, especie de espadas de madeira. São insignias honorificas que nunca se empregam nas luctas; os Pa-recis e os Nhambiquaras têm o mesmo uso.

As suas roças são muito maiores do que as dos Nhambiquaras, e as suas colheitas dão-lhes recursos muito mais abundantes de que as daquelles indios.

Além dos feijões, mandiocas, milhos e outros vegetaes conhecidos dos Nhambiquaras, cultivam uma especie de amendoim graúdo, differente do nosso, e possuem grandes plantações de mamão e de bananas. Estas duas plantas, só as podem ter obtido dos civilizados, mas por emquanto não se sabe como, nem de onde as houveram.

parte de uma série de seis conferencias dedicadas ao Sr. General Rondon pela Congregação do Museu, como homenagem e em signal de agradecimento pela abundancia e excellencia do material de Historia Natural que esse digno militar tem offerecido ao dito estabelecimento.

Guardam os productos das suas lavouras em grandes paiões, e as menores porções dentro das suas habitações, em girãos expressamente construidos para tal fim.

As caças e os peixes representam na sua economia o mesmo papel que na de todos os outros selvícolas; nas pescarias, como os Nhambiquaras, fazem uso do timbó.

Preparam os alimentos com muito mais aceio e cuidado do que os seus inimigos.

Apreciam, tanto como elles, os beijús de mandioca e mais ainda os de milho, que aquelles não sabem fazer; mas para os assar collocam-n'os sobre um prato plano, tendo o cuidado de se servirem dum instrumento de pedra em todas as suas operações. Os beijús, depois de torrados, são servidos em bandejas de trançado de cipó ou de taboca.

A sua ceramica está bastante adiantada. Além de panellas de varios tamanhos, fabricam potes que parecem tinas, nos quaes preparam bebidas fermentadas, de amendoim e de milho.

Cultivam o algodão e com elle fazem varios tecidos, a começar pelas rêdes de malha em que dormem. Entre estas, ha uma muito comprida, na qual dormem duas pessoas, accomodadas em todo o seu comprimento, ficando as respectivas cabeças dos lados dos punhos de suspensão e os pés justapostos.

Não usam roupa de especie alguma, mas em compensação os seus ornatos são muito variados e vistosos. Os atilhos que amarram nos braços, nas pernas e na cintura; as faixas que põem na cabeça e no pescoço, levam enfeites de arminho de penas de grandes gaviões, de araras, de tucaos, e outras de côres brilhantes.

Nos collares empregam os dentes de diversos animaes e certos côcos pequenos, aperfeiçoados e brunidos com o auxilio de pedras, até ficarem com a casca muito fina e leve. Os enfeites applicados nos labios são geral-

mente de resina vegetal e terminam em ponta de espinho de ouriço.

Para reduzir o milho a fubá e para mistéres analogos a esse, usam dum processo inteiramente diverso do geralmente conhecido no Brasil. O pilão é o mesmo, *a mão*, porém, pesadissima e terminada num grande bloco sem quinás; não se emprega para socar, mas sim para moer. O blóco representa o papel da mó, que nos moinhos se chama galga; o pilão representa o papel do pouso. A galga acha-se ligada a uma haste que, na posição de repouso, fica em vertical, para cima. Duas indias seguram na haste, afastam-n'a da vertical e imprimem-lhe um movimento de rotação tal que ella descreva, aproximadamente, um cone de revolução tendo para eixo a posição de repouso. O blóco ou galga, que se acha pousado sobre os grãos a triturar, arrastado por esse movimento da haste, executa no interior do pilão um movimento como de libração, sufficiente para o effeito desejado.

Mais original ainda é o processo inventado por estes indios para se utilizarem do fumo. Não o usam em cigarros ou em cachimbos, nem para mascar; utilizam-se delle pelas narinas, sob a fórmula de rapé. Até ahí, nada ha que admirar, nem que aprender, mas, se tivermos paciencia, vejamos como se deve proceder para se tomar uma pitada á moda Kepikiri-uat.

Para isso são necessarias tres cousas: a primeira, todos o adivinham, é o rapé; a segunda é um canudo longo, de perto dum metro; e a terceira, um parceiro, ajudante ou ministro do interessante ceremonial. Carregado o canudo com o pó de tabaco, assentam-se, um diante do outro, os dois indios, á distancia que fôr determinada pelo comprimento do tubo. O dono da pitada introduz numa das ventas a extremidade que lhe toca do alongado aparelho; e o seu ajudante, pela outra extremidade, com a bocca, começa a soprar de leve, delicadamente. O pó

arrastado pela suave corrente de ar assim produzida, passa do tubo para a narina do principal actor desta solenne pitada. Elle, porém, não se deixa ficar inactivo enquanto o outro sopra; mas, acompanhando a operação, aspira fortemente o rapé que lhe vai chegando, fazendo-o penetrar até os ultimos reconcavos da bemaventurada caverna.

Qualquer que seja a opinião que se deseje formar deste processo (e será prudente experimental-o, porque não é possível *estimar a arte sem a conhecer*), uma cousa ficará, sem duvida, bem firmada: é que os Kepikiri-uats conseguiram provar que o celebre aphorismo — *Nihil novi sub sole* — nem sempre exprime a realidade das cousas.

Como se vê, nos usos, na industria e na lavoura dos Kepikiri-uats ha mais homogeneidade e mais harmonia do que nos costumes, na lavoura e na industria dos Nhambiquaras. O gráu de civilização a que elles chegaram é innegavelmente mais elevado do que o dos seus vizinhos de Leste, e certamente a esta maior elevação de habitos da vida exterior, corresponderá algum avantajamento na ordem moral e intellectual. Portanto, se os Nhambiquaras não são anthropophagos, como se poderia admitir que os Kepikiri-uats o fossem? Por necessidade do seu culto religioso ainda por nós desconhecido?

Mas, se existisse semelhante pratica religiosa, o natural seria que a ella se referissem os Kepikiri-uats com respeito ou com temor supersticiosos; nunca, porém, como o fizeram, demonstrando repellil-a e achando-a tão odiosa que a allegaram a titulo de accusação contra os Coaiás, aos quaes procuravam representar como sendo um povo barbaro e intratavel.

Como quer que seja, Rondon, por ter visto com elles aquella flauta de osso humano, acha prudente reservar o seu pronunciamento definitivo e categorico sobre esta

questão para o momento em que dispuzer de conhecimentos mais profundos da vida, dos hábitos e das instituições kepikiri-uats.

TRIBUS DO GY-PARANÁ

Ao occidente destes indios, encontrou Rondon duas nações, ambas muito adiantadas e facilmente accessíveis á nossa civilização. A primeira occupa o curso superior do Gy-Paraná; a segunda vive muito mais para baixo, no valle do Taruman, affluente da margem daquelle rio. De ambas nos limitaremos a referir aqui os traços verdadeiramente característicos, distinctos dos que já foram mencionados ao tratarmos das nações anteriores.

A tribu que habita o curso superior do Gy é de origem tupy. Rondon conseguiu entabolar relações com ella e visitou as aldeias de tres dos seus grupos: os Parna-uats, Taquateps e Ipôtuats.

São inimigos dos Kepikiri-uats, aos quaes guerreiam; e quando os apanham, cortam-lhes a cabeça.

Constroem ranchos com cobertura de duas aguas, tendo cumieira e seis esteios, mas sem paredes. As suas aldeias são relativamente grandes; cada qual conta mais de 50 habitantes. Os homens vestem uns calções que fazem lembrar aquelles a que nos referimos, alludindo aos trajes nacionaes dos Parecis; as mulheres usam tangas, tecidas de algodão. Além disso, uns e outros deixam crescer os cabellos, raspando-os um pouco na frente, de geito a darem a apparencia de possuir testas elevadas e amplas. As mulheres trazem-n'os amarrados ao alto da cabeça, mas não repuxados, antes cahindo com arte, sobre a nuca.

Com o algodão, fazem tambem as rêdes em que dormem e umas faixas que as mulheres passam dum hom-

bro para o flanco opposto, e lhes servem para carregar as crianças.

Usam, como os demais indigenas, muitos collares de côco, sementes, dentes e unhas de animaes, e enfeites de pennas vistosas; mas os seus artefactos deste genero são mais variados, mais artisticos e mais bem acabados do que os dos Kepikiri-uats e os de todos os indios da mesma região. O que, porém, constitue uma novidade desta nação é o habito, que nella se encontra, de serem as aves de que se tiram as pennas para os ornatos conservadas vivas nas aldeias. Para tal fim possuem, além das araras, jacamins, mutuns e pavões silvestres que, juntamente com porcos do mato, cotias, antas etc., vivem domesticados nas malocas, alguns outros passaros — como certo gavião grande, dotado de chifre e conhecido no sertão pelo nome de guanú — presos em gaiolas e ahi cuidadosamente alimentados.

A sua ceramica apresenta igualmente uma novidade, se atendermos ao emprego em geral dado pelos selvicolas aos objectos de barro. De facto, não se limitam estes indios a fabricar panellas de varios tamanhos, vasos para fermentar bebidas, pótes para transportar agua e outros para a conservar no interior das casas, mas com o mesmo material fazem buzinas de diversos tamanhos, das quaes conseguem tirar sons parecidos com os que produzem as usadas pelos nossos caçadores. Com taes instrumentos transmittem signaes a distancias consideraveis, durante os combates e noutras occasiões, como quando desejam chamar, para se reunirem num ponto, individuos que se acham esparsos pela floresta, ou avisarem os moradores duma aldeia amiga de que se estão approximando, quanto ás pessoas que a vão visitar.

Além dos collares e dos ornatos de pennas, elles se enfeitam, pintando as faces, as mãos e os pés com urucum

e com o genipapo. Estes dois vegetaes são conhecidos e empregados para o mesmo fim, mas em desenhos diversos pelos Kepikiri-uats; os Nhambiquaras, porém, só conhecem o urucum.

Fazem plantações de milho, das muitas variedades nativas do Brasil, de mandioca, amendoim, algodão, bananas, mamão, etc., e também de pimenta, que muito apreciam e comem em grande quantidade.

Não cultivam o fumo e sentem por elle tal aversão que, se alguém se lhes apresenta de cigarro na bocca, lh'o arrebatam e o atiram para longe, num movimento brusco e imperativo.

Nas pescarias empregam os meios usualmente conhecidos dos nossos selvicolas, inclusive o jiqui e o timbó; mas, para facilitar a utilização deste vegetal nas aguas correntes, constróem represas, com cujo auxilio conseguem resultados análogos aos que obtêm quando operam em lagôas.

Enterram os seus mortos no interior dos mesmos ranchos em que habitam.

Para isso, fazem a sepultura por baixo da rêde que pertencia ao que vai ser enterrado; depois da cóva fechada, cobrem-n'a com muita cinza e põem-lhe ao lado, exteriormente, as armas, os enfeites de pennas e demais utensilios do morto. A rêde é deixada tal qual como estava, como se o antigo proprietario estivesse para a vir occupar dum momento para outro.

Durante os funeraes e em signal de luto, os parentes e amigos cortam os proprios cabellos.

Mas, o traço mais importante do gráu de civilização alcançado por estes indios, consiste no conhecimento que elles têm da navegação. Desde Diamantino até o Gy, não encontrou Rondon outra nação que soubesse, como esta, construir e utilizar embarcações para as suas travessias por agua. Os proprios Parecis, para transpor um

rio, nada mais fazem do que se auxiliar dum fluctuador de talos de burity, exactamente como os Nhambiquaras — ao passo que os habitantes do Gy-Paraná são peritos canoeiros e com as suas leves pirogas de casca de jatobá, de jequitibá e doutras madeiras, dominam o curso superior do seu rio e os respectivos affluentes.

Finalmente, diremos ainda, a respeito destes indios, que o General Rondon vio entre elles um menino, cuja idade devia regular por uns quinze annos, com os caracteristicos de ter resultado do cruzamento com a raça européa. Não se trata dum caso de albinismo, como o que foi observado pelo proprio Rondon nas aldeias kepikiri-uats, onde vive um individuo de nome Caramé, de pelle completamente branca, veias muito azues, feições feias, tendo as sobrelhas, as pestanas, os pellos das pernas e madeixas do cabello da cabeça, brancos.

Este, apesar de suportar bem a luz, é evidentemente um albino; na tribu tratavam-n'o mais como a um escravo do que como a um membro da familia.

O menino Parnauate, a que acima alludimos, com a sua tez clara, mas bem colorida, olhos castanhos, cabellos pretos e feições regulares, tem, ao contrario desse pobre Caramé, todos os signaes de ser mestiço de indio com branco. Rondon acha-se inclinado a suppôr que elle tenha nascido dalgum dos homens duma expedição de peruanos que, dizem, ha mais ou menos 15 annos, tendo subido o Gy, com o intuito de explorar os seus seringaes, nelle se perderam completamente, sem que até hoje chegasse noticia alguma do que lhes succedeu.

OS URUMIS

Estes indios constituem a segunda tribu do Gy-Paraná, a que nos referimos. Habitam o valle do Taruman.

São menos adiantados do que os anteriores: usam rédes, têm cerâmica bem desenvolvida e fazem grandes plantações das mesmas espécies vegetaes que os outros; mas não adoptam roupa nenhuma, nem mesmo para as mulheres.

Como traços característicos, diremos que entre elles as mulheres co-participam do uso que, no geral das nações selvícolas, é privativo dos homens, de furar o beijo superior e atravessar nelle um pequeno bastonete de madeira; que os homens usam enrolar as pernas com tiras de embira, apresentando-se assim como se tivessem polainas; e, finalmente, que trazem como enfeite um collar de palha de palmeira, tão grande e tão largo que mais propriamente mereceria o nome de pala ou gorjal.

Neste rio encontrou o General Rondon duas tribus, ambas já relacionadas com os civilizados, dos quaes adquirem roupas, ferramentas e outros artigos, em troca da borracha que extrahem das suas florestas.

Uma é dos primitivos habitantes da região e por isso o seu nome serve para designar o rio; a outra estabeleceu-se ali ha pouco tempo, vindo do Urupá, donde é originaria. Os costumes de ambas ainda não foram observados.

OS ARIKÊMES

Mais para o occidente, no rio Jamary, vivem os Arikêmes, que se distinguem pela sua indole pacifica. Desta nação não havia noticias: Rondon obteve as primeiras referencias a ella em 1909, por seringueiros que se tinham estabelecido no curso inferior daquelle rio. Em época anterior, haviam os Bolivianos invadido as suas florestas, obrigando-os a refugiar-se para as altas cabeceiras do conhecido affluente do Madeira. Aos Boli-

vianos succederam os Brasileiros que, embora menos des-humanos, continuavam a perseguil-os expellindo-os, com enorme mortandade das suas aldeias. Rondon aconselhou ao mais influente dos novos occupantes do Jamarý, Godofredo Arruda, que modificasse os processos até então usados, abandonando as barbaridades que se estavam praticando, para adoptar os meios brandos por elle empregados com tão bons resultados em todos os sertões, para captar a amizade dos indios. Felizmente, esses conselhos foram attendidos e, pondo-os em pratica, conseguiram os seringueiros, em 1911, os primeiros contactos pacificos com o povo Arikême.

Dotados de admiravel capacidade de assimilação, os Arikêmes em poucos mezes tinham aberto as suas aldeias a todos os nacionaes que os procuravam. Com rapidez incrível, elles aprenderam a nossa lingua, cujo uso se lhes tornou quasi familiar, mesmo ás mulheres, cousa que geralmente não se dá com as tribus brasileiras, como as dos Parecis, Cayuás, Terenas, Borôros, nas quaes só os homens consentem em manifestar conhecimento do português.

Tão grande sociabilidade foi, porém, funesta aos Arikêmes, porque as relações assim estabelecidas e que, infelizmente, não eram fiscalizadas e dirigidas por pessoa competente, que se preoccupasse com os problemas de ordem moral, tanto mais ameaçadores quanto maior era a necessidade da nação aos contactos com elementos extranhos — deram o resultado de fazer irromper entre elles epidemias atrozes, como a da syphilis e a do defluxo, que não tardaram a produzir formidavel mortandade.

Além disso, muitas crianças foram tiradas ás suas familias e levadas para as cidades, de sorte que, pouco tempo depois de entaboladas as primeiras relações paci-

ficas com os civilizados, já a tribo estava desorganizada e quasi totalmente desbaratada.

Foi nestas tristes condições que Rondon a encontrou em 1913, quando, dirigindo pessoalmente os trabalhos da construcção, voltou a operar no valle do Jamarý. Acudindo logo com o remedio necessario para debellação do mal já causado e adoptando medidas capazes de sustar a marcha assoladora da desorganização introduzida, por influencia de novos elementos, nos costumes e nas familias Arikêmes, Rondon construiu, nas proximidades da estação telegraphica, a que deu o nome dessa nação, uma aldeia, na qual installou a população sobrevivente, fazendo-a vir das suas malocas primitivas e reunindo os individuos que já andavam esparsos, inclusive duas crianças que tinham sido levadas para a Capital do Estado do Pará. Com taes providencias lucram os indios e tambem os serviços do telegrapho, que nesse ponto tiram das roças e dos trabalhos dos Arikêmes as mesmas vantagens que no trecho do Chapadão dos Parecis obtêm dos moradores das aldeias de Ponte de Pedra e de Utiarity. E como esta nação é muito accessivel á nossa civilização e aos nossos costumes, podemos esperar que, dentro de muito pouco tempo, ella mesma venha a fornecer os funcionarios e os trabalhadores necessarios á manutenção do trafego da linha, nas florestas do alto Jamarý.

Procurando realizar este objectivo, trouxe Rondon para o Rio de Janeiro, com pleno consentimento da respectiva familia, um menino Arikême, chamado Parriba Parakina Piuáca, que no Instituto Profissional S. José receberá a instrucção precisa para poder mais tarde ser o encarregado da estação do nome da sua tribo.

No emtanto, commetterá grave erro quem concluir do que acabámos de dizer, que estes indios já abandonaram os habitos da sua primitiva civilização. Ao contrario

disso, ainda se conservam fieis a essas antiguidades que caracterizam a sua vida de povo autonomo, no meio da intrincada floresta de nações selvagens que existiam no grande territorio do velho Pindorama.

E do que ainda hoje se vê entre elles, se póde inferir que haviam alcançado um gráu bastante elevado na escala das sociedades autochtones da America, porquanto, apesar das suas mulheres não usarem roupa alguma, sabem tecer o algodão, com o qual fazem rêdes para dormir, e possuem ceramica muitissimo desenvolvida, fabricando vasos de grande capacidade, maiores do que os dos Kepikiri-uats. Dos instrumentos de uso commum a todos os selvicolas brasileiros, mas a que elles deram um feitio novo, privativo da tribu, citaremos dois: um para ralar mandioca e outro para triturar milho.

Em geral os indios fabricam os seus ralos, cravando num pedaço de madeira molle espinhos de certos coqueiros, que os tenham bem resistentes. Os Arikêmes, porém, conseguem o mesmo resultado, mas com muito menos trabalho, servindo-se das raizes, eriçadas de pontas, da paxiubinha, especie de palmeira propria das matas virgens.

Para triturar grãos, abrem em toras de madeira, os cochos em que damos comida ou agua ao nosso gado. Arranjam uma lage bastante pesada, com a fórmula geral de meio disco. cujo diametro e espessura sejam pouco menores do que o comprimento e a largura daquellas excavação. Nesta collocam os grãos e assentada sobre elles, pelo diametro, com a linha curva para cima, a lage.

Uma india, com as duas mãos apoiadas sobre a parte superior daquella pedra, imprime-lhe um movimento de vai-vem, fazendo-a oscillar para um e outro lado do plano vertical determinado pelo eixo do cocho. Obtem-se assim o rolamento da superficie longitudinal da pedra sobre as sementes que, comprimidas contra as paredes do cocho, são moidas.

Depois dos Arikêmes, já no Madeira, encontrou o General Rondon os indios Caripunas, que, desde os tempos coloniaes, se acham em contacto com os civilizados.

Entre elles ha muitos caborés, bons trabalhadores, que, certamente, poderão mais tarde ser aproveitados nos serviços da conservação da linha telegraphica.

OS BARBADOS (1)

As nações indigenas até aqui enumeradas são as que se encontram percorrendo a linha tronco, desde Diamantino até o Madeira. Vimos, porém, que o então Coronel Rondon construiu tambem varios ramaes, entre os quaes figura o da Barra dos Bugres, cujo ponto inicial é a estação dos Parecis. No traçado deste ramal era obrigatoria a passagem através da mata da Poaia, na margem direito do alto Paraguay. Em tal travessia residia a dificuldade maxima da projectada construcção, porque ahi vivem os indios conhecidos pelo nome de Barbados, que, desde os tempos coloniaes, nunca cessaram de hostilizar a nossa gente, repellindo sempre com violencia todas as tentativas que do nosso lado se fizeram, para penetrar nas suas terras, quer fossemos á mão armada, quer com mostras de amizade e intenções pacificas.

Se alguma tribu existio que parecesse justificar a theoria antigamente apregoada de se classificarem as nações selvicolas em reductiveis e irreductiveis, devendo estas ser systematicamente perseguidas e exterminadas, certamente teria desaparecido a destes habitantes da mata da Poaia.

Tão mãos precedentes, porém, ainda não eram de molde a abalar a confiança do Coronel Rondon, na efficacia do processo e dos meios de que elle se tem servido,

(1) Ou Umotinas, segundo denominavam elles mesmos a sua tribu. Nota da ed. 1941,

sempre victoriosamente, para captar a amizade e as boas relações de todas as tribus indigenas, com as quaes se tem defrontado na sua gloriosa carreira de desbravador de sertões. Por isso, apenas resolvido que o telegrapho seria levado á Barra dos Bugres, o seu primeiro cuidado foi providenciar sobre a installação dum serviço methodico, destinado á pacificação daquelles indios; e as medidas que adoptou foram tão acertadas que, com poucos mezes de trabalho, estava conseguido, em 1913, o objectivo desejado.

Graças a este resultado, foi feita a construcção do ramal no anno seguinte, sem effusão duma só gotta de sangue nosso, nem dos selvicolas; e a sua conservação estará garantida nas mesmissimas condições, emquanto forem respeitadas e seguidas as praxes agora estabelecidas, para serem observadas nas relações entre a nossa gente e aquelle povo.

Com estes indios é necessario proceder-se ainda mais cautelosamente do que com quaesquer outros, porque nelles a descônfiança contra nós é quasi incuravel, taes os soffrimentos e os estragos que lhes causámos na guerra de exterminio que com elles tinhamos desde o inicio do seculo XVIII. Certamente, semelhante estado de animos irá desapparecendo com a continuação do commercio das boas relações agora existentes; por emquanto, porém, qualquer pequeno descuido poderá determinar nova ruptura da nascente amizade. Para se aquilatar do ponto a que chega a alludida descônfiança, basta saber que, até hoje, elles não consentiram que nenhum dos nossos fosse ás suas aldeias: visitam-nos em nossos acampamentos, onde recebem ferramentas e varios brindes; mas em caso nenhum se separam das suas armas.

Foi nessas condições que o Coronel Rondon vio e observou alguns grupos delles e poudo então verificar que

pertencem á grande nação dos Borôros, da qual existem, como já vimos, mais dois ramos, um no rio S. Lourenço e outro no das Garças. Notou, ainda mais, que entre elles ha individuos com apparencia de terem provindo do cruzamento da raça branca; tal cruzamento, porém, se existe, será muito longinquo, com certeza resultante dos primeiros contactos, talvez pacificos, que se deram entre elles e os Portuguezes e que teriam sido logo seguidos do rompimento guerreiro que durou até a intervenção de Rondon.

Para remover o perigo de se manifestar desde já algum movimento de invasão das matas da Poaia, o que certamente iria comprometter a obra da pacificação inda em estado tão melindroso como o que deixamos indicado, obteve Rondon do Governo de Matto-Grosso um acto publico, reservando para a tribu dos Barbados a propriedade das terras actualmente occupadas. Assim, é de esperar que elles não venham a ser, mais tarde, espoliados dos seus dominios e enxotados a ferro e fogo das suas florestas hereditarias. (*)

Provem o nome destes indios do uso que adoptam de collocar barbas postiças, quando entram em guerra, na supposição de que um tal adorno possa intimidar o adversario.

De tal forma estavam habituados a serem recebidos á bala pelos civilizados, que os primeiros indios que se afoitaram a vir ao encontro do pessoal encarregado pelo General de os pacificar, corriam em zig-zag para o posto de attracção, afim de difficultar a pontaria. Assim o explicaram, quando essa emoção se dissipou, aos abraços cordiaes com que foram recebidos.

(*) As informações de fls. 330 até aqui, foram transcriptas da "Missão Rondon", que soffreu, aliás, em varios topicos, a nossa collaboração, em 1915.

KAINGANGS

Estes indios são celebres porque haviam sido considerados como indomaveis, provocando uma proposta do ex-director do Museu de S. Paulo, Dr. Hermann von Ihering, para que fossem exterminados — conforme se depreheende das transcripções com que abri este capitulo — afim de permitir o povoamento do solo que occupavam, e porque elles atacavam as turmas de construcção da E. de Ferro Noroeste do Brasil.

A maior parte delles vive no Estado de S. Paulo. Foram pacificados pelos processos brandos que o General Rondon sempre applicou, com exito completo, a outras tribus, e pôde-se desde então proseguir a construcção daquella via-ferrea, sem lamentar nenhum ataque mais desses indios, hoje aldeados pelo Serviço de Protecção aos Indios.

São um grupo de indios Guaranys, da grande nação primitiva, ainda existente no Estado do Paraná, de onde proveio o interprete que auxiliou efficazmente e a apressou a pacificação dos grupos paulistas.

TERENAS

Descendem da grande nação primitiva dos Guaycurús, indios cavalleiros do Sul de Matto-Grosso e que combatiam á lança, montando animaes em pello. Os habitos de seus ascendentes manifestam-se na tendencia para a vida de campo, onde exercem sua actividade, como peões das fazendas de gado dessa região. A tribu está assim disseminada, á excepção apenas do grupo aldeado pelo Serviço de Protecção aos Indios.

Em minha presença desenrolou-se um curioso episodio a que assisti, quando acompanhava o General Rondon em serviço da Expedição Roosevelt,

Ao saberem os índios que o General passaria pela estação Heitor Legrue, para ali se transportaram em massa, homens, mulheres e crianças e aguardaram a chegada do trem da Noroeste. Ao avistarem o General soltaram diversos foguetes de uma bomba e invadiram em grande alarido o wagão em que elle viajava. Quando o General desceu do trem para abraçar os que não couberam no wagão, as mães traziam-lhe os filhos para que os beijasse e tinham depois o ar victorioso e radiante de quem consegue uma alta distincção.

A attitude jovial de todos, indicava claramente a veneration que lhes merece a pessoa de Rondon.

GUATÓS

Esta tribu está quasi extincta; della existem apenas alguns grupos pequenos errantes pelos valles do Paraguay e Cuyabá, alem de um aldeamento com casas regulares, do typo dos ranchos sertanejos, á margem destes ultimo rio. São os celebres índios canoeiros de que tratou Couto Magalhães. Roosevelt visitou este aldeamento e mostrou-se encantado com a limpeza dos terreiros, em torno das habitações, e com a longevidade de alguns macrobios que lá encontrou.

CHAVANTES

Quasi extinctos tambem actualmente, viviam em grande miseria quando foram encontrados no Sul de Matto-Grosso, pelo 1.º tenente Vicente Vasconcellos, que os aldeiou nas cabeceiras do Ivinhema, por conta do Serviço de Protecção aos Índios. O serviço, mais tarde, teve de os abandonar, por falta de verba orçamentaria, o que é

para lamentar, pois que aquelle official informa tratar-se de uma tribu docil e pacifica.

CAYABIS OU CAJABIS E BACAHIRIS

As ultimas noticias que temos dos Cajabis ou Cayabis e dos Bacahiris, foram dadas pelo então Tenente Antonio Pyrineus de Sousa e correspondem á expedição chefiada por este emerito sertanista, em começo de 1916, para refazer o levantamento do rio S. Manuel ou das Tres Barras, depois denominado "TELLES PIRES".

Citaremos em primeiro lugar os Cayabis, embora não lhes caiba a primazia na ordem chronologica do encontro, pois que, só depois de montada a foz do rio Verde, afluente da margem esquerda do Telles Pires, foi que se viu a primeira aldeia destes indios, na cachoeira do Coatá, acima portanto do famoso salto das Sete Quedas.

O saudoso Pyrineus informa ter encontrado mais cinco aldeias no seu percurso pelo Telles Pires abaixo, em todas observando que os Cayabis são indios fortes, de estatura regular, bons canoeiros e grandes plantadores de roças de milho, amendoim, mandioca, batatas e mesmo de algodão.

Tanto os homens como as mulheres não usam roupa alguma; tecem o algodão para fabricarem as rêdes em que dormem, e faixas, umas estreitas e curtas, para a cintura, outras mais largas e compridas, que as mães usam para carregar os filhos recém-nascidos, a tiracollo, á moda nhambiquara...

Furam as orelhas e dependuram-lhes brincos muito interessantes. Deixam crescer os cabellos da cabeça e usam amarral-o á nuca; as mulheres costumam arrancar os pellos do corpo.

Offerciam os productos das suas roças em troca de machados (*apinacós*), de facões (*apinim*), de roupas e, principalmente, de chapéus.

Têm muito medo de armas de fogo, mas talvez ainda maior receio de serem envenenados: Com certeza, para prevenir este perigo, é que rejeitavam todas as comidas que lhes eram offerecidas pelos expedicionarios, pretextando sempre e mui diplomaticamente acharem-se soffrendo dos dentes... apesar de os terem magnificos!

A principio, conta Pyrineus, “os Cayabis receberam-me bem; mas, quando se acabaram os machados e facões, começaram a atacar-nos nas cachoeiras e noutros lugares de passagem difficil. Bastava, porem, disparar as espingardas, para que corressem e nos deixassem em paz”.

“Depois das cachoeiras tentaram um ataque nocturno contra o nosso bivaque, provavelmente a pau; evitei-o, porem, transportando-me, á noite, com todo o pessoal e bagagens, para a outra margem do rio.”

“Quatro foram os assaltos, de que sempre consegui desviar-me, com prudencia, para não lhes causar mal algum, ao mesmo tempo em que procurava fazel-os comprehender que eu voltaria, trazendo-lhes muitos *apinacós* e *apinins*.”

“Na noite em que mudei de acampamento, passando de uma para outra margem, sem que os indios o percebessem, evitei a luta, que um dos seus chefes queria provocar, entrando nagua, com arco e flechas, e ameaçando-nos em altas vozes.”

* * *

Antes, porem, do contacto com os Cayabis, a expedição do Tenente Pyrineus visitara aldeias dos Bacahiris, das quaes prestou as seguintes informações:

“Abaixo das barras do S. Manuel (affluente da margem esquerda do “Paranatinga”, que constitue a cabeceira principal do antigo S. Manuel e actual rio Telles Pires) e do Caiapó, encontrei os indios Bacahiris, que ahi vivem em tres “malocas”: uma do velho “capitão” Antonino, que serviu de guia á expedição allemã, para alcançar as cabeceiras do Xingú; outra do “capitão” Karutú, vindo ha dois annos deste ultimo rio, acompanhado de grande numero de indios, que morreram, quasi todos, de defluxo e de “feitiço”, ao chegarem ao Telles Pires; e finalmente, a terceira, do “capitão” José Coroado, filho da celebre india Rosa Borôro, que morreu em Janeiro de 1913, nessa mesma aldeia.”

“Os Bacahiris são meio-civilizados e muito soffrem dos seringueiros, que exploram o seu trabalho na extracção da borracha, na criação de gado e nas plantações de roças. Constantemente empreendem viagens ao Xingú, com o fim de visitarem as aldeias de sua nação lá existentes.”

“No Telles Pires o numero delles é pequeno e tende a desaparecer, em consequencia da escravização a que estão reduzidos pelos seringueiros e demais moradores do rio, que os vão explorando e viciando.”

CARAJÁS — JAVAHÉS E GAVIÕES

A proposito destes indios, transcrevo a parte em que a elles se refere o General Rondon em sua conferencia realizada em Bello-Horizonte, por occasião de se reunir alli o ultimo Congresso de Geographia:

CARAJÁS

Quando descia o Araguaya, na sua expedição de 1916, o capitão Pedro Dantas (1) teve o primeiro contacto com

(1) Este valoroso, intelligente e culto official, distincto engenheiro-militar, falleceu poucos annos depois, no posto de major.

os Carajás ao chegar á villa de Leopoldina. O grupo que elle ahí viu, mora em uma praia fronteira á villa, portanto na margem matto-grossense do rio que os indios chamam de Berô-Can, isto é, Rio Grande.

Desta nação já a nossa litteratura possui varias descripções, das quaes citarei a do General Couto de Magalhães, dada no livro que publicou em 1863, quando presidente da Provincia de Goyaz, relatando a sua viagem ao Araguaya; a do padre Francisco Leal, que fez parte da comitiva do bispo D. Eduardo Duarte Silva, na visita pastoral realizada por esse prelado, de fins de 1895 a principios de 1896; e, finalmente, a de Fritz Krause, do Museu de Leipzig, que percorreu o medio Araguaya em 1908. Além dessas descripções, que se acham publicadas, mencionarei tambem a que contem o relatório apresentado pelo inspector de Serviço de Protecção aos Indios em Goyaz, á respectiva directoria, prestando informações sobre os trabalhos realizados em 1912. Nesse relatório ha uma estatística nominal dos moradores de 22 aldeias, da qual resulta ser superior a 1.110 individuos a população total de Carajás, porquanto no recenseamento que accusa esse numero não se acham computados os habitantes das malocas existentes no rio das Mortes.

A aldeia visitada pelo capitão Pedro Dantas, em frente á Leopoldina, tem o nome indigena de Rauãmarrandô e é chefiada pelo indio Capitichana, que occupava esse posto por occasião da visita pastoral de D. Duarte Silva.

A impressão que desde logo teve o capitão Dantas, dos Carajás, foi a de serem elles bondosos, muito affaveis e alegres, de forte compleição e de altura bem superior á mediana.

As suas mulheres são esbeltas e de feições delicadas: observação analogá á registada por Couto de Magalhães, que não esteve longe de as declarar formosas.

Os homens ainda usam furar os lábios e as orelhas, bem como tatuar as faces com desenhos de pequenos círculos.

Quanto á moralidade, o distincto official estima a nação Carajá como superior a todas as nações indigenas que já viu, e em abono desta opinião allega a continencia guardada tanto pelas moças como pelos rapazes até o casamento. O recato, mesmo entre os rapazes, é visivel e resalta a qualquer observação.

Do chefe Thauluma Coodi, da aldeia do Braço Forte, posteriormente visitada, ouviu o capitão Pedro Dantas que, segundo os velhos costumes da nação Carajá, o casamento obedecia ao seguinte cerimonial:

“No dia aprazado, depois dos preparativos de grandes festas os rapazes iam incorporados buscar o noivo em casa de seus paes, e traziam-n’o com todos os objectos de que até então fazia uso e que tinham de ser substituidos por outros, dados pelos parentes mais proximos. Aquelles objectos, eram furtivamente distribuidos entre os companheiros do noivo que permaneciam solteiros.

Formando o par, seguiam-se os cantos, danças e banquetes, assistidos pelos noivos, que depois eram conduzidos por todos os da aldeia até a entrada da cabana nupcial, inteiramente nova, de um só commodo, que se apresentava com o chão quasi todo forrado de uma bella esteira de orla franjada.

Uma vez recolhidos á sua nova moradia, cada noivo deitava-se numa extremidade da esteira, longe um do outro, e assim repetiam pelas noites subseqüentes, até passarem-se mais do que vinte, o que o indio exprimia dizendo “uaua deboituera”, isto é “pés e mãos acabaram”. Assim, o casamento Carajá não se consumava antes de estar bem estabelecida uma forte intimidade entre os noivos”.

Estes indios, obrigados a morarem nas praias do Araguaya, por medo dos canoeiros que occupam as terras altas, isentas de inundações, vêm-se praticamente impossibilitados de fundarem a sua subsistencia sobre a lavoura, sempre ameaçada de destruição pelas grandes enchentes do rio. Certamente por isso, elles se tornaram, mais do que quaesquer outros, eximios pescadores, em cuja pratica realizam proezas verdadeiramente fantasticas. O capitão Pedro Dantas relata que, na exploração do rio das Mortes, fazia parte da tripulação da sua canôa um Carajá, de nome Ubureran, que, indo com os outros a manejar a vara, na faina de fazer a embarcação avançar contra a correnteza, repentinamente, quando menos se esperava, atirava-se á agua e nella desaparecia num audacioso mergulho. Ficava o official com os sentidos suspensos, ferido de surpresa; mas dahi a pouco via, maravilhado, surgir o indio, trazendo sobre uma das mãos espalmada uma tartaruga, sustida pelo dorso.

Certa vez, o mesmo Ubureran atirou uma flecha contra um camelião, porem, não foi tão feliz que o attingisse em lugar mortal.

O animal, ferido, cahiu no rio, e nelle desapareceu. Atrás d'elle atirou-se o indio. O mergulho prolongou-se; já todos desanimavam de rever o prodigioso nadador. No emtanto, ainda desta vez elle voltou das profundezas do rio, e, o que é mais, trouxe na mão a desejada presa, que debalde se debatia em contorsões furiosas.

Emfim, não ha peixe, por mais arisco que seja, que escape á flecha carajá; com a mesma segurança ella fiska e traspassa o surubi, o barbado, o tucunaré, ou qualquer outro.

Da capacidade creadora da mentalidade Carajá darei um exemplo, narrando aqui a lenda de Tahina-Can, es-

trella vésper lenda recolhida pelo capitão Pedro Dantas da bôca do chefe Capitichana.

“No tempo em que a nação Carajá não sabia fazer roça, nem plantar o milho cururuca, nem ananás, nem mandioca, e só vivia de fructas do mato e do bicho que matava e do peixe, existia um casal que teve duas filhas: Imaherô, a mais velha, e Denakê, a mais nova.

Num anoitecer de ceu estrellado Imaherô viu Tahina-Can brilhar tão bella e suave, que se não conteve e disse:

“Pae, é tão bonito aquillo!... Eu queria possuil-o para brincar com elle”.

O pae riu-se do desejo da moça e disse-lhe que Tahina-Can estava tão longe que ninguem o poderia alcançar. Comtudo, accrescentou:

“Só se elle, ouvindo-te, filha, quizer vir”.

Ora, alta noite, quando todos dormiam, a moça sentiu que alguém viera collocar-se ao seu lado; sobresaltada, interrogou:

“Quem és e o que queres de mim?”

“Eu sou Tahina-Can; ouvi que me querias perto de ti, e vim. Casa commigo, sim?”

Imaherô acordou os pacs e accendeu o fogo.

Ora, Tahina-Can era um velho, muito velhinho, de cabellos e barbas brancas como algodão, e de pelle enrugada:

Vendo-o á luz da fogueira, Imaherô disse:

“Não te quero para meu marido: és feio e velho, e, eu quero um moço forte e bonito”.

Tahina-Can ficou muito triste, e poz-se a chorar.

Então Denakê, que tinha um coração meigo e bondoso, compadecceu-se do pobre velhinho e procurou consolar-o, dizendo:

“Pae, eu me caso com elle; eu o quero para meu marido”.

E o casamento realizou-se, com grande alegria do tremulo velhinho.

Depois de casado, Tahina-Can disse:

Careço trabalhar para te sustentar, Denakê; vou fazer um roçado para plantar cousas boas, que Carajás ainda não possui nem conhece”.

E foi ao Berô-Can; dirigiu-lhe a palavra e, entrando nelle, ficou com as pernas abertas, de maneira que as aguas passavam entre ellas. O velhinho curvado para a corrente, de vez em quando mergulhava as mãos e apanhava as boas sementes que iam vogando rio abaixo.

Assim, as aguas deram-lhe dois atilhos de milho cururuca, feixes de maniva de mandioca, e tudo mais que os Carajás hoje conhecem e plantam.

Sahindo do Berô-Can, Tahina-Can disse a Denakê:

“Vou derrubar mato, para fazer roçado. Tu, porem, não me venhas ver no trabalho; fica em casa, cuidando da comida, para quando eu voltar, cansado e com os braços doloridos, matares a minha fome e restaurares minhas forças”.

Tahina-Can foi; mas demorou tanto que Denakê, de medo que o muito cansaço o tivesse feito cahir exausto e temendo dormir, resolveu desobedecer ás recommendações e foi, de mansinho, procural-o.

Ah! que surpresa e que alegria!

Quem estava alli, a trabalhar, era um moço bellissimo de alta estatura, cheio de força e de vida, e tinha no corpo os enfeites e as pinturas que os rapazes Carajás ainda hoje usam. Denakê não se conteve; louca de alegria correu a abraçal-o, e depois levou-o consigo para casa, contente por mostrar aos paes o seu esposo, tal como elle era na verdade.

Foi então que a outra irmã, Imaherô, o desejou tambem, e disse-lhe.

“Tu és meu marido, pois vieste para mim e não para Denakê”.

Mas, respondeu-lhe Tahina-Can:

“Só em Denakê encontrei bastante bondade, para ter pena do pobre velhinho; ella o accitou, quando tu o despresavas. Agora não te quero; só Denakê é minha”.

Imaherô, de despeito e inveja, soltou um grito, cahiu no chão e desapareceu; no lugar della, e em vez della, viu-se um Urutau, passaro que ainda hoje dá grito triste e tão forte que parece ser de uma ave muito maior.

Foi assim que a nação Carajá aprendeu com Tahina-Can, a plantar o milho, o ananaz, a mandioca e outras cousas boas que antes não conhecia”.

Ao terminar este bellissimo conto, o velho Capitichana, envolvendo o capitão Dantas num olhar profundo, disse com voz evocativa de passadas emoções: “Foi assim que minha mãe me ensinou”.

JAVAHÉS

Além dos Carajás, quem viaja no Araguaya encontra indios de muitas outras nações. Agora, porem, eu me cinjo a uma rapida referencia aos *Javahés*, habitantes da ilha do Bananal, e o faço com o fim de rectificar a má impressão que, a desfavor da indole desse povo, certamente ficará no espirito de quem ler a noticia do padre Francisco Leal, sobre a visita pastoral de D. Duarte Silva.

Na noticia em questão, lê-se que não só o Bispo, mas toda a sua comitiva esteve em imminente risco de ser sacrificada pelos indios, que o tiveram em custodia e queriam vingar-se do facto d'elle ter chegado á aldeia; que a terrivel sentença só deixou de ser executada por intervenção do chefe “Carirama”, cujos subditos, escreve o

padre Leal, obedecendo, declaram ser necessaria a mudança da aldeia para outro ponto da ilha, inacessivel aos *tori*".

A esse episodio, refere-se o Dr. Fritz Krause, em 1908, nos seguintes termos:

"Ha 6 ou 8 annos, tentou o bispo de Goyaz, em um vaporzinho, com 70 homens, chegar até os Javahés; os indios, porem, sobresaltados, obrigaram-n'os a retroceder *incontinenti*."

"Eu, ao contrario, fui admiravelmente recebido.

"A minha permanencia nessa aldeia esplendida, conclue o dr. Krause, á margem de um lago, numa explanada verdejante, no seio daquellas creaturas alegres, ingenuas, foi um idyllo".

Ora, em 1912, o inspector do Serviço de Protecção ao indios, visitou nada menos de seis aldeias de Javahés, incluindo entre ellas aquella em que esteve o dr. Krause, denominada Cralôrrânãmarrandô. Relatando a sua estada nesta ultima, diz o inspector:

"Ouvi de todos os Javahés, homens e mulheres que assistiram á visita do Bispo, que elles nunca pensaram em lhes fazer o menor mal; que apenas pediram a Etiêbedô, o interprete dos visitantes, que levasse os hospedes para fóra da aldeia, porque, tendo o Bispo entrado a descansar na casa de Carirama, os seus companheiros deram para varejar as casas, sem licença dos respectivos donos, e nellas apanharem tudo quanto viam, com a unica promessa de depois enviarem machados e enxadas!

"Posso garantir, accrescenta o inspector, que tal pratica tomou proporções de verdadeira violação da vida intima desta gente, porque entre os muitos objectos que guardam em cestos, cabaças ou simplesmente pendurados nos caibros, ha verdadeiras reliquias de filhos ausentes ou já fallecidos".

Comparando-se a narrativa do dr. Krause com a do padre Leal, resalta logo o exagero da primeira; e comparando a do padre com o depoimento dos índios, transmittida pelo inspector, não se pôde deixar de reconhecer que toda a verosimilhança está com o depoimento, não só porque elle se basea em factos referidos pelo sacerdote (como o descanso do Bispo na casa de Carirama, as entradas das pessoas da comitiva nas palhoças dos selvicolas, a grande copia de objectos carregados para bordo do vaporzinho), como tambem, e sobretudo porque a delação de ter estado tramado o morticínio do Bispo e da comitiva só appareceu depois de estarem todos embarcados e não tem outro fundamento senão a palavra do interprete Etiêbedô, que bem pode ter cedido á tentação de adulterar o pensamento e as intenções dos moradores da maloca, para o fim de mais valorizar os seus serviços.

GAVIÕES

Na segunda, não teve elle oportunidade de fazer observações de igual interesse sobre os habitos e costumes dos nossos selvicolas, porque, de novo, só se lhe offerceu um encontro com numeroso grupo de guerreiros da nação dos Gaviões, que enchem de medo as populações sertanejas do Nordéste goyano e do Oéste maranhense.

Em certa época do anno, esses índios, desconhecedores da arte de navegar, descem das terras altas, onde as suas *malócas* existem a coberto das vicissitudes das enchentes, e apparecem nas praias da margem direita do Araguaya, então abundantes de ninhos de tartaruga. E enquanto elles por alli andam, não ha quem, de animo descuidado, suba ou desça o magestoso rio.

Ora, em outubro de 1917, o capitão Pedro Dantas vinha de Conceição, com algumas canôas e um batelão,

navegando aguas acima. As suas tripulações tinham como certo que não poderiam escapar a um encontro com os *Gaviões*, e temiam essa eventualidade, como se fosse o risco mais calamitoso de quantos jamais as pudesse ameaçar.

No meio de tão graves apprehensões entrou a minúscula flotilha numa corredeira, onde as aguas enfurecidas entorpeciam-lhe a marcha e faziam redobrar a faina dos já fatigados barqueiros.

De-repente, da margem proxima levanta-se enorme brado formado de muitas vozes humanas unidas em um só grito; e as praias de areia branca cobrem-se de largas manchas vermelhas, movediças e agitadas como ondas erguidas num mar tempestuoso. E as matas, que despejavam essas manchas na alvura das praias, alimentam-n'as incessantemente, fazem-n'as crescer, estender-se até que os intervallos entre duas, tres e mais, desapareceram, tornando-as uma vaga avermelhada, continua e ululante.

Eram os Gaviões, os temidos Gaviões daquelles sertões!

Mas, o coração do distincto official, a quem elles davam a vista de tão magnifico espectaculo, desconhece o medo e nunca perde a confiança na indole, fundamentalmente bondosa, dos, como elle, filhos desta terra querida. Ao batelão em que se achava embarcado, mandou atracar uma das menores canôas e para ella se passou, com alguns machados e outras ferramentas, de que, dada a boa vontade do momento, a expedição pôde, sem inconveniente, privar-se; além de varias peças de roupa apressadamente cedidas pelos camaradas e barqueiros. Isso feito, dá ordem aos tres homens que estão com elle na canôa, que aprõem e remem para a praia!

Temeridade?... Talvez; porém, mais certo ainda é que se diga generosidade, e generosidade de peito brasileiro, applicada em se confraternizar com brasileiros,

qualquer que seja o céu que os tenha visto nascer, qualquer que sejam as crenças que lhes pavõem os cerebros, e, até mesmo, qualquer que seja a lingua em que exprimam o seu amor por algum torrão do Brasil e o seu embevecimento pelos astros que embellezam o nosso firmamento profundo, altissimo e luminoso.

A canôa aproximava-se das praias avermelhadas de homens nús, possessos do terrivel furor guerreiro; e os que iam nella, só levavam instrumentos de paz e trabalho: arma, nenhuma!

Isto se dava num dos mais asperos e bravios sertões do Brasil, no anno de 1917, entre brasileiros descendentes dos invasores e conquistadores subseqüentes a Cabral, e brasileiros da raça primaria, subjugada, conquistada e quasi aniquitada.

No mesmo instante, lá na Europa, o canhão reluzente, alimentado com infinitos cuidados, como um deus implacavel e exigente, estrugia raivoso; e o incendio, os gazes, as aguas e até o céu, derramavam a morte, a destruição gigantesca, sobre cidades, populações e paizes; e milhões de bôcas famintas, vomitavam maldições, imprecações, de odios seculares!

Oh! Brasil, Patria idolatrada! quem pôde deixar de te adorar quando uma vez te viu tal qual tu és, despido das deformidades sobre ti lançadas pelos véos de uma litteratura vesga, sem alma, que de ti fala sem te conhecer; de uma sciencia falsa e leviana, que te julga sem te comprehender; e de uma fé impotente, que malsina sem te amar em toda a plenitude de tua vigorosa juventude, em marcha ascendente para o estado de equilibrio e de unidade, que ha de caracterizar a tua maturidade?

Os indios, ardendo de impaciencia, já entram pela agua, como se quizessem ir ao encontro da canôa. Alguns, mais afoitos, lançam-se a nado e aproximam-se della. O

capitão Dantas e seus companheiros, vêm-se obrigados a entregar alli mesmo alguns machados e facões, na esperança de diminuir a chusma dos que pretendiam entrar na embarcações. Porém, o numero dos que porfiam por serem os primeiros, recresce a cada instante; e todos agarram-se nas bordas do insignificante barco, que, cedendo ao peso, emborca e despeja no rio homens e cargas.

Os indios, a essa vista, ficam desolados. Ajudam a repor a embarcação a nado; para ella sobem, de novo, o official e seus homens.

A gente era muita, e os presentes quasi nada. Volta o official ao batelão: pede, roga a todos que vê, que se desfaçam de tudo quanto possuem, comtanto que haja alguma coisa mais para dar aos indios, que continuam a vozeria na praia.

Reune-se novo carregamento. Milagre inaudito, porém não superior ás forças de brasileiros: das mãos de homens rusticos, necessitados de tudo, obtêm-se dadivas e mais dadivas! Mas se até houve quem tirasse a roupa que vestia, e a entregasse! E isso em pleno sertão, onde não havia como adquirir outra, que a substituisse.

Com a carga preciosa, o capitão embica outra vez para a praia; já proximo repete-se a scena anterior; a canôa é alagada. Porém, agora pisam todos a terra firme e entram no meio da multidão que os acolhe como amigos. Os indios tambem presenteiam: o capitão Dantas ganha um bonito arco.

Alli estavam, pois, os Gaviões, e, entre elles barqueiros do Araguaya, parte dessa população de civilizados que se retrahê de pavor ouvindo e contando historias imaginadas para retratar a indole feroz do misero selvicola!

Mas, esse odioso epitheto de feroz, quando, afinal, o deixaremos de encontrar ligado aos nomes das nações de selvicolas de nossa Patria?

Injustamente se o applicava não faz muitos annos, aos Caingangos de São Paulo, que, no emtanto, ha já quasi nove annos se revelam tão humanos, desde que a Inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios deu o exemplo de os procurar por processos humanos; o mesmo se dizia dos Jauaperys, do Amazonas; dos Botocudos, de Santa Catharina; dos Barbados, dos Nhambiquaras e de muitos outros de Matto-Grosso, que todos são agora nossos amigos, pois nós os fomos buscar como amigos e os tratámos como irmãozinhos, cujas forças ainda se estão ensaiando, e não como feras ou homens degredados.

Nem mesmo os valorosos filhos deste glorioso Estado, nascidos nas florestas do rio Doce, os dizimados Aymorés, nem mesmo elles foram poupados, mas tiveram que carregar, durante seculos, e talvez ainda carreguem, o terrivel labéo de ferozes.

No emtanto, em 1911, ao alvorecer do Serviço de Protecção, bastou a bôa vontade, o civismo, a fé viva na identidade da natureza humana do indio com a nossa, bastou existir isso na alma de um brasileiro, o engenheiro-militar Antonio Estigarribia Martins, para que, sem maior demora se verificasse mais uma vez a enorme injustiça da accusação. De facto, naquelle anno, elles acceitaram a amizade que lhes foi offerecer o então tenente Estigarribia, ido para tal fim ás suas formidaveis florestas, com aquelle espirito e aquella resolução de que vos procurei dar uma idéa contando os encontros do capitão Dantas com os Carajás e os Gaviões; e desde então, até este momento, jamais elles quebraram as suas promessas de paz; ao contrario, as tem praticado nas relações constantes, ininterruptas, que mantêm com os empregados da Inspectoria do Serviço de Protecção.

Nós, que os fomos procurar no fundo das florestas para pedir-lhes que depuzessem o arco vingador, nós, sim,

estamos em divida para com elles, porque ainda neste momento não lhes demos o apoio da lei que visavamos, com a nossa intervenção, substituisse ao das armas, para assegurar-lhes a propriedade da terra em que assentam as suas *malócas* e as suas lavouras, e onde procedem a suas caçadas.

Tão grave anomalia, parece, no emtanto, que desaparecerá, em breve, ou antes, devemos consideral-a desde já como desapparecida, porque o governo de Minas acolheu com benevolencia os pedidos do Serviço de Protecção e prometteu reservar na margem esquerda do rio Doce, subindo o Eme, terras bastantes para nellas viverem os actuaes e futuros filhos da tribu dos Crenacs, ultima reliquia da outr'ora pujante nação dos Aymorés.

APIACAS

(Vide "Conferencias do General Rondon de 1915", fls. 217/9).

CARITIANAS

Nomades como todo o indio, mantiveram-se todavia aldeiados no valle do rio Branco, affluente do rio Jacy-Paraná pela margem direita, donde se retiraram devido ao facto de terem sido perseguidos á bala por um Sr. Minervino de tal. Em consequencia desta aggressão, os Caritianas atacaram a expedição do capitão Costa Pigneiro ao Jacy-Paraná. (Vide "Conferencias do General Rondon de 1915". Publicação n.º 42 da Comissão Rondon, fls. 181 a 182).

Vivem actualmente no Jacy-Paraná em contacto com os seringueiros, cujos barracões visitam pacificamente. Seu numero é muito reduzido. Muitas das suas flechas

e objectos de uso, como das demais tribus, foram doados pela Comissão Rondon ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, que, da mesma procedencia, conta perto de 6.000 exemplares obtidos dos varios outros grupos citados neste capitulo.

CARIPUNAS

Pouco numerosos tambem, vivem nas proximidades do rio Madeira, valle do Mutum-Paraná e circumvizinhanças. De indole tão pacifica que se aproximaram, sem nenhuma reacção, do pessoal que trabalhava na construcção da E. F. Madeira-Mamoré, desde os primeiros contactos. Encontram-se nestes indios typos bem accentuados de cruzamento com a raça negra.

INDIOS DO RIO DO SANGUE

(Vide "Conferencias do General Rondon de 1915", publicação n.º 42 da Comissão Rondon, fls 224 a 234).

* * *

Se considerarmos agora, em conjunto, a obra realizada pelo General Rondon, em beneficio da população aborigene do territorio que elle vem abrindo á actividade fecunda da nossa civilização, veremos que essa obra representa o resultado dum esforço, mais grandioso e mais admiravel do que tudo quanto nesse mesmo genero se tem feito na nossa Patria, e provavelmente no resto da América. Porque essa obra toda de paz, de conciliação e de bondade, abrange onze povos differentes, cada qual occupando um lugar distincto na escala da evolução das

sociedades, nitidamente separadas umas das outras, pelos costumes, idiomas e ritos, todas guerreando-se mutuamente e havendo, em algumas dellas, outras guerras intestinas; varias que nos tinham por inimigos tradicionaes e intrataveis; e outras de que nem suspeitavamos a existencia.

Usando, só e exclusivamente, do altruismo como força politica, Rondon conseguiu deter a marcha assoladora de injustiças seculares; reerguer, desses povos, os que já tinham entrado na phase da agonia que precede á extincção total; aplacar odios exterminadores; debellar prevenções oriundas de differenças de raças, de linguas e de crenças; numa palavra, desbravar a formidavel floresta de más paixões que o egoismo accende nos corações dos homens, transformando-os em inimigos crueis e rancorosos uns dos outros. E tirando do fundo da sua propria alma os materiaes com que havia de construir a grandiosa trama da sociabilidade brasileira, entrevista e descjada por José Bonifacio, Rondon ligou esses povos entre si pelos laços da amizade e religou-os ainda mais fortemente, pelos liames indissoluveis da gratidão, ao sagrado altar da Patria e da humanidade.

RESUMO GERAL DOS TRABALHOS EXECUTADOS PELO GEN. RONDON

De um memorial que organizei, reproduzo os dados que se seguem e que resumem todos os trabalhos realizados pelo General Rondon.

MEMORIAL HISTORICO

De folhas 1 a 19 do livro "MISSÃO RONDON" consta uma rapida synthese dos trabalhos realizados pelo General Rondon desde 1890 até 1915, assim como alguns traços biographicos seus, com apreciações de um reporter do "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, em cujos artigos se reflecte a opinião publica do Brasil, quanto á personalidade e aos serviços prestados por aquelle General. (1)

"RESUMO GERAL"

Os seus principaes e notaveis trabalhos tiveram por theatro o territorio do Estado de Matto-Grosso, em cujos

(1) Cumpre esclarecer aos leitores que o meu intenso desejo de vêr minuciosamente publicado tudo o que se refere aos trabalhos do General Rondon e o conhecimento que tenho da vastidão de semelhante proposito, fazem com que evite de repetir aquillo que já está impresso em outros livros e procure apenas informar exactamente, como acima se vê, quaes as publicações que tratam dos assumptos em sujeito e em que topicos se encontra a materia que nos interessa conhecer.

sertões pôde-se dizer que viveu acampado desde 1890 até 1919, com pequenas interrupções, que serão aqui assignaladas, além das que constam já do resumo acima referido e publicado na "MISSÃO RONDON".

Taes trabalhos comprehendem os que se prendem a quatro commissões, assim discriminadas:

1.º — Construção da linha telegraphica expedita de Goyaz a Cuyabá, que levou o telegrapho pela primeira vez ao longinquo Estado de Matto-Grosso. Reconstrucção da mesma linha, com character permanente, sua conservação e melhoramento. Periodo de 1890 a 1898.

2.º — Construcção da linha telegraphica de Cuyaba a Corumbá, com ramificações para Aquidauana e Forte de Coimbra.

A construcção desta linha foi anteriormente tentada, fracassando completamente a commissão que fôra encarregada desses trabalhos, pelas difficuldades que apresentava a ligação de Corumbá, unicamente possivel através de vastos pantanaes (tremedaes em muitos pontos ou extensos atoleiros) onde o impaludismo atacava violentamente o pessoal. O General Rondon, para executal-a, precisou utilizar no serviço turmas de 100 a 150 selvícolas (indios Borôros) afim de substituir os contingentes militares, que rareavam de soldados, pelas consecutivas baixas á enfermaria.

A linha construida por processos adequados ao terreno, tem funcionado perfeitamente, sem defeito, desde sua inauguração (1905) até a presente data (1921). Periodo de 1900 a 1904.

3.º — Ligação telegraphica de Nioac, Miranda, Porto-Murtinho, Margarida e Bella-Vista; extremo sudoeste do Brasil, fronteiras do Paraguay e da Bolivia, sul de Matto-Grosso, bem assim, ligação de Cuyabá a Livramento, Poconé e Caceres. Periodo de 1905 a 1906.

4.º — Construcção da linha do Noroeste do Brasil, ligando Cuyabá a Santo Antonio do Maderia, através dos sertões virgens do Estado de Matto-Grosso, até alcançar territorio do Estado do Amazonas.

Pela importancia deste commentimento esta Commissão, que ainda existe organizada, ficou vulgarmente conhecida por "Commissão Rondon", o que bem exprime que á envergadura de seu chefe é que se attribue a dilatação que tomaram os trabalhos e a sua conclusão. Período de 1907 a 1915.

* * *

Ao terminar este ultimo e arrojado empreendimento — que Roosevelt considerou tão extraordinario como a construcção do canal do Panamá — permaneceu o General Rondon em serviço de campo, na Amazonia, completando as explorações de rios, contravertentes, divisorias de aguas, afim de reunir os dados mais essenciaes á Carta Geographica do Estado de Matto-Grosso, continuando a dirigir simultaneamente os serviços de conservação da linha telegraphica do sertão, cujo trafego procurou normalizar e melhorar. Período de 1915 a 1919.

* * *

Todas estas commissões, como se vê, tinham por objectivo principal a construcção da rêde telegraphica, que hoje está lançada, cortando em todos os sentidos a vastidão do territorio de Matto-Grosso, 2.º Estado do Brasil em superficie (1.486.982, ^{km}2 8530 pelos mais recentes calculos effectuados pela "Commissão Rondon", actualmente incumbida da organização da Carta Geographica do Estado) e ultimo Estado em população (mais ou menos 300.000 habitantes).

Em torno deste trabalho principal agrupam-se todos os outros realizados e que dilataram o já vasto campo de actividade para mais amplas indagações scientificas, pelo

estudo da geographia e da topographia local e das zonas circumvizinhas, da flora, da fauna, da mineralogia e da geologia, da climatologia, das aguas thermaes, da ethnographia, pacificação dos selvicolas habitantes do sertão e observação de seus costumes, de suas linguas, etc.

Mesmo que esse trabalho principal houvesse resumido toda a actividade, as circumstancias locaes, as grandes difficuldades a vencer e o serviço realizado, constituiriam por si sós, notavel padrão de gloria para a existencia de um homem, cujo nome estaria assim ligado á posteridade pelo concurso prestado ao progresso de sua patria. Basta dizer que a rêde telegraphica actualmente em trafego no Estado de Matto-Grosso, toda ella construida pelo General Rondon, abrange a extensão linear de

4.500 KILOMETROS E 55 ESTAÇÕES TELEGRAPHICAS

Corresponde ainda a cada linha telegraphica uma estrada de rodagem, na maioria dos casos aberta como unica via de communicações entre os pontos servidos pelo telegrapho. Taes estradas são destocadas na largura de 5 a 10 metros, metade para cada lado do eixo do picadão, permittindo sempre o livre transito de carroças e carros de boi. Em muitos pontos a construcção da linha obrigou a abertura de estradas de rodagem e de automoveis, para ligar pontos centraes a portos de rio ou a cidades, afim de facilitar o transito do material de construcção e dos viveres; como exemplo typico citaremos a estrada de automoveis, construida entre o porto de Tapirapoan, no rio Sepotuba (com navegação á lancha até a cidade de S. Luis de Caceres) e a estação telegraphica de Utiarity, em pleno sertão do Estado, com extensão aproximada de 300 kilometros.

370 Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães

TRABALHOS PUBLICADOS PELA 4.^a COMMISSÃO

Para ter uma idéa dos estudos de Historia Natural realizados pela "COMMISSÃO RONDON" basta citar a seguinte synthese:

	<i>Trabalhos publicados</i>	<i>Volumes a publicar</i>
Historia Natural (Annexo n. 5)		
Botanica	11	3
Zoologia	9	3
Ethnographia	1	3
Mineralogia e Geologia	4	—
Geologia	2	—
Aguas thermaes ..	1	1
	<hr/> 28	<hr/> 10

As demais publicações da Comissão obedecem ao seguinte quadro:

	<i>Publicados</i>	<i>A publicar</i>
Relatorios geraes do Chefe da Comissão	3	2
Serviço astronomico e de coordenadas geographicas	3	1
Explorações de rios e outras	4	3
Serviços propriamente relativos á construcção da linha telegraphica	2	—
Serviço sanitario	4	—
Resumo de serviços de botanica	1	—
Resumo de serviços de zoologia	1	—
Sobre conservação da linha telegraphica	1	—
Relatorios diversos e outros trabalhos, inclusive conferencias do Chefe da Comissão	3	2
	<hr/> 22	<hr/> 8

IMPORTANTE SERVIÇO GEOGRAPHICO DA
4.^a COMMISSÃO

Por uma questão de economia, deixou a Commissão de imprimir todos os mappas á proporção que concluia os serviços preliminares de reconhecimento e exploração da zona desconhecida até então, assim como os que correspondem aos levantamentos expeditos ou regulares, não só dos trechos em que seccionou o terreno percorrido pela linha telegraphica, como dos rios que ahi se encontram, de doze dos quaes nenhuma referencia era encontrada na cartographia, anteriormente aos trabalhos executados pelo General Rondon.

No duplo interesse de cobrir mais larga area com os levantamentos geographicos, como de escolher um traçado mais curto e menos difficil, o chefe da Commissão executou pessoalmente uma serie de explorações parciaes, que cortaram em varios pontos o eixo do principal reconhecimento e determinou a auxiliares seus a realização de outras, principalmente de rios até então desconhecidos ou erradamente locados no mappa do Brasil.

O grande reconhecimento geral, que revelou á geographia do paiz a feição do terreno, através de mais de 600 kilometros lineares, foi executado em tres grandes etapas, entre Cuyabá (capital do Estado de Matto-Grosso, á margem esquerda do rio do mesmo nome, valle do rio Paraguay) e Porto-Velho (Estado do Amazonas, á margem direita do rio Madeira, valle do Amazonas, ponto inicial da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré). Estas tres grandes etapas são assignaladas da seguinte maneira:

EXPEDIÇÃO DE 1907

— De Cuyabá ao rio Juruena, descoberto e levantado pela primeira vez pela Commissão Rondon, embora Ri-

372 Cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães

cardo Franco (geographo e official do Exercito a cuja memoria deve o Brasil justos louvores, pelos innumerous trabalhos que realizou) o tivesse traçado em sua carta geographica, por informações, sem percorrer o seu curso, que apenas incidiu proximo ás cabeceiras. Total dos reconhecimentos realizados: 1781 km.

EXPEDIÇÃO DE 1908

— Do Juruena á Serra do Norte, descoberta então e cuja existencia era unicamente presumida por outros exploradores que haviam assignalado apenas a foz de varios cursos d'agua, cuja direcção indicava a existencia de montanhas d'onde deveriam provir. Total dos reconhecimentos: 1.635 km.

EXPEDIÇÃO DE 1909

— Da Serra do Norte ao rio Madeira.
Total dos reconhecimentos: 2.232 km.

* * *

Considerando todos os trabalhos feitos pelo General Rondon, os *caminhamentos* executados, não só por estas tres expedições, como pelas explorações parciaes, inclusive o levantamento de muitos cursos d'agua, attingem á importante cifra de CINCOENTA MIL KILOMETROS.

É preciso sempre ter em vista que a maior extensão percorrida comprehendia zona deserta, onde o abastecimento das turmas era feito com os recursos que deviam transportar e dos que podiam obter da propria natureza (caça, pesca, palmito, etc.).

CARTA GEOGRAPHICA DO ESTADO DE
MATTO-GROSSO

Desde os bancos da Escola Militar gerara-se no cerebro do General Rondon, num bello sonho de patriotismo: cortar o territorio do seu estado natal por linhas telegraphicas, que então alli não existiam e desvendar os mysterios de uma larga faixa interior do Brasil, onde em todos os mappas se lia a palavra "DESCONHECIDO" —.

Na vida pratica seguiu elle rigorosamente a directriz daquelle sonho da mocidade, hoje realizado!

Desde suas primeiras commissões telegraphicas, começou a accumular uma profusão de dados geographicos e topographicos, aos quaes finalmente reuniu o grande manancial dos que obteve na sua 4.^a commissão, sem duvida nenhuma a de mais extraordinarios resultados.

Pois bem, todo este serviço feito durante mais de um quarto de seculo, vai afinal objectivar-se na Carta Geographica de Matto-Grosso, que o governo deste Estado resolveu publicar, aproveitando os numerosos e inéditos dados colhidos pelo General Rondon. (1)

A sua ultima e actual commissão, que desempenha accumulativamente com as funções de Director de Engenharia do Exercito Brasileiro, está, pois, encarregada da organização desse mappa, que deverá concluir até 1921; a mesma commissão coordenou e completou, com pequenos auxilios pecuniarios fornecidos pelo governo estadual, todos os dados obtidos pelas commissões anteriores, dirigidas pelo General Rondon. (2)

(1) Difficuldades financeiras fizeram com que o Estado cessasse de contribuir para essas despesas. A carta geographica de Matto-Grosso será impressa pelo Governo Federal para o Centenario da Independencia e constituirá parte da representação da Comissão Rondon no certamen que objectivará essa commemoção, aos 7 de Setembro de 1922.

(2) Em 1941, como se depreheende do novo capitulo introduzido na actual edição deste livro (fls. 312/31), foram reço-

RESUMO DO SERVIÇO GEOGRAPHICO REALIZADO

Para bem avaliar, em rapida synthese, a importancia do serviço geographico realizado, basta dizer que as explorações dirigidas pelo General Rondon descobriram rios que não figuravam até então nas cartas, locaram com precisão outros cujas nascentes estavam deslocadas de dois grãos em latitude e em longitude.

Praticamente demonstravel é esta asserção para os estudiosos que já puzeram os olhos nos trabalhos do Barão Homem de Mello, do Dr. Olavo Freire, de Veiga Cabral, no mappa do Brasil impresso pelo "Jornal do Brasil", etc. onde se diz claramente que *foram aproveitados para sua confecção elementos obtidos pelo General Rondon em suas explorações geographicas.*

Comparem-se depois estes recentes trabalhos com todos os que existiam anteriormente e qualquer leigo apreciará a extensão e a importancia das correcções que taes elementos introduziram na nossa geographia. Exemplo typico (Vide 2.^a edição do mappa do Brasil, pelo "Jornal do Brasil") é o caso do rio Gy-Paraná ou Machado, cujas cabeceiras estavam locadas na carta de Pimenta Bueno, exactamente na zona em que nasce o Jamary.

Nessa immensidade do Noroeste Brasileiro, sobre cento e cincoenta leguas, entre parallelos extremos e cem leguas para Oeste do meridiano mais oriental que limita o vasto leque dos formadores do Tapajóz (todos elles minuciosamente traçados pela Commissão Rondon, uns desconhecidos, outros *anarchizados* pela ignorancia dos exploradores de seringaes, como o caso dos rios Sangue e

mados os trabalhos da Carta de Matto-Grosso pelo Ministerio da Guerra, com o auxilio do governo desse Estado, sob a expectativa de os vermos concluidos dentro de dois annos.

Sacre, outros mal locados como o S. Manuel, ou das Tres Barras, ultimamente denominado rio Telles Pires, por proposta do General Rondon ás sociedades de geographia) ou por outra, na *Rondonia* (1), o que existe de certo, o que está integrado agora na nossa cartographia, pelo conhecimento material desse largo tracto do territorio nacional, onde nenhum civilizado puzera o pé antes de ser palmilhado pelo General Rondon, tudo o que figura nos mappas mais modernos do Brasil, nos foi revelado através dos trabalhos deste chefe illustre.

Note-se, entretanto, que a commissão ainda não concluiu seus trabalhos cartographicos, sendo o que está divulgado graphicamente simples schemas das grandes transformações operadas na geographia brasileira.

Segundo o competente engenheiro Dr. Francisco Bhering, sub-director tecnico da Repartição Geral dos Telegraphos, dentro de cem a duzentos annos, os unicos elementos de que se terá conhecimento, nessa zona, serão os que provieram dos trabalhos da Commissão Rondon.

Taes trabalhos geographicos podem ser divididos em duas phases: uma em que o General Rondon agia espontaneamente, na patriótica preocupação de accumular dados para a geographia do Brasil e para a chorographia de Matto-Grosso, sem merecer ao menos o apoio moral desse Estado; outra quando o governo estadual, despertando da lethargia com que contemplava indifferente o esforço sobre-humano daquelle valente sertanista (Rondon, o insubstituivel na phrase do fallecido General de Divisão Marciano Augusto Botelho de Magalhães, que, durante tres annos, commandou o districto militar de Matto-Grosso) resolveu concorrer para o emprehendimento a

(1) Região assim denominada pelo Professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Dr. Edgard de Roquette Pinto, distincto e competente ethnologo, autor do volume XX dos "Archivos" do mesmo Museu.

que elle metterá hombros arrojadamente, com largo descortino sobre o futuro.

A primeira phase abrange o lapso de tempo comprehendido entre 1890 e 1913, a segunda vai de 1913 a 1920. Da primeira phase são os trabalhos de reconstrucção da linha telegraphica Goyaz-Cuyabá, sob a direcção do então tenente Rondon que, seja dito de passagem, desde aquella época chefiava commissões, prova real de seu immenso merito; e os das duas commissão telegraphicas que ligaram S. Luis de Caceres uma, Corumbá outra.

Dahi foi que o Barão Homem de Mello colligiu dados geographicos para sua obra, quanto á parte sul de Matto-Grosso.

Ainda dessa primeira phase, são as importantissimas explorações de 1907, 1908, 1909, 1911, 1912 e 1913 (Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon) todas sob os auspicios da actual e immorredoura Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas.

Alem dos milhares de kilometros de levantamento topographico, effectuado no interesse de projectar e locar as linhas telegraphicas que se construíram, são dessa phase as explorações e levantamentos dos seguintes rios:

Cuyabá; S. Lourenço; Paraguay (no trecho de Caceres ao Forte de Coimbra) Aquidauana; Miranda; Negro; Coxim; das Garças; Guaporé (trecho); Jacy-Paraná; Madeira, trecho que só interessava á construcção da parte norte da linha Cuyabá-Santo Antonio); Juary; Pirocoluina ou Pimenta Bueno; Commemoração de Floriano; Jarú; Gy-Paraná ou Machado (parte alta); Jurueña; Ikê e Doze de Outubro; da Duvida ou rio Roosevelt, identificado pelo levantamento ao alto Castanha, formador do antigo Aripuanã; Jaurú; Sepotuba (trecho de jusante), a partir do porto de Tapirapoa e Papagaio, corrigindo

hypothese formulada anteriormente pela propria Comissão Rondon.

Da segunda phase, sem contar igualmente os levantamentos basicos para a construcção das linhas telegraphicas, subdividem-se em duas categorias os serviços realizados:

- a) serviços geographicos ainda executados sem auxilio algum do Estado de Matto-Grosso, tal qual os da primeira phase;
- b) serviços geographicos, astronomicos e topographicos, exclusivamente realizados para a Carta de Matto-Grosso, aproveitando para custear *parte das despesas correspondentes* os recursos que o referido Estado pôde dispensar para tal fim (cento e cincoenta contos em verbas de 50.000\$000 annuaes).

* * *

Relacionam-se em *a* os seguintes trabalhos:

1.º Expedição ao rio Ananás, onde morreu gloriosamente o agrimensor e auxiliar de 1.ª classe tenente Marques de Souza, que deu seu nome a esse rio, até o ponto em que se forma o rio Capitão Cardoso, affluente do Roosevelt, cujo curso ficou então levantado integralmente, sob a direcção de outro agrimensor e auxiliar de 1.ª classe tenente Ramiro Noronha; 2.º a determinação das coordenadas geographicas das estações e pontos notaveis intermediarios cortados pela linha telegraphica, desde Cuyabá ao Madeira, pelo Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, engenheiro-ajudante; 3.º expedição ao rio Arinos, cujo levantamento rigoroso, amarrado a coordenadas geographicas, determinadas ao longo de seu curso,

desde suas mais altas cabeceiras, foi executado sob a chefia do 1.º tenente de engenharia e ajudante Julio Caetano Horta Barbosa; 4.º levantamento do rio Telles Pires, antigo S. Manoel, amarrado ao ultimo citado, desde suas cabeceiras (reconhecendo-se erro no attribuir a um contribuinte de motante a principal cabeceira — Vide publicação da Comissão Rondon) pelo 1.º tenente agrimensor e auxiliar Antonio Pyrineus de Sousa; 5.º a expedição ao rio do Sangue, cujo levantamento foi executado pelo auxiliar de 1.ª classe e agrimensor 1.º tenente Vicente de Paulo da Fonseca Vasconcellos, que ahi descobriu uma nova tribu indigena ainda não identificada. (Vide Conferencias, 1915, do Coronel Rondon, perante a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro).

* * *

Relacionaremos como constitutivos dos trabalhos comprehendidos no item *b*: A expedição ao Cautário, affluente da margem direita do Guaporé, com determinação de coordenadas geographicas dos pontos notaveis do seu curso, bem como dos do Guaporé e Mamoré, sob a chefia do já citado Capitão Costa Pinheiro; a do Canumã e Sucundury pelo ajudante 1.º tenente de engenharia Manoel Tiburcio Cavalcanti; as do Araguaya, rio Fresco e Xingú pelo ajudante capitão de engenharia Pedro Ribeiro Dantas; as dos capitães de engenharia e ajudantes Renato Barbosa Rodrigues Pereira, Chefe da Turma de Coordenadas do Sul e Pedro Ribeiro Dantas e auxiliar citado antes, 1.º tenente Vicente Vasconcellos, a Sant'Anna do Parahyba, rios Parahyba, Correntes, cabeceiras do Taquary, rio Pardo, cabeceiras do Aquidauana, fechando-se importante polygono compensado e amarrado por determinação de coordenadas geographicas espaçadas mais ou menos de 50 kilometros o qual interceptou o immenso caminha-

mento realizado pelo General Rondon quando estudou o traçado da linha do sul do Estado por Aquidauana, Miranda, Porto-Murtinho, Forte de Coimbra, etc.; as expedições para determinações de latitudes e especialmente da longitude pelo fio telegraphico, realizadas pelos ajudantes Capitães Renato e Manoel Rabello, tambem engenheiro-militar, 1.^{os} tenentes, engenheiros Julio Caetano Horta Barbosa e Alvaro Joaquim do Amarante, sobre a Estrada de Ferro Itapura a Corumbá e ao Rio S. Lourenço, cujas cabeceiras foram tambem exploradas, como as do rio das Garças e sertão do rio Batovy e estrada de Macedina pelo 2.^o official citado, chefiando turma especialmente destinada a estes ultimos empreendimentos; levantamento geographico do rio Paraguay até o Apa, pelo já duas vezes citado 1.^o tenente Julio Caetano; a expedição aos rios Cuyabá, S. Lourenço e Paraguay, pelos já citados Capitães Renato e Rabello; a expedição geographica ao alto-Paraguay e rio Sepotuba, a montante de Tapirapoan, pelo inditoso engenheiro ajudante 1.^o tenente João Salustiano Lyra, de inolvidavel memoria, auxiliado pelo saudoso 2.^o tenente Eduardo de Abreu Botelho, ambos victimados quasi ao terminar esse serviço, por desastre occorrido no ultimo rio; levantamento geographico da estrada de Goyaz e do rio das Garças pelos officiaes já varias vezes citados capitão Renato e 1.^o tenente Julio Caetano; e nivelamento techeometrico de Goyaz a Cuyabá e barometrico de Cuyabá a Porto-Esperança pelo 1.^o tenente Noronha, que concluiu o levantamento ao alto-Paraguay e fixou uma das suas cabeceiras, originada da Serra das 7 Lagôas.

Ainda no item *b*: as explorações completas (corrigindo todos os trabalhos anteriores e amarrando os levantamentos executados a coordenadas geographicas) do rio Gy-Paraná e seus affluentes Jarú, Anary, Machadinho e Preto; cabeceiras do Cautário, Candeias, rio Branco da

Jamary, pelo General Rondon e seus ajudantes, engenheiros capitães Nicolau Bueno Horta Barbosa e Emmanuel Silvestre do Amarante, em cujos levantamentos ficaram discriminadas as divisorias de aguas do Jarú, com o Uru-pá; do Jarú, com o rio Pardo, Quatro Cachoeiras e Anary, deste com o rio Branco e o Preto do Jamary, rio Preto do Gy-Paraná e com o Juruázinho; a divisoria das aguas do Jarú com o Canaan e deste com o rio Pardo, a do Jamary com o Candeias, deste com o rio Branco do Jacy-Paraná.

Ainda do item *b*: os levantamentos das estradas de Nyoac a Bella-Vista, de Porto-Murtinho a Bella-Vista, determinação da latitude de cento e setenta e dois pontos do Sul do Estado, depois de 1915.

Finalmente, ainda no item *b*: 1.º os ultimos trabalhos geographicos executados pelo proprio General Rondon, para completar o estudo da região comprehendida entre os valles dos rios Gy-Paraná ou Machado e Guaporé, abrangendo um caminhamento de 1.500 kilometros, ali comprehendidos (664 km.) a exploração das cabeceiras e o levantamento do rio S. Miguel, affluente da margem direita do Guaporé, até sua fóz; 2.º levantamento completo do rio Branco, affluente da margem direita do Jacy-Paraná, cuja cabeceira e cujos affluentes foram então determinados, permittindo a locação de todo o respectivo valle (do mesmo rio Branco) na Carta Geographica do Estado de Matto-Grosso — serviços executados pelo ajudante Capitão de engenharia Emmanuel Silvestre do Amarante, abrangendo 520 kilometros de caminhamentos; 3.º determinação da divisoria de aguas dos rios Branco e Preto, ambos affluentes do Jamary, com os rios Preto e Machadinho, affluentes do Gy-Paraná, determinação das cabeceiras dos dois 1.ºs rios citados, cuja fixação ficou assim completa para a organização da Carta de Matto-Grosso — serviços executados pelo ajudante capitão de

engenharia Nicolau Bueno Horta Barbosa e que attingiram 600 kilometros de caminhamentos; 4.º a exploração e o levantamento do rio Koluêne, formador mais oriental do Xingú, serviço terminado em Setembro de 1920 pelo capitão Ramiro Noronha e que comprehendeu um caminhamento total de 570 km. dos quaes 420 correspondentes ao curso do Koluêne, pela primeira vez levantado; 5.º a exploração e o levantamento do rio Marmellos, serviço também realizado em 1920 pelo capitão Emmanuel Amarante, comprehendendo 494 km. de caminhamento, dos quaes 373 correspondentes ao curso do rio Marmellos, até então nunca levantado, e 121 ao valle do rio Branco.

Detalhes sobre grande parte destes serviços geographicos encontram-se na Publicação n.º 42 da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, (vertida para o inglês com o n.º 43) de folhas 172 a 258.

MAPPAS PARCIAES

Como já foi dito, não sendo possível a impressão dos mappas parciaes que a Commissão estava publicando em folhas de 0^m70 × 0^m80, escala de 1/100.000 (nucleos de estações telegraphicas e pequenos levantamentos em escalas de 1/10.000, 1/20.000 e 1/50.000) ao concluir cada trabalho, estas folhas só vão a imprimir quando se tem desenhado todos os serviços feitos na zona que comprehendem.

Convem explicar mais minuciosamente o que se passa a este respeito:

Em muitas zonas do Estado especialmente sobre a faixa do terreno em que foram traçadas as linhas telegra-

Nota explicativa: O General Rondon, os capitães Costa Pí-nheiro e Manoel Rabello, assim como os officiaes de *engenharia* acima citados, são todos distinctos engenheiros-militares.

phicas, tres ordens de serviços foram executados: 1.º levantamentos expeditos, correspondentes a reconhecimentos e explorações parciais; 2.º levantamento regular a transito de Gurley e corrente de aço para a locação definitiva da linha telegraphica; 3.º determinação de coordenadas geographicas, sendo a longitude obtida por troca de signaes pelo telegrapho. Nos levantamentos de rios, igualmente, sempre que foi possível, ao levantamento expedito seguia-se o levantamento regular com telemetro (Lugeol ou Fleuriai) e determinação de coordenadas geographicas dos pontos mais importantes, sendo a longitude ahi obtida por transporte de chronometro.

Compreende-se bem que cada um dos novos serviços realizados sobre a mesma zona, traziam á cartographia importantes correcções, que terminavam por compensações de erros (impossiveis de eliminar na execução de qualquer levantamento, por mais aperfeiçoados que sejam os apparatus empregados) de levantamento, mediante a locação das coordenadas geographicas de pontos extremos e intermediarios.

Desta forma, e distribuindo com o maximo cuidado aquelles erros, tem-se a mais rigorosa representação que é possível obter da configuração do solo e posição relativa de todos os accidentes, nas cartas topographicas e geographicas que a Commissão tem desenhado.

Nestas ainda figuram as indicações da altitude, obtida por nivelamento regular (a nivel de Gurley) de todo o eixo da linha telegraphica e por observações barometricas, sempre tomadas com o maximo cuidado, durante todos os serviços de exploração, com successivas series, determinações da curva de variação barometrica dos aneroides, uso do barometro Fortin sempre que foi possível, amarração a pontos determinados pelo nivelamento regular etc.

No figurar os accidentes houve a Commissão que estudar a representação de vegetações (cerrados, charra-

vascaes, cerradões, florestas) e terrenos para os quaes as convenções existentes não satisfaziam: as convenções que teve de crear para esse fim, figurarão na primeira folha dos mappas da 1.^a serie que está quasi toda impressa e que tomará, em conjunto, a denominação de *Publicação n.º 60*.

A primeira serie de mappas, para cuja conclusão falta apenas o desenho de sete folhas, constará do seguinte:

- | | | |
|-------------------------------------|---------|--|
| 1. ^a | Folha — | Trecho da linha telegraphica Cuyabá-Rosario. |
| 2. ^a | " — " | da linha telegraphica Rosario-Diamantino. |
| 3. ^a | " — " | da linha telegraphica Diamantino-Parecis. |
| 4. ^a | " — " | da linha telegraphica Parecis-Ponte de Pedra. |
| 5. ^a | " — " | da linha telegraphica Ponte de Pedra-Capanema. |
| 6. ^a | " — " | da linha telegraphica Capanema-Utiarity. |
| 7. ^a | " — " | da linha telegraphica Utiarity-Juruena. |
| 8. ^a a 10. ^a | " — | Ramal telegraphico Caceres — Matto-Grosso |
| 11. ^a a 17. ^a | " — | Reconhecimento de 1907 - 1908 - 1909. |
| 18. ^a | " — | Nucleo da estação telegraphica de Parecis. |
| 19. ^a | " — " | da estação telegraphica de Barão de Capanema. |
| 20. ^a | " — | Trecho da linha telegraphica Juruena-Vilhena. |
| 21. ^a | " — " | da linha telegraphica Vilhena-José Bonifacio. |
| 22. ^a a 26. ^a | " — | do Rio Roosevelt, sendo uma de conjunto. |
| 27. ^a | " — | do Rio Papagaio. |
| 28. ^a a 30. ^a | " — | do Rio do Sangue. |

As folhas da linha telegraphica da segunda série de mappas, abrangem um total de mais 15 folhas, alem das enumeradas na primeira série; as folhas dos rios levantados pela Comissão, alem das citadas, attingirão a um total aproximado de 70 folhas.

PACIFICAÇÃO E PROTECÇÃO DOS SELVICOLAS

Em todos os serviços dirigidos pelo actual General Rondon, em pleno sertão de Matto-Grosso e onde era assignalada a existencia de selvicolas, constituia um dogma fundamental a pacificação dos indios por meios brandos, assim como a sua protecção, posteriormente, quando se tornavam amigos.

O methodo invariavel, sempre coroado do melhor exito, consistia em não responder pela violencia aos seus ataques, mas ao contrario, no proprio local e no mesmo momento em que se produziam as aggressões dos indios, armados ingenuamente de arco e flechas (cujo alcance util e seguro não attinge 30 metros) o General Rondon determinava, ou elle proprio o fazia, a collocação de numerosos brindes, especialmente machados de aço, facões, facas e missangas (contas de vidro e outras), objectos dos mais preciosos para os selvicolas.

Esta humanitaria attitude, terminava invariavelmente por transformar em amigas as tribus selvicolas mais guerreiras, que acabavam por visitar em grupo os acampamentos da Commissão Telegraphica, cessando as hostilidades.

O ponto de vista do General Rondon era justamente provar, como provou, com innumerous exemplos, que os selvicolas são homens passíveis de actos de bondade, desde que com bondade sejam tratados. Invocava como argumento, ao começo de seus trabalhos, a applicação que deste methodo fizera com successo o depois General Gomes Carneiro, de quem foi ajudante, quando se levou o telegrapho a Cuyabá (1.^a commissão citada ao começo deste memorial); invocava as palavras do grande José Bonifacio de Andrada e Silva, nome assáz conhecido na

Historia do Brasil, para quem *os civilizados eram usurpadores das terras patrias, cujo dono mais legitimo elle considerava o proprio indio.*

Durante os trabalhos da ultima commissão (4.^a), em que foram pela 1.^a vez desbravados pelos civilizados sertões interiores do Brasil, o General Rondon foiprehender algumas nações indigenas no uso ainda de machados de pedra e no desconhecimento dos objectos cor-tantes de ferro e aço.

Convertidos estes mesmos indios em amigos, a Com-missão Telegraphica distribuiu-lhes sempre ferramentas, roupas, anzoes e missangas; ensinou-lhes processos mais adeantados de cultura etc.; exerceu, como continúa pre-sentemente a exercer, a protecção que foi possivel dis-pensar-lhes, na proporção dos recursos pecuniarios que conseguiu applicar em tão humanitaria obra.

Sobre essas tribus indigenas existe um bem apanhado resumo de fls. 253 a 376 do livro "MISSÃO RONDON", onde estão consignadas informações a respeito das se-guintes:

Parecis, Nhambiquaras, Kepikiri-uats, Tupys do Gy-Paraná, Urumis, Arikêmes e Barbados

A Commissão creou depois escolas primarias para os indios, dirigidas por professores e professoras que eram os proprios telegraphistas e suas esposas; tres dellas até hoje funcionam: uma na estação telegraphica de Ponte de Pedra; outra na de Utiarity; outra defronte da de Arikêmes, na colonia indigena ahi localizada sob o nome de "Rodolpho de Miranda", do ministro fundador do Serviço de Protecção aos Indios.

HISTORIA NATURAL

No livreto "PELA COMMISSÃO RONDON" (1) encontram-se de fls. 110 a 139 as seguintes informações a este respeito:

— Relação do material entregue ao Museu Nacional (23.107 exemplares de plantas, animaes, objectos indigenas etc.).

— Pareceres da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e do Instituto Historico e Goographico Brasileiro, sobre os trabalhos da Commissão Rondon.

— Apreciações do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sobre o material colligido pela Commissão.

RELAÇÃO GERAL DAS PUBLICAÇÕES DA COMMISSAO RONDON

(Organizada em 21 de Outubro de 1920) — (2)

PUBLICAÇÃO N.º 1 — *Relatorio geral* — 1.º volume — apresentado (Estudos e reconhecimentos) á Directoria Geral da Repartição dos Telegraphos e á Divisão de Engenharia do Departamento da Guerra, pelo então Coronel de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon, Chefe da Commissão.

PUBLICAÇÃO N.º 2 (Annexo n. 5) — *Historia Natural* — *Ethnographia*, pelo mesmo Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon.

PUBLICAÇÃO N.º 3 (Annexo n. 1) — (Serviço Astronomico) *Relatorio* apresentado pelo 1.º Tenente-ajudante João Salustiano Lyra.

PUBLICAÇÃO N.º 4 (Annexo n. 1) — (Serviço Astronomico) — 1909 — *Relatorio* apresentado pelo então 1.º Tenente ajudante Renato Barbosa Rodrigues Pereira.

(1) Memorial publicado por mim, a expensas de amigos e companheiros de classe, em 1918, para distribuição gratuita a cada um dos Srs. Membros dos Poderes Legislativos e Executivo da Republica.

(2) E actualizada para esta edição de 1941.

- PUBLICAÇÃO N.º 5 (Annexo n. 2) — (Explorações) — Exploração do Rio Jacy-Paraná, pelo Capitão-ajudante, Manoel Theophilo da Costa Pinheiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 6 (Annexo n. 3) — (Serviços propriamente da construção da linha) Levantamento e locação do trecho compreendido entre os Rios Zolaharuinã-Rurity e Jurucua, pelo 1.º Tenente-ajudante Emmanuel Silvestre do Amarante.
- PUBLICAÇÃO N.º 7 (Annexo n. 3) — Variante da Ponte de Pedra ao Salto Utiarity e Aldeia Queimada, pelo 1.º Tenente João Salustiano Lyra.
- PUBLICAÇÕES N.ºs 8, 9, 10, 11 e 12 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Botanica — Specimes estudados por Frederico Carlos Hoehne, (partes I, II, III, IV e Atlas).
- PUBLICAÇÃO N.º 13 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Zoologia — Crustaceos pelo Dr. Carlos Moreira.
- PUBLICAÇÃO N.º 14 (Annexo n. 5) — Zoologia — Tabanideos pelo Dr. Adolpho Lutz.
- PUBLICAÇÃO N.º 15 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Zoologia — Pimelodidae etc. por Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 16 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Zoologia — Loricaridae etc. por Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 17 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Zoologia — Mammiferos por Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 18 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Mineralogia e Geologia pelo professor Dr. Alberto Betim Paes Leme.
- PUBLICAÇÃO N.º 19 (Annexo n. 6) — (Serviço Sanitario) Expedição de 1909 pelo 1.º Tenente Dr. Joaquim Augusto Tanajura.
- PUBLICAÇÃO N.º 20 (Annexo n. 6) — (Serviço Sanitario) Secção de Caceres a Matto-Grosso, pelo Cap.-medico Dr. Armando Calasans; da linha Tronco, pelo 1.º Tenente-medico Dr. Joaquim Pinto Rabello.
- PUBLICAÇÃO N.º 21 (Annexo n. 4) — (Relatorios Diversos) — Relatorio apresentado pelo Chefe da 1.ª Secção, Major de Engenheiros Felix Fleury de Souza Amorim.

388 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

- PUBLICAÇÃO N.º 22 (Anexo n. 5) — (Historia Natural) Moluscos — pelo Dr. Hermann von Ihering.
- PUBLICAÇÃO N.º 23 (Anexo n. 5) — (Historia Natural) Geologia — Observações geológicas, geographicas e ethnographicas, sobre a viagem de exploração de Cuyabá a Serra do Norte, passando por São Luis de Caceres, por Carlos Carnier.
- PUBLICAÇÃO N.º 24 (4 Mappas) — Quatro Mappas do anexo n. 5, de Mineralogia e Geologia, pelo professor Dr. Alberto Betim Paes Leme.
- PUBLICAÇÃO N.º 25 (1 Mappa) — Um mappa do levantamento expedito do rio Jarú, affluente do Rio Gy-Paraná ou Machado, anexo ao 1.º volume do relatório do Chefe da Comissão (Estudos e Reconhecimentos).
- PUBLICAÇÃO N.º 26 — Terceiro volume do relatório do então Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, Chefe da Comissão.
- PUBLICAÇÃO N.º 27 (Anexo n. 4) — Relatório dos trabalhos realizados durante o anno de 1908, por Alipio de Miranda Ribeiro, na qualidade de Zoologo da Comissão.
- PUBLICAÇÃO N.º 28 (Anexo n. 4) — Relatório dos trabalhos de Botanica e viagens executadas durante os annos de 1908 e 1909, por Fredericó Carlos Hochne, como Botanico da Comissão.
- PUBLICAÇÃO N.º 29 (Anexo n. 2) — Exploração do rio Iké (1912-1913) — Relatório apresentado pelo 1.º Tenente Julio Caetano Horta Barbosa.
- PUBLICAÇÃO N.º 30 (Anexo n. 4) — Relatório do Serviço de Conservação da Linha Telegraphica, no periodo de Junho de 1913 a Setembro de 1914, pelo 1.º Tenente Julio Caetano Horta Barbosa.
- PUBLICAÇÃO N.º 31 (Anexo n. 2) — Explorações dos Campos de Commemoração de Floriano ao Rio Guaporé (1912) e da zona comprehendida entre os rios Commemoração de Floriano e Pimenta Bueno (1913) pelo Engenheiro de minas Dr. Francisco Moritz.
- PUBLICAÇÃO N.º 32 (Anexo n. 6) — (Serviço Sanitario) — Relatório apresentado pelo Capitão-medico graduado Dr. João Florentino Meira de Faria.

- PUBLICAÇÃO N.º 33 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Botanica — Parte VII — Pteridophytas — pelo professor Dr. A. J. Sampaio.
- PUBLICAÇÃO N.º 34 (Annexo n. 2) — Exploração do rio Paranatinga e seu levantamento topographico, bem como os dos rios S. Manoel e Telles Pires; relatório apresentado pelo 1.º tenente Antonio Pyrineus de Sousa.
- PUBLICAÇÃO N.º 35 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Zoologia — Hymenopteros por Adolpho Ducke.
- PUBLICAÇÃO N.º 36 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Zoologia — Ixodidas, pelo Dr. Henrique de Beaurcpaire Aragão, Assistente do Instituto Oswaldo Cruz.
- PUBLICAÇÃO N.º 37 (Annexo n. 4) — (Relatorios diversos) Quadros de pessoal e do rendimento do serviço na construção da linha tronco; observações meteorologicas registadas em varias estações telegraphicas; orçamentos diversos etc.
- PUBLICAÇÃO N.º 38 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Botanica — Asclepiadaceas — Monographia, por Frederico Carlos Hoehne.
- PUBLICAÇÃO N.º 39 — Relatório Geral — 2.º volume do relatório do então Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, Chefe da Comissão.
- PUBLICAÇÃO N.º 40 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Botanica — (Parte V) Mayacaceas, Xyridaceas etc. — por Frederico Carlos Hoehne, (Rio de Janeiro 1915).
- PUBLICAÇÃO N.º 41 (Annexo n. 5) — (Historia Natural) Botanica — Adição para Alismataceas e Butonaceas da Parte IV etc. — Setembro de 1915, por Frederico Carlos Hoehne (Parte VI).
- PUBLICAÇÃO N.º 42 (Conferencias de 1915) — Conferencias realizadas pelo então Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon, em 5, 7 e 9 de Outubro de 1915. Edição em português.
- PUBLICAÇÃO N.º 43 — Versão para inglês da publicação n. 42, por R. G. Reidy e E. Murray.
- PUBLICAÇÃO N.º 44 (Annexo n. 1) — Trabalhos astronomicos effectuados em 1910, pelo então 1.º Tenente Renato Barbosa Rodrigues Pereira.

390 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

- PUBLICAÇÃO N.º 45 (Anexo n. 5) — (Historia Natural) Botanica — Parte VIII. Leguminosaeas — por Frederico Carlos Hoehne.
- PUBLICAÇÃO N.º 46 (Anexo n. 5) — (Historia Natural) — Zoologia — Cichlidae — por Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 47 (Anexo n. 5) — (Historia Natural) Botanica — Parte IX — Bromeliaceas e Orchidaceas, por Frederico Carlos Hoehne (Julho de 1917).
- PUBLICAÇÃO N.º 48 (Anexo n. 2) — Exploração e levantamento dos rios Anary e Machadinho pelo Capitão-ajudante Nicoláu Bueno Horta Barbosa.
- PUBLICAÇÃO N.º 49 (Conferencias) — “O Museu Nacional e a Commissão Rondon”, pelo professor do mesmo Museu Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 50 (Anexo n. 1 da Expedição Roosevelt) — (Historia Natural) Geologia — pelo Engenheiro de minas, Dr. Euzebio Paulo de Oliveira (1914).
- PUBLICAÇÃO N.º 51 (Anexo n. 2 da Expedição Roosevelt) — (Historia Natural) Botanica — por Frederico Carlos Hoehne.
- PUBLICAÇÃO N.º 52 (Anexo n. 3 da Expedição Roosevelt) — (Serviço Astronomico) Relatorio apresentado pelo 1.º Tenente João Salustiano Lyra.
- PUBLICAÇÃO N.º 53 (Anexo n. 4 da Expedição Roosevelt) — (Historia Natural) Zoologia — por Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 54 (Anexo n. 5 da Expedição Roosevelt) — Ajudancia e Serviço Meteorologico, pelo Capitão Amilcar Armando Botelho de Magalhães.
- PUBLICAÇÃO N.º 55 (Anexo n.º 6 da Expedição Roosevelt) — (Serviço Sanitario) pelo Capitão-medico Dr. José Antonio Cajazeira.
- PUBLICAÇÃO N.º 56 (Anexo n.º 5) — (História Natural) Botanica — Parte X — Lauraceas de Matto-Grosso e duas novas especies do Amazonas — pelo professor A. J. Sampaio.

- PUBLICAÇÃO N.º 57 (Annexo n.º 2) — Exploração e levantamento do rio Jamary pelo 2.º Tenente Octavio Felix Ferreira e Silva.
- PUBLICAÇÃO N.º 58 (Annexo n.º 5) — (Historia Natural) Zoologia — Peixes, exclusive Characidae, pelo professor Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 59 (Annexo n.º 5) — (Historia Natural) Geologia — Estudos feitos sobre rochas dos rios Sangue, Arinos, Paranatinga, Sucundury e da zona compreendida entre os valles do Gy-Paraná e Guaporé. Monographia sobre o gesso. Pelo Engenheiro de minas Dr. Euzebio Paulo de Oliveira.
- PUBLICAÇÃO N.º 60 (Mappas) — Primeira serie de mappas da linha tronco, explorações de rios, etc. pela Secção de Desenho. (Não concluidos).
- PUBLICAÇÃO N.º 61 (Annexo n.º 5) — Aguas thermaes de Matto Grosso — 1.ª Parte do relatório apresentado pelo Dr. Orozimbo Corrêa Netto.
- PUBLICAÇÃO N.º 62 (Annexo n.º 5) — Aguas thermaes de Matto Grosso — 2.ª Parte. Exame *in loco* das fontes thermaes de Palmeiras, Bahia do Frade e Poúro, pelo Dr. Orozimbo Corrêa Netto.
- PUBLICAÇÃO N.º 63 (Annexo n.º 5) — Zoologia — Psittacidae pelo professor Alipio de Miranda Ribeiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 64 (Annexo n.º 4) — Relatório do Escriptorio Central da Comissão, correspondente ao annos de 1914, 1915 e 1916, pelo Capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães, Chefe do Escriptorio. (Suspensa a impressão ao ser extincta a Comissão Rondon em 1930).
- PUBLICAÇÃO N.º 65 (Annexo n.º 1) — Serviço astronomico e de determinação de coordenadas geographicas, de 1915 a 1919, pelo ajudante Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro.
- PUBLICAÇÃO N.º 66 (Annexo n.º 2) — Exploração e levantamento do rio Cautário pelo Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro.

NOTAS: I — Todas as publicações sobre Historia Natural constituem *annexos n.º 5* aos Relatórios Geraes do Chefe da

Commissão; as do serviço sanitario constituem os *annexos* n.º 6; n.º 1, as do *serviço astronomico*; n.º 2, as de *explorações*; n.º 3, as de serviço propriamente da *construção da linha telegraphica*; e n.º 4 as de *relatorios diversos*.

II — As publicações da “Expedição Roosevelt-Rondon” tomaram a numeração geral das da Commissão, (50 a 55), mas a designação dos *annexos* foi modificada, ficando cada relatório com seu numero, como se vê da relação acima. O General Rondon, como chefe da Commissão Brasileira, deixou de apresentar seu relatório ao Governo, por tel-o feito indirectamente, mediante duas conferencias publicas, das tres que realizou em 1915, publicadas officialmente (publicações n.º 42 e 43) sob os titulos: “A Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon” e “O rio da Duvida”.

III — Quando deixei a Chefia do Escriptorio Central, em Maio de 1922, já haviam sahido do prélo as publicações de n.º 1 a 59, 61 a 63, 65 e 66; das que estão, pois, acima relacionadas, só faltavam sahir as de n.ºs 60 e 64.

IV — Em 1940 já estava publicada a primeira serie de mappas, comprehendendo as folhas de topographia da zona atravessada pela linha telegraphica, os quaes, em conjunto, constituem a publicação n.º 60; e, comquanto não tivesse sido impressa a de n.º 64, a lista geral das publicações da Commissão Rondon attingira ao n.º 88. Limitando-nos a relacionar apenas as que sahiram do prélo, daremos, a seguir, a materia tratada nos novos volumes apparecidos:

N.º 67 — Anexo n.º V — Botanica. Parte X — Gramineas, etc., por João Geraldo Kuhlmann.

N.º 68 — Conferencias — Realizadas pelo Chefe da Commissão, em 1910, no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

N.º 84 — Anexo n.º V — Zoologia — Ophidios de Matto-Grosso, pelo Dr. Afranio Amaral.

N.º 85 — Anexo n.º V — Botanica — Phyto-physionomia de Matto-Grosso, por F. C. Hoehne.

N.º 86 — Anexo n.º IV — (Relatorios Diversos) — Pelo Indio e pela sua Protecção Official, por Luis Bueno Horta Barbosa.

N.º 87 — Anexo n.º IV — Pacificação dos Indios Parintintins, por Joaquim Gondim.

N.º 88 — Conferencias — O Problema Indigena do Brasil — por Luis Bueno Horta Barbosa — (Pronunciada em Montevideo, a 1.º de Abril de 1926).

RESUMO DOS TRABALHOS DE BOTANICA
E ZOOLOGIA

Annexo, finalmente, a este ultimo capitulo, pedindo venia aos autores para transcrever suas palavras, os resumos dos estudos de Botanica e Zoologia publicados pela Comissão Rondon, conforme a synthetica exposição do botanico F. C. Hoehne e do zoologo Alipio de Miranda Ribeiro (ambos naturalistas Brasileiros):

TRABALHOS DE BOTANICA

Em tres categorias ou classes poderemos dividir as publicações até hoje feitas pela Comissão Rondon referentes á botanica:

- I — *Phytogeographicas e descriptivas.*
- II — *Systematicas.*
- III — *Monographicas.*

As primeiras appareceram em forma de relatorios provisionarios e como introducções de alguns trabalhos systematicos.

Dois destes compõem a Publicação n.º 28, do "Annexo 4" e se intitulam: "Relatorios dos trabalhos de botanica e das viagens executadas durante os annos de 1908-1909 por F. C. Hoehne". Contém 54 paginas de texto.

Outros fazem parte do terceiro volume do Relatorio do Chefe da Comissão como annexos do mesmo. São do mesmo autor e descrevem as regiões visitadas durante os annos de 1910-1912, a saber: o sul de Matto-Grosso e a região atravessada pelos grandes rios Juruena e Tapajoz, desde o Acampamento e Estação Telegraphica do primeiro, até a foz do ultimo. Como muito bem explica a palavra "summario", são elles apenas portadores de notas ou ligeiros apontamentos, com o auxilio dos quaes

se fará, futuramente, a phytogeographia do Estado de Matto-Grosso, desde que se tenham concluido os estudos systematicos de todo o material recolhido, sem o auxilio do qual inuteis seriam todas as tentativas neste sentido.

Com outro character apparecem, já como contribuição á phytogeographia e ecologia daquelle Estado, as introduções do Annexo n.º 2 da "Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon" e as das Partes I, VIII e IX, bem como a da "Monographia das Asclepiadaceas Brasileiras" fasc. I e II. Na Parte I e no trabalho "Exped. Sc. Roosevelt-Rondon", como notas em geral, na Parte VIII, sobre a distribuição das *Leguminosas*, e na Parte IX, sobre a das *Orchidaceas e Bromeliaceas*. Igualmente instructivo neste particular é o trabalho das *Melastomaceas*, que já se encontra prompto para o prelo. Com o auxilio destes trabalhos poderemos formar uma pallida ideia do que sejam a flora e o aspecto physionomico daquellas campinas e mattas riquissimas, as primeiras para a criação de gado vaccum e cavallar e as ultimas em madeiras e productos naturaes de grande importancia e preciosos ás industrias e á medicina.

Character puramente systematico e informativo possuem os trabalhos da segunda categoria, que se compõem de nove Partes, das quaes seis são da autoria de F. C. Hoehne (que desde 1908 vem servindo no cargo de botânico da Commissão, tendo feito duas demoradas viagens por conta da mesma e uma terceira de menor duração, acompanhando o Coronel Theodoro Roosevelt na sua Expedição Scientifica) e as outras da autoria adeante indicada; do Professor Dr. H. Harms, Berlim, Allemanha, o estudo das *Leguminosas* da primeira viagem, dados a lume na Parte II; do Dr. Alfredo Cogniaux, Bruxellas, Belgica, os resultados das *Melastomaceas* da primeira viagem e as *Cucurbitaceas* e algumas *Orchidaceas*, descre-

viendo como novas cinco *Melastomaceas* e duas *Orchidaceas* na Parte III, que é illustrada por F. C. Hoehne, com duas estampas originaes. A Parte VII, da autoria do Dr. Alberto José Sampaio, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, traz a enumeração de algumas novidades e uma parte das *Pteridophytas*; algumas estampas do proprio autor illustram o texto. Destes trabalhos enumerados, as Partes II e III têm respectivamente 15 paginas de texto cada uma e a Parte VII tem 20 paginas.

Todas as demais publicações desta serie são, como já ficou dito, da autoria do botanico da Comissão, em formato 4.^o B e constam do seguinte:

Parte I — 71 paginas de texto, contendo a enumeração das *Orchidaceas* recolhidas na primeira viagem, ao lado da descripção de alguns outros grupos de *Monocotyledoneas*. São descriptas como novas para a Sciencia: 1 *Iridacea*, 13 *Orchidaceas*, 3 *Aristolochiaceas* e 1 *Passifloracea*. Acompanha a esta Parte um Atlas que traz as illustrações das especies descriptas como novas e de muitas outras menos conhecidas, perfazendo um total de 63 *tabulas* em que são reproduzidas 67 especies diferentes, na grande maioria *Orchidaceas*. Todas estas estampas são reproduções lithographicas de desenhos feitos pelo autor.

Parte IV — 33 paginas de texto, descrevendo 4 e enumerando muitas *Orchidaceas* ao lado de outras *Monocotyledoneas*; 14 estampas originaes illustram o trabalho.

Parte V — 87 paginas de texto, descrevendo 1 especie nova de *Passifloraceas*, 1 das *Nyctaginaceas*, 1 das *Xyridaceas*, 1 das *Marantaceas*, 14 das *Orchidaceas*, alem de grande numero de novas variedades. Rectificada é tambem uma classificação de *Aristolochia*, descripta por varios autores e pelo proprio, como nova, em trabalhos anteriores; 25 estampas lithographadas e 7 photogravuras, representando um total de 37 especies diversas descriptas no texto, illustram o trabalho.

Parte VI — 96 paginas de texto, descrevendo como novas para a Sciencia: 1 *Oxalidacea*, 1 *Vitacea*, 1 *Loasacea*, 1 *Araliacea*, 1 *Halorrhagidacea*, 1 *Myrsinacea*, 1 *Ebenacea*, 1 *Apocynacea*, alem de algumas variedades. Illustram o trabalho documentando os achados novos: 10 photogravuras e 9 lithographias, que representam 22 especies enumeradas no texto, onde se trata de representantes de grande numero de familias de vegetaes mattogrossenses.

Parte VIII — 102 paginas de texto, descrevendo as *Leguminosas* recolhidas pela Commissão até 1917, retificando tambem alguns erros que escaparam na Publicação n.º 8 — Parte II. Vinte novas especies e algumas variedades são descriptas, 22 estampas em photogravura e 9 lithographias documentam novas e varias outras das especies citadas e menos conhecidas.

Parte IX — 44 paginas de texto, descrevendo o restante das *Orchidaceas* e *Bromeliaceas* colhidas pela Commissão até 1918, onde duas novas especies de *Bromeliaceas* e quatro de *Orchidaceas*, bem como diversas variedades são apresentadas. Sete photogravuras e 11 lithographias illustram o trabalho. Neste trabalho, como no anterior, apparece, como já dissemos mais acima, uma interessante nota sobre a distribuição geographica bem como ecologica das *Leguminosas*, *Orchidaceas* e *Bromeliaceas* do Estado de Matto-Grosso.

O annexo n.º 2 da "Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon", do mesmo formato, tem 81 paginas de texto, 22 photogravuras intercaladas no texto, revelando aspectos da flora do Estado de Matto Grosso e parte septentrional da Argentina, e mais 18 photogravuras de especies; 5 lithographias e 2 chromolithographias documentam os achados novos, bem como outras especies ainda menos conhecidas. Descriptas como novas para a Sciencia existem neste trabalho um *Croton* e algumas variedades de *Orchidaceas*.

De caracter monographico existe um inicio: os dois primeiros fasciculos da "Monographia das Asclepiadaceas Brasileiras", que contêm a enumeração e descripção das especies dos generos *Oxypetalum* e *Calostigma*, trazendo de cada um descripção detalhada, alem de uma estampa analytica dos detalhes floraes e uma estampa da planta excicada mostrando o seu *facies*. Nas 16 *tabulas* lithographicas encontramos os detalhes floraes de 64 especies. que se acham representadas nas 56 *tabulas* photographicas. Todo o trabalho contem 174 paginas impressas. Duas novas especies e algumas novas variedades são ahi apresentadas e varias retificações constam do texto.

Pela exposição supra, verificamos portanto que a contribuição botanica da Commissão Rondon é, até este momento, de trabalhos já impressos, de 750 paginas impressas, 156 *tabulas* lithographicas e 142 ditas photographicas e 2 chromolithographicas; sendo o contingente de novidades para a Sciencia de mais de 80 especies até hoje, das quaes só a familia natural das *Orchidaceas* conta com 36 novidades em especies, alem de grande numero de variedades novas.

Conforme já dissemos, estes trabalhos são ainda pouco conhecidos em nosso Paiz, apesar de algumas revistas, taes como a do Museu Paulista, já se terem occupado com os mesmos. Sobre elles já se manifestaram, porém, especialistas estrangeiros, taes como o Dr. Miguel Lillo e Dr. Molfino, da Argentina, reputando o primeiro destes fasciculos da "Monographia das Asclepiadaceas Brasileiras" a melhor coisa que até aqui se tem feito neste sentido — parecer este que tambem espontaneamente foi dado pelo Dr. Rudolf Schlechter, de Berlim — pedindo ainda ambos estes especialistas no grupo, que se continue a mesma. Alem destes, muitos outros, botanicos de nomeada, tanto da America do Norte como da Suecia, Allemanha, Belgica, Inglaterra e Suiça têm externado a sua

opinião, tecendo elogios aos trabalhos da Comissão Rondon; o Dr. Kraezlin e o Dr. Schlechter, ambos especialistas em *Orchidaceas* vêm-se occupando dos mesmos numa conscienciosa critica, das quaes a primeira apparecerá em breve no "Just's Botanisches Bericht", isto depois dos commentarios que varios especialistas já expenderam no "Die Botanische Jahrbücher de Engler".

No emtanto ainda restam mais de 50% das especies recolhidas, para serem estudadas. Dos mais de 8.000 numeros de vegetaes, reunidos em Matto-Grosso pelos botanicos F. C. Hoehne e J. G. Kuhlmann, bem como pelo proprio Chefe e alguns outros auxiliares, nem a metade está publicada, e para a classificação total ainda falta uma boa percentagem.

Varios trabalhos, que continuarão a serie, já se acham concluidos, aguardando apenas dotação orçamentaria para entrarem no prelo.

Concluidos estes trabalhos botanicos da Comissão, ella poderá orgulhar-se de ter trazido do Estado de Matto-Grosso, o maior contingente para o conhecimento da sua flora.

OS TRABALHOS ZOOLOGICOS DA COMISSÃO RONDON

Dentre os grandes debitos que o Brasil tem para com a Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas, figuram em saliente destaque os estudos e as collecções de Historia Natural, realizadas em beneficio da instrucção publica nacional.

De facto, o extraordinario paiz que é o Brasil, varado em todas as direcções por emissarios scientificos da Allemanha, da França, da Austria, da Inglaterra, da Russia, da Suecia e dos Estados Unidos da America do Norte, apenas pôde contar tres expedições suas, de valor real, a

terceira das quaes foi organizada pelo então Major Rondon, em 1907, durante o governo do Dr. Affonso Penna e sendo Ministro da Viação, o Dr. Miguel Calmon.

A primeira das expedições brasileiras foi dirigida pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e data do tempo colonial; os seus resultados ainda jazem em manuscriptos inéditos e (muitos dos quaes apenas de valor historico) daquelle naturalista, enquanto que o material, na sua totalidade remetido para o Museu de Lisboa, dalli foi em parte retirado por St. Hilaire, durante a invasão franceza do reino de Portugal.

A segunda expedição, que tinha por fim exclusivo o estudo de Historia Natural, foi realizada pelo Dr. Freire Allemão, nos sertões do Ceará, ao tempo do 2.^o Imperio; sahindo as primeiras publicações em 1862, ainda sob a mesma direcção deste eminente brasileiro.

“Infelizmente, diz elle no prologo da “Secção de Botanica”, explicando porque atacava logo as publicações: “Por mais que se forceje anda-se sempre devagar em nosso paiz; salve-se, porém, o que se puder. É verdade que por este modo correu-se a aventura de assignalar-se novidade em assumpto velho; não importa, a sciencia não está feita; no fim será depurada e o inutil lançado fóra; é melhor isso, e é o que todos fazem, do que ver-se o trabalho perdido por incuria ou desidia”.

Apenas 54 annos depois, essas collecções, que o eminente sabio tanto receava perder e das quaes apenas conseguira fazer aflorar meia duzia de formas, collecções computadas em 20.000 exemplares, estavam reduzidas a 1.500 exemplares, segundo dados officiaes.

Isto, em se tratando de botanica; de zoologia nada posso aqui dizer senão que o mesmo receio assaltava ao chefe da Comissão de Linhas Telegraphicas, de modo que todas as providencias foram tomadas para que tão

triste facto não viesse a se reproduzir, quanto ao material da Comissão Rondon.

A Comissão tem conseguido assegurar a perpetuidade dos seus serviços, neste campo, graças á presteza relativa com que foi lançando em publico os seus resultados, e á divisão do material em grupos, confiados a especialistas, que os vão gradativa e continuamente trabalhando.

Para as collecções de zoologia, fizeram serviço de campo:

<i>Collectores</i>	<i>Exemplares</i>
Alipio de Miranda Ribeiro — 1908-1910	3.600
Hoehne e irmãos Kuhlmann, 1910-1912	200
Hoehne, Black de Sant'Anna, Reinisch e Snr. Serapião, 1913-1914	183
Tenente Pyrinicus de Sousa e E. Stolle, 1913-1914	255
Tte. Pyrineus de Sousa e Antenor Pires, 1914-1915	217
Coronel Rondon e E. Stolle, 1915	1.195
Tenente Vasconcellos e Sr. Serapião, 1915	17
	<hr/>
	5.667

Ulteriormente, novas remessas foram effectuadas, salientando-se o material colligido pelo proprio General, nas margens do Guaporé e extremo N. O. Mattogrossense.

Até agora publicou a Comissão as seguintes Memorias, da parte referente á zoologia:

- 1 — *Tabanidos*, pelo dr. A. Lutz. — Enumeração de 15 especies, 7 das quaes novas.
- 2 — *Crustaceos*, pelo Sr. Carlos Moreira — o material colligido permittiu ao autor uma revisão completa dos Crustaceos brasileiros da familia dos *Argulideos*. Alem das especies da familia citada, figuram mais 4 das familias *Palaemonidae* e *Patamonidae*.
- 3 — Lista de *Hymenopteros* colligidos e Revisão das abelhas sociaes do genero *Milipona*, pelo Snr. A. Ducke.

Pela primeira vez pôde ser executado um tão importante trabalho sendo assim facilitado, aos estudiosos da natureza, um guia seguro e efficiente, neste utilissimo grupo de insectos.

- 4 — *Molluscos*, pelo Dr. H. von Ihering — A memoria apresentada pelo Dr. von Ihering refere-se especialmente a 20 especies de Molluscos terrestres e fluviaes colligidos pela Commissão. — O seu interesse sobresahe de valor nas conclusões zoogeographicas, alem das novidades faunisticas.
- 5 — *Ixodidas*. — Pelo Dr. Beaurcpaire Aragão. Também á zoogeographia interessa este trabalho; muitas notas ecologicas propriamente ditas, são encontradas nas enumerações das especies.
- 6 — Peixes da familia das *Loricarias etc.* pelo professor Miranda Ribeiro, tratando de 50 especies, muitas das quaes novas.
- 7 — Idem da familia dos *Pimelodideos*, etc., do mesmo autor, com 44 especies, varias das quaes novas.
- 8 — Idem da familia dos *Cichlideos*, do mesmo autor, referindo-se a grande numero de especies e tratando de uma revisão do conjunto.
- 9 — Mammiferos — Pelo mesmo autor, contendo uma enumeração de 84 especies e muitas notas biologicas e zoogeographicas.

Os obstaculos encontrados pela Commissão têm sido de toda a ordem, por isso, num intuito convergente, os seus auxiliares *data-venia*, vão publicando tambem o que podem, por si ou por seus amigos. Em zoologia e nestas condições, já figuram duas revisões, uma sobre os veados do Brasil, e outra sobre os *Psittaeideos* do Brasil, ambas publicadas pelo dr. E. de Taunay, na Revista do Museu Paulista e da lavra do professor Miranda Ribeiro.

* * *

Não pequeno exito têm logrado estas e outras publicações da Commissão que, alem do serviço de propaganda nacional, vão recebendo applausos de todas as partes do globo onde haja elementos scientificos capazes de as julgar; e quando não houvesse outros motivos de louvar

a orientação e os esforços do General Rondon em porfiar numa obra tão alevantadamente constructora, só a attenção e sympathia, despertadas pelos seus trabalhos scientificos em favor do Brasil, recompensariam de sobra os sacrificios por ventura allegados para sua execução.

Da attenção despertada nasceu o interesse do Coronel Theodoro. Roosevelt em se incorporar na Commissão, em uma variante auxiliar; e é bem de ver quão grande estreitamento de relações tal facto suscitou, entre o Brasil e os Estados Unidos da America do Norte.

É de esperar que o resto do material seja devidamente estudado e lhe não negue o governo brasileiro os recursos necessarios á respectiva publicação, tanto mais quanto a critica mundial tem sido unanime em favor do que já se conseguiu — o que nos conforta e anima.

RIOS E MONTANHAS DO ESTADO DE MATTO-GROSSO

Aos estudiosos da geographia de nossa cara Patria offereço este primeiro ensaio da profunda remodelação que trarão á chorographia de Matto-Grosso, os estudos da Comissão Rondon, consubstanciados no mappa que os reuniu, na escala de 1/1.000.000, o qual está sendo concluido sob as vistas do respectivo chefe da secção cartographica, nosso distincto camarada e amigo Cel. Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, a cuja dedicação e competencia technica confiou o General Rondon o glorioso remate de sua grandiosa obra de explorador scientifico dos nossos sertões e consummado geographo.

Antes de as expôr á publicidade, submetti-as ao competente exame do nosso inexcedivel sertanista que, depois de as corrigir, restituiu-m'as com sua prezada carta de 16 de Março de 1934, onde se lê o seguinte topico:

“Com esta carta devolvo as nótulas chorographicas que quizeste enviar a minha apreciação. Acho-as bem formuladas e de accordo com a realidade dos phenomenos que tivemos a felicidade de contemplar e sentir “in loco”, através das viagens e das paragens a que nos conduziu o serviço publico confiado ao nosso patriotismo e ao exercicio da nossa profissão militar”.

Meu trabalho foi apenas de compilação e aproveitamento das notas redigidas pelo General Rondon sobre a orographia de Matto-Grosso e da carta schematica construida pela “Comissão Rondon” durante o periodo em

que tive a honra de estar chefiando o respectivo Escrip-tório Central, no Rio de Janeiro: 1914 a 1922.

Precisarão naturalmente ser completadas e refundi-das, quando sahir a lume a carta definitiva de Matto-Grosso a que já alludi.

I

NOTAS SOBRE HYDROGRAPHIA DE MATTO GROSSO

N. B. — Os nomes em maiusculas in-dicam os rios explorados, levantados ou estudados pela Comissão Rondon.

Matto-Grosso dispõe como o Amazonas e o Pará, de uma vasta rêde hydrographica que comprehende duas grandes divisões: rios que correm para o Norte e rios que correm para o Sul, estes da immensa bacia dos rios Paraguay-Paraná-Rio da Prata, aquelles tributarios da grandiosa bacia dos rios Amazonas e Araguaya-Tocantins, ultimo dos importantes affluentes da margem direita do Amazonas.

A — AGUAS DO NORTE

a) O rio GUAPORÉ (que contraverte com o Juruena), desde suas cabeceiras, e seus affluentes da margem esquerda, entre os quaes o rio Alegre e o rio Verde (1.^o). — (1).

b) Innumeros affluentes da margem direita dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira (2) dos quaes os princi-paes são, de montante para jusante de seus collectores: Galera; Cabixi; Corumbiára e seu affluente Ababas; Me-

quens, Colorado; S. Simão e seu affluente Branco (1.º), S. MIGUEL e seu affluente MANOEL CORRÊA; Cautarinho; S. Domingos; CAUTÁRIO — todos do GUAPORÉ; Negro ou Soterio, Amaral, S. Carlos, Pacahás Novos — estes do Mamoré — e Mutum-Paraná, JACI-PARANÁ, JAMARI, GI-PARANÁ ou Machado, Marmelos (só a sua cabeceira principal), ROOSEVELT (3) e CANUMÃ, em curto trecho de sua cabeceira principal que é o rio Sucunduri — todos do Madeira e cortados, excepção dos dois primeiros, pelo paralelo de 8º48' (oito graus e quarenta e oito minutos de latitude Sul) que ahí forma o limite septentrional do Estado de Matto Grosso com o do Amazonas, desde Santo Antonio do MADEIRA até o rio Juruena.

São affluentes do JACI-PARANÁ: O Formoso (m. esq.) e o BRANCO (2), (m. dir.), este já proximo da fóz do Jaci no Madeira.

O unico affluente importante do JAMARI é o rio CANDEIAS (m. esq.), cuja fóz não está mais em territorio de Matto-Grosso, pois tanto o Candeias como o Jamari são cortados pelo paralelo de 8º48' já referido.

São principaes affluentes do GI-PARANÁ: o rio PRETO (m. esq.) proximo à fóz do Gi no Madeira e cujo curso está dividido em duas partes, quasi iguaes, pelo paralelo limitrophe; o Juruá; o MACHADINHO; o ANARI, o TARUMÃ; o JARÚ; o Urupá; o Ricardo Franco; todos da margem esquerda excepto o unico da m. dir. que é o Tarumã — excepção que constitue um verdadeiro capricho da natureza.

Formam o Gi: o PIMENTA BUENO e o COMMEMORAÇÃO DE FLORIANO, em cuja confluencia está localizada a estação Pimenta Bueno, da grande linha telegraphica do sertão, construida pela Commissão Rondon, de Matto-Grosso ao Amazonas.

São principaes afluentes do rio ROOSEVELT (antigo Castanha-Aripuanã) em territorio mattogrossense: o rio Aripuanã, pela m. dir., com seus tributarios da m. esq. Guariba e Paxiuba, cujas cabeceiras, apenas, estão em MattoGrosso; os rios Machadinho (2.º) e Madeirinha pela m. esq., ambos cortados pelo paralelo limitrophe; o rio CAPITÃO CARDOSO (m. dir.), com seu formador TENENTE MARQUES (17).

c) Os formadores do rio Tapajóz: JURUENA (4) e TELLES PIRES (5).

Do grande leque de rios que formam o Juruena, citaremos os seguintes principaes — todos, como o Juruena, e o Telles Pires, explorados e levantados pela Comissão Rondon: IQUÊ, CAMARARÉ, JUINA, FORMIGA, SAUËUINÁ, BURITI, SAUERUINÁ ou Papagaio, com seu afluente SACRE e sub-afluente VERDE (2.º), SANGUE (6), ARINOS (7).

Pertencem ao valle do Telles Pires: Outro rio VERDE (8) — (3.º), Peixoto de Azevedo, Apiacás e outros, sendo o Telles Pires formado pela confluencia do PARANATINGA com o S. Miguel e contravertendo com as cabeceiras do Xingú.

O rio ARINOS, importante affl. m. dir. do Juruena, tem como principaes afl. o Peixes (24) (m. dir.) perto da fóz, varios outros por ambas as margens do seu curso e, proximo a suas cabeceiras: o SUMIDOURO (m. esq.), que tambem recebe o Agua Verde (m. esq.) e o Parecis (m. esq.).

O Agua Verde e o Sumidouro contravertem com o rio TENENTE LYRA e com cabeceiras do rio Paraguay.

d) A curiosa bacia do Xingú, que é formado pela confluencia convergente de tres rios: CULUENE, Batoivi ou Tamitatoala e Ronuro.

O Xingú (9) entra em territorio paraense na latitude (11) Sul de quasi 10° e contraverte com o TELLES PIRES e o rio Manso do Cuiabá.

São affluentes principaes do Culuene, pela sua margem direita: os rios 15 de Agosto, Couto Magalhães (2.º, porque ha outro "Couto Magalhães", affluente do rio Jarú, sub-affluente este do Gy-Paraná). Cabusata, Sete de Setembro, Tanguro; pela esquerda: Encantado, das Canôas, Aniceto Botelho, Aguas Novas e o Curisevu.

São affluentes principaes do Ronuro, pela margem direita: o JATOBÁ; pela esquerda: o Stainen (10) que recebe tambem pela sua esquerda o Ferro.

Além daquelles dois affluentes principaes, o Ronuro, que é um digno êmulo do Culuene, recebe, pelas suas duas margens, mais de duas dezenas de ribeirões e corregos, entre os quaes o Capitão Noronha, Capitão Jaguaribe e Agrimensor Santiago, pela margem direita, avolumando suas aguas. O ribeirão Pomba, que contraverte com o rib. Vermelho, contribuinte do Telles Pires, é a sua cabeceira principal.

Abaixo da triplice confluencia, recebe ainda o Xingú, em terra mattogrossense: o Suiá-missú, o Ahuajá-missú e o Liberdade, pela m. dir. e o Manitsauá-Missú e o Juruna pela m. esq.

e) O rio ARAGUAIA (12) desde as nascentes até a linha imaginaria de limites com o Pará e, neste trecho todo, os seus affluentes pela margem esquerda, entre os quaes, como mais importantes, citaremos: o rio Manso ou das MORTES, que contravertê, a 15 leguas de Cuiabá, com os affluentes e sub-affluentes da m. esq. do Cuiabá: Rio da Casca, Aricá-assú e Aricá-mirim, e rio Amaral, affluente da m. dir. do rio Poguba-xoreu, este, primitivamente conhecido pelo nome de São Lourenço; o rio Claro; o Araguainha; o S. Domingos; o Diamantino; o

das GARÇAS, com seu sub-affl. Barreiro (m. esq.); o Crystalino, que corre entre o das Mortes e o Araguaia e tem sua fóz no braço de rio que liga aquelles dois grandes rios e fórma a costa meridional da ilha do Bananal; e o rio Tapirapés.

O Araguaia contraverte com o Taquary (afl. Paraguay, m. esq.), CORRENTE E APORE (13) ou do Peixe (afflts. ambos m. dir. Paranahyba) e o rio Sucuriú.

B — AGUAS DO SUL

f) O rio Paranahyba (alto-Paraná) e o Paraná (14), na divisa com Goyaz, Minas e S. Paulo, assim como os seus afluentes da m. esq., desde a fóz do Aporé até o divisor secundario entre o Igatemi —brasileiro — e o Pirati-i — paraguay, ambos aflts, m. dir. do Paraná.

Seus afluentes principaes, da m. dir., como dissemos, em territorio mattogrossense, são: o rio APORE; o rio Sant'anna; o rio Sucuriú com seu sub-afl. m. esq. Indayá-assú; (4.º) rio Verde; o ribeirão Taquarussú; o rio Pardo e seu afl. m. dir. Inhanduhy, que recebe pela esquerda o Inhanduhyzinho; o rio Ivinhema, formado pela confluencia dos rios Dourados e Brillhante, engrossado pelas aguas do Vacaria e Samambaia (êste desaguardo em delta sobre o Ivinhema e o Paraná); o rio Curupay; o rio Laranjay; o rio Amambay; o rio Maracajú; o rio Igatemy, com os sub-aflts. m. esq. Inhobi e Ipitã.

g) O rio Paraguay (15) e seus innumerados afluentes, na maioria da m. esq., a saber, de jusante para montante:

O rio Apa (16) da m. esq. e sua cabeceira principal que é o rio Estrella.

Os rios Tarumã, Tereré, e Branco, todos da margem esquerda (23).

O rio MIRANDA (m. esq.) que, por suas diversas cabeceiras contraverte com varios afl. da m. dir. do Apa

e com as cabeceiras do rio Brillhante (tributario do Ivinhema, que é por sua vez affl. do Paraná) e que conflue, pela m. dir., com o AQUIDAUNA, cujas cab. vão contraverter com as do Coxim, Rio Negro e rio Pardo.

O rio NEGRO (M. esq.) cuja bôca fica sobre a parte Sul do delta do Taquary.

O rio TAQUARY (M. esq.) que desagúa no Paraguay por um delta de tres bôcas, sendo que a que fica mais ao Norte está ligada ao chamado PARAGUAY-MIRIM (18), contraverte com o Araguaia e com o rio Correntes (affl. Itiquira); recebe pela m. esq. o rio Coxim, de que é sub-affl. o rio Jaurú.

O rio CUIABÁ (M. esq.) (22), que banha a capital do Estado e é, actualmente, o mais importante affluente do Paraguay, contraverte com as cabeceiras do Telles Pires, rio Verde do Telles Pires e cab. formadoras do rio Sumidouro, tendo por principaes sub-affl.: o rio Mausó (m. esq.) pouco acima da villa de Rosario; o rio S. LOURENÇO (m. esq.) formado por dois braços: Poguba (20) e Poguba-Xorêu; e o Itiquira (m. esq.) (21).

O rio JAURÚ (2.^o), pela m. dir., que contraverte com o Sacre e recebe pela sua m. dir. o Aguapeí.

O rio Cabaçal (m. dir.), que tem como seu affl. da m. esq. o Vermelho.

O rio Tte. LYRA (19) (m. dir.) que contraverte com cabeceiras do Agua Verde.

O rio Bugres (m. dir.) em cuja foz existe uma povoação centenaria: Barra dos Bugres.

NOTAS:

(1) O rio Verde desde sua cabeceira até entrar no Guaporé e este, desde que recebe o Verde, até a fóz do Abunã, constituem limites entre o Brasil e a Bolivia.

(2) O nome de rio Madeira começa da Barra do Beni. "Não estando bem conhecidos o volume e o desenvolvimento do Mamoré, não convém fazer alteração de nomes, da sua confluencia com o Guaporé para baixo. Os dois se equiva-

lendo convém manter a tradição, isto é, considerar o Guaporé como affl. m. dir. do Mamoré”.

(3) Na geogr. antiga o Castanha era affl. do Aripuanã que com este nome incidia no Madeira pela m. dir.; dos estudos da Comissão Rondon se deduz que o Aripuanã deve ser affl. do Castanha, que, em homenagem a Roosevelt que o explorou em companhia do General Rondon, recebeu o nome do fallecido ex-presidente da America do Norte, desde suas nascentes (rio da Duvida) até a fóz no Madeira.

(4) Restabelecendo conscienciosamente o que outro geographo alterara sem razão plausivel, Rondon dá o Arinos como affl. do Jurueua, cujo nome conservou até a confluencia do Telles Pires, onde começa o Tapajóz.

(5) Antigo São Manoel ou das Tres Barras, assim impropriamente chamado, pois os trabalhos da Comissão Rondon provaram que só tem duas barras; recebeu a denominação de Telles Pires em homenagem a um de seus primeiros exploradores que falleceu durante a expedição.

(6) Formadores do Rio Sangue: Cravari, 13 de Maio, Membeca, Sacuruiná.

(7) Principaes formadores do Arinos: Parecis, Agua Verde, Sumidouro.

(8) Além de muitos outros rios do mesmo nome, ha em Matto-Grosso, afóra os tres já citados, mais os seguintes: 5.º: Pequeno affl. m. dir. do Jamari, 15 km. acima da foz deste, no Madeira; 6.º: affl. m. dir. do Paraná, atravessado pela E. F. Noroeste do Brasil; 7.º: o mesmo a que a Comissão Rondon, traduzindo com mais acerto o nome que lhe davam os indios Parecis — “Anhanazá” — collocou nos seus mappas com a denominação de “Agua-Verde”.

(9) Dnas expedições de exploração foram dirigidas por Von den Steinen; posteriormente a Comissão Rondon tambem ali exerceu sua patriótica actividade.

(10) Nome allemão cuja graphia certa é Steinen, introduzido na nossa geographia pelo Commandante Fontoura, em homenagem ao chefe das expedições de 1883/7.

(11) Os limites dos Estados do Pará e Matto-Grosso, ainda estão por determinar e, segundo as duas correntes de opinião, ou seguirão a linha geodesica que partindo do Salto das 7 Quédas, no rio Telles Pires, vá ao extremo Norte da Ilha do Bananal, no Araguaia, ou, partindo daquelle Salto vá ao extremo Norte da ultima ilha da serie de ilhas que se succedem a jusante da do Bananal.

(12) O Araguaia fórma o limite Oriental de Matto-Grosso com Goyaz, desde sua cabeceira até a Ilha do Bananal.

(13) O Aporé forma também limite com Goyaz, desde sua nascente, de onde parte uma linha de limite, pelo divisor de aguas, até encontrar a nascente principal do rio Araguaia, até sua fóz no Paranahyba, que é o alto-Paraná.

(14) Ambos estes rios formam limites de Matto-Grosso: o Paranahyba, desde a foz do Aporé até a do rio Grande, com o Estado de Minas Geraes, e o rio Paraná, desde este ultimo ponto até o divisor citado na chamada n.º 13, com o Estado de S. Paulo (até o affl. m. esq.: Paranapanema) e com o Estado do Paraná (da foz do Paranapanema até o ponto já indicado, de onde, para jusante, o rio Paraná, como é sabido, fórma limites do Estado do Paraná (e do Brasil) com a Republica do Paraguay).

(15) O rio Paraguay constitue limites de Matto-Grosso e do Brasil, com o Paraguay e depois com a Bolivia, desde a foz do Apa até a linha convencional de limites (Brasil-Bolivia) que incide em sua m. dir., ao Sul e proximo do legendario Forte de Coimbra (7 km. abaixo).

“O rio Paraguay, digno emulo do Paraná, nasce no chapadão divisor das aguas do Cuyabá e do Arinos. E' formado pelo braço de nome Amolar, o mais extenso e volumoso, contravertente do rio Preto (affl. do Arinos); e pelo de nome Sete Lagoas, contravertente do ribeirão Pary (affl. do Cuyabá). Estes dão lugar ao chamado — Paraguayzinho. Depois da sua confluencia com o rio Sant'Anna e ribeirão Brumado, toma o nome de Paraguay propriamente. Recebe, pela margem esquerda, de cima para baixo, além dos correços e ribeirões, em numero consideravel, os rios Jauquara, Salobrinha, Cachoeirinha, Bento Gomes, Cassange, Cuyabá, Taquary, Aquidauana ou Mbotetey, engrossado pelo Mondego ou Miranda, rio Branco, Tereré, rio Apa, que faz o limite Sul de Matto-Grosso com o Paraguay”.

“Pela m. dir. desagüam no Paraguay o rio dos Bugres, o rio Branco do Norte, o rio Tenente Lyra (antigo Sepotuba), o rio Cabaçal, o rio Jaurú, Corixa do Destacamento, através das — Lagoas de Uberaba, Canal D. Pedro II e Lagoa Gahiva; desaguadouro da Lagoa Mandioré, desaguadouro da Bahia de Caceres ou Tamengo, rio Novo, Otiquez através do Bahia Negra” (Rondon).

(16) O rio Apa é limite Sul de Matto-Grosso e do Brasil com a Rep. do Paraguay, desde sua foz até a cabeceira

412 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

do rio Estrella, seu formador. Desta cabeceira é que parte, pelo divisor de aguas formado pela Serra de Maracajú, a linha convencional de limites que vac incidir na margem direita do rio Paraná, logo a jusante do Iguatemi.

(17) Os rios Capitão Cardoso e Tenente Marques foram assim denominados em homenagem á memoria de dois officios da Commissão Rondon, mortos quando trabalhavam no sertão.

(18) Constituido por um braço do rio que os habitantes locais denominam "furo" — novo caminho aberto pelas aguas durante as enchentes periodicas e que umas vezes, como no caso vertente, dividem, permanentemente as aguas, outras vezes mudam para ali o leito do rio — este braço do Paraguay é celebre na nossa Historia, pois foi por elle que o General Antonio Maria Coelho desceu, vindo de Cuyabá, para retomar, de surpresa, a cidade de Corumbá, então occupada por forças invasoras do Paraguay.

(19) Homenagem da Commissão Rondon ao seu brilhante collaborador 1.º Tenente João Salustiano Lyra, victima de um naufragio nesse rio, cuja primitiva denominação era Sepotuba.

(20) "O rio S. Lourenço é formado pelos dois braços de nomes: Poguba-xôreu e Poguba".

"O primeiro é que primitivamente teve o nome de S. Lourenço, dado pelos primeiros bandeirantes que cruzaram os sertões entre Goyaz e Cuyabá pela estrada do Anhanguera".

"Em o lugar de nome Capim Branco, hoje Coronel Ponce, essa estrada cruzou a cabeceira desse rio já em volume de ribeirão".

"Ali lhe foi dado, então, o nome de S. Lourenço — na ignorancia do verdadeiro curso do antigo Porrudos".

"Tem sua origem no chapadão comprehendido entre o rio Manso e o logarejo Burity, onde faz contravertente com aguas do rio Manso ou das Mortes, na altura das cabeceiras do Chico Nunes e do Cupim, respectivamente, pelos ribeirões Presidente e Alecrim".

"Seus afluentes da margem direita são os ribeirões Presidente, Piraputanga, Fortaleza, Tenente Amaral, Prata ou Mixóxe, Belleza, Oíbo. Da margem esquerda: os ribeirões Alecrim, Parnahyba, Pombá, Areia, Poúro ou Agua Quente, Tugóre, Atiribiau".

"O rio Poguba nasce no contraforte oriental da Serra da Saudade, do nódulo de onde promanam os rios Sangra-

douro, affl. da m. dir. do rio das Mortes, e Batovi, affluente da esquerda do rio das Garças”.

“E’ formado pelos braços de nomes Poxôren e Porúbe”.

“O primeiro é atravessado pela estrada actual que liga Cuyabá á Goyaz na sua cabeceira de nome Cachoeirinha, confluyente do ribeirão Agua Branca, de onde tomou o nome de São João, na primitiva estrada Goyaz-Cuyabá, hoje abandonada”.

“O segundo contraverte pela cabeceira Aijau com as nascentes do Batovi e Sangradouro. E’ engrossado pelos correços Auracuré e Moribejáu que desagüam na sua margem direita e pelo Quiuabo, que afflue pela esquerda”.

“Os principaes affluentes do Poguba são:

— “Da margem direita os ribeirões: Noidore, Arareau-biagareu, Arareau, Botuia, Méciau.

“Da margem esquerda o ribeirão Jarúdobaga, os rios Cogueau, Tadarimana, Jôrigue, ribeirão Aroiau e rio Pôxôreubiagareu ou Dr. Correia.

“O S. Lourenço propriamente, da confluencia dos seus dois formadores para baixo não tem, hoje, nenhum affluente importante. Córregos e ribeirões de somenos importancia contribuem com pequenos volumes para o seu curso até o rio Cuyabá.

“Pela margem direita cita-se o ribeirão Coroado, correços Mutum, Guanandi e Corôgue-pôba ou Corrego Grande.

“Pela esquerda o corrego Piêbaga e ribeirão Arareau de baixo.

“O rio Piquiri, que antigamente era o seu maior affluente da m. esq., é hoje contribuinte do rio Cuyabá.

Cabe aqui uma observação curiosa sobre a denominação deste antigo affluente do rio S. Lourenço: “O nome dado ao rio formado pelo Itiquira e Correntes, reveste-se do absurdo tão communmente encontrado na nossa Geographia, de se dar ao todo o nome da menor parte.

“Geralmente esse antagonismo provem da observação erronea dos primeiros descobridores.

“O rio Piquiri é um affluente do rio Correntes; este do rio Itiquira.

“O mais volumoso e o mais longo dos tres é o Itiquira.

“Entretanto, o nome que prevaleceu para o curso formado por elles, foi o do menor.

“Em vez de Piquiri devia chamar-se Itiquira o antigo contribuinte do São Lourenço, actualmente o ultimo affluente da esquerda do Cuyabá — (Rondon)”.

(21) De accordo com as observações feitas pelo General Rondon (em honrosa carta que me dirigiu, a 16 de Março de 1934, quando me restituiu, devidamente corrigidas, como lhe pedira, as notas compiladas por mim sobre a Hydrographia e sobre a Orographia de Matto-Grosso), demos o nome de Itiquira (e não Piquiri, como consta das cartas geographicas até agora publicadas) ao antigo affluente do S. Lourenço e que é hoje affluente do Cuyabá, em virtude de “recente phenomeno (25) geographico, caracterizado pelo *furo* do Pirigara, que absorveu toda a agua do S. Lourenço, transformando o Cuyabá, de affluente que éra deste, em seu collector”. A estas palavras de Rondon, junto mais as que se seguem e que ainda esclarecem o caso do Itiquira:

“O nome “Piquiri”, attribuido a este antigo affluente do S. Lourenço, é usurpação feita ao Itiquira, o mais volumoso, o mais extenso e mais symetrico entre os tres que concorrem para a formação do rio que hoje desagua no Cuyabá, abaixo da barra do antigo “furo” do “Pirigara”, hoje foz de todo o SÃO LOURENÇO”.

(22) “O rio Cuyabá contraverte com o Arinos pelas cabeceiras do rio Novo; com o Telles Pires pelo rio Verde e o rib. Beija Flôr e seu braço meridional: São Manoel; com o Xingú pela cabeceira mais occidental do Culuene; e até com o rio das Mortes pela agua emendada da Lagoa Comprida, de onde manam aguas para o rio Manso do Araguayá e para o rio Manso do Cuyabá.

São seus affluentes principaes:

Pela margem esquerda: o rib. Cuyabá do Bonito, os rios Manso, Coxipó-Açú, Coxipó-Mirim, Aricá-Açú, Aricá-Mirim, Mutum ou Cuyabá-Mirim, São Lourenço, Piquiry.

Pela margem direita: os rib. Cuyabázinho, Quebó, Nobre, Chiqueiro, Jangada, Espinheiro, Pary. — (Rondon)”.

(23) Em algumas cartas geographicas figura como affl. m. esq. do rio Paraguay, nessa zona, o Nabileque; em outras vê-se que o Nabileque apparece como um “furo”, emendando as aguas do Paraguay com as do Taquary. Consultado a respeito, informa o Gal. Rondon: “Nabileque é um “furo” do Paraguay que começa na altura do morro do Conselho e sahe abaixo da ilha da Aldeia Velha”.

(24) Peixes ou Itamiamy, na lingua dos indios Apicás.

(25) O professor Veiga Cabral, nas ultimas edições de sua Chorographia do Brasil, onde já incluiu muitos dos estudos geographicos do General Rondon, foi quem primeiro deu publicidade a esta descoberta, embora deturpando o nome do "furo", que, por equivoco, chamou de "Tarigara".

II .

OROGRAPHIA DE MATTO-GROSSO

O estudo da orographia de Matto-Grosso ainda está por concluir-se, não obstante os recentes e importantes trabalhos (1890-1930) do General Candido Mariano da Silva Rondon, pela razão muito simples de que ainda ha largas zonas do Estado por explorar. Faremos um resumo extrahido de notas ineditas do General Rondon, depois de reconhecermos a deficiencia com que o assumpto é tratado pelos mais modernos compendios de geographia do Brasil (Delgado de Carvalho, A. G. Lima, Veiga Cabral, Horacio Scrosoppi, Feliciano Pinheiro Bittencourt e outros).

* * *

Parece não exceder de mil metros a altitude maxima do sólo mattogrossense, isto mesmo só em alguns pontos, excepcionalmente, como na parte central da Serra da Chapada, dez leguas distante de Cuiabá, capital do Estado.

Commumente as elevações de terreno variam entre 300 metros e 800 metros de altitude, como na Serra dos Parecis.

Attingem de 700 a 900 metros nos divisores geraes dos rios Paraguay e Guaporé e entre este e o Tapajoz.

Observa ainda Rondon textualmente:

“O massiço central na região mattogrossense tem uma physionomia particular:

“Emquanto que, para o Norte, o planalto desce em taludes suaves, que vão morrer na planicie amazonica, para o Sul e Oeste cahe abruptamente sob a forma de verdadeiros *talhadões*”:

* * *

De um ponto de vista geral, a orographia de Matto-Grosso póde ser dividida em três zonas distinctas:

A) AS SERRAS DO SUL,

todas podendo ser consideradas como ligadas entre si, na seguinte ordem, a partir do Sul para o Norte:

- 1) Serra de Maracajú, que começa na margem direita do rio Paraná e forma limites de Matto-Grosso e do Brasil com a Republica do Paraguay.
- 2) Serra de Caaguassú (caaguazu escrevem os Paraguayos).
- 3) Serra do Amambahy.
- 4) Serra de Santa Barbara.
- 5) Serra dos Bahús, que liga o systema mattogrossense ao systema goyano.
- 6) Serra de S. Jeronymo (ou mais propriamente, segundo Rondon: serra do Brigadeiro Jeronymo), que liga o systema orographico do Sul ao Central (26).

B) AS SERRAS CENTRAES,

todas separadas em varios grupos, formando divisores de aguas do vasto systema hydrographico do Estado, a saber:

- 7) A Serra da Chapada, que se prolonga para a Norte com o nome de:
- 8) Serra do Roncador, entre as bacias dos rios Xingú e Araguaya, e se prolonga para o Sul com os nomes de:
- 9) Serra do Aricá.
- 10) Serra das Palmeiras.
- 11) Serra do Itacolomi.
- 12) Serra do Corrego Grande.
- 13) Serra da Cangalha, divisoria de aguas do S. Lourenço e Cuyabá. — Destacadas para o Norte, fazem ainda parte deste sub-systema central:
- 14) Serra Azul, divisoria de aguas da vertente meridional do Tapajóz e Xingú das que vão para o Cuyabá e rio das Mortes. Dentre varios de seus contrafortes (27), são dignos de nota:
 - a) — A serra que se estende entre os rios Arinos e Telles Pires, assignalada pelo pico da Serra Morena;
 - b) — A que foi encontrada entre o Telles Pires e o Ronuro e o medio Xingú.
 - c) — As serras existentes entre o Culuene e o rio das Mortes (28).
- 15) A serra de S. Daniél.
- 16) A serra do Tombador, que se intercala entre formadores do rio Tapajóz, e vem até perto de Diamantino (29).
- 17) A Serra do Norte (30), cavada em pleno planalto do Nordeste Matto-grossense pelos rios Nhambiquaras, 12 de Outubro, Iquê, Camararé e Juruena.

C) O PLANALTO DOS PARECIS

Impropriamente chamado “Serra dos Parecis” (31) formando divisoria de aguas do Norte e do Sul (32) em

varios trechos. Colocado o seu massiço principal na direcção geral NW-SE, estende-se desde pontos proximos da margem direita do rio Madeira, até ligar-se á Serra da Chapada, do sub-systema que denominei "central".

No seu longo desenvolvimento, que vai do meridiano de 64° W. Greenwich ao de 56°, ou 20° 49' 39" e 12° 49' 39" W. Rio de Janeiro, corre em grande parte quasi parallelamente ao rio Guaporé.

Descrevendo-a, diz Rondon textualmente:

"No serpentear pela escarpa dos chapadões do planalto, ora constituindo divisores secundarios, ora avançando como contrafortes da grande cordilheira dos Parecis, recebe nomes locais, catalogados pelos geographos da seguinte forma, a partir de Guajará-mirim:

- 18) Serra do Pacahá-novo ou mais communmente: Paca-nova (continuação da cordilheira dos Parecis);
- 19) Serra do Cutapine, no campo dos Urupás (ponta extrema desta cordilheira na grande garganta Jarmy-Cautário).
- 20) Serra Uôhopiane.
- 21) Serra Aleixo Garcia, que se prolonga até o Guaporé com os nomes de serra do Cautário, Serra do Ouro Fino ou do Forte do Principe da Beira, e Serra de S. Domingos.
- 22) Serra Pires de Campos.
- 23) Serra Paschoal Moreira.
- 24) Serra Gabriel Antunes.
- 25) Serra João Antunes.
- 26) Serra do Campo dos Amigos.
- 27) Serra dos Guarajús.
- 28) Serra das Torres.
- 29) Serra do Rio Cabixi.
- 30) Serra do Rio Guaritezê.
- 31) Serra de S. Vicente ou do Rio Galéra.
- 32) Serra da Chapada de S. Francisco Xavier ou do

Rio Sararé.

- 33) Serra Ricardo Franco.
- 34) Serra de Sta. Barbara.
- 35) Serra do Aguapehy, que se prolonga, em contraforte, até os campos bolivianos das Pêtas e S. Mathias, com os nomes de serra da Fortuna e serra Bôa Vista. (33)
— “Dahi para o Sul apparecem ainda:
- 36) A Serra do Destacamento.
- 37) A serra do Escalvado.
— “Inclinando-se em arco para Este-sudêste e Sul, encontram-se os multiplos contrafortes da Serra da Chapada, com os nomes locaes de:
- 38) Serra da Salobra.
- 39) Serra das Araras.
- 40) Serra da Bocaina.
- 41) Serra do Currupira.
- 42) Serra do Mangabal.
- 43) Serra da Quitanda.
- 44) Serra da Jacobina.
- 45) Serra do Facão.
- 46) Serra do Vãozinho.
- 47) Serra do Vão Grande.
- 48) Serra das Palmeiras.
- 49) Serra do Coqueiro.
- 50) Serra do Taquaral.
- 51) Serra da Herva do Bicho.
- 52) Serra do Sapezal.
- 53) Serra dos Barreiros.
- 54) Serra do Bom Jardim.
- 55) Serra das Perdizes.
- 56) Serra do Quilombo.
- 57) Serra da Cachoeirinha.
- 58) Serra do Simão Nunes.
- 59) Serra do Tucum.

- 60) Serra do Barranco Vermelho.
- 61) Serra das Alpercatas.
- 62) Serra de S. João.
- 63) Serra do Polvarinho.
- 64) Serra do Boi Morto.
- 65) Serra do Sellado.
- 66) Serra Bernardo Dias.
- 67) Serra da Passagem Velha.
- 68) Serra Caeté.
- 69) Serra da Insua ou de Uberaba, e
- 70) Serra da Guahyba.

Todas estas do municipio de S. Luis de Caceres.
“Os contrafortes que guarnecem o rio Paraguay,
continuum para o Sul com os nomes:

- 71) Serra do Uacurizal.
- 72) Serra do Amolar.
- 73) Serra dos Dourados e Chané.
- 74) Serra de Mandioré.
- 75) Serra da Banda Alta.
- 76) Serra do Urucum.
- 77) Serra da Tromba do Macaco.
- 78) Serra do Jacadigo.
- 79) Serra de Piraputanga.
- 80) Serra do Albuquerque”.

Ainda sobre a Serra do Brigadeiro Jeronymo (já citada no n.º 6) e as que se lhe seguem no sub-sistema do Sul, dá Rondon os seguintes esclarecimentos: “A Serra da Chapada que, como vimos, tomou o nome de Brigadeiro Jeronymo, ao atravessar o S. Lourenço, guarnece as margens deste rio, dahi para cima, até proximo de Rondonopolis, tomando os nomes de:

- 81) Serra dos Coroados.
- 82) Serra de Piêbaga.
- 83) Serra do Quêjare, que morre na cachoeira, a jusante

daquella povoação, onde se confunde com o chapadão, para se levantar além de Rondonopolis, entre o S. Lourenço e o Itiquira, com os nomes de:

- 84) Serra da Gibóia.
- 85) Serra do Itiquira.
- 86) Serra da (34) Saudade.
- 87) Serra do Rio das Garças, cavada pelas aguas do alto S. Lourenço ou Poguba e rio das Garças (35).

“Encaracolando, de Theresa Christina para os pantanaes do Itiquira, Correntes e Piquiri, rumo Sudeste, até Coxim, a Serra Brigadeiro Jeronymo toma nomes locaes dos rios que a cortam, saltando do chapadão para o pantanal; assim apparecem as denominações geographicas dos contrafortes:

- 88) do Itiquira.
- 89) Do Peixe de Couro.
- 90) do Correntes.
- 91) do Piquiri, e
- 92) do Taquari.

“A parte mais saliente da Serra do Brigadeiro Jeronymo e mais proxima da margem do Taquari, tem o nome de:

- 93) Contraforte de Agua Branca; e, atravessando este, recebe o nome de Serra de Maracajú (n.º 1 do grupo A), até o rio Aquidauana, que a atravessa sem saltos (36).

“Ahi a grande serra lança dois contrafortes para o Oeste morrendo na planicie do rio, enquadrando á distancia a joven e bella cidade do mesmo nome do rio (Aquidauana) que mereceu da penna de Tournay menção poética especial.

“Do vale deste rio, para o Sul, a grande muralha limite dos pantanaes do S. Lourenço e Paraguay, vae se esbatendo, até se confundir novamente com o cha-

padão, então pontilhado por um ou outro contraforte, sendo o mais notável o de:

- 94) Santa Maria, no vale do rio Dourado; e, para a vertente do Paraguay:
- 95) a Serra da Bodoquena e seu satellite-morro do Azeite,
- 96) Serra de Coimbra e morros do Puga, do Conselho e da Marinha.
- 97) Serra do Forte Olympo.
- 98) Serra do Fecho dos Morros, caracterizada pelo pico do Pão de Açúcar de mais de 500 metros de altura.
- 99) Serra da Margarida.
- 100) Serra do Aquidaban, em que se encaixam o lendario Cerro-Corá e a picada de Chiriguelo a Oeste de Ponta Porã, já em territorio paraguay.

“Desta localidade para o Sul, o divisor das aguas do Ipané com o Amambahy corre em pleno chapadão. Para o lado do Paraguay o planalto se esborôa, formando quebradas e serras até Nhu-Verá, ao Sul de cuja povoação toma o nome de Cerro-Torim, accidente que avança até Ipehum. Deste povoado o chapadão divisor inclina-se para o Nascente formando o divisor do Igatemi com o arroio Igurey, nossa extrema divisa meridional com o Paraguay.

“No vale do Igatemi são característicos os cerros do Ipitá que balisaram a retirada do Dictador Solano Lopes, para Cerro-Corá pela picada Chiriguelo. Sobre a orographia do grupo C, ainda Rondon especifica:

“A vertente meridional do Madeira, comprehendida no territorio mattogrossense, é coberta de serras originarias do Planalto, esculpido pelos seus poderosos contribuintes de nomes: Mutum-Paraná, Jacy-Paraná, Jamary, com o seu grande formador Candeias; Gy-Paraná com os seus multiplos afluentes: Preto,

Juruazinho, Bom Futuro, Anary, Jarú, Urupá, Rollim de Moura, Luis de Albuquerque; rio Roosevelt, com seu poderoso emulo Aripuanã; e o rio Sucunduri. Entre cada par desses rios levantam-se serras e contrafortes, dando ao planalto, ao descambar para a planície amazonica, a feição montuosa, que a flóra *Hylæa* disfarça com sua poderosa vestimenta vegetal (37) — (38)".

NOTAS:

(26) A Serra do Brigadeiro Jeronymo parte das Serras de Santa-Maria e Sellada, no Estado de Goyaz, a cuja direcção geral é ali perpendicular, pois que desse nó se lança em rumo aproximadamente noroeste, ao passo que as indicadas serras goyanas se prolongam para o Nordeste até entroncar com o Massiço Atlantico, ao qual se ligam através das Serras das Vertentes, da Canastra e da Matta da Corda; ao atravessar o rio S. Lourenço, na altura da antiga colonia Theresa Christina, toma o nome de Serra da Chapada.

(27) Estes contrafortes, diz Rondon, são determinados pelos rios que promanam da grande serra que ali passa no sentido de Noroeste para Sudeste entre os meridianos de 24° e 26° W. Greenwich (ou aproximadamente de 10° 49' 39" a 12° 49' 39" W. Rio de Janeiro).

(28) Foram descobertos em parte por Paula Castro, distincto official do Exército e engenheiro-militar, que falleceu em consequencia do grave impaludismo contrahido na expedição de Matto-Grosso ao Pará, e confirmada pelo vôo da "The Matto-Grosso Expedition". Essas serras atravessam o rio das Mortes na região das antigas minas dos Araés, tomando o nome de Taquaral do Fogaça, na antiga estrada que ligava essas minas ao Registro do Araguaya (13), e lançam espigões para o Norte entre os rios de que são divisorias.

Este ramal da Serra Azul avança muito para o Norte, apparecendo como divisor do Tapirapés e rio da Liberdade, este, contribuinte do Xingú, extendendo-se em galho parallelamente ao rio Araguaya até a região das grandes cachoeiras, sendo ali atravessado pelo rio Araguaya que o transpõe na garganta do Bôto, a montante do antigo presidio de São José do Araguaya.

(29) No Atlas escolar de A. G. Lima, edição de 1932, figura ao Sul da Serra do Tombador, em posição perpendicular, uma serra com o nome de "Serra do Diamantino".

(30) Descoberta e descripta, pela primeira vez, pela "Comissão Rondon". Ver a proposito a descrição dos trabalhos da "2.^a Expedição" de reconhecimento e exploração no livro: "Pelos Sertões do Brasil", edição da Livraria do Globo — Porto Alegre (1930) e da Serie Brasileira da Comp. Edit. de S. Paulo (1941).

(31) Lêr, a proposito, os dois livros "Impressões da Comissão Rondon" e "Pelos Sertões do Brasil", edições 1930 da Livraria do Globo de Porto Alegre e da Serie Brasileira da Comp. Edit. de S. Paulo (1941).

(32) Vêr nôtas já feitas sobre hydrographia de Matto-Grosso, onde se estabelece esta distincção.

(33) "Primitivamente estas seis ultimas serras eram conhecidas por "Serra do Albuquerque", nome da antiga povoação que hoje constitue a cidade de Corumbá". (Rondon).

(34) "O reconcavo da Serra da Saudade é salpicado de morros que dão á região aspecto pittoresco; são mais notaveis: Naburerê, Jarudôre, Cudôre, Trôäre, Dois Irmãos". (Rondon).

(35) "Nas cabeceiras do Poguba, contravertente do rio das Garças, é muito conhecido o "Morro da Mesa" e no divisor deste com o rio das Mortes o "Paredão". (Rondon).

(36) Neste trecho destaca-se o "Portão de Roma, garranta por onde desceu aos pantanaes do rio Negro, a expedição que, partindo do Rio, via Uberaba, se dirigiu a Matto-Grosso, para defendel-o contra a invasão paraguaya e escreveu depois a pagina brilhantissima de nossa Historia que é a "Retirada da Laguna".

(37) Tudo o que está entre aspas são transcripções de palavras do nosso eminente mestre Gal. Rondon.

(38) Actualmente esta povoação tem a denominação de "Araguayana".

CONCLUSÃO

Pelo meu temperamento, mal reflecto em uma realização como esta e quero logo ligar a concepção á acção: dahi alguma repetição talvez tenha escapado; dahi talvez uma melhor concatenação dos assumptos tão varios a expôr, ficasse prejudicada pela rapidez com que reuni estas notas para publicar em fasciculos, subordinados a um schema geral traçado nas circulars aos amigos e camaradas, aos quaes solicitei assignaturas. Por tudo isto, devo aqui apresentar as minhas desculpas aos prezados assignantes, que tornaram possivel attingir meu objectivo, ao mesmo tempo em que lhes agradeço o seu precioso concurso.

Devo infinita gratidão tambem á bondade de Coelho Netto, o eximio e fertil literato, honra e gloria de nossa Patria, pelo magnifico pharol anteposto á barra do meu livro, pharol cujo brilho ahi faz o mesmo effeito do luar, que provoca lampejos de diamante na modesta poeira de malacachetas attingida por sua luz...

Ao terminar este meu trabalho, cumpre-me explicar que não visei, nem viso, com a sua publicação, nenhum lucro, nenhum interesse pecuniario, senão o sufficiente para attender ás despesas que esta primeira edição acarretou. Realizei em parte o que aspirava com elle: a divulgação de episodios, incidentes, factos que documentassem a obra de Rondon; que melhor definissem a sua figura estoica de abnegado patriota; que registassem as difficuldades e as lutas havidas, no decorrer dos arduos trabalhos que só uma energia como a delle levaria a termo; que obri-

gassem todos os meus patricios a reflectir no esforço e na dedicação dos que ajudaram Rondon, no decorrer destes ultimos 32 annos, para fazerem justiça aos labores desta collaboração.

Presumo assim ter concorrido conscientemente, com esta publicação, para melhor e mais profundo conhecimento das qualidades de nossa raça, para o estudo do typo brasileiro, desvendando aspectos de seu character e, como consequencia, digna de ser pesada e meditada pelos verdadeiros patriotas — as possibilidades da acção que sobre o futuro deste grande Paiz exerceria um homem da tempera do General Rondon, acaso pudesse assumir as responsabilidades de governo, partindo as algemas do positivismo.

Nenhuma outra gloria aspiro e...

VIVA O BRASIL!

ALGUMAS CRITICAS SOBRE AS EDIÇÕES ANTERIORES DESTA LIVRO

A conquista do sertão Brasileiro —
Varios episodios ineditos da Commissão Rondon, através de um livro ainda por acabar.

Só na obra dos bandeirantes se acha termo de comparação para o esforço do general Rondon, secundado por seus auxiliares, dotando o paiz de regiões extensas, algumas dellas ricas e estonteantes de belleza como os thesouros da fabula. Não obstante o aperfeiçoamento dos recursos, que a Commissão dá grande melhora de poderes sobre os primitivos conquistadores da selva, equivalem-se ambas as epopéas, tanto nas horas de alegria e triumpho como nos instantes amargos, quando apparecem as difficuldades e os fracassos.

Através do que se tem escripto sobre a Commissão Rondon — obras puramente technicas — não é possível conhecer com exactidão o serviço, nos seus detalhes minimos, mas de tanta importancia.

Torna-se preciso para isso um livro de minucioso esclarecimento, estudando por meio de paradigmas narrativos a disciplina e a organização estabelecidas no seio virgem da floresta, onde a natureza humana mimetisa as desordens da natureza bruta.

UM LIVRO DE INTIMIDADE

O capitão Amilcar Botelho de Magalhães, cujos serviços á Commissão-Rondon são demasiado evidentes para merecerem referencias, está concluindo um trabalho interessante, em que detalha a vida intima do acampamento e de varias tribus selvagens. Tudo quanto viu e appreciou nas suas jornadas estudiosas através da matta, o joven sertanista resume-o nessa obra independente e fiel á verdade, que dividiu em sete capitulos.

Sem duvida, a parte de maior destaque vae ser a de "Apreciações individuaes", onde as principaes figuras da Commissão soffrem analyse detalhada.

O general Rondon entra em sub-capítulos, dos *Episódios* e das *Apreciações individuais*, em que as suas doutrinas, os seus hábitos, a sua coragem e resistencia physica atravessam por uma critica quasi sempre elogiosa mas nem por isso parcial e lisonjeira.

O capitulo "Exploração do rio Jacy-Paraná" synthetisa todas as peripecias dos serviços de exploração e de levantamento de um rio, cercando os desenvolvimentos scientificos de curiosas narrativas, que sobremaneira os amenizam.

Na secção subordinada ao titulo "Expedição Roosevelt", que tambem reveste accentuado interesse, está contida uma rapida synthese da travessia feita pelo illustre americano, na investigação das nascentes do rio da Duvida, que, como é sabido, veio depois a receber-lhe o nome. O capitão Botelho de Magalhães registra, com religiosa precisão, varias opiniões do grande Theddy sobre o Brasil e os brasileiros.

Além de taes capitulos, mais directamente relacionados com a technica, ha trechos de pura emotividade, em que se retratam, de maneira até hoje inedita, as sensações despertadas nas regiões desconhecidas do paiz. "A sensação do deserto" reúne precisamente as angustias do homem civilizado, affeito ao bulício alacre da cidade, quando se encontra, face a face, com a majestosa melancolia do sertão. Tambem em "Animas que afrouxam" está fixado um legitimo e verdadeiro sentimento, qual o do viajante ao fraquejar-lhe a montada, sem outro meio de proseguir no caminho.

O livro do capitão Amilcar Botelho de Magalhães, ainda no periodo dos ultimos retoques, é todo palpitante de novidade e interesse. Antes de entregal-o aos prelos, quiz o seu autor fornecer-nos algumas notas sobre elle:

— Até hoje, nenhum dos companheiros do general Rondon publicou qualquer trabalho sobre a vida intima do acampamento.

"Esta feição inedita, que achei na obra do grande sertanista patricio, levou-me a escrever "Impressões da Commissão Rondon". Livro mais narrativo do que technico, não me recolhi ao gabinete para escrevel-o com meditação e profundez. Os seus capitulos, em grande parte, colligi-os no bonde e á hora das refeições, assentando as lembranças em rapidos e gatafunhados apontamentos. Em compensação, a verdade é ahí retratada fielmente, mesmo nos instantes em que parece menos lisonjeira. Não quero apresentar outros titulos

para o meu livro, além deste e do prefacio, que devo a Coelho Netto.

(Da "Revista da Semana" — Rio, 14 de Maio, 1921).

Na virgindade dos sertões de Matto Grosso
— Inspira-se um sensacional trabalho de literatura patricia — O que é o livro de Amilcar de Magalhães.

* * *

Deve apparecer, dentro de pouco, um livro, sobre as terras de Matto Grosso, obra singular de um illustre official do Exercito brasileiro, o capitão Amilcar de Magalhães. Membro da Commissão Rondon, conhecedor dos sertões virgens da nossa patria, tendo assistido aos grandes espectaculos da nossa bella natureza tropical, o sr. capitão Magalhães, como um magico, pintou, com o ouro da sua imaginação, os crepusculos rosaceos das margens dos rios mattogrossenses, os costumes bizzaros do incola, ainda pouco conhecido da grande civilização littoranea.

"Impressões da Commissão Rondon" é uma obra de encantadoras sensações, onde se retratam as estradas pontes, que se perdem pelas montanhas sertanejas; as pousadas na choça rustica do pobre homem do interior, a voz chorosa ou grandiloqua das aguadas e, emfim, toda a singularidade da terra, do céu, do grande scenario brasileiro.

Desse trabalho suggestivo, transcrevemos um pequeno trecho, que como uma perola recolhemos preciosamente do custoso mostruario que é o livro "Impressões da Commissão Rondon":

(Seguia-se a transcrição do trecho "A sensação do deserto").

(Do "Rio-Jornal", de 26 de Maio, 1921).

* * *

IMPRESSÕES DA COMMISSÃO RONDON

Recebemos o segundo fasciculo deste interessante trabalho, da autoria do Sr. Capitão Amilcar Botelho de Magalhães, que faz parte da Commissão chefiada pelo Sr. General

Candido Rondon, que installou a rêde telegraphica nos Estados de Matto Grosso e Amazonas.

Como o anterior, o presente fasciculo narra suggestivos acontecimentos, desenrolados no decorrer dos serviços da Commissão, aos quaes o autor deu o titulo, assás apropriado, de "Episodios de acampamento". Está, outrosim, ornado de illustrações impressionantes como sejam: a barraca do General Rondon, onde escreveu todos os detalhes da sua patriótica e nobilissima empreza, e um cemiterio tosco e rude, improvisado no acciro da matta verde, ao lado do poste que sustem o fio telegraphico, promissor da civilização.

Tem, ainda, este fasciculo, 32 paginas e a sua leitura é simples e agradável.

(Do "Jornal do Brasil", de 3 de Outubro de 1921).

* * *

A OBRA DE RONDON

A conceituada Livraria Bittencourt teve a fidalga gentileza de offerter-me hontem os dois primeiros folhetos da obra grandiosa que o major dr. Amilcar Botelho de Magalhães escreveu, narrando-nos as suas "Impressões da Commissão Rondon".

No portico do livro, Coelho Netto, gloria já canonizada das letras patrias, naquella sua fórmula deslumbrante, naquella seu estylo marmorario, profere o elogio entusiastico do trabalho do insigne official do nosso Exercito, não só pelo que ha nelle de belleza, como pelo que contém de ensinamentos civicos, porque nos mostra, no scenario grandioso de uma Patria virgem, heróes, dignos della, como Rondon e seus companheiros, entre os quaes se notabiliza o autor do livro como um dos mais abnegados e corajosos.

.....

.....

No emtanto, em face da epopéa homérica que Rondon e seus companheiros vêm insculpindo nas vastidões deserticas que ignoramos — tambem o nosso espirito, jubiloso e esperançado, chega ás mesmas conclusões experimentadas e gratificadas por Coelho Netto em sua carta de entrada ao livro do talentoso major Botelho de Magalhães, da estirpe benemerita de Benjamin Constant; "podemos contar com o futuro, porque ainda temos homens que nol-o garantem: são esses devas-

sadores de mysterios que se abalançam afoitamente nas brenhas, com a bandeira por facho, que nos hão de levar ao almejado Ideal” — brada a voz prophetica e vidente do Artista florentino da Prosa brasileira...

Rondon é um creador de valores novos, conforme o conceito niteszcheano visionava o super-homem: nessa organização privilegiada conjugam-se harmoniosamente os mais completos e perfectos dotes moraes, intellectuaes e constructores, que nol-o fazem surgir como um apóstolo, um desvendador de energias, um creador do mundo novo...

Cada tez acobreada de indio que elle incorpora á civilização — é como que um desdobramento triumphante da Nacionalidade que vamos construindo, máu grado a onda de mesquinhos interesses que tudo tenta subverter...

Retemperemos as nossas energias, os nossos enthusiasmos, os nossos ideaes duma patria prospera, gloriosa e livre — embebendo-nos nessa fonte sagrada, renovadora e purificadora que é o heroismo, a constancia, o desprendimento, o vigor, a rizeza desse desbravador audaz das selvas brasileiras...

EDMUNDO DE MENEZES.

(Do “Estado do Pará”, de Belém, aos 13 de Novembro de 1921).

* * *

IMPRESSÕES DA COMISSÃO RONDON

Do sr. capitão Amilcar de Magalhães, “D. Quixote” acaba de receber o primeiro fasciculo das “Impressões da Comissão Rondon”, de sua auctoria.

O que será essa obra, repositorio documentado do quanto devemos ao espirito energico, trabalhador e patriotico do general Rondon, di-lo o brilhante escriptor Coelho Netto, prefaciando o soberbo trabalho do illustre cap.:

“A obra de v. s., cheia de heroismo aventureoso, que tanto nos seduz na Odysséa, contrasta com a de Taunay. Uma é a epopéa lugubre da retirada, o recuo heroico por entre insidias conjuradas: desde as traças crueis do inimigo logo adiante o tremedal, a peste, as intemperies e o invio até as aperturas da fome e da sêde: a bala e o incendio e, dos caminhos. Outra é a avançada sem roteiro, é a investida no “deserto”, assaltos de selvagens, revoltas da propria gente da expedição conluiada para o morticinio e roubo, passos

quasi intransitaveis, feras e doenças, fadigas e temporaes e adiante, em horizonte impervio, como de bronze — o mysterio”.

“D. Quixote”, apesar de pilherico por temperamento e profissão, não pôde deixar de sorrir... ante a obra do capitão Amilcar Magalhães, mas sorrir de satisfação por vêr a obra de Rondon descripta com tanta verdade e justiça por um dos seus mais prestimosos auxiliares, testemunha assim dos herculeos trabalhos do illustre sertanista patricio.

“D. Quixote” ha de dizer muito ainda das “Impressões”, do cap. Amilcar de Magalhães.

Esperamos, portanto, os restantes nove fasciculos.

(Do “D. Quixote” — Rio, 21 de Setembro de 1921).

* * *

IMPRESSÕES DA COMMISSÃO RONDON

Não é pequeno o numero de officiaes do exercito que, ultimamente, têm publicado livros valiosos. Faz poucos dias appareceu em volume a série de conferencias que o capitão Genserico de Vasconcellos pronunciou na Escola de Aperfeiçoamento e já se fala no apparecimento proximo das *Organizações do Exercito Brasileiro*, unica historia completa das nossas forças de terra, escripta e publicada na *Revista Militar*, em 1906, pelo então capitão do estado-maior e hoje coronel de artilharia Dr. Melchisedech de Albuquerque Lima. Um pouco differente dessas, mas igualmente util e patriotica, é a obra que surgiu, agora, do major Amilcar Botelho de Magalhães, sobre os serviços da commissão Rondon, através dos sertões nacionaes.

Cremos que não existe sob o céu brasileiro um unico individuo que não saiba do valor indiscutivel do general Rondon, e dos seus auxiliares.

A pureza moral e a cultura scientifica que em Rondon se casam ao mais fino sentimento altruistico, transmittiram-se aos seus auxiliares e foram, com relativa facilidade, conhecidas e apreciadas em toda a nossa Patria.

Pois as memorias do major Amilcar tratam justamente dos trabalhos enormes por que passou a commissão Rondon para dar ao mundo e ao Brasil terras ignotas, porém, riquissimas. Mais tarde, esse livro servirá de documento, como actualmente é espelho de dignidade e civismo. No futuro, ao lado de *A commissão Rondon*, de Roquette Pinto e dos relatorios

do proprio Rondon, as paginas agora editadas pelo brioso official do exercito valerão muito mais.

Ha nellas a apreciar a psychologia dos sertanejos e a vastissima fonte de conhecimentos geographicos que nos offerecem, embora não tenha o seu autor preocupações de erudito, nem de *magister*.

Talvez pela modestia mesma que revelam maiores applausos mereçam. E não hesitamos em lh'os prodigalizar.

(Do "O Paiz" — Rio, 15 de Setembro de 1921).

* * *

Impressões da comissão Rondon — O 1.º capitulo dessa obra do major Amilcar Botelho de Magalhães.

Os resultados colhidos pela comissão chefiada pelo general Rondon, em suas audazes excursões através das selvas desconhecidas do Brasil, ainda ignoto, têm sido revelados ao governo e ao povo, mas a parte aventureira nessas expedições, com os grandes perigos enfrentados, na minucia de seus episodios, ainda permanece, por assim dizer, secreta, conhecida, apenas dos que a testemunharam, como actores desse drama de aventura patriótica.

Para revelar esse interessante aspecto, que constitue e encerra o lado dramatico da epopéa rondoniana, um dos companheiros do bravo sertanista, o capitão Amilcar Botelho de Magalhães, iniciou a publicação de uma obra "*Impressões da Comissão Rondon*", cujo primeiro fasciculo acaba de apparecer, abrindo-se com uma eloquente carta de Coelho Netto, reproduzida em fac-simile.

Os episodios relatados são altamente interessantes e o relato é feito em estylo claro, sobrio, sem inuteis floreios, que fatiguem a attenção, ou a desviem do assumpto. Tres suggestivas illustrações, uma das quaes, a da capa, colorida, reproduzem essas scenas desenroladas no coração da matta virgem.

(D' "A Noite" — Rio, 3 de Set. 1921).

* * *

Livros novos — "*Impressões da Comissão Rondon*" — pelo major Amilcar Botelho de Magalhães.

Recebemos o 1.º dos 10 fasciculos que constituem o trabalho interessantissimo "*Impressões da Comissão Rondon*"

pelo major do nosso Exercito Amilcar Botelho de Magalhães.

Prefacia-o uma carta admiravel de Coêlho Netto, que reconhece ser um estudo proficiente de uma tarefa gigantesca, projectando "a obra dos sertanistas intrepidos que, illuminando os penetraes do Brasil, desvendam-nos as suas grandezas desconhecidas, impondo-se á Patria e ao mundo como heróes, representantes, elles sim, da terra immensa e formosa que é, de todos nós, o amor, o orgulho e a gloria".

Ninguem melhor que o autor para descrever essa missão extraordinaria, chefiada pelo benemerito general Candido Mariano Rondon, pois que é um dos seus auxiliares de confiança e de mais valor, sendo um dos mais dedicados e competentes membros da commissão que tem o nome daquelle illustre e já immortal brasileiro.

O livro, cuja publicação se inicia, trata de episodios ineditos ou pouco vulgarizados, occorridos durante as explorações e nos acampamentos da commissão Rondon".

Pelos assumptos abordados nesse 1.º fasciculo, já se pôde avaliar o merito do excellent trabalho do major Amilcar Botelho de Magalhães, que, deste modo, forneceu novos subsidios para a historia desse notavel empreendimento, que assume, no nosso tempo, a belleza heroica dos bandeirantes na infancia da nacionalidade e marca uma épopea da energia brasileira nessa cruzada da civilização e nesse surto marayilho de redempção social.

(Da "Gazeta de Noticias" — Rio, 1.º de Setembro de 1921).

* * *

THE FLAG IN THE WILDS

("My Impressions of the Rondon Commission", by Captain Amilcar de Magalhães).

Bearing in soul the germ of scepticism, mistrusting the glory that History was weaving about Rondon, used myself to the deceptions of false patriotism and disinterestedness with which the majority of politicians baffle their veritable selfish purposes, as I deepened into the wilderness of Matto Grosso, there in the far-off encampments I at last came upon the proper means of cherishing and developing my aspirations both as man and a Brazilian.

From all I saw, which I shall relate little by little, I worshipfully keep to the present impressions of the faith

and enthusiasm which always presided Rondon's systematic cultivations of our land banner. To the camping spot, running water was not the only thing that mattered: a flag pole was with equal force, quite as important.

Whether camping for the building of a telegraph line for weeks at the will of the progress of the work or whether camping for 24 hours or even a night — in the first beams of dawn, to the air of the band, the flag was quietly hoisted up the rough though straight plumb-like staff in the presence of the chief, officials and the squad.

(Versão publicada pela revista "Brazilian-American", de 11-VI-1921).

* * *

Do Tenente-Coronel Augusto de Araujo Doria, distinto Professor do Collegio Militar do Rio, recebi honrosa missiva de que transcrevo os trechos seguintes:

"Saúdo-o mui cordialmente".

"Peço-lhe a remessa do seu livro "Impressões da Comissão Rondon" no qual é descripto o que foi esse labor patriótico, edificante e abnegado, pela civilização, em o nosso paiz".

.....
"Não me posso furtar, antes do termo desta carta, ao dever patriótico de felicitar o meu antigo collega, por esse masculino serviço prestado ao nosso Brasil, o que ora faço, gostosamente, fraternalmente. Que um tão nobre exemplo frutifique, pelo menos, no seio da mocidade brasileira, são os meus votos sinceros e ardentes.

Com os meus justos applausos á sua meritoria acção, aperta-lhe a mão affectuosamente, o antigo collega e

cam.^{da} e adm.^{dor}

AUGUSTO ARAUJO DORIA".

* * *

Do Dr. Jacintho Barbosa, Auditor de Guerra da 11.^a Circumscripção Militar:

"Illustre Dr. Amilcar Magalhães.

Tenho em mãos o seu magnifico livro de impressões colhidas quando na Comissão Rondon.

Não sei, de sincero coração, como agradecer-lhe a gentileza da offerta e como expressar a minha agradável sensação quer na deliciosa empresa, quer na satisfação do immenso

desejo que eu nutria de possuir o seu livro. De qualquer modo, porém, confesso-lhe, praseirosamente, a alegria que tive recebendo o seu trabalho. Accentúou elle, o apreço justo em que eu lhe tinha pelas suas qualidades de intelligencia, educação, correccão e de soldado. Faz-me agóra conhecel-o atravez do prisma de escriptor facil, correcto, descriptivo, imaginoso e algumas vezes pittoresco. Já li todo o seu livro. Folguei immenso em unificar atravez do seu estylo agradável, nuances do seu formoso espirito e delicadas facêtas do seu coração. Agradecido envia-lhe sincero parabem pelo seu trabalho e felicita as letras patrias pela sua cooperação o desvanecido

admdor. e am.º”

* * *

Do Dr. Bernardino José de Sousa, do Instituto Geographico e Historio da Bahia:

“Exmo. Snr. Major Amilcar B. Magalhães.

Meus saudaes respeitosos.

Proporcionou-me o bom amigo Dr. Agenor Miranda a fortuna de ler o vosso trabalho — Impressões da Commissão Rondon — a mais séria, a mais patriótica, a mais benemerita de quantas expedições rumadas aos nossos invios sertões.

Adquiri de logo um exemplar em 10 fasciculos: li-os de uma assentada, encantado nas descrições vivíssimas da vida no *desertão*.

Ao terminar a leitura amena, sobretudo instructiva, muito do geito do meu espirito, não pude resistir á tentação de umas linhas a vós dirigidas, dando-vos a mostra sinceríssima de meu encantamento.

Sou, nobre Major, de ha muito admirador decidido do General Rondon, que considero entre os maiores brasileiros; tive a ventura, de uma feita, de recebe-l-o neste instituto, onde elle viu o seu retrato a oleo na sala do Museu Indigena, entre arcos, flechas e urnas funerarias de caboclos de terra a dentro. Senti-me feliz abraçando a estoica personagem.

Não é demais portanto a minha alegria intellectual ao termino da leitura do vosso livro encantador e de cujas paginas repontam os traços superiores da envergadura moral do vosso Chefe e do meu idolatrado compatricio.

Recebei as minhas homenagens e os parabens, muito d'alma, que vos envio por tão alto serviço ás patrias letras.

* * *

IMPRESSÕES DA COMISSÃO RONDON

O tenente-coronel Amilcar Botelho de Magalhães, chefe do Serviço de Engenharia, desta Região, teve a gentileza de nos offerecer um exemplar da sua obra — “Impressões da Comissão Rondon” — agora apparecida em 3.^a edição e que se encontra á venda na Livraria Americana.

Esse trabalho, que foi recebido com os melhores encomios pela critica, está prefaciado pelo escriptor Coelho Netto.

No “Registro litterario”, do “Jornal do Brasil”, Osorio Duque Estrada publicou o seguinte sobre “Impressões da Comissão Rondon”:

“E’ da lavra de um prestimoso companheiro e dedicado auxiliar do benemerito Candido Rondon, este livro de impressões, no qual se encontra a narração fiel e minuciosa dos principaes episodios occorridos durante as explorações e nos acampamentos da comissão militar incumbida de realizar importantissimos trabalhos, no Estado de Matto Grosso.

Não é preciso encarecer o alto valor dessa obra, que além de revelar aos olhos de todo o Brasil uma grande parte, ainda desconhecida, dos relevantes serviços prestados á civilisação e ao paiz por um pugillo de abnegados e verdadeiros patriotas, constitue precioso compendio de ensinamentos civicos e moraes, pelo que de belleza, de arrojio e de sacrificio patenteia nos varios quadros dessa nova epopéa sertanista de que se fez principal heróe uma das mais altas patentes do nosso Exercito, nem todo entregue nesta hora ao inilludível cumprimento dos seus deveres constitucionaes.

O exemplo de Rondon, de Botelho de Magalhães, e de outros dignissimos e prestimosos auxiliares da benemerita comissão desbravadora dos nossos sertões e a cujo encargo se acha a catechese dos selvicolas brasileiros, é merecedor dos applausos de todo o mundo culto, e de ser imitado por quantos, em vez de dissipar o tempo e as energias, fazendo politicalha na Avenida, muito maior serviço prestariam á nossa terra e a si proprios, si se dedicassem a outros misteres mais uteis e proveitosos ao bem geral da collectividade, que os mantem para receber em troca a proficuidade honesta do seu trabalho e da sua defesa.

O volume das “Impressões”, que abrange um total de 320 paginas, de grande formato, comprehende, além de elevado numero de gravuras, sete longos capitulos de texto subordi-

nados ás seguintes denominações: — Episódios de acampamento, apreciações individuaes, uma pagina de saudade, exploração do rio Jacy-Paraná, expedição Roosevelt, os indios e resumo geral dos trabalhos executados pelo general Rondon.

Para dar idéa da magnitude e da extensão destes trabalhos, basta dizer que a rêde telegraphica, já em trafego, no Estado de Matto Grosso, attingia, em 1921, a 4.500 kilometros, com 55 estações. Além de innumerous relatorios, conferencias e outras contribuições igualmente praticas, e proveitosas, a commissão publicou já 38 obras de Historia Natural, sendo 14 de Botanica, 12 de Zoologia, 4 de Ethnologia, 4 de Mineralogia e Geologia, 2 de Geologia e 2 sobre aguas thermaes.

A commissão está actualmente incumbida de levantar a carta geographica do Estado do Matto Grosso, cuja superficie já foi por ella calculada, nos seus trabalhos preliminares, em 1.486.983 kilometros quadrados.

Trata-se, pois, de um livro altamente recommendavel e que deve figurar com realce nas estantes de todos os brasileiros que se interessam pelas cousas da nossa patria. O trabalho é precedido de uma longa e brilhante carta-prefacio de Coelho Netto".

(Do "Correio do Povo", de Porto-Alegre, em 14-XI-1923).

* * *

LIVROS NOVOS

(*Secção de critica literaria*)

O livro do Sr. Major Amilcar Botelho de Magalhães, de impressões da Commissão Rondon, está cheio de observações e recordações de especial importancia. Ha nesse volume muito que aprender, sabendo como trabalharam naquela heroica commissão e como se dirigem homens; ha revelações de feitos magnificos de coragem physica e moral, ensinamentos e curiosidades. Honra ao Brasil e á especie humana o que o General Rondon e seus dignos companheiros realizaram penetrando o bravo sertão. A tarefa foi formidavel, e as impressões do Sr. Major Amilcar Botelho de Magalhães são cheias de pittoresco e de imprevisto.

O General Rondon não tinha sómente de attender aos trabalhos da construcção da linha telegraphica; tinha de manter o moral das tropas, escoria do velho soldado que não era

conscripto, de obter o abastecimento, de entrar em relações amigáveis com os indígenas. O que fez foi admirável e todo o Brasil applaudiu desvauecido.

O Sr. Major Amilcar Botelho de Magalhães foi um companheiro digno do General Rondon. A vida no *desertão* só é possível, nos postos de commando, aos grandes caracteres, porque allí todas as energias moraes são indispensaveis para o homem civilizado vencer e dominar. O autor mostra a abnegação, a coragem, a dignidade da officialidade, e a attitude inalteravel do chefe, o ultimo a dormir e o primeiro a acordar, sempre activo, sempre prompto, sobrio e incansavel.

A bandeira nacional era sempre hasteada, maior que fosse o sacrificio para arranjar o mastro. A energia moral necessaria para combater os máos elementos da soldadesca, o negro preso pelos Nhambiquaras, as caças ás onças que fugiam *acuadas* para as cançadas, a cooperação dos *cães* dirigidos pelo *onzeiro*, a voracidade das piranhas, o sal e o açúcar no sertão, a luta contra os desertores, a efficacia de certos castigos corporaes depois abolidos pelo chefe, os objectivos scientificos realisados á presença de Roosevelt, os costumes dos indígenas, Parecis, Borôros, Nhambiquaras, Kaingangs, Guatós, Cayabis, Apiacás, Caritianas, etc.; seu idioma, sua monografia, a sua fantasista anthropophagia, a sua alimentação, — os trabalhos publicados pela quarta comissão, a carta geographica de Matto Grosso, a pacificação e protecção aos selvicolas — tudo é agradavelmente passado em revista e contado com exactidão e pittoresco. O livro está cheio de aneddotas caracteristicas, de episodios interessantes e de lindas revelações de coragem moral.

O General Rondon calculou em um milhão a população selvicola do Brasil, sendo de mais de 30.000 almas a de Matto Grosso, “não obstante a dizimação de muitas tribus em contacto com os civilizados, dos quaes aquirem molestias que lhes eram desconhecidas como a syphilis e o abuso de bebidas alcoolicas, aliás usadas pelo indio em menor escala e apenas em determinados festejos, embora mais fracas em gráu alcoolico”.

“Todos os indios fazem as suas roças de milho, mandioca, feijões, etc., de que se alimentam além do peixe e da caça. Em geral comem todos os animaes, até a propria cobra e utilizam-se de quasi todas as larvas como alimento. Mesmo os Nhambiquaras, os mais atrasados de quantos foram encontrados no sertão, apesar de usarem ainda os machados de pedra, para derrubar as arvores e tirar o mel de abelhas, de que se aproveitam tambem em larga escala; fazem roças de milho, mandioca e amendoim. Deste milho, indigena, a Comissão Rondon trouxe a esta Capital multiplos e

440 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

bellissimos exemplares de côres variadas e características espezias, como do amendoim, de tamanho extraordinario, para a exposição do milho de 1918”.

Ha muito que fazer no sertão e pelos indigenas, cujo animo é bom. Os indios consideram os intrusos do seu *desertão* como inimigos, invasores; convencidos do contrario, cooperam com lealdade.

A leitura das *Impressões da Comissão Rondon*, do Sr. Major Amilcar Botelho de Magalhães, é confortavel e consoladora. O autor fez muito bem em escrever este bello e util livro, onde ha ensinamentos nas proprias aneddotas.

Além da revelação dos rijos caracteres do chefe e de seus companheiros de comissão, do resumo dos magnificos trabalhos realizados, ha tambem uma parte episodica, que se lê com o encanto de um romance de aventuras. A caça aos desertores, a batida ás onças, onde tambem o chefe era de excepcional pericia, a rectificação de nossas noções sobre os indigenas, a vida de dedicação dos officiaes, os incidentes pittorescos que a envolvem, os banhos nos rios, a alimentação até dos bichos de babassú, a manutenção da disciplina, do ideal superior, das observações scientificas, o proseguimento dos trabalhos de construção das linhas telegraphicas no meio das maiores difficuldades, debaixo de sol torrido ou de chuva inclemente — tudo demonstra uma inteireza moral que nos faz honra. Alli se vê, nas paginas do livro, que temos ainda terras para conquistar e gente capaz dessa conquista.

O Sr. Major Amilcar Botelho de Magalhães fez assim um trabalho valioso, que o Sr. Coelho Netto, o nosso grande romancista e escriptor, enaltece com calor no prefacio magnifico. Dirigindo-se ao autor, escreve o Sr. Coelho Netto, no fim do seu prefacio:

“Agradecendo a V. S. o prazer que me deu e o bem que fez ao meu coração de brasileiro com a leitura que me proporcionou, faço votos a Deus, para que lhe não falte com a saude, afim de que continue a acompanhar, revelando-a, a obra dos sertanistas intrepidos que illuminando os penetraes do Brasil, desvendam-nos as suas grandezas desconhecidas, impondo-se á Patria e ao mundo como heróes, representantes, elles sim, da terra immensa e formosa que é de todos nós, o amor, o orgulho e a gloria”.

A obra do Sr. Amilcar Botelho de Magalhães seduz, diz o Sr. Coelho Netto, por seu *Heroismo aventureoso*.

O livro é illustrado com interessantes gravugas”.

(Do “Jornal do Commercio”, do Rio, aos 7-VII-922).

INDICE DA MATERIA

	Paginas
Dedicatorias	5 a 9
Juizo externado, a respeito desta obra, pelo escriptor Dr. Goulart de Andrade	11
Sobre a terceira edição	13
PREFACIO DE COELHO NETTO, em "fac-simile" da carta de seu proprio punho	17
INTRODUÇÃO	23
EPISODIOS DE ACAMPAMENTO:	
O culto á Bandeira	24
Com etapa crua e sem domingo	27
O tragico banho da madrugada	28
O almocinho	29
Animaes que afrouxam	30
A sensação do deserto	32
Trabalho e chuvas de 6 meses	33
Revoltas de acampamento	35
Castigo corporal	47
Ristoria de um sonho	50
Só baixa... cadaver	52
Falta de alimento, mas trabalho igual	53
Um chá para o estado-maior	54
Ultimo a dormir e o primeiro no acordar	55
O bicho do côco Babassú	56
A morte no sertão	57
Duas funções nada invejaveis	60
Voracidade das piranhas	65
O soldado das balisas... resuscitado	67
O sal e o açucar no sertão	70
Caçada á onça	72
Um homem "raptado"	90
Na pista dos desertores	91
Uma inspecção da linha	95
O estrangeiro no sertão	98

442 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

Paginas

Uma reacção phantastica	100
A besta dos 500 contos	103
Caso do "Marinheiro"	105

APRECIACÕES INDIVIDUAES:

Praxes exemplares	108
Centralização e iniciativa (principios e preceitos) .	109
Resistencia physica	115
Tenacidade	120
Limites de estricção	122
O estylo é o homem	123
Dedicação sem par e raro desinteresse	156
Exemplos de iniciativa	159

UMA PAGINA DE SAUDADE:

1.º Tenente João Salustiano Lyra	163
2.º " Eduardo de Abreu Botelho	166
2.º " Francisco Marques de Souza	169
Capitão Candido Cardoso	185
Alfs. al.º F. Bueno Horta Barbosa	188
2.º Tenente Joaquim Gomes de Oliveira	190
2.º Tenente Paulo de Oliveira	192
Geologo Dr. Cícero de Campos	192
1.º " Firmino Portugal	193
1.º " Antonio Lins	193
2.º Tenente José Joaquim Ferreira da Silva	193
2.º " Marino de Mesquita	194
2.º " F. Martiniano Carneiro	194
Diversos outros officiaes e civis	195 a 201
O sacrificio do bello sexo	201
O sacrificio dos mais modestos	202

EXPLORAÇÃO DO RIO JACY-PARANÁ:

a) Considerações geraes	205
b) As instrucções	209
c) Technica elementar	213
d) Parte episodica	221
Ataque de indios	223
Uma onça no acampamento	231
A lei nos seringaes	233
O rio quasi sêco	234

	Paginas
O pique por terra	236
O impaludismo	237
As cachoeiras	239
O arrastão	241
Navegação á zinga	242
Uma hypothese interessante	243
Hospitalidade brasileira	244
Escravos brancos	245
e) O regresso	246

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT:

Considerações	255
Trabalhos realizados	257
Revelações geographicas	257
Minha collaboração	259
Parte episodica	260
O choque das duas theorias	261
Phrases de Roosevelt e apreciações sobre o Brasil e os Brasileiros	265
Meu relatorio:	
Introducção	269
Cap. I — Sob vossa chefia immediata	270
Cap. II — Chefiando uma turma	275
Cap. III — Do contingente	291
Trechos do meu diário	295

OS INDIOS:

Considerações	303
O Sr. Ihering e os indigenas: Protesto da Congregaçãõ do Museu Nacional	304
Protesto do "São Paulo", subscrevendo um artigo do Sr. Gama e Rosa	305
Protesto do Sr. Horta Barbosa	308
Protesto do General Rondon	313
Trechos de um discurso do deputado Dr. José Bonifacio	315
Rapidas notas sobre os selvicolas de Matto-Grosso	317
Costumes communs a todas as tribus	318
A anthropophagia	318
A monogamia	319

444 *Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães*

	Paginas
Os ataques dos indios	319
A hospitalidade	321
O idioma	322
A alimentação	323
População indigena	323
Boróros	324
Nhambiquaras	329
Parecis, Salumás, Iranches, Kepikiri-uáts, Urumis, Arikêmes, Barbados — Kaingangs e Terenas — Guatós, Chavantes, Cajabis e Bakahiris — Ca- rajás, Javahés e Gaviões — Apiacás — Cari- tianas, Caripunas e indios do rio do Sangue	330 a 365

RESUMO DOS TRABALHO EXECUTADOS
PELO GENERAL RONDON:

Resumo	366
Trabalhos publicados pela 4. ^a comissão	370
Importante serviço geographico da 4. ^a comissão	371
Carta Geographica de Matto-Grosso	373
Resumo do serviço geographico realizado	374
Mappas parciaes	381
Pacificação e protecção dos selvicolas	384
Historia Natural	386
Relação geral das publicações da Comissão Rondon	386
Resumo dos estudos de Botanica e Zoologia	393
Rios e Montanhas de Matto-Grosso	403
CONCLUSÃO	424
Apreciações sobre este livro	427
Indices	441

INDICE DAS GRAVURAS

1 — Retrato de Coelho Netto	16 — 17
2/4 — A Bandeira nos acampamentos	26 — 27
5 — Rondon em sua barraca	54 — 55
6/7 — Um tumulo no sertão — Ruinas de Matto Grosso	58 — 59
8/11 — Medalha offerecida pelos mattogrossenses — Uma photographia historica — Rondon se diverte com o Cahy — Rondon em Cataque-Iamain	92 — 93

	Paginas
12/13 — Saltos Bello e Utiarity	124 — 5
14/18 — T. ^{tes} Lyra, Botelho e Marques de Souza — Cap. ^m Cardoso e Alferes — Alumno Francisco B. Horta Barbosa	166 — 7
19/22 — Desenho do Jacy-Paraná — Uma pagina da caderneta de levantamento — O “arrastão” das canôas — O ataque dos indios Caritianas	212 — 3
23 — Um almoço em Utiarity	254 — 5
24/27 — Indios Borôros	324 — 5
28/32 — Indios Nhambiquaras e Parecis	330 — 31
33/36 — Indios Tacuatépes e Urumis — Como no anno 1500	338 — 39
37/38 — Typos de belleza em moças Sabanêzes — Dois caciques Pianacotós	384 — 5

Observação final: A 4.^a edição deste livro foi impressa na Livraria do Globo, de Porto-Alegre, em 1930 e havia annos que estava completamente esgotada, motivo que inspirou o gesto nacionalista da Companhia Editora Nacional de São Paulo, no organizar esta 5.^a edição, illustrada, actualizada e augmentada, incluindo-a entre os trabalhos notaveis que constituem a sua “Serie Brasileira”.

Alem de informações, ora introduzidas, sobre os indios: Kepikiri-uats, tribus do Gy-Paraná, Urumis, Arikêmes, Barbados, Cajabis e Bacaeris; apparece nesta edição um novo capitulo: “*Rios e Montanhas de Matto-Grosso*”, segundo os ultimos estudos da extincta Comissão Rondon.

Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1941 — Amilcar A. Botelho de Magalhães, Coronel do Exercito.

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, em São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em janeiro de 1942.*



O eminente literato patricio
DR. COELHO NETTO

Homenagem do autor.



Hasteamento da Bandeira Nacional no acampamento. (Edição de 1941)



ACAMPAMENTO NO LARGO GRANDE

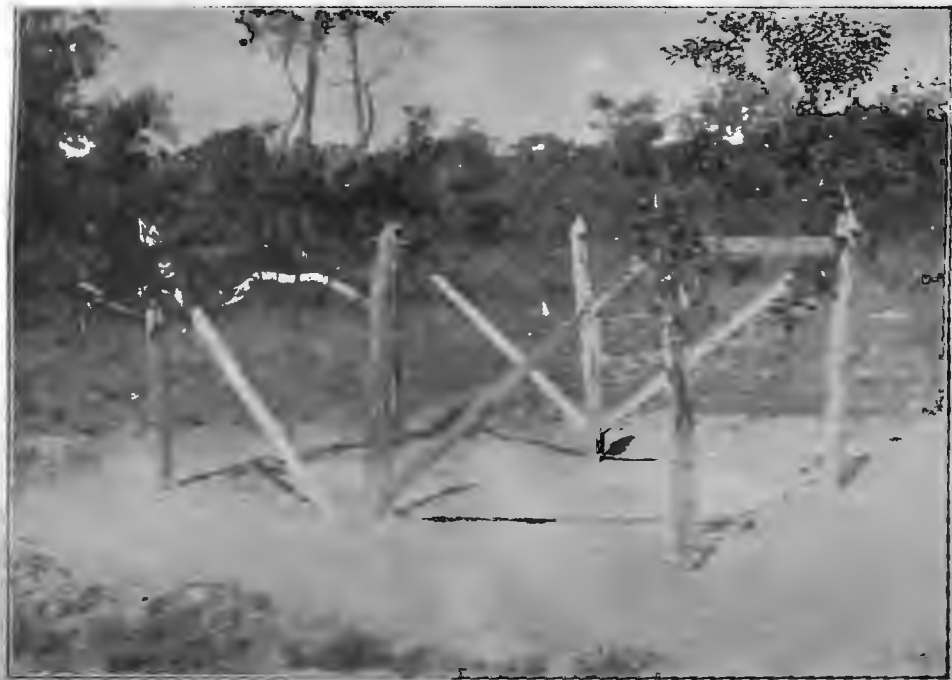
O estipe de uma alta palmeira, servindo de mastro artístico á nossa artistica Bandeira.



RANGÛS E PIANOCOTÓS
Hasteamento da Bandeira Nacional em presença dos índios Rangús e Pianocotós do Amazonas (Ed. 1941).



O último a dormir e o primeiro no acordar (Ed 1941).



Um tumulo no sertão.



Ruinas da cidade de Matto-Grosso, antiga Villa-Bella.



Medalha de prata oferecida ao autor deste livro pelos matto-grossenses residentes no Rio de Janeiro, em commemoração á Expedição de 1909, do Juruena ao Madeira, chefiada pelo então Coronel Rondon, a quem foi oferecida uma igual, porem de ouro.



NO RIO GY-PARANA

Uma photographia historica e artistica. Da esquerda para a direita: 1.º) Tte. Fernando Martiniano Carneiro (Fallecido no sertão, victima do impaludismo) — 2.º) Tte. José Servulo da Borja Buarque — hoje Coronel de Engenharia — então engenheiro encarregado do nivelamento regular do eixo da linha telegraphica do sertão. — 3.º) Tte. Marques de Sousa (Morto pelos indios na 1.ª Expedição ao Ananás, actual "Rio Marques de Sousa"). — Ed. 1941.



Após o jantar da matilha, Rondon se diverte com o Cahy. (Edição de 1941).



Olhando de Cui Tamara para Cumitripá. — (E. 1941).



Salto Utiarity do rio Papagaio.



Salto Bello do rio Sacre.



1.º Tenente João Salustiano Lyra



2.º Tte. Eduardo de Abreu Botelho.



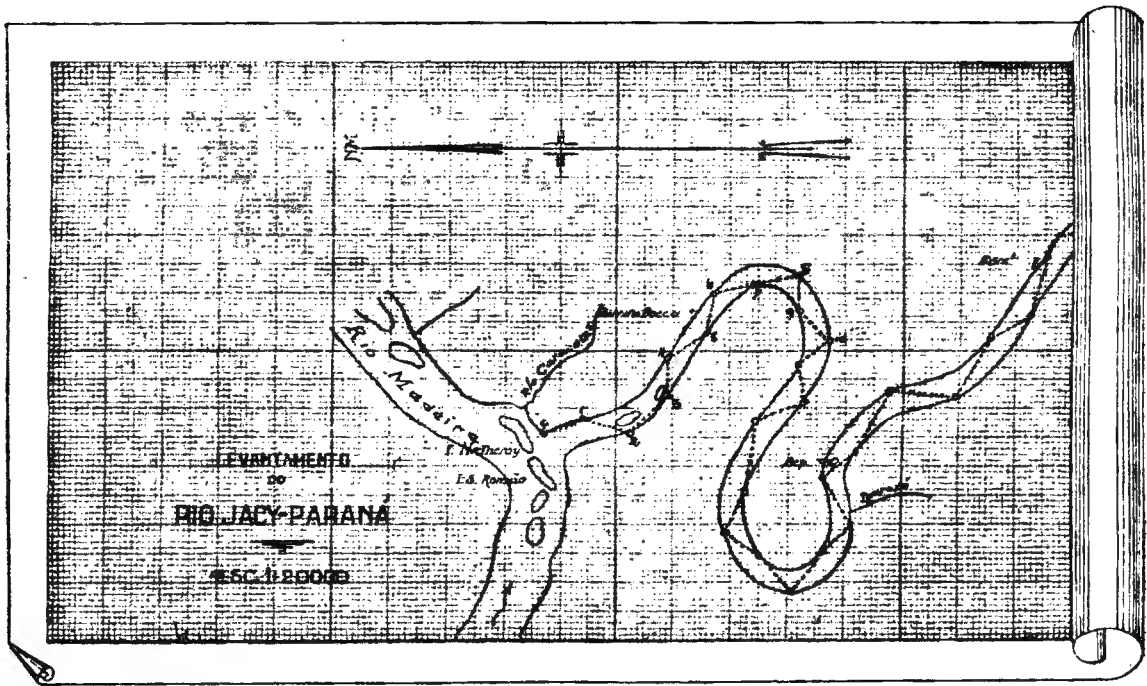
2° Tte. Francisco Marques de Sousa.



Capitão Candido Cardoso, falecido no serviço de construção em 1912



Alferes-alumno Francisco Bueno Horta Barbosa, victimado pelas
piranhas, em Dez. 1904, na "corixa" do Saran, proxima de
Corumbá.



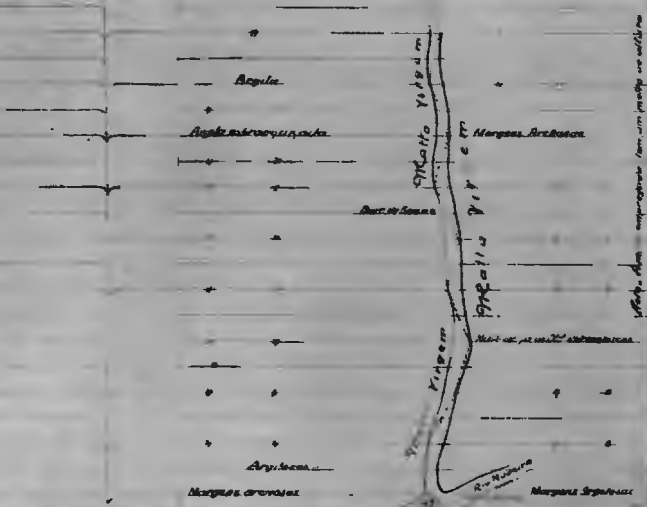
ENVIRONMENT
50
FIG. JACY-PARANA
ESC. 1.2000

COMISSÃO DE LINHAS TELEGRÁFICAS ESTRATÉGICAS DE MATTO GROSSO AO AMAZONAS

Levantamento do Rio Jacu Porcos desde sua foz no Rio Madeira

Estação	Marrometro	Distâncias	Azimutha	Notas
9	0° 25' 5"	120° 663	10° S.W.	6
8	0° 26' 30"	159° 893	85° S.W.	5
7	0° 27' 30"	150° 010	11° 30' S.E.	6
6	0° 22' 11"	166° 675	10° S.E.	5
5		157° 452	25° 30' S.E.	6
4	0° 25' 50"	112° 743	38° S.E.	5
3	0° 30' 30"	240° 028	89° S.E.	6
2	0° 15' 17"	158° 058	38° S.E.	6
1	0° 21' 10"	110° 324	12° S.W.	5
0	0° 26' 30"		29° S.E.	5

Observações e Esboço



Nota: as distâncias foram medidas com o alfilerão





O arrastão da canôa nos baixios do rio.



Almoço com Roosevelt deante do Salto Utiarity. (Edição 1941).



Indias Boróros.



Índios Borôros do rio S. Lourenço, em trajes de festa.



Bororo



Festa dos Borórcs. após a inauguração da est. telegr. de Itiquira — (Ed. 1941). (Grupo de índios que trabalhavam na construção da linha telegraphica de Rio Manso a Corumbá e Forte de Coimbra)



Nhambiquara.



Nhamiquaras. (Ed 1941 .



Cacique e india Pareef.



Índia Parecí no interior de sua "maloca".



Rondon e Tte. Reis entre os Parecis, defronte do Salto Utiarity. (Edição 1941).



INDIAS TACUATÉPES

O chefe Abaitará e sua família (Nota: Este saudoso cacique foi esplêndido aliado e amigo da Comissão Rondon). Falleceu recentemente no valle do rio Gy Paraná. (Ed. 1941)



INDIOS URUMIS JUNTO AO SEU RANCHO. — Serra da Providencia, alto
Gy-Paraná
Como os indics atiram as flechas. — (Ed. 1941)



Indios Urumis.



Como no anno 1500... (Ed. 1941).



Dois typos de beleza dos Sabanezes. — (Ed. 1941)



Indios Pianacotós. — (Ed 1941)